

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

HUBERT MATTE

**O LUTERANISMO DESBOTADO: UM
ESTUDO SOBRE AS ESCOLAS
LUTERANAS NA REGIÃO METROPOLITANA
DE PORTO ALEGRE**

Prof. Dr. AIRTON LUIZ JUNGBLUT
Orientador

Porto Alegre
2009

HUBERT MATTE

**O LUTERANISMO DESBOTADO: UM ESTUDO SOBRE AS ESCOLAS
LUTERANAS NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Mestre pelo programa de
Pós graduação da Faculdade de Ciências
Sociais da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul

Prof. Orientador: DR. AIRTON LUIZ JUNGBLUT

Porto Alegre
2009

HUBERT MATTE

**O LUTERANISMO DESBOTADO: UM ESTUDO SOBRE AS ESCOLAS
LUTERANAS NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Mestre pelo programa de
Pós graduação da Faculdade de Ciências
Sociais da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul

Aprovada em _____ de _____ de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut - PUC/RS

Prof^a. Dra. Adriana Rodolpho - UFPEL

Prof. Dr. José Rogério Lopes - UNISINOS

Porto Alegre
2009

“o que interessa não é a realidade que me cerca, mas a leitura que eu faço dessa realidade”. Paulo Sant’ana –
Zero Hora - 06 de junho de 2009 - N° 15.992, p. 55

AGRADECIMENTOS

A Deus, porque creio que ele é o meu SENHOR e meu ajudador;

À Roze, minha namorada de mais de trinta anos, por sua paciência, carinho, amor e ajuda;

Aos meus filhos Jonathan, Christian e Kellen, razão de lutas, posturas e para quem gostaria de ser mestre;

A minha mãe por sua disponibilidade, incentivo, doação;

Aos colegas, para não esquecer de nenhum, agradeço em nome do Diogo Caon França, que sempre estiveram ao meu lado;

Em especial, entre todos os amigos, agradeço ao Nereu Hartz e Débora Finger que, cada um a seu modo e no seu tempo, me auxiliaram na consecução deste estudo;

Em nome de meu orientador Dr. Airton Luiz Jungblut, a quem devo muito desta meta alcançada, a todos professores da PUC-RS, que se doaram para eu chegar até aqui.

IN MEMÓRIA

Ao meu pai Helmuth, que muito se alegraria em ver até onde seus conselhos,
serões, ao lado da esposa, levaram seu filho;

Ao meu irmão Reinald, que tão cedo partiu, mas deixou como exemplo
seu amor às letras e ao estudo.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| RESUMO | 08 |
| ABSTRACT | 09 |
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 A IGREJA LUTERANA NA EUROPA | 18 |
| 1.1 REFORMA | 20 |
| 1.1.1 A Reforma Religiosa na Alemanha | 22 |
| 1.1.2 Os elementos sócio-políticos na Reforma alemã | 29 |
| 1.2 LUTERO E A EDUCAÇÃO | 35 |
| 2 A REFORMA E OS IMIGRANTES LUTERANOS | 45 |
| 2.1 REFLEXOS DA REFORMA LUTERANA NOS IMIGRANTES | 47 |
| 2.2 OS PRIMÓRDIOS | 65 |
| 2.3 SÍNODO RIO-GRANDENSE | 76 |
| 2.3.1 A formação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil | 77 |
| 2.4 SÍNODO DE MISSOURI | 89 |
| 3 A EDUCAÇÃO LUTERANA | 103 |
| 3.1 OS EDUCANDÁRIOS | 107 |
| 3.1.1 Seminário Concórdia | 110 |
| 3.1.2 Escola de 1º e 2º Graus Luterana São Mateus – Sapiranga, RS | 112 |
| 3.1.3 Escola de 1º Grau Luterana Redentor – Igrejinha, RS | 119 |
| 3.1.4 Escola Luterana São Marcos de Educação Básica | 127 |

| | |
|--|------------|
| | 8 |
| 4 O PENSAR LUTERANO NAS ESCOLAS CONFESSIONAIS | 131 |
| CONCLUSÃO | 161 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 167 |
| ANEXOS | 179 |

RESUMO

O luteranismo surge no século XVI na Alemanha tendo como um dos seus sinais diacríticos a ênfase numa educação plural e democrática. Com o cuidado pelo ensino, especialmente dos seus, atravessa o oceano e acompanha os imigrantes teuto-luteranos que aportam no Brasil no século XIX. Em razão disto, estes criam escolas ao lado de seus templos, as quais tinham também o caráter formador e mantenedor da identidade etno-religiosa deste grupo social. Agora, no início do século XXI, as escolas luteranas estudadas (situadas na região metropolitana de Porto Alegre), ligadas à Igreja Evangélica Luterana do Brasil, apresentam um declínio dos valores que orientavam os primeiros teuto-luteranos que criaram as mesmas. Ocorrem novos arranjos identitários, numa transculturação, onde a confessionalidade que lhes fora cara, deixa de ser o traço mais importante. Verifica-se que houve a escolha de novos traços com os quais pretendem ser reconhecidos e manterem-se identitariamente ligados às escolas que carregam o codinome “luterano”. Este trabalho debruça-se sobre as questões identitárias envolvidas neste processo à partir de uma abordagem sócio-antropológica visando compreender as tensões que se estabelecem neste jogo.

Palavras chaves: Luteranismo, confessionalidade, Escolas Luteranas, Traços identitários

ABSTRACT

The Lutheranism appears on 16th Century in Germany having as one of its diacritical signals, the emphasis on a plural and democratic education. With the attention on the teaching, especially with its members, it moves across the ocean and follows the German Lutheran immigrants who arrive in Brazil on 19th Century. Due to that, these ones originate schools right beside their temples, which had also the formative and supporting character of the ethno-religious of the social group. Nowadays, at the beginning of 21st Century, the studied Lutheran schools (located in Porto Alegre metropolitan region), related to Igreja Evangélica Luterana do Brasil, show a decline of the values that have guided the first German Lutherans who were the responsible ones to create these values. New literary arrangements appear, in a transculturation, and the confessionality which was beloved, is not the most important feature anymore. It is perceived there was the preference of new features and through these ones, they intend to be recognized and keep identity connected to the schools that convey the Lutheran code name. This paper inclines to identity subjects involved in this process from a socio-anthropological approach, in order to understanding the tensions that are settled on this game.

Key words: Lutheranism, confessionality, Lutheran schools, identity traces

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma investigação realizada junto às escolas luteranas Concórdia de Candelária, São Mateus de Sapiranga, São Marcos de Cachoeirinha e Redentor de Igrejinha, ligadas à Igreja Evangélica Luterana do Brasil, para conhecer o seu caráter identitário e compará-lo com aquilo que fora caro ao luteranismo do século XVI. O trabalho de campo nas escolas ocorreu no período compreendido entre janeiro de 2007 e o final do mesmo ano.

Ao se procurar identificar os traços diacríticos que compõem as identidades das escolas luteranas ligadas à Igreja Evangélica Luterana do Brasil, enfrentaram-se algumas dificuldades iniciais. Entre estas pode-se citar a que dizia respeito a delimitação do universo a ser pesquisado. Para tanto, procurou-se ter uma visão ampliada dentro de um universo plausível e que, quiçá, poderia servir de parâmetro para outros estudos. Com esta proposta, escolheu-se uma escola de cidade pequena, uma ligada a um grande complexo de ensino, outra com um surgimento mais tardio e a última que apresentava um diferencial: ter um trabalho direcionado aos portadores de deficiência auditiva. Com o correr da pesquisa, duas destas escolas aderem a um mesmo sistema de ensino, o que apresenta um novo problema a ser analisado. De qualquer forma, fora delimitado o universo a ser pesquisado que poderia representar uma visão de um universo potencialmente maior.

Um segundo problema que precisou ser enfrentado, foi o fato de o pesquisador ser “nativo”, ou seja, membro da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e ex-pastor da mesma. Com este entrave e risco de um olhar tendencioso, procurou-

se ter uma auto-vigilância epistemológica sobre o olhar direcional ao trabalho educacional da Igreja, numa tentativa de apresentar-se com uma visão imparcial. Por este motivo, procurou-se aplicar o cuidado científico que busca a isenção e a objetividade necessárias para que o trabalho atinja o alvo almejado e necessário, ou seja: enxergar os signos de pertença que ainda justificariam o “ser luterano” destas escolas. Não como um crítico de um sistema, mas como um estudioso que pretende entender um fenômeno sócio-educacional-religioso que apresentou um processo, ou como diria Hall (2008) uma transculturação que, por vezes, torna-se diametralmente oposta a que ocorrera no seu nascedouro.

Talvez, até pelo fato de ter sido parte do cenário observado e ter uma origem teológica, esta foi a dificuldade maior, conseguir desvincular-se das peias inculcadas na formação acadêmica recebida. De qualquer forma, ao mesmo tempo esta formação deu condições de ter um conhecimento maior do ideário luterano e a partir deste procurar traçar um objetivo claro: estudar os signos diacríticos que fomentam o ser luterano, no nome das escolas estudadas.

Com a exclusão ou neutralização destas dificuldades, constatou-se que muitos trabalhos e/ou pesquisas foram feitos tendo como mote o luteranismo no Brasil. Estes estudos procuravam conhecer e reconhecer a forma de ser e atuar deste grupo no seio da sociedade. A maioria dos textos apresenta um caráter teológico e/ou histórico. Aparentemente havia uma lacuna no que se refere a um olhar mais acurado sob a perspectiva sócio-antropológica. Para tentar sanar isto, buscar-se-á neste estudo identificar o caráter identitário do luteranismo no que se refere ao processo ensino/aprendizagem, e “ler”, como Hall (2008) se expressa, a transculturação deste grupo na diáspora.

Neste sentido, procurar-se-á conhecer os signos que eram caros aos pertencentes do luteranismo no século XVI e acompanhar sua releitura, se é que há, no século XXI. Para tanto, ver-se-á o ideário de Lutero e comparar-se-á com o que está explícito e implícito nas escolas luteranas pesquisadas, as quais estão ligadas à Igreja Evangélica Luterana do Brasil, neste novo milênio. Deste modo, pretender-se-á enxergar o elo entre o luteranismo de antanho e o ideário que move este grupo etno-religioso a apropriar-se deste codinome e quais os signos processados no cadinho identitário para os tempos atuais.

Assim, ver-se-á que a vinda dos imigrantes luteranos alemães também trouxe um dos seus signos identitários em solo europeu, que era uma das características pregadas pelo reformador, que é o foco principal deste estudo, ou seja, o imbricamento da escola e/ou educação com a igreja e/ou religiosidade. Deste modo, como referido pela ex-diretora da Escola Redentor (uma das escolas pesquisadas), existia o dístico entre os primeiros luteranos em solo brasileiro, se reportando a Lutero, que deveria haver ao lado de cada igreja uma escola. Apesar disto, este estudo procura aprofundar o caráter identitário de quatro escolas fundadas por imigrantes alemães ligados à Igreja Evangélica Luterana do Brasil. O material utilizado foi conseguido nos sítios oficiais das mesmas, em entrevistas semi-estruturadas, em documentação das próprias escolas e outras publicações, bem como no confronto analítico destas informações com a vivência observada no dia a dia das instituições.

Busca-se averiguar até que ponto a visão identitária da educação luterana pode ser ainda considerada como a base do ensinamento e da postura das escolas pesquisadas. A visão educacional do reformador tinha como paradigma o imbricamento da vida dos pertencentes à Igreja na sociedade como um todo. Também se procura investigar até que ponto as mesmas mantêm o discurso encontrado nos documentos oficiais, na transversalidade de suas aulas e no *modus vivendi* dos corpos docente e discente e sua forma de fazer a releitura de seu ideário no novo contexto.

Sendo assim, a essência deste trabalho reside no fato de querer preencher uma lacuna que ainda parece não ter sido explorada. Far-se-á um confronto entre a identidade luterana nas escolas filiadas à Igreja Evangélica Luterana do Brasil e seu vínculo com a história do luteranismo. Ao mesmo tempo, buscar-se-á verificar, o que não deixa de ser uma questão identitária de Lutero, a prática socializante que os educandários deveriam ter, na perspectiva da ingerência da Igreja (na dicotomia com o Estado), na vida política (da *polis*), como proposto pelo reformador na transformação (ou transmutação) da sociedade em um solo menos árido.

Com esta perspectiva, retroage-se ao século XVI em busca da essência identitária do reformador no seu contexto, como “um cadinho organizacional” de onde deveriam ser retirados os signos de pertença (BARTH, 1997, 194). A partir dali,

avaliar seus ecos na influência da formação axiológica luterana das escolas pesquisadas.

Assim ver-se-á que o luteranismo nasce no século XVI com uma forte conotação sócio-educacional. Martinho Lutero, um dos reformadores religiosos deste período, pregava sobre a importância da educação para uma boa formação dos jovens e, deste modo, afirmava ser esta uma das formas de assegurar um futuro melhor às cidades. Esta mesma visão acompanha os imigrantes teuto-luteranos que chegaram ao Brasil no início do século XIX, os quais abandonados numa hinterlândia, se organizam e se estruturam para o seu desenvolvimento, e, para tanto, criam escolas aos seus.

Assim, a ênfase na educação foi uma das marcas do luteranismo nos séculos XIX e XX em solo brasileiro, tornando-se uma maneira dos imigrantes manterem vivas suas ligações identitárias com a terra e a cultura de seus pais. Isto pode ser visto numa perspectiva de que “os grupos étnicos são categorias de atribuições e identificação realizadas pelos próprios atores e, deste modo, têm a característica de organização e interação entre as pessoas” (BARTH, 1997, 189). Isso ocorria até porque era o meio mais empregado para formar e fomentar o ideário teuto-luterano nas novas gerações, arraigando esse sentimento de pertença a este grupo etno-religioso.

Entretanto, o ideal luterano de “uma escola ao lado de cada igreja” vai se enfraquecendo no último quartel do século XX e as escolas pesquisadas perdem certos signos identitários que eram caros aos primeiros luteranos, de modo que, hoje a atuação destas escolas parece quase não se diferenciar de outros educandários, quer públicos ou de diferentes denominações confessionais. Diante disto, fica o questionamento da importância e do significado da manutenção destes educandários e, ao mesmo tempo, o que leva as comunidades homônimas a manterem-nos, a despeito da oposição de muitos congregados, e ainda, pelo fato de terem suas vagas ocupadas por crianças não vinculadas à igreja luterana.

Na busca de respostas a estes questionamentos, procura-se estudar a origem do luteranismo, sua ênfase na questão social e do imbricamento da vida imanente com a fé no transcendente. Neste viés, Lutero aponta para (apud ISERLOH; MEYER, 1969, p. 74): “o fato de todas as nossas ações na família, na política e na

sociedade representarem colaboração na atuação criadora de Deus [...] isto é, serviço prestado a Deus [e] [...] isso significa servir a Deus no próximo”. O que poderia ser lido, numa linguagem não teológica, como a maneira de urbanidade, que procura tornar o meio um lugar melhor, onde houvesse respeito à lei e às autoridades e os espaços sociais fossem distribuídos de forma equânime.

Após este pano de fundo histórico, acompanhar-se-á os imigrantes luteranos no solo brasileiro até os dias de hoje. Neste périplo será analisado o posicionamento de quatro escolas luteranas ligadas à Igreja Evangélica Luterana do Brasil, para procurar compreender o seu modo luterano de ser escola e ver se haveria identificação com seus signos identitários que justificariam a ostentação do nome “luteranas”.

Para tanto, no primeiro capítulo estuda-se o movimento reformista luterano e sua luta pelas questões sociais e educacionais. Vê-se um Lutero entrançado com os temas de sua época e apontando para as autoridades a necessidade de oferecerem boa educação às crianças. Esta luta por uma educação mais qualificada, por um procurar satisfazer as necessidades, de uma atenção maior por parte das autoridades, uma interação melhor entre o social e o educacional e uma democratização maior para com os seus, parece não mais se constituírem nos signos de pertença das escolas ligadas à Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Os capítulos seguintes acompanham a vinda dos imigrantes luteranos saídos da Alemanha para o Brasil. Nestes se verá que o pensamento educacional de Lutero foi fonte de inspiração para os mesmos. Eles, fugindo de uma industrialização que depauperava a maior parte da população, vêm incentivados pelas ofertas do governo brasileiro.

Ao chegarem à nova pátria enfrentam uma série de adversidades e entre elas a falta de escolas. Desta forma criam seus núcleos habitacionais ao redor das igrejas e ao lado destas, erguem uma escola. Flores afirma, neste sentido, que “os imigrantes, ao se estabelecerem nas suas colônias, assumiram três medidas básicas ‘fundaram sociedades, criaram escolas e organizaram sua vida religiosa” (FLORES apud RADÜNZ, 1999, p. 15).

Esta intelectualidade é defendida nas escolas que ao lado das outras atividades da colônia tinham a função de procurar inculcar nos púberes os

costumes, a tradição, a língua e a fé trazidas do solo europeu. Podendo ser visto na perspectiva de Hall (2008, p. 27), como uma busca pelo transformar o aqui, na diáspora, naquilo que ficou para trás e que jamais poderá ser retomado. Desta forma, a igreja e a escola cumpriam uma função socializante, fundamental para a manutenção e o reforço de sua identidade. Assim a escola e a igreja tinham uma função de formação de um pensamento religioso, moral e social dentro da colônia, o que pode ser visto como a construção de uma fronteira osmótica no nicho ecológico onde foram inseridos. O que demonstra o cuidado e a preocupação com a educação entre os imigrantes.

A despeito desta preocupação entre eles, como pode ser constatada na proliferação de escolas paroquiais no início do luteranismo em solo brasileiro, esta forma de ser escola foi declinando com o passar dos anos. Situação que ocorre por diversos motivos, entre eles, pela necessidade de haver uma interação maior entre os “luteranos” e os “outros”. Ao mesmo tempo houve uma disseminação de escolas públicas, com o Estado assumindo sua responsabilidade na educação, como apregoado desde muito na Constituição Federal. Isto torna a vida destas escolas mais difícil.

Neste ponto busca-se indagar etnograficamente sobre a sintonia que deveria haver entre a identidade ideológica de Lutero na Idade Moderna e sua contextualização para o século XXI, ou seja, quer se verificar se há uma reinvenção do luteranismo nas escolas luteranas pesquisadas.

No quarto capítulo buscar-se-á identificar os signos diacríticos dos educandários luteranos pesquisados. Ali será considerado o que levou os pais a escolherem estas escolas para matricularem seus filhos. Procurar-se-á verificar se está ocorrendo um pertencimento pelo “sentimento religioso, étnico ou social”, que seria partilhado por um grupo.

Para tanto, estudou-se, como diz Barth (1989, p. 104), as características que cada grupo aciona para, na presença do outro, “se identificar pela própria participação”, no seu lugar na sociedade. Isto foi feito pelo pesquisador como professor das escolas São Mateus de Sapiranga e Redentor de Igrejinha, onde atuou por dois anos e tendo vivenciado neste período os ideários destes educandários. Ao mesmo tempo foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com

ao menos dez pais de cada uma das quatro escolas, além dos diretores e ex-diretores das mesmas, também procurou-se os pastores das mantenedoras de todas as escolas e alunos de diversas faixas etárias destes educandários.

Nas escolas Concórdia e São Marcos o contato foi realizado em visitas que procuravam ver o funcionamento das mesmas e conversas com os alunos, professores e diretores. As entrevistas foram realizadas com alunos individualmente e grupos de alunos, com a finalidade de procurar entender sua visão dos educandários e a razão pela qual escolheram os mesmos. No caso específico da São Marcos, o vice-diretor ainda forneceu material via internet (Anexo 5) e também por telefone, para consubstanciar os fatos verificados.

Já no educandário Concórdia de Candelária a tarefa foi facilitada porque conhecia-se a escola por ter o pesquisador residido próximo à mesma por um período de cinco anos e ter tido contato com os professores, pais, alunos e diretores neste período. Assim, os quinze contatos feitos por este pesquisador aconteceram visando a atualização dos dados já conhecidos. Desta forma pôde-se fazer um comparativo entre os dois períodos e avaliar a situação atual.

Além destes contatos, ainda foram pesquisadas as páginas das escolas na internet, exceto a da Redentor, que não possui um sítio na rede mundial de computadores.

Em síntese, se busca, neste trabalho, verificar se estaria havendo ainda uma busca de elementos identitários no ideário de Lutero para manutenção do nome “Luterano”, nos educandários estudados ou este nome permanece apenas como uma logomarca, ou, quem sabe ainda, não estaria ocorrendo uma “desluteranização” na Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Esta passando a ter um traço comum das igrejas evangélicas, distanciada do ideário que se tornou sua marca no século XVI, ou seja: com o enfraquecimento da confessionalidade e da ênfase identitária do luteranismo do século XVI.

1 A IGREJA LUTERANA NA EUROPA

Ao estudar o luteranismo no Brasil, em qualquer de seus aspectos sócio-antropológicos, é imprescindível que se busque no início do movimento, no século XVI, os elementos do campo identitários deste grupo religioso ocidental, pelos quais se possa conhecer os elementos culturais constituintes deste grupo etno-religioso, uma vez que a construção da identidade de um grupo está calcada na sua tradição. Mesmo que tenham ocorrido alterações nesta passagem de tempo e ambiente, entre o movimento reformista em si, sua cristalização em solo europeu, a vinda para o Brasil e os dias de hoje, ainda assim deve haver uma conexão nestes movimentos no decurso da história. Assim, são dos elementos da tradição histórica que se podem extrair os sinais que apresentam os signos de pertença. Deste modo, precisa-se conhecer e reconhecer o “reservatório”, de onde se pode extrair estes “elementos culturais” (CUNHA, 1987, 101) que venham servir de traços diacríticos, que deveriam estar presentes, de uma ou de outra forma, para mostrarem o pertencimento ao chamado grupo “luterano”. Mesmo que com o trânsito migratório tenham ocorrido alterações nestes traços, há a escolha de certos elementos que servem de bandeira ao movimento, pelos quais são reconhecidos os “iniciados”.

Por este motivo, volta-se quinhentos anos na história a fim de conhecer o “reservatório” (Idem. p. 88) e identificar os sinais diacríticos que podem fundamentar o pertencimento deste grupo etno-religioso que quer exhibir estes signos que atestam a sua pertença ao conjunto de pessoas que se apropriou do nome “família das escolas luteranas”. Procurar-se-á conhecer o ideário luterano do século XVI e quais os símbolos que acompanharam e permaneceram como traços identitários ao longo de sua história até os dias de hoje que garantiriam o *ethos* de ser membro da escola

luterana, como sinais diacríticos idiossincráticos existentes no grupo social que se apropriou deste codinome.

Para acessar a este reservatório identitário, reportar-se-á ao ideário de Lutero, em sua nova proposta de interpretar os Livros Sagrados do cristianismo, com o que cria um cisma na Igreja Católica Apostólica Romana e muda o pensar religioso de um grupo de seguidores. Neste seu ideário propedêutico, Lutero incursionou analiticamente também em outras esferas da sociedade, por acreditar no imbricamento das ações dos governantes, do clero e do povo em geral. Dentre estas intervenções, interessa nesta pesquisa procurar enxergar sua importância para a educação no contexto da Europa do século XVI e qual a influência que tem ou teve para os imigrantes luteranos alemães que aqui aportaram no início do século XIX, como um possível movimento, que carrega os prováveis signos que, acredita-se, deveriam existir nas Escolas Luteranas.

Assim, ver-se-á um Lutero que procurava inculcar nos seus concidadãos a ideia da necessidade de um Estado preocupado com a educação de todos seus filhos. Ele acreditava que por meio do ensino se construiria uma sociedade capaz, produtiva e em condições de provocar o crescimento da nação. E esta visão de um povo que procura dominar a leitura, mesmo que tenha por fundamento a ênfase na decodificação dos textos sagrados, acompanhou os imigrantes luteranos alemães que vieram para o Brasil, no primeiro quartel do século XIX. Daí a importância de se estudar a origem do movimento reformista para podermos comparar os possíveis sinais dos que ainda hoje carregam o codinome “luterano” no Brasil, especialmente no que se refere à ideologia educacional luterana. Para tanto, neste primeiro capítulo buscar-se-á reconhecer o “baú” (CUNHA, 1987, p. 88) de onde se retiraram os traços com os quais se poderia construir o quadro identitário que serviria de base para analisar o luteranismo reivindicado por certos grupos no sul do Brasil.

1.1 REFORMA

O luteranismo, na sua origem, precisa ser contextualizado dentro de uma Alemanha em ebulição. Não se pode pensar em uma unidade nacional germânica, como hoje se conhece. O velho continente, como um todo, estava saindo da Idade Média para o renascimento. A Igreja, que era a norteadora da vida e da ordem nos castelos e feudos, começa a ser questionada e fica enfraquecida. A fé, como sustentáculo de todo o conhecimento, começa a ser suplantada por um racionalismo incipiente.

Neste contexto surgem os reformadores em diversos pontos da Europa, que colocam em xeque a velha estrutura e procuram mostrar uma Igreja que tem interesse no bem-estar físico, social e político de seus congregados, vendo-os mais que almas, numa dicotomia com os corpos, à espera de uma vida gloriosa e plena no pós-morte.

Os reformadores, este estudo enfocará especialmente a Martinho Lutero, procuravam mostrar uma outra forma de adoração a Deus. Nesta sua “nova” forma de adoração, a mesma se daria no serviço ao próximo e este servir se consagraria como ideário de pertença a um grupo social, ante o qual, cada um, como parte de uma engrenagem maior, se envolveria como ente vívido, na busca de uma identidade, em algum sentido, étnico-religiosa. Assim, o pertencimento seria caracterizado por um imbricamento entre o religioso e o sócio-político, assim como na demonstração de seu modo de vida diferenciado de encararem a atuação no dia a dia da *polis*.

Com esta maneira de pensar, quando Lutero convidou a Igreja a um debate, afixando as 95 Teses na porta da igreja do castelo de Witenberg, ele dá início a um movimento que toma corpo e cresce no meio social onde ele influía. Com a propagação do movimento, instala-se a crise dentro da Igreja da época. Esta vê no discurso protestante um risco a sua hegemonia, até porque retirava das mãos do clero o domínio do ensino e a exclusividade da interpretação da Bíblia. Esta deixaria, segundo as promessas do protestantismo, de ser um livro obscuro e ininteligível ao grande público, uma vez que poderia ser lida no vernáculo e não mais apenas em

latim ou nas línguas originais – grego, hebraico e aramaico, que eram de domínio exclusivo do clero.

Esta tradução e entrega da Bíblia aos alemães, precisa ser vista num contexto mais amplo de um povo que estava se libertando de uma religiosidade fechada, hegemônica. Apesar desta situação, e até talvez pela possibilidade de antagonismo com o *status quo*, as ideias reformistas foram abraçadas e aceitas em vários locais da Europa. E com a disseminação destas ideias, começa a mudar o quadro religioso da Europa e, em consequência, pelas concepções dos reformistas, o panorama educacional de certas regiões europeias.

Havia, até então, uma Europa que não tinha uma educação básica forte. Era um continente que oferecia a alfabetização a um pequeno grupo de pessoas, e em sua maior parte ligada às elites da igreja (FERRARI, 2005, p. 31). Assim, a universalização do ensino também serviria para fomentar uma nova forma de pensar e agir, ao mesmo tempo em que trazia ao cenário educacional os grupos sociais que estavam, até então, alijados deste círculo. Deste modo, começa a aparecer a identidade de um novo grupo. Este apresentava uma mudança de ótica, a qual passa a privilegiar o imanente, não mais apenas ao transcendente, e, assim enxergava a Igreja como o repositório de todos os bens e a esperança por uma vida melhor no aqui e agora e a busca de uma continuidade desta no pós-morte. Nesta perspectiva, há a mudança substancial deste grupo etno-religioso que passa a preocupar-se com o presente imediato, por extensão, com o bem do feudo. Surgem, de forma mais clara, os vínculos identitários que irão acompanhar este grupo de teuto-luteranos que, deixando a Alemanha, vieram ao Brasil.

Um dos elementos utilizados por eles foi a língua alemã. Com a tradução da Bíblia, inicialmente para o alemão, e com o incentivo para que os congregados passassem a lê-la, principia uma revolução na educação deste grupo religioso. Esta realidade muda o seu perfil educacional e passam a insistir em uma educação de melhor qualidade e mais abrangente (FERRARI, 2005, p. 32). Ainda cabe ressaltar, que com a tradução para o alemão, Lutero auxilia na criação de um dos símbolos que mais tarde passa ter importância para a formação da unidade nacional, posto que “a língua de um povo é um sistema simbólico que organiza sua percepção de mundo, e é também um diferenciador por excelência” (CUNHA, 1987, p. 100). Isto, a unidade em torno de uma língua, dá a este grupo etno-religioso um dos signos que

moldará sua forma de pensar e de união para a caminhada que empreenderão em solo brasileiro.

A língua, sendo de suma importância para a comunicação e o trânsito de todo o tipo de informação e transações, garantia uma unidade de pensamento (CUNHA, op. cit) a este povo, mesmo em meio ao contato com elementos de outras culturas. Assumem, assim, uma leitura comum do *locus vivendi* e na sua forma de viver, agir e comportarem-se nesta nova terra em todas as coisas nas quais estavam envolvidos: trabalho, sociedade, comércio, religião

1.1.1 A Reforma Religiosa na Alemanha

Na Europa do século XVI instalam-se movimentos que somente no século XVIII alcançam seus objetivos. Entre estes pode-se mencionar, movimentos como o iluminismo, a queda do absolutismo, a ascensão da burguesia, o início do capitalismo, a revolução industrial, entre outras, que tornaram-se conquistas deste período. Neste contexto surge uma nova visão nas artes, na vida e também na religião. Começa-se a questionar a origem do Universo, do homem e sua teleologia. Com este pano de fundo surgem os reformadores religiosos, entre eles um personagem chamado Martinho Lutero, que procura impingir à Igreja Católica sua maneira de ver e interpretar a Bíblia. Para tanto, convida os religiosos a um repensar a Igreja, quando afixa suas proposições, o Debate pela Declaração do Poder das Indulgências, as 95 Teses na porta da igreja do castelo de Witenberg, no dia 31 de outubro de 1517 (HASSE, 1959).

Esta provocação de Lutero fez com que houvesse um posicionamento vigoroso, contrário, por parte da Igreja da época. Esta via no ato do monge uma ruptura à prática estabelecida até então. Ele propunha algo novo, reprovável até aquele momento, que era a possibilidade dos leigos terem acesso ao livro sagrado em sua própria língua e, com isto, passariam a ter condições de interpretá-lo livremente.

Com a possibilidade de todos lerem a Bíblia, também é redimensionada a relação entre a Igreja e o Estado¹. Lutero propõe que os dois precisam caminhar lado a lado, se completando, ou seja, um dando ao outro o espaço necessário para que ambos trabalhem. Há uma redefinição do espaço de cada um. Sendo que, em muitas ocasiões esta leitura ia contra os interesses de quem detinha o poder – temporal ou eclesiástico, o clero e/ou os príncipes.

Para que houvesse uma sociedade pacificada, Lutero pregava a necessidade da existência do Estado com o poder e o direito de atuar como norteador dos cidadãos, ao passo que a Igreja, teria o dever de obediência àquele ente chamado de autoridade civil (CATECISMO, 1981). Ao mesmo tempo a Igreja precisaria servir de catalisadora das ações do Estado e dos cidadãos que viessem a dificultar a vivência da fé (CONFISSÃO DE AUGSBURGO, 1981).

Com esta visão, Lutero leva para os seus seguidores a ideia de que a obediência ao Estado é tão necessária quanto a prática do bem aos semelhantes. Deste modo, segundo ele, a Igreja teria o dever de instruir seus seguidores, no plano imanente, à obediência ao Estado, ao serviço ao próximo e à busca pela orientação das autoridades, quando essas deixassem de servir aos cidadãos. Isto ele deixa claro quando prega na trilogia que escreve de 1523 a 1525, a obediência às autoridades, a necessidade da paz e a não interferência entre os “estamentos” Igreja e Estado.

Um destes documentos surge no dia 23 de junho de 1520, sob a forma de panfleto, com o título de: “*À nobreza cristã da nação alemã, acerca do estamento cristão*”. A língua usada, neste documento dirigido aos leigos, foi o alemão, não o latim, o que, também, não deixa de ser uma opção política: dirige-se aos leigos e auxilia na criação de um diferencial diacrítico que servirá para fomentar a ideia de um *ethnos*² germânico. Ao que Assoun chama atenção para o fato de esta “escolha [...] terá, além disso, consequências importantes quanto à constituição da língua

¹ A Igreja Evangélica Luterana do Brasil, com base nas suas Confissões, por vezes interpreta Estado como “coisas civis”. Portanto ao citar-se Estado, neste estudo, entende-se, por extensão, o imanente, como governo e as atitudes de urbanidade e respeito para com as instituições e os cidadão, ou aquilo que está em contraposição a Igreja, que é entendida como o transcendente (CONCÓRDIA, 1980, p. 66, 70)

² Termo que Segundo Cunha está “fundado em última análise na existência de uma cultura comum” (CUNHA, 1987, p. 105), que seria uma noção extremamente reificada de cultura, que abrangeria o caráter e a qualidade da vida das pessoas, sua visão de mundo, o quadro que fazem das coisas na sua ideia mais abrangente.

alemã, o que liga o acontecimento linguístico ao acontecimento político” (ASSOUN, 1993, p. 705). Este texto pode, ainda, ser considerado como um de seus escritos mais importantes sobre a educação e, ao mesmo tempo, se constitui em um verdadeiro programa de reformas sociais. Propunha mudanças radicais nas escolas e universidades, de modo que houvesse um ganho de qualidade no ensino. Este fato colaborou, provavelmente, para que Lutero tivesse recebido o apoio de diversos segmentos que passaram a ler a sociedade com as lentes dele.

Neste, “*À nobreza ...*”, ele fixa os parâmetros a partir dos quais vão se situar os textos e as tomadas de posição posteriores de Lutero sobre a “coisa pública”. Além disso, fala ao Estado em seu conjunto, sem dividir em clérigos e leigos. Essa proposta é suficientemente significativa para demonstrar que Lutero pretendia um entrelaçamento dos assuntos espirituais com o grupo humano em geral.

Já no escrito, “*Da Autoridade Secular*”, Lutero usou como base, seis sermões proferidos na cidade de Weimar (LA AUTORIDAD, 1974, p. 126), entre outubro e dezembro de 1522, dando-lhe uma nova redação que culminaria com a publicação, em março de 1523, deste opúsculo.

Nesse documento Lutero vai fundamentar o poder político secular e descrever a posição que ele pensava ser a do cidadão ante as autoridades. Para tanto, parte do questionamento de como harmonizar a não-violência com o exercício do poder político e, com isto, ainda aflorava a questão: “até onde se deve obediência às autoridades políticas?” e “até onde vai seu poder?”

Para responder estas perguntas é que no escrito *Da Autoridade Secular* que Lutero situa os seres humanos no “reino de Cristo” e no “reino do mundo”, ele afirma que os não-cristãos apenas se encontram no do mundo, onde a “espada” (poder secular) domina e se faz necessária. Já os cristãos, segundo sua forma de ver, se submetem às leis sociais por reconhecimento de que isso é para o bem geral e não por constrangimento, e ao mesmo tempo seguem os ditames divinos. Os crentes, portanto, segundo ele, estariam sujeitos aos dois poderes.

Essa concepção, mais tarde, será designada de “doutrina dos dois reinos”, ou seja: Deus governa o mundo através de dois poderes – o espiritual e o temporal (autoridades seculares). Neste último, Deus agiria pela “espada” para controle dos maus e manter a paz. Esta forma dicotômica de ver-se dentro da sociedade, torna-

se mais um traço diacrítico identitário de um grupo social que procura se fixar com mecanismos ou padrões de atividade utilizados para ter seus objetivos conhecidos e dispostos burocraticamente (COHEN, 1978, p. 88), tendo a obediência às autoridades como regra de vida.

Cria-se, deste modo, mecanismos que apresentam os padrões que servem para caracterizar a pertença e com os quais podem resolver certas dificuldades que são criadas por ideias e/ou leis antagônicas ao seu modo de interpretar os textos sagrados ou encararem as vicissitudes do dia a dia. Há uma obrigatoriedade pela obediência às autoridades. Quando estas têm posições contrárias ao ideário religioso, poder-se-ia procurar apontar-lhes qual, segundo o modo de ver da igreja luterana, seria o caminho correto, e apenas em casos de claro posicionamento contra a “vontade de Deus”, é que a Igreja poderia deixar de cumprir os preceitos legais. No entanto, este descumprimento à lei, segundo o ideário luterano, poderia ocorrer somente após dialogar com as autoridades, expor-lhes os motivos pelos quais deixariam de obedecer aos preceitos legais, para que esta desobediência não fosse vista como afronta aos governantes, e sim, como forma dos luteranos procurarem preservar o que acreditam ser o mais importante: “fazer a vontade de Deus”.

O ponto marcante deste documento é a restrição que Lutero coloca ao poder secular, quando ele afirma que o mesmo só pode legislar sobre o corpo e os bens materiais. Diferente do que ocorria até então, quando tudo podia passar pelo crivo do Estado e do clero. Havia uma clara interferência entre os dois poderes. Um governo podia intervir no outro. A Igreja achava-se no direito de ditar normas ao Estado e este de procurar conduzir o clero de forma a auferir vantagens aos governantes. Diante disto, Lutero insiste na distinção dos poderes, isto é, dos regimentos.

Nesta distinção, Lutero apresenta as funções do Estado. Pode-se inferir que neste documento ele inicia suas incursões no campo da política. Defende que o fato de ser crente não deveria tornar o cidadão obtuso em relação às ações estatais, mas sim, questionador e alguém que exige seus direitos e que precisa cumprir com seus deveres. Isto significa, segundo ele, obediência em primeiro lugar e, ao mesmo tempo, procurar aconselhar as autoridades quando estas ferirem princípios caros aos religiosos. Para tanto, é relevante observar como Lutero ousa ser concreto em

suas propostas: ele lutava para que fosse abolido o pagamento de certos impostos; na busca de soluções para acabar com a mendicância; para que acontecesse uma reforma do ensino desde a universidade até o ensino básico. Só para citar apenas alguns apontamentos dirigidos ao poder público.

Deste modo, pode-se afirmar que este escrito, juntamente com outros posteriores, inaugurou uma nova maneira de relacionar fé e política, Igreja e Estado.

O historiador Martin Norberto Dreher (1984., p.19) assim avalia esse documento:

Em razão de seu conteúdo, 'Da Autoridade Secular', é escrito fundamental para a ética política de Lutero. É o intento de distinguir e de relacionar corretamente o reino de Deus e o reino do mundo a partir de sua teologia. Na arte de distinguir e relacionar encontra-se a importância dessa doutrina. As dificuldades de seu uso e abuso surgiram onde foi interpretada como separação dos dois reinos, dando autonomia ao político, subtraindo-o ao governo de Deus (não da Igreja). Sua importância reside no fato de afirmar que o político faz parte deste mundo e de haver acentuado a liberdade de consciência. Para o próprio Lutero, o escrito significa medida com a qual será medido no futuro.

No excerto acima são ressaltados os elementos que evidenciam a relação entre teologia e política em Lutero. Isto apresenta uma nova roupagem que é dada à religião, onde, mesmo caminhando ao lado da política, tem um caminho próprio que é autônomo e também co-participante da reificação da *polis*. Assim, propõe uma forma de agir diferente do que vinha ocorrendo, quando um poder intervinha no outro e ambos, muitas vezes, se esqueciam, na lógica de Lutero, que o foco de seu governar, segundo ele, seria o "servir a Deus e aos cidadãos".

Já o texto "Exortação para a paz, em relação com os doze artigos dos camponeses da Suábia", é produzido em uma época conturbada. As agitações sociais estão na ordem do dia do povo germânico e se manifestam por meio de reivindicações, conflitos e violências. Neste meio convulsionado, segundo Lutero, vive o cristão e nele está obrigado a confrontar-se com graves problemas existenciais. Sempre de novo, dizia Lutero, cabe ao crente, como cidadão pertencente à *polis*, o peso de decidir se deve ou não participar de determinados movimentos.

Este posicionamento de Lutero, quando poucos escritores voltavam seus escritos para as questões sociais, até pode parecer anacrônico para os dias de hoje, entretanto torna-se a fonte de onde seus seguidores bebiam para alimentar a sua

tradição. Ele se voltava às questões sociais e políticas de forma enérgica e apontava um envolvimento direto com os problemas locais. Deste modo Lutero transforma-se, de certo modo, num “mito histórico” para seus seguidores, integrando o “acervo cultural” (CUNHA, 1997, p. 103) do qual é retirada a inspiração e os argumentos que fundamentarão o ideário dos luteranos até os dias de hoje. Assim, como em praticamente todos os grupos sociais, os luteranos criam seu mito histórico em Lutero, o qual se mostra irascível e intransigente em muitas de suas posições, o que vai acompanhar muitos dos seus seguidores e que não deixa de ser, de certo modo, um reflexo da língua que ajudara a cristalizar – o alemão, que tem uma força de expressão que, por vezes, parece ser agressiva aos que a ouvem.

Deste modo, o caráter étnico que envolve este grupo de pessoas também é marcante, uma vez que as diferenças étnicas estão, amiúde, ligadas a grupos dispostos a apresentarem certa ordem dentro da sociedade. Assim, com um discurso de seguirem o ideário luterano, impregnam seus seguidores de um caráter que procura ter uma visão ubíqua da sociedade e, ao mesmo tempo, estar procurando o crescimento econômico e cultural, o que traria consigo, segundo seu modo de ver, a busca pelo conhecimento e o entrelaçamento nas questões relativas à *polis*. Assim, os luteranos acreditam esta ser uma maneira de ocorrer à releitura do ideário reformista do século XVI para os dias de hoje. Deste modo, para apresentarem-se como seguidores do ideário reformista do início da Idade Moderna, procuram beber desta fonte e se organizam na nova realidade e adaptam-se “ao agora e aqui” (CUNHA, 1987, p. 89) para posicionarem-se dentro do seu círculo sócio-político-religioso.

Mesmo sabendo que estas fontes necessitam uma compreensão contextualizada porque, como diz Ginzburg (2002, p. 45), “as fontes não são janelas escancaradas [...] nem muros que obstruem a visão”, elas podem se tornar lentes que distorcem ou enfocam de modo tendencioso ou unilateral o mito histórico e/ou o acervo cultural. Esta distorção ocorreria porque os grupos sociais consistem em certo número de pessoas cujas relações se fundem numa série de papéis e *status* interligados que elas pretendem reforçar. Assim, os pertencentes a estes grupos interagem de forma mais ou menos padronizada, em grande parte pelas determinação de normas e valores que eles aceitam. As pessoas, dentro do grupo,

sendo mantidas unidas por um sentido de identidade comum ou uma semelhança de interesses que lhes permitem distinguir os membros dos que não são membros.

Aos estudar a imigração teuto-luterana, percebe-se que este sentimento de identidade, de certo modo, acompanhou-os e é encontrado no grupo etno-religioso que se estabelece em solo brasileiro no início do século XIX. Este grupo que chegou ao Brasil também compartilhava um sentimento de pertença e de caráter religioso constituído de interesses econômicos, sociais e políticos – estes numa acepção mais ampla no sentido de serem inerentes aos interesses do progresso sócio-econômico-cultural dos locais onde passam a residir.

Este mesmo sentimento de entrançamento dos ideais religiosos com os imanentes, de estar atrelado ao momento e ambiente é encontrado no luteranismo do século XVI, pois ele demonstrava uma preocupação com a situação que se apresentava na Alemanha, num momento em que o mundo caminhava para mudança substanciais.

Esta preocupação com o imanente, de certo modo, acompanha os migrantes que deixam sua pátria para aventurarem-se em solo brasileiro. Ao imigrarem para o Brasil, trazem consigo um acervo cultural que fora abastecido historicamente ao criarem um modo de portarem-se segundo o idealizado em solo europeu. Deste repositório imagina-se que os membros, que agora estão na diáspora – os que vieram para o Novo Continente – buscariam permanentemente ostentar os sinais diacríticos para atestar que pertencem a um grupo e seguem as mesmas regras (CUNHA, 1987, p. 83).

O pertencimento, deste modo, tornaria tangível, na sociedade, o espírito e as ações dos indivíduos que procuram apresentar o caráter identitário que alimenta a unidade e procura garantir as relações, normas sociais, crenças, valores, estrutura social e comportamento distinto dos indivíduos com quem se confrontam nesta nova realidade. Mesmo sabendo que na diáspora a passagem pelas fronteiras não dilui as marcas identitárias do grupo (BARTH, 1997), estas “adquirem uma nova função” (CUNHA, 1987, p. 99). Esta nova função passa a apresentar o caráter de coesão do grupo social por meio da interação padronizada, de crenças e valores partilhados ou semelhantes. Deste modo, não deixando de conduzirem-se, pelo ideário que acreditam ser seu traço de pertencimento a um grupo específico, usam valores,

crenças e interações como modo de serem reconhecidos no meio em que vivem, como um grupo social que busca seu crescimento e a demarcação de sua fronteira.

Assim, a nova função do grupo, mais que apresentar uma crença, procura demarcar sua fronteira política, econômica e social, como no caso do uso corrente da língua alemã, que os torna ininteligíveis, e quase que blindados, aos não pertencentes ao seu grupo social. Sendo assim, a conformação é imposta aos seus, ensinando a não conformidade com o modo de vida dos “brasileiros”, e dificultando a interação entre os dois grupos. Deste modo, a pertença, que no tempo de Lutero teria um caráter irradiador para agregar, torna-se um entrave na interação dentro da nova sociedade que se forma nos locais onde passam a residir.

Nesta perspectiva, a diáspora possibilita a reinterpretação das identidades criadas ou reinventadas. Isto não pode ser visto como assimilação de uma nova identidade, mas a transculturação, ou a releitura do ideário etno-religioso que liga estes imigrantes à terra natal dentro do contexto sócio-econômico-cultural no qual estão inseridos. Neste, procuram recriar os sonhos e ideais que possuíam, desconectados com os que os cercam, procurando fixar fronteiras rígidas ao redor do seu grupo cultural para estabelecer sua dominação neste novo ambiente.

1.1.2 Os elementos sócio-políticos na Reforma alemã

Antes de ver-se as posições de Lutero, é importante refletirmos sobre a ideia que os reformistas luteranos tinham de Estado. Ao estudar-se o período da Reforma, não se pode confundir a ideia de Estado daquela época com a do Estado moderno como hoje é conhecido. O termo latino *status*, que originalmente significava estado, de onde mais tarde a língua alemã busca a palavra “*Staat*”, é somente usado esporadicamente nas Confissões Luteranas, e quando elas falavam da *rei publicae*, apresentam sua noção de Estado, dentro da visão dicotômica com Igreja. Já os termos latinos *res publica* e *civitas*, que hoje são usadas como sinônimo de Estado,

não eram de uso corrente naquele período. (SASSE, 2006, p. 2)³. Esta visão vaga de ver o Estado que existia no período reformista no início do século XVI, denota uma outra forma de compreendê-lo. Os que viviam no início da Idade Moderna conheciam uma sociedade inserida num contexto onde os dois poderes – Igreja e Estado – eram exercidos, em última análise pela Igreja, uma vez que “o imperador exercia o poder secular por concessão do Papa, e era eleito por príncipes e bispos. Tinha, por isso, o título e encargo de ‘Defensor da Igreja’” (BECK, 1988, p. 35).

Em razão deste imbricamento dos dois poderes, os interesses políticos e religiosos, na Idade Média, encontravam-se bastante articulados entre si. Esta união era tão amalgamada que se tornava, no mais das vezes, difícil de separar os dois estamentos. Os projetos de bispos e imperadores estavam muito próximos, posto que atuavam em terrenos comuns. Pensadores medievais viam tudo como complementar dentro de uma “república cristã” (BECK, 1988, p. 88). Por isto a dicotomia moderna “Igreja x Estado” não tinha o sentido que hoje conhecemos. Diante disto, o posicionamento sócio-político-religioso de Lutero, ao pregar que são campos diversos e que Igreja e Estado não podem ser confundidas e nem interferirem um no outro, era desconhecido, sendo vistos como novidade a distinção que ele propunha⁴.

Segundo Sheldon Wolin, este modo de pensar começa a se alterar com o advento do século XVI, ao surgirem as primeiras transformações radicais. Acontece nesta época uma verdadeira revolução no pensamento político, quando inicia a

³ The Augustana was composed at a time when the modern notion of the state did not yet exist. The Latin word *status*, which originally meant “station” (It was used in this sense by Thomas Aquinas) from which later the German word “Staat” was derived, is used occasionally by the apology (e.g. *leges de statu civili*, “law in the realm of civil government”). The Augustana speaks once of the *forma rei publicae*[sic]; “the form of the notion of the state”, which the German text renders, *weitkuch Händel*. Otherwise the Latin expressions *res publica* and *civitas* (which ecclesiastical language borrowed from Cicero and Augustin), which we are accustomed to call “state”, are not used. Our confession speaks much more of *res civiles* [the civil realm], *ordinationes civiles* [civil orders], *magistratus* [magistrate]; in the German text of *Polizei* [authorities], *weltlichem Regiment* [secular government], *weltlicher Gewalt* [secular power], *Obrigkeit* [governing authority]. The teaching of the Augustana regarding the state is the doctrine of the governing authority [*Obrigkeit*] and the civil orders [*bürgerlichen Ordnungen*] establishe with the governing authority and maintained by it. (SASSE, 2006, p. 2).

⁴ Segundo o modo de interpretar seus livros sagrados, os luteranos acreditam que cabe ao Estado a ordem política e o governo da humanidade, onde tem o direito e o dever de julgar, instituir leis, punir os transgressores, ordenar o comércio e manter o direito de propriedade dos moradores de sua jurisdição. Ao mesmo tempo, enxergam a Igreja como sendo uma ordenação eclesiástica que tem a finalidade de contribuir para a paz e a boa ordem no estado. Deste modo, não tendo o poder/dever de interferir nas ações do Estado, tendo a obrigatoriedade de procurar incutir nos que pertencem ao seu grupo social a responsabilidade de serem bons cidadãos e portarem-se com urbanidade no trato com os demais concidadãos. (CONFISSÃO DE AUGSBURGO, 1980)

dissipação do espírito medieval (WOLLIN, 1960). O mesmo autor afirma que “duas forças vitais” impulsionam tal alteração: o **protestantismo** e o **humanismo** (WOLLIN, 1960, p. 155). Cada um, a seu modo, procurou criar uma teoria política mais autônoma e nacionalista em sua orientação.

Por um lado, a contribuição de Lutero e os primeiros reformadores protestantes, consistiu em despolitizar a religião; por outro lado, a de Maquiavel e os humanistas italianos influenciou no sentido de desteologizar a política. Ambos os lados serviram para a causa do particularismo nacional. (WOLLIN, 1960, p. 155).

Wolin afirma também que a primeira grande razão que levou Lutero a desprender os elementos políticos do pensamento religioso, residia na sua convicção de que a “Palavra de Deus”, não deveria ser limitada e, ao mesmo tempo, teria de servir de norte para a vida junto aos concidadãos e no respeito às autoridades. Wolin ainda ressalta que Lutero chamava a atenção da estrutura de poder da igreja medieval, organizada hierarquicamente e as sutilezas, ao mesmo tempo complicadas, da teologia da época, o que dificultava jurisdicionalmente ambas as partes. Essa concepção de Lutero, denominada por Wolin de **imperativo simplista**, apresentava, segundo ele, a ideia de retirar os empecilhos inventados pelos homens, que na verdade serviam de estorvo, na concepção de Lutero, para que os crentes vivessem uma vida autêntica como cidadãos e diante de sua fé.

Lutero fez duros ataques ao eclesiasticismo e ao escolasticismo, condenando os princípios hierárquicos e organizativos temporais, que deixaram marcas políticas na vida da Igreja. Por isto ele é visto por Wolin como um teólogo e um político, em que o primeiro teve primazia sobre o segundo. Entretanto, esta primazia não elimina, segundo Wolin (op. cit. p. 157), o seu interesse das questões sócio-políticas. A extraordinária fusão da religião com o cotidiano, em sua época, obrigou Lutero a pensar politicamente sobre questões teológicas e não apenas teleológicas.

Ante esta realidade, o elemento político está muito presente na teologia de Lutero. Suas abordagens visam dar imanência à crença. Ao mesmo tempo insiste num poder secular desvencilhado do poder religioso e também questiona o radicalismo antipolítico nas questões eclesiásticas. Desta forma abre-se um novo caminho ao poder temporal, desvencilhado do aio imposto pela igreja, assim como esta não sendo tutorada por aquele, e sim, os dois poderes, segundo Lutero, tendo que co-existirem e complementarem-se.

Sasse (2006, p. 8), se reportando ao modo de Lutero se sintonizar com seu tempo, mostra que este pregava, tendo em vista o contexto sócio-econômico-religioso em que estava inserido, usando uma linguagem que podia ser entendida por todos e que, ao mesmo tempo, abordava os problemas vividos por seus concidadãos como sendo uma sociedade.

Nesta perspectiva, a interação entre as questões imanentes e transcendentais passa a ser vista pelos luteranos como uma forma de criação de vínculos identitários. Estes vínculos não são apenas porque os homens vivem juntos e partilham opiniões, valores, crenças e costumes comuns, mas também porque interagem continuamente, reagem uns com os outros e modelam seu comportamento pelo comportamento e pelas expectativas do grupo no qual buscam a pertença. Criam, desta forma, aquilo que Cunha (1987, p. 105) chama de “uma noção extremamente reificada de cultura”. Isto pôde ser verificado no século XVI, quando o grupo dos luteranos procura diferenciar-se pela forma de comportamento, pela interação nas questões sociais e políticas e no seu posicionamento intransigente em termos religiosos. Mesmo que esta cultura possa ter sido construída de forma incôndita, deveu-se, em grande parte pela busca do contraste entre os costumes do seu grupo social e os do grupo com o qual os luteranos passam a ter contato. O que também é verificado no novo contexto dentro do solo brasileiro, onde procuram aglutinar-se com uma língua própria, com uma religião diferente e fechada, com a criação de escolas “paroquiais” que serviriam aos pertencentes ao seu nicho social.

Dentro deste contexto, verifica-se que Lutero, no seu tempo, pregou que o amor cristão era uma forma de externar o conceito etno-religioso. Segundo o reformador, as pessoas estão inseridas num contexto onde várias demandas cobram posicionamentos diferentes em cada situação. A isto ele caracteriza como ordens. Nestas ordens, nas quais ele divide a atuação das pessoas dentro do seu contexto sócio-político-religioso, coloca como preponderante a do servir ao próximo em tudo o que se faz. Deste modo, para ele, as ordens⁵ eram vistas como

⁵ Beck, chama atenção que Lutero discerniu, além da ordem do amor cristão (como uma oblação à divindade, a qual deve estar acima de tudo aqui nesta vida apenas abaixo do amor a Deus), as ordens do ministério, da família e do governo civil, onde todos os crentes, segundo ele, estão inseridos uma vez que fazem parte de uma família, de uma congregação cristã e devem respeito à autoridade civil (Beck, op. cit, p. 65). Como podemos conferir nos artigos XV e XVI da Confissão de Augsburgo (LIVRO DE CONCÓRDIA, 1980, p. 34, 35):

propulsoras para trabalhar, servir e socorrer a todos em suas necessidades (LUTERO apud BECK⁶, 1988, p. 65).

Estas necessidades, segundo os documentos oficiais da Igreja Evangélica Luterana do Brasil seriam supridas pela atuação dos pertencentes à Igreja nas sociedades locais, o que nem sempre tem ocorrido de forma imparcial. No mais das vezes, têm servido de estímulo para a atuação dentro do círculo restrito dos pertencentes ao seu grupo etno-religioso.

Assim, mesmo que a igreja luterana tenha se proposto a oferecer, através dos tempos, uma cultura, uma educação, socorro aos necessitados e – quiçá – um modelo de sociedade fraternal sem aceção de pessoas ou discriminação de qualquer espécie, seu modelo de atuação tem se voltado principalmente aos “nativos”, o pode ser visto como forma de procurar suprir suas carências na busca

ARTIGO 15: DAS ORDENAÇÕES ECLESIASTICAS

Das ordenações eclesiásticas estabelecidas por homens se ensina observar aquelas que possam ser observadas sem pecado e contribuam para a paz e a boa ordem na igreja, como, por exemplo, certos dias santos, festas e coisas semelhantes. Esclarecemos, porém, que não se devem onerar as consciências com essas coisas, como se fossem necessárias para a salvação. Ensina-se, ademais, que todas as ordenanças e tradições feitas pelo homem com o propósito de por elas reconciliar-se a Deus e merecer graça são contrárias ao evangelho e à doutrina da fé em Cristo. Razão por que votos monásticos e outras tradições concernentes a distinção de alimentos, dias, etc. pelas quais se pensa merecer graça e satisfazer por pecados, são inúteis e contrários ao evangelho.

ARTIGO 16: DA ORDEM POLÍTICA E DO GOVERNO CIVIL

Da ordem política e do governo civil se ensina que toda autoridade no mundo e todos os governos e leis ordenados são ordenações boas, criadas e instituídas por Deus, e que cristãos podem, sem pecado, ocupar o cargo de autoridade, de príncipe e de juiz, proferir sentença e julgar segundo as leis imperiais e outras leis em vigor, punir malfeitores com a espada, fazer guerras justas, combater, comprar e vender, fazer juramentos requeridos, possuir propriedade, casar, etc.

Aqui são condenados os anabatistas, os quais ensinam que nenhuma das coisas supramencionadas é cristã.

Condenam-se, outrossim, aqueles que ensinam ser perfeição cristã abandonar fisicamente casa e lar, mulher e filhos, e renunciar às coisas citadas, quando o fato é que apenas verdadeiro temor de Deus e verdadeira fé constituem a perfeição autêntica. Pois o evangelho não ensina uma forma de vida e justiça exteriores, temporais, senão uma interior e eterna vida e justiça do coração, e não abole o governo civil, a ordem política e o casamento, querendo, ao contrário, que se guarde tudo isso como genuína ordem divina e que cada qual, de acordo com sua vocação, mostre, em tais ordenações, amor cristão e obras verdadeiramente boas. Por isso os cristãos têm o dever de estar sujeitos à autoridade e de obedecer-lhe aos mandamentos e leis em tudo o que não envolva pecado. Porque se não é possível obedecer à ordem da autoridade sem pecar, mais importa obedecer a Deus do que aos homens. Atos 5 (Atos dos Apóstolos 5.29).

⁶ Nestor E. Beck, a despeito de ser filiado à Igreja Evangélica Luterana do Brasil, é um estudioso de Lutero que dedica boa parte de seus estudos para a vida e obra do reformador, a despeito de ser filiado à Igreja Evangélica Luterana do Brasil, procura ter uma visão neutra sobre sua Igreja em si, sua forma de atuação e seu posicionamento frente às demandas nacionais. Ele aponta, de modo crítico, o afastamento da Igreja ao pensamento luterano do século XVI, dizendo que a mesma está desvirtuando o *modus operandi* de Lutero)

de uma “adequação da identidade étnica, como auto-consciência de grupo” (Idem. p.103) e como forma de se estruturar e se diferenciar no seu nicho social.

Esta ideia de diferenciarem-se vem fortalecer o sentimento de grupo que, mesmo precisando se tornar parte de um todo maior – a sociedade – continua comportando impulsos que mais parecem querer demonstrar o aproveitarem-se dos seus concidadãos para reforçarem sua pertença a um grupo social específico. Tornam-se, de certa forma, num grupo social que se alia, se mistura e se interpenetra para proteger-se ou aumentar o seu poder, com o que procuram deter (COHEN, 1978, p. 86,87) e reforçar, deste modo, o sentimento de respeito, prestígio, e de diferenciação que se auto-atribuem, na relação com os não pertencentes ao seu grupo social. O que não deixa de ser uma forma de encetar que estes grupos daí decorrentes são “essencialmente políticos e suas atividades determinam a distribuição, a manutenção e o exercício do poder na sociedade” (Idem. p. 87). Esta seria uma forma velada, por vezes nem tão velada assim, de, mesmo não podendo mais excluir os “outros”, como anteriormente acontecia com o cultivo de uma língua própria (o alemão), procuram enaltecer sua origem, seu credo, sua visão de mundo, seu *ethos* religioso.

Assim criam-se os sinais diacríticos que fomentarão a identidade étnica de um grupo social, que, a despeito de suas divergências, ou falta de univocidade, na terra natal, buscam unir-se para, na diáspora, “manipular principalmente um poder simbólico e normativo de forma a sustentar sua estrutura de autoridade” (Idem, p. 100). Isto, outra coisa não é que o sentimento de um grupo que procura se apresentar de forma diferenciada, o que buscam sua unidade interna em solo estrangeiro, mesmo não havendo este sentimento claramente posto em solo alemão. Agora, unem-se para fortalecerem-se política e economicamente numa roupagem religiosa. Deste modo, no Brasil, procuram o reforço do sentimento de pertença, criando um grupo que ostenta os sinais diacríticos por eles escolhidos, com os quais caracterizar-se-ão como membros de um nicho etno-religioso que pretende impor-se, entre outras formas, pela educação, com a criação de escolas para os seus e pela sua cultura que é inculcada nos filhos de seus pares.

1.2 LUTERO E A EDUCAÇÃO

Com a visão de que a ordem divina também compreende o transmitir cultura e educação, Lutero acreditava que cabia aos príncipes e senhores proporcionarem boa educação às crianças de sua jurisdição, e constrange os religiosos e pais para verem que disso depende o futuro da nação, da igreja e da família. Para tanto prega a universalização do ensino e da necessidade de mudança do mesmo (LUTERO, 1995 b).

Entre as reformas, além da talvez a mais inovadora para sua época – a obrigatoriedade do ensino a todos como dever do Estado – estão a ênfase no estudo do direito civil nas universidades, a proposta humanista do cuidado com a natureza (numa época em que não se falava de ecologia e aquecimento global), além do estudo de retórica, prática, lógica aristotélica, línguas clássicas, matemática e história, como forma de tornar o ensino algo mais adscrito com sua época e necessidades (LUTERO, 1995 b).

Ao lado desta reforma programática do ensino, vê o dever do Estado de abrir portas para o ingresso de todas as crianças e jovens nas escolas. Ele acredita que pela educação parecendo haver a possibilidade de ter um povo melhor preparado, mais apto para a preservação do Estado e o crescimento da nação. Como Lutero diz:

Prezados senhores, tomai a peito esta obra: Deus requer de vós, o vosso cargo exige, é necessário à juventude, e nem o mundo [...] a podem dispensar. Basta de sermos bestas alemãs. Basta de arruinar e apodrecer na escuridão. Vamos finalmente usar a razão [...] e outras nações vejam que também somos gente e pessoas que poderiam aprender delas ou ensinar-lhes algo útil, para que também nós contribuamos para melhorar o mundo. (LUTERO apud BECK, 1988, p. 86).

Assim, o reformador procura chamar a atenção das autoridades e do povo a quem consegue falar, da necessidade e importância do ensino para todos, diferentemente do que era corrente na época onde as elites lutavam para manter seus bens e o monopólio do ensino. Lutero diz que o acúmulo de bens, juntamente com o crescimento da nação, dar-se-ia se os pais mantivessem seus filhos na escola, independente do poder econômico ou da situação social em que estes estavam inseridos. Era dever dos pais oferecer e obrigar seus filhos a frequentar a

escola. Ao mesmo tempo apregoa que a “Igreja não pode abdicar da educação geral para todas as crianças” (Id. p. 87). Deste modo ele procura levar o Estado e a Igreja a verem-se como responsáveis pelo ensino. Não somente a Igreja para os seus e nem o Estado para uns poucos, mas ambos os estamentos procurando o bem de todos e o crescimento da nação. Torna-se assim a Reforma proposta por Lutero, um desafio para a Igreja e para o Estado.

Lutero acreditava que a Igreja não poderia abrir mão da educação de todas as crianças, ou seja, deveria sair de sua clausura e monasticismo, para uma educação universalizante e abrangente para toda a sociedade. Ao mesmo tempo, Lutero procura incutir uma nova forma de instruir os pais e jovens, através do manual entregue às Igrejas – os Catecismos. Nestes, apresenta uma forma abrangente de educação a qual objetivava preparar a todos para as questões transcendentais bem como procura conduzir os aprendentes a uma interação e intervenção ética na sociedade, no imanente.

Já o Estado, diz Lutero, não pode contentar-se com a redução do homem à condição niilista de um mero expectador que não tem voz nem vez. Antes, precisa mostrar ao homem que lhe foi conferida uma vocação mais alta, o bem da cidade e o crescimento de todos. Desta forma o Estado, na sua concepção, tem o dever de preocupar-se em manter a paz e promover o desenvolvimento integral do cidadão.

Esta visão, que estava inculcada nos teuto-luteranos que aqui vieram na busca de uma nova pátria, se refletiu na forma pela qual se empenharam na educação de seus filhos, bem como no seu engajamento nos problemas de aculturação.

Deste modo, viu-se um Lutero que teve uma atuação vigorosa dentro de um contexto teológico e ao mesmo tempo sócio-político. Ao fazer a tradução da Bíblia ao vernáculo inicia uma reforma educacional, porque via na educação a mola propulsora de uma nação que busca crescer. Ao mesmo tempo procura separar a atuação da Igreja e do Estado, anunciando que ambos têm um caráter imanente, sem que haja sobreposição de um estamento sobre o outro. Cabe à Igreja obediência ao Estado e ao mesmo tempo levar os seus a uma vida cidadã, onde sua ênfase estava posta numa reforma do sistema de ensino com o surgimento da escola para todos, como uma das reivindicações da Igreja.

Lutero acreditava que a função da Igreja não se esgotava com o transcendente. Segundo o Reformador ela precisa interferir na vida diária da sociedade buscando uma distribuição dos bens, destruindo a violência, formando um povo político, isto é: envolvido com os problemas da *polis*.

Para que este envolvimento ocorresse de fato, ele creditava à educação um papel incomensurável. Diante disto, quando fala-se de Educação em Lutero, temos que voltar aos seus escritos que tratam deste tema, mesmo que não tenha sido o foco de sua atividade.

A despeito de sua atenção estar voltada para outro objetivo e seus textos procurarem conduzir os leitores a sua forma de entender a Bíblia, destes mesmos textos infere-se seu ideário quanto à educação para a nação, à família e ao indivíduo. Assim, nos textos, já citados, **“À Nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão”**, de 1520; **“Aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs”**, de 1524; **“Uma prédica para que se mandem os filhos à escola”**, escrito em 1530 e nos mais conhecidos, os **Catecismos Menor e Maior**, publicados em 1529, encontram-se importantes elementos para a compreensão da forma que ele encarava a educação (ALTMANN, 1994: 279). Os mesmos sendo escritos numa língua acessível ao povo, vinculados ao cotidiano e ideário alemão, criavam uma forma própria de encarar a educação, num ambiente contrastivo, onde a codificação da linguagem tornava-se também uma forma de perceber o mundo. Apresentando a distinção sobre elementos simples do vocabulário, os luteranos ofereciam um novo ambiente e um modo diferente de enxergarem-se e portarem-se dentro do grupo no qual se formatava o luteranismo. Assim, educar, que também era uma forma “de manter uma unidade” e “uma união estreita” (ARNAUT DE TOLEDO, 1999, p. 130) dentro da sociedade, na sua forma de ver e pregar, derivaria da própria natureza das coisas e não seria uma prerrogativa de um grupo específico – no caso os cristãos, ou um mandato específico para os crentes, mas uma necessidade e um dever de pais, autoridades e educadores (LUTERO, 1995 a, p.307).

Donaldo Schüller, falando sobre Lutero e a educação diz que: “o interesse central da atividade de Lutero foi o preparo do homem para a eternidade; mas Lutero não descuidava a vida bem-sucedida do homem aqui. Incentivava os pais a dar aos

filhos uma instrução adequada a fim de serem homens úteis à sociedade”. Schüler finaliza afirmando

que: Lutero, nos ideais de educação, foi revolucionário. Na Idade Média o homem era educado para a igreja, agora esta ênfase está no indivíduo, o homem deveria ser educado para si mesmo. A educação deveria levar o homem a uma vida individual e responsável(SCHÜLER, 1969, p. 8).

No mesmo caminho, Lutero escreve a carta “**Aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs**”, onde defende a criação e manutenção de escolas para todas as crianças, indistintamente de sexo ou idade

Também ligado ao tema educação, foi publicado o opúsculo “**Uma prédica para que se mandem os filhos à escola**”, em 1530. Esta obra se constitui numa exortação aos pais sobre a responsabilidade de proporcionarem uma educação aos filhos. Com este, a responsabilização de ser promotores da paz imanente – terem que passar isto aos seus filhos. Assim, alega a necessidade de se preparar os jovens para exercerem sua vocação⁷ (ofício), tanto espiritual, como material.

Entretanto, um ano antes da publicação do documento “Uma prédica para que se mandem os filhos à escola”, Lutero preparou sua obra pedagógico-religiosa que modificou a forma de ensino e permaneceu no seio da Igreja Luterana até o final do século XX, de forma inalterada. Esta obra oferecia, além de conteúdos doutrinários, também uma metodologia para se ensinar e aprender na “palavra de Deus”. Escreveu os **Catecismos Menor e Maior**, com o objetivo de melhor preparar os pastores e as pessoas simples para estudarem os rudimentos da fé.

Estas obras, especialmente o Catecismo Menor, apresentam uma didática simples de perguntas e respostas que passariam a ser utilizadas em outras disciplinas, como forma de conduzir os aprendizes a terem o conhecimento desejado pelo educador. Torna-se, deste modo, um manual de didática utilizado por muitos anos, especialmente nas escolas tidas como paroquiais.

Lutero trouxe um modelo de educação, a qual visava atender às novas necessidades de uma sociedade, um ideário explorado também por outros reformadores depois dele. Essa educação tinha por objetivo transmitir e formar nas

⁷ Lutero criou a expressão alemã "Beruf", que traduzida significa vocação/profissão. Através de nossa profissão, Deus nos chama.

novas gerações um novo pensar religioso, calcado nas verdades bíblicas, como ele cria. Para tanto, Lutero empenhou-se seriamente nos debates com a sociedade de seu tempo a ponto de lançar seus apelos em prol de uma sociedade renovada e instruída para o seu povo.

Neste contexto, encontramos o fato de ser necessária uma educação geral, para todos, sem distinção de idade, classe social, raça e sexo. Lutero entendia que a educação era uma condição *sine qua non* para a sobrevivência e o bem-estar da humanidade. Esse modo de Lutero ver a educação, ainda hoje, cinco séculos passados, continua sendo referendado por muitos.

Com a concepção da importância de uma boa educação para todos, segundo o ideário luterano, a escola constituía-se na espinha dorsal do processo de socialização. Ela tornava-se o lugar de formação do cidadão e, ao mesmo tempo, dos seguidores de suas teorias religiosas. A ação pedagógica, ocupando a função complementar ou substitutiva da família ou da igreja, aos poucos e cada vez mais, transformava-se no centro das ações socializantes.

Isto, de certo modo, ocorreu no meio do povo luterano que veio buscar nova alternativa de vida em solo brasileiro. Houve (MALAVOTA, 2007, p. 24) a reinvenção das identidades e das culturas, numa perspectiva transnacional ou inter-cultural produzida pela diáspora. Desta forma, estes imigrantes mantêm os sinais diacríticos de sua germanidade e luteranismo a despeito do fluxo de pessoas que atravessam estas fronteiras (BARTH, 1997, p. 188). Onde

o conteúdo cultural das dicotomias étnicas parecem ser de duas ordens: 1. sinais ou signos manifestos – os traços diacríticos que as pessoas procuram e exibem para demonstrar a sua identidade, tais como o vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo geral de vida; e 2. orientações de valores fundamentais – os padrões de moralidade e excelência pelos quais as ações são julgadas (BARTH, 1997, p. 194).

Havendo, na diáspora, uma conjugação de esforços para que seus signos diacríticos fossem reforçados. Mesmo tendo que abrir mão de certos símbolos, há a escolha daqueles que servirão como “plurivalência social” no “entrecruzamento [...] de valores que tornam o signo móvel e capaz de evoluir” (BAKHTIN e VOCOCHINO apud HALL, 2008, p. 33) e apresentar-se como identidade no seu contexto social.

Sendo que, em solo brasileiro, não houve o embate com as autoridades. Houve sim, a dificuldade de penetração em face das “disjunturas patentes de tempo e espaço” (HALL, 2008, p. 36), pela diversidade linguística, pelos traços culturais e o

modo de vida. Diante disto, ocorreu o fechamento do grupo social como grupo étnico. Os teuto-luteranos mantiveram sua língua como forma de comunicação no seu grupo social, ou, mesmo depois da proibição do uso do alemão em público, no final da 2ª Guerra Mundial, esta era a linguagem usada como forma de expressarem-se nas suas casas e no seu círculo vivencial. Ocorrendo com o uso da língua alemã, algo semelhante ao que fora visto na chegada dos imigrantes, no início do século XIX, quando apresentaram certo enfrentamento à autoridade do Governo Central, ao darem seus cultos, enterrarem seus mortos, realizarem casamentos e batismos, quando estes atos poderiam ser realizados somente pela Católica Apostólica Romana, que era a Igreja oficial. Cultivavam valores diversos aos “brasileiros” como suas “sociedades de canto” ou salões que eram voltados aos que falavam alemão, entre outros.

Estes fatores também foram relevantes para o surgimento e manutenção das escolas, ou seja, pelo seu modo de “lerem” a vida que os cercava, fechando-se cada vez mais na sua “linguagem”. Especialmente, com o cerceamento do ingresso aos “brasileiros”, quer pela língua, quer pelo credo, tornam as escolas luteranas, ao que tudo indica, expressões de um grupo étnico que procura refletir alguns sinais identitários com os quais fomentariam o seu caráter organizacional, político, econômico e/ou cultural. Fato não verbalizado, mas que excluía do campo do saber os que não tinham seus padrões de moralidade e cultura.

De qualquer modo, mesmo com a criação de um grupo social mais fechado em solo brasileiro, ver-se-á que desde o início da obra reformista, o professor, a educação, a escola estão presentes em sua proposta por um melhoramento da sociedade, na qual está inserido o luteranismo. Sugere também que toda a cidade deveria ter "uma escola de meninas", deixando de a educação ser um privilégio de minorias religiosas do sexo masculino. Lutero, deste modo, anuncia a necessidade de um sistema educacional que esteja ao alcance de toda a população. Para tanto, é importante a unificação da língua, o que facilita a troca pedagógica do ensino/aprendizagem. Aqui vê-se novamente a importância de sua codificação de uma língua para os seus, porque teriam uma mesma base, um mesmo falar, um signo diacrítico que reificaria o pertencimento ao grupo dos “luteranos”.

Ao lado disto, vem seu apelo para que as autoridades criem e mantenham escolas. Como argumento para que se mantivessem as escolas, ele afirma que

antes se gastava dinheiro com a compra de indulgências, podendo este dinheiro agora ser direcionado para a educação, considerada por ele a atividade mais importante. Digno de nota ainda é o fato que ele traz um novo enfoque quando aponta que a educação é de responsabilidade da autoridade civil e não da autoridade eclesiástica (DREHER, 2004, p. 15), a quem estavam entregues os educandários em geral.

Na verdade, o sistema educacional de sua época estava em crise em virtude das transformações pelas quais passava a sociedade. Especialmente em consequência do surgimento do mercantilismo. O comércio começava a ter uma importância muito grande, neste novo tipo de sociedade. Nos mosteiros estavam as escolas onde se estudava filosofia e teologia em altíssimo nível. A educação superior era toda ela eclesiástica. Mas o novo tipo de sociedade que surgia estava a exigir novo tipo de educação (DREHER, 2004, p. 16). Com a permeabilidade da sociedade e as trocas que ocorriam era importante criarem-se sinais diacríticos que fortalecessem os laços do grupo social, o que daria uma projeção social maior e um sentimento de pertença aos que se apropriavam dos traços depositados no “porão” identitário luterano. Criariam, deste modo, aquilo que Barth (1997, p. 202) chama de “ecologia cultural”, pois criariam grupos nos quais se adaptariam e propiciar-se-iam importantes bens e serviços, articulando-se em cerimoniais e ritos que visariam o desenvolvimento para todos.

Por outro lado, na concepção de Lutero, houve uma inversão da ótica do estudar. Há um outro motivo que apontava para a necessidade de uma reforma do ensino. Até agora, os filhos acorriam às escolas, pois iam “estudar” para se tornarem sacerdotes e, assim, garantir sua própria salvação e a salvação dos pais. Na visão de Lutero, no entanto, o alvo da ética não era mais o céu, mas a terra, a preservação das coisas criadas por Deus, como ele dizia. Como Souza (2008, p. 1) traz ao abordar o “‘Bildung’, que significa auto-formação e aperfeiçoamento individual [...] entendendo este [...] como a possibilidade de crítica reflexiva”, para o bem estar imanente – a paz, como dizia Lutero nos seus escritos.

Interessante é esta visão futurista. Lutero afirmava a importância da educação para o progresso de uma cidade, dizendo que esse progresso não depende apenas do acúmulo de grandes tesouros, da construção de muros, de casas bonitas e de investimentos altíssimos em equipamento bélicos. Antes de tudo

isso, o mais rico progresso para uma cidade é quando possui homens bem instruídos, muitos cidadãos ajuizados, honestos e bem-educados. A partir disso, estes poderiam acumular, preservar e usar corretamente as riquezas e todo o tipo de bens. Com esta perspectiva, ele insistia em colocar a educação ao alcance de todos, tornando o ensino mais popular e abrangente, ou seja: educar a nação (MARTINS, 2007, p. 1). Entenda-se aqui este educar como um bem oferecido a todos, mesmo aos sem os recursos para bancarem o ensino privado, daí a necessidade das autoridades implementarem este direito aos cidadãos. Desta forma, para ele, este grupo social seria mais politizado e socialmente engajado, desenvolvendo uma análise social mais crítica.

Para tanto, a educação seria uma atribuição do Estado, do micro-estado, do município que deveria obrigar os pais a enviarem os filhos à escola. Onde a Igreja e o Estado seriam beneficiados por terem pessoas mais aptas para os seus serviços, propiciando o crescimento da nação, uma vez que o Estado teria cidadãos preparados para assumirem as tarefas na sociedade. Para tanto a educação teria que ter uma marca de qualidade a fim de que os novos cidadãos tivessem as aptidões morais e profissionais que garantiriam o progresso e desenvolvimento da nação. Por inferência, este educar seria pautado pela ética, que tornou-se a tônica dos aprendentes para atuarem com eticidade no seu *locus vivendi*.

Deste modo, pode-se citar esta concepção de educação como um sinal de pertença ao ideário luterano e, tanto isto é verdade, que a criação de escolas foi das primeiras preocupações dos teuto-luteranos ao chegarem em solo brasileiro. Nesta perspectiva, deve ser vista como sinal diacrítico de um grupo social, econômico e político que procura impingir nos seus a busca por uma qualidade no ensino, pela eticidade, pela unidade, pela univocidade e o engajamento cultural, entre outros signos que este grupo apresenta como substrato identitário.

Para inculcar em seus filhos esta visão luterana da educação, os primeiros imigrantes luteranos alemães buscavam fazer a releitura do luteranismo do século XVI para o início do século XX, procurando unificar os imigrantes luteranos e uni-lo ao redor do grupo etno-religioso que se criava. Entretanto, com a dificuldade que a transculturação destes traços apresentava, houve a escolha de novos sinais pelos quais procuravam tornar-se conhecidas as escolas estudadas. Isto, no entanto, será o foco do estudo do terceiro capítulo.

Assim, foi visto neste capítulo que Lutero enxergava a atuação dos crentes dentro de um contexto dicotômico: religioso e social, o que se tornou propedêutico do luteranismo ao desenhar seu *ethos* no contexto original do movimento reformista.

Para Lutero, todas as pessoas, mas especialmente os crentes, deveriam ter uma atuação firme como membros da *polis* na busca de uma vida imanente melhor. Deste modo, olhando para Barth (1997), constata-se que este aponta como característica de um grupo que procura manter sua etnicidade, como o caso dos teuto-luteranos vindos ao Brasil, a manutenção e demonstração de signos específicos. Isto deveria ocorrer também no seio deste grupo social. Sendo que estes sinais ainda deveriam estar presentes nos que se auto-proclamam o direito de se apresentarem como filhos da Reforma Luterana.

Assim, esperar-se-ia que o grupo dos “luteranos” pertencentes à Igreja Evangélica Luterana do Brasil, ainda apresentasse a bandeira que fora levantada no século XVI. Esta bandeira consistiria de um *locus* onde se verificariam os signos da eticidade, do cultivo de uma liturgia de culto e vida uníssona, do apego ao capital cultural, da procura de uma linguagem única nos rituais religiosos. Nesta mesma linha as escolas deveriam apresentar uma visão holística do ensino, de uma educação universalizante, do engajamento nas questões imanentes como o cuidado do e com o Estado, um comportamento impregnado de etnicidade. Tornando-se deste modo, um centro de apresentação de sinais manifestos e valorativos de excelência, dos quais os luteranos se acreditam detentores.

Em resumo, na sua simbiose com os outros grupos, dever-se-ia reconhecer os signos como: moral ilibada; ética no trato consigo, com os outros e com as coisas públicas; julgarem-se e serem julgados de forma coerente entre o pregar e viver; uma linguagem comum; um imbricamento maior entre os pertencentes e estes com as coisas imanentes; uma melhor utilização de seu capital cultural; uma democratização de seu capital – econômico, simbólico e cultural – com os outros, para ficar mais especificamente em signos de orientação e valores fundamentais, como Barth (1997) chama.

Já os signos manifestos de Barth (1997, p. 194) não são tão presentes neste grupo, pois, pouco ou nada ostentam de diferente dos demais teutos vindos ao Brasil e até mesmo dos nativos se assemelham na sua forma de vestir, nas suas

construções, com exceção da língua e de alguns jogos que trouxeram consigo para o solo brasileiro.

Com este pano de fundo, procura-se acompanhar o desenvolvimento da Igreja Evangélica Luterana do Brasil em solo brasileiro. Diante disto, procurar-se-á buscar no reservatório identitário da tradição, que remonta ao século XVI, os sinais que imagina-se devam, de uma ou de outra forma, estar presentes na identidade deste grupo, mesmo que de forma “estereotipada” (BARTH, 1997, p. 198). Neste estudo investigar-se-á quais os traços escolhidos e até que ponto esta identidade de pertencimento a um grupo que professa uma determinada ideologia ainda é o diapasão que conduz a ação e a atuação deste grupo luterano, que se dizia confessional, ou se haveriam novos elementos que aglutinariam este grupo social. Na tentativa de acompanhar o desenvolvimento e, quiçá, os possíveis movimentos transculturais destes teuto-luteranos, no próximo capítulo far-se-á o estudo de como ocorreu o desenvolvimento do ideário luterano nos imigrantes luteranos alemães no Brasil até os dias de hoje.

2 A REFORMA E OS IMIGRANTES LUTERANOS

Ao falar-se de Lutero e luteranismo o primeiro tema que se levanta é o cisma religioso do século XVI. Neste capítulo procura-se vincular o fato religioso a toda uma estrutura social, econômica e política que acompanhou este movimento. Ver-se-á que, mais que uma ação religiosa, o movimento reformista imiscuiu-se no cotidiano de seus seguidores ditando normas, apontando caminhos e dialogando com autoridades. Com esta atuação, transformações significativas ocorreram na forma de pensar a religião, impregnando o grupo de seguidores e, quiçá, toda uma nação, de uma identidade étnica que se apresenta em alguns daqueles migrantes que partem para as terras de além-mar.

Esta identidade, como foi visto no primeiro capítulo, apresenta sinais diacríticos que caracterizam os pertencentes a este grupo etno-religioso. Entre estes sinais pode-se destacar a eticidade; a busca por uma educação para todos, como forma de instruir os seguidores e assim oportunizar o crescimento econômico e cultural do Estado; a separação entre Igreja e Estado; a ênfase na propagação de suas ideias como tentativa de ampliar o seu grupo, apresentando-se como um grupo que procurava uma eticidade maior; uma pureza de culto; um imbricamento do imanente com o transcendente são alguns dos símbolos que se espera encontrar, ainda hoje nas Escolas que carregam o codinome de luteranas, ligadas à Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Para tanto, será focado neste estudo prioritariamente, a atuação de Lutero naquilo que transcendeu o religioso. Ele posicionou-se com relação à criação de filhos, educação, economia e na atuação dos cidadãos frente ao Estado e deste, como responsável pelo bem estar do povo, assim como lança a base para uma

linguagem nacional ao traduzir a Bíblia para a língua do povo. Estes posicionamentos e formas de conduzir-se não deixam de ser a fonte de onde os imigrantes alemães buscavam os sinais diacríticos pelos quais procuravam ser vistos como grupo social, mesmo numa situação diaspórica.

Na verdade, entre os sinais apresentados, a linguagem cria um importante canal de comunicação que se torna ideológico e tem “uma função integrativa” e que “impõem padronizações” (COHEN, 1978, p. 105), de modo que passaram a adotar esta língua em seus encontros, nos atos públicos, tornando-se, por assim dizer, a língua oficial dos iniciados ou seguidores do líder Lutero.

Diante disto, este posicionamento e forma de conduzir-se não deixam de ser a fonte de onde os imigrantes luteranos alemães bebiam, como sendo sinais diacríticos de um povo que, quando na diáspora, procurava ser visto como organização social, reforçando estes símbolos como forma de ressignificá-los e inculcá-los entre os seus e, ao mesmo tempo, demarcar sua fronteira.

Deste modo, quando vêm para o Brasil, trazem consigo “na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo” (GEERTZ, 1989, p. 104). Geertz define este envolvimento religioso, a exemplo do que acompanha os teuto-luteranos que chegaram ao Brasil, como sendo:

um sistema simbólico que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p. 104, 105).

Estes sinais, ou sistema simbólico, pelo que se lê nos escritos de Lutero, eram vinculados à atuação da igreja (entendida como o grupo de seguidores) dentro do seu contexto vivencial. Para Lutero, somente teria valor o transcendente se estivesse integrado com o imanente. A Igreja, deste modo, vive na e com a sociedade, a política e a economia. Não seria possível criar uma redoma onde estivessem enclausurados os crentes. Muito antes pelo contrário, posto que, segundo sua visão, os seguidores deveriam procurar ter uma eticidade e congruência com as autoridades, concidadãos e os próprios “irmãos na fé”, como forma de fomentarem, na prática, sua transcendência. Sendo que deveriam apresentar uma “co-presença especial e temporal” (HAAL, 2008, p. 31), pois seus caminhos se cruzariam e, nesta zona de contato, deveria haver “processos sociais

[...] de incorporação” (BARTH, 1997, p. 188) ou a “transculturação” (PATT apud HALL, 2008, p. 31), como forma de apresentar um modo de interpretar os textos sagrados.

Neste modelo de co-presença, a confrontação desta dualidade impõe a objetivação de preferências morais e estéticas, onde há particularidades da realidade diferentes de sua estrutura de modo que os diaspóricos, apóiam suas escolhas num sentimento arraigado nas provas que acreditam ser verdade, ou seja na sua tradição etno-religiosa. O que remete este grupo religioso ao século XVI, quando Lutero posiciona-se de forma enfática no seu *locus vivendi* como tentativa de adequá-lo ao seu modo de ser e pensar.

Diante deste posicionamento de Lutero e de seus seguidores, no seu modo de apontar para a atuação dos iniciados, procurar-se-á ver os sinais que acredita-se deveriam existir nos luteranos ainda hoje. Entre estes, estudar-se-á até que ponto os imigrantes luteranos mantiveram esta identidade na transculturação, segundo o pensamento do século XVI, numa releitura para os seus dias, de modo a perceber a contextualização do pensamento dos reformados nos séculos XX e XXI. Para tanto, ver-se-á o reservatório cultural e identitário do luteranismo e quais os sinais diacríticos que ainda parecem ser mantidos e seguidos pelas escolas luteranas pesquisadas, e quais foram sendo reinterpretados ou abandonados ao longo de uma história.

2.1 REFLEXOS DA REFORMA LUTERANA NOS IMIGRANTES

A luta de Lutero não tinha como foco um novo pensar sociológico da sociedade de sua época, entretanto suas ideias acabam mobilizando seus seguidores para a tomada de atitudes que vieram alterar o *status quo*. Assim, a fé torna-se um movimento social, no momento em que os seguidores promovem ações que venham a ecoar com esta conotação, como no envio de seus filhos às escolas, na luta por melhorias sociais, só para citar algumas atitudes.

Entretanto, as ideias incipientes do espírito capitalista, que começa a se instalar em uma burguesia florescente, trazem um crescente descontentamento e um antagonismo entre os grandes partidos e os habitantes do velho mundo. Com o espírito renascentista e a nova forma de viver, surgem as primeiras dificuldades econômicas, as quais se espalham na Europa. Esta situação econômica, com o surgimento das primeiras indústrias e o afluxo dos pequenos agricultores aos centros urbanos e ao mesmo tempo os grandes latifundiários ocupando os campos, transformando os antigos proprietários de pequenas propriedades em trabalhadores rurais e/ou urbanos assalariados, aumenta as tensões entre artesãos, camponeses e burguesia. Corroboram com esta ideia, as ambições econômicas dos imigrantes que buscam novas terras, para fugirem da situação precária que a Europa enfrentava, que se agravou no final do século XVIII e no decorrer do próximo século, com a pressão do despotismo napoleônico, e a explosão da Revolução Industrial. Assim, “existiam milhares (...) [de] desempregados desde o fim das guerras napoleônicas” (WEISSHEIMER, 2005, p. 1) que buscavam um modo mais digno de viver e ter possibilidades de crescimento econômico. Para tanto, procuravam terras que lhes dessem a possibilidade de se tornarem proprietários de lotes, trabalhando a sua terra novamente.

Neste contexto vieram os primeiros imigrantes para o Brasil, no início do século XIX. Entre estes contavam-se soldados disfarçados de colonos, agricultores, artesãos, só para citar alguns, os quais passam a ter como base econômica as pequenas propriedades agrícolas de policultura e estruturaram-se para terem todo o que necessitavam, nestes povoamentos que se formavam.

Entre eles, muitos eram os emigrantes reunidos nas regiões da Alemanha que permitiam a emigração, como a Renânia, localizada próxima à França, até porque fora uma das áreas que mais sofrera com as guerras e o fim do feudalismo. Eles saíam em busca das ofertas do governo brasileiro. Estas eram de setenta e sete hectares por família, ferramentas, gado, sementes, financiamento durante dois anos e isenção de impostos por dez anos (WEISSHEIMER, 2005).

Segundo Radünz (2003), deve ser feita uma ressalva importante a respeito da homogeneidade ético-cultural destes imigrantes. Pode-se dizer que é um erro enxergar os alemães com uma identidade étnica preexistente à imigração e colonização. A Alemanha não havia ainda consolidado seu processo de unificação

nacional. Em razão disso prevaleciam as identidades regionais, como é o caso dos “hunsreecker”, pomeranos etc, todos com suas respectivas variações dialéticas e peculiaridades culturais.

Também vale a pena salientar que havia diversidades de toda ordem, como filosófica e religiosa entre eles. Incluíam-se, entre os imigrantes, adeptos de várias correntes como liberais, anticlericais, maçons, católicos e protestantes (SEIDL, 2003, p. 97).

Ao chegarem ao Brasil, enfrentam situações adversas. Havia falta de quase tudo. Mesmo assim a colonização alemã expandiu-se rapidamente pelos Vales dos Sinos, Caí, Taquari, entre outras localidades. Frente às dificuldades, procuraram pelos interesses comuns de cada grupo, como forma de buscarem uma permanência e a pertença a um grupo social que lhes desse o sentimento da “reprodução social [...] na ordem das coisas” a fim de conseguirem a “adequação da identidade étnica como autoconsciência de grupos” (CUNHA, 1986, p. 104, 103). Criam, deste modo, a ideia de grupo étnico. Aqui este termo “grupo étnico” é empregado para:

designar uma população que: perpetua-se biologicamente de modo amplo, compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais, constitui um campo de comunicação e de interação, possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo (BARTH, 1997, p. 189, 190).

Para a concretização deste grupo étnico se torna marcante o uso da literatura luterana trazida da Europa. Esta apresenta uma forma única de linguagem – o alemão de Lutero – que servia de referência na unificação da comunicação e também do pensar nestes centros de irradiação migratórios que se formavam no interior do Estado, como já reportado no capítulo anterior, porque cria “um veículo de raciocínio” (HALL, 2008, p. 268) por meio de sua língua.

Ainda cabe notar que além das dificuldades culturais e econômicas, havia o entrave de os imigrantes, quando chegaram ao Brasil, no primeiro quartel do século XIX, encontrarem uma Igreja Oficial. Isto os proibia de externarem sua crença bem como não havendo o reconhecimento do Estado aos atos praticados pelo grupo teuto-luterano, como casamentos, batismo e sepultamentos, cerimônias estas

delegadas exclusivamente à Igreja Católica Apostólica Romana – a igreja oficial. Neste contexto, criar espaço para um campo religioso não católico era muito difícil.

Como diz Mariano (2005, p. 9):

O Estado regulou com mão de ferro o campo religioso: estabelecendo o catolicismo como religião oficial, concedendo-lhe o monopólio religioso, subvencionou-o, reprimiu as crenças e práticas religiosas dos índios e escravos negros e impediu a entrada das religiões concorrentes, sobretudo o protestantismo, e seu livre exercício era muito difícil.

No entanto, esta tutoria do Estado enfraquece a Igreja Católica que se vê controlada pelo governo, perdendo parte da eficácia e a pureza ortodoxa de sua doutrina. Criam-se as condições necessárias para a fragilização da fé e da prática católica. Assim, os missionários protestantes que chegam encontram uma igreja enfraquecida e se aproveitam desta fragilidade da religião oficial e iniciam a minar as bases da mesma. Os protestantes encontram espaço para plantar suas igrejas em meio a certas camadas sociais. “Esses novos fiéis vão usar sua identidade [religiosa] (...) para efetuar uma desvinculação radical da Igreja Católica e para atacá-la pelos seus defeitos catequéticos” (CAVALCANTI, 2005, p. 71).

Além dessa fragilização, a Inglaterra impunha mudanças jurídicas na relação entre o Estado e a Igreja. Era necessária, junto com a abertura dos portos, a liberdade religiosa dos trabalhadores ingleses no Brasil. Assim em 1810, D. Pedro assina o tratado de comércio entre Portugal e Inglaterra onde previa a “liberdade de culto para os estrangeiros residentes na colônia” (MARIANO, 2005, p. 9), iniciando, deste modo, a abertura ao culto não católico.

Neste momento, que se apresentou mais acolhedor aos imigrantes de outros credos, vieram os alemães. Dentre eles havia uma diversidade de crenças e entre estas destacar-se-á a dos luteranos. Apesar de haver na Carta Magna o dispositivo legal de uma religião oficial, já lhes era dada a possibilidade de reunirem-se para suas práticas religiosas, sem que isto fosse tratado como desrespeito à Constituição.

Esta liberdade constitucional de culto permitia apenas que os imigrantes tivessem seus ritos na língua estrangeira e em suas casas. Ribeiro (1973) lembra que os protestantes não podiam construir prédios para seus cultos com forma exterior de templo.

O constrangimento dos imigrantes ainda era agravado pelo fato de seus registros de nascimento, casamento e óbito terem reconhecimento controverso porque somente eram aceitos os emitidos pela Igreja Oficial. Apenas a Igreja Católica Apostólica Romana detinha o monopólio da oficialização de registros de nascimentos, casamentos e óbitos. “De modo que o registro civil era o batismo católico. O casamento legal era o oficiado pelos padres. E os mortos tradicionalmente enterrados nos templos católicos, nos quais se impedia o sepultamento de não católicos” (MARIANO, 2005, p. 10). Ao mesmo tempo, a cidadania dos imigrantes era dúbia, uma vez que havia restrições ao exercício do voto e ao acesso a cargos públicos, entre outras.

Estes entraves aumentavam o sentimento de grupo étnico que se criava entre os teuto-luteranos que procuravam fortalecer-se e demarcar suas fronteiras etno-religiosas cada vez mais. O que seria feito com o grifarem seus signos de pertença, como o credo, a língua e também com a educação dirigida aos seus “acarretando processos sociais de exclusão e de incorporação” (BARTH, 1997, p. 188) dos co-habitantes de seu grupo social. Incorporavam, deste modo, os seus e excluía, por meio de seus sinais diacríticos, aqueles que tinham um credo e/ou uma língua diferente.

O País, no entanto, precisava de mais mão-de-obra para substituir a escrava que não podia mais oficialmente ser trazida. As restrições religiosas se tornavam impedimentos para a vinda de novos imigrantes. Assim iniciam-se algumas alterações legais, com o Decreto n.º 1.144, de 11 de setembro de 1861, que permitia os casamentos mistos⁸, e o Decreto n.º 3.069, de 17 de abril de 1863⁹, que reconhece a legalidade civil do matrimônio protestante.

A despeito disto, os imigrantes luteranos (RADÜNZ, 2003, p. 71) mesmo contrariando as leis vigentes, já haviam construído seus cemitérios e se casavam em cerimônias celebradas por pastores ou leigos designados para este fim. Também

⁸ “Faz extensivo os efeitos civis dos casamentos, celebrados na fórmula das Leis do Império, aos das pessoas que professarem religião diferente da do Estado, e determina que sejam regulados o registro e provas destes casamentos e dos nascimentos e obitos das ditas pessoas, bem como as condições necessarias para que os Pastores de religiões toleradas possam praticar actos que produzão efeitos civis” (Ementa do Decreto N. 1.144 – de Setembro de 1861).

⁹ “Art. 1.º Os casamentos de nacionaes ou estrangeiros que professarem religião diferente da do Estado, celebrados fóra do Imperio (art. 1.º, §1.º da lei de 11 de Setembro de 1861) não dependem de registro algum do Império, para que lhes sejam extensivos os efeitos civis dos casamentos catholicos”

já tinham edificado “casas” que lembravam templos, sem torres ou campanários, mas que tinham a função precípua de reunir os fiéis em seus atos religiosos. Com a “oferta” destes encontros regulares, a Igreja, de fato, propiciava uma “intensa interação informal” (COHEN, 1978, p. 133) que servia de modeladora do pensamento e formadora do modo de ser e agir dos seus. O que não deixa de ser uma forma de a Igreja tornar-se basilar na constituição social de sua comunidade, uma vez que se apresenta como âncora para os momentos de fragilização de seus membros, bem como servia de referência aos moradores e de encontro social, especialmente para os pertencentes àquele credo religioso. Deste modo, a religião mobiliza suas “emoções [...] e sentimentos associados aos problemas básicos da existência humana, legitimando e estabilizando combinações políticas ao representá-las como parte natural do sistema do universo” (COHEN, 1978, p. 132). Torna-se, deste modo, um local onde, de forma especial para os pertencentes ao grupo etno-religioso, as pessoas podem buscar, conforto, diversão, integração social, amparo e apresenta-se como iniciadora das diversas fases que o ser humano passa em sua vida – nascimento, comunhão (início da puberdade), casamento (vida adulta) e morte.

Isto coloca sobre a igreja uma gama muito grande de expectativas e responsabilidades. Diante desta situação, e com a abertura governamental, vê-se que a igreja passa a assumir muitas funções estatais e sociais, começa a se modificar e a oferecer melhores oportunidades de satisfazer seus filiados no momento em que o Estado separa-se da Igreja. Surge o Estado Moderno, que é marcado pela secularização na política, o que implicava na separação entre Estado e Igreja. Esta separação traz aquilo que Burity (2001, p. 28) chama de “autonomia institucional como liberdade de consciência e culto, e independência das autoridades civis e políticas em relação à autoridade eclesiástica”. Com a desregulação estatal da religião ou a desvinculação religiosa (MARIANO, 2005) do aparato jurídico-político, o Estado passa a ter autonomia em relação ao grupo religioso ao qual se aliara, e assim “torna o Direito autônomo e supremo em relação às outras formas de ordens normativas, relegando-as ao segundo plano e mesmo as desqualificando” (GRUMAN, 2005, p. 99-100). E, deste modo, a Igreja também passa a ter maior autonomia para cumprir com suas funções precípua e ao mesmo tempo oferecer-se como “porão” identitário, especialmente para os diaspóricos, pois têm ali a

oportunidade de criar laços que os prendem ao passado, como um “cordão umbilical” (HALL, 2008) ligando-os à mãe Europa.

Agora, com o monopólio de legislar pertencendo ao Estado, este assegurava aos cidadãos a liberdade religiosa, o exercício dos cultos e a formação de grupos religiosos. Assim, “com sua secularização, o Estado passa a garantir legalmente livre exercício dos grupos religiosos, concedendo-lhes, pelo menos no plano jurídico, tratamento isonômico” (MARIANO, op. cit. p. 2) e apresenta-se, desta forma, a laicização oficial do Estado.

Entretanto, os recém chegados, não contavam nos seus quadros pessoas habilitadas legalmente para as práticas religiosas. Desta forma, investiam no ofício pastoral os mais aptos para o exercício, e a manutenção de suas comunidades, espalhando as “*Freie Gemeinden*” (Comunidades Livres), que tinham grande autonomia, sem uma estrutura fixa. Havia como unidade o uso do alemão e dos textos trazidos da Alemanha, lidos e interpretados pelos pseudo-pastores, pastores-coloniais ou pastores-livres¹⁰.

Estes pseudo-pastores (não tendo formação teológica, apenas sendo os mais aptos dentre os membros da comunidade) tinham a função de cura d'almas e também, em muitos casos, o de professores e “guias” para o ingresso nas diversas fases da vida social. Assim, estava posto, de certa forma, nas mãos deles o destino social e religioso de seus congregados.

Mesmo diante desta precariedade de formação, encontra-se aqui um dos sinais que acompanhará este grupo – o uso de uma língua comum. Esta servirá para mostrar o pertencimento e ao mesmo tempo limitar o ingresso a este grupo social e religioso. A despeito de haver, entre os usuários do alemão, outros credos, como o católico ou aqueles que se professam ateus, a língua torna-se um símbolo marcante, especialmente pelo fato de diferenciá-los dos “brasileiros”, como se estes fossem um grupo social inferior, ou menos qualificado.

Em razão disto, os imigrantes alemães protestantes se aproximaram procurando manter a sua religiosidade. E Weissheimer lembra que “em cada

¹⁰ Chamados de pseudo-pastores aqueles que mesmo sem chamado ou ordenação, sem preparação teológica e na maior parte dos casos, sem os conhecimentos e estudos necessários, exercem de forma sofrível, ou seja, sem qualquer impedimento o pastorado. (STYSINSKY apud TEICHMANN, 1996, p. 39).

localidade, vencendo todas as dificuldades e precariedades da época, com a iniciativa destes poucos pastores e dos próprios colonos, surgiram as primeiras escolas, as primeiras igrejas e com elas as primeiras comunidades” (WEISSHEIMER, op.cit., p. 4). Estas comunidades tinham o poder e o dever de aglutinar os imigrantes, mesmo assim, a despeito das diversidades dos imigrantes, havia pontos em comum: eram alemães e protestantes e/ou católicos que buscavam a sua independência. Como muito bem sintetizou Robert Avé-Lallemant:

Parece-me que os nossos bons compatriotas nesta natureza sul-americana livre, onde estão expostos a lutas peculiares contra obstáculos naturais, desenvolvem, ainda mais determinação em resolver e agir ... Por entre dificuldades começaram eles, mas conquistaram o solo e os que na Alemanha eram criados tornaram-se senhores pelo direito do trabalho. (AVÉ-LALLEMANT, apud SCHILLING, 2005, p.1).

Poder-se-ia dizer que é verdade que eles eram pobres, fugiram de um país que buscava sua identidade e afirmação política, de uma explosão demográfica, da crise econômica, da fome, da insegurança e da falta de perspectiva. Tem-se de concordar também que eles buscavam uma oportunidade de trabalho, onde poderiam aproveitar sua arte, suas tradições, folclore, costumes, língua e culinárias, que souberam preservar até os dias de hoje. O que, de certa forma, ainda é o sustentáculo das escolas luteranas que se mantêm vivas. Parece, deste modo, que a ênfase nestas não está posta no fator religioso, mas etnocêntrico. Ou, fazendo um paralelo com os negros que retornam para Lagos, segundo Manuela Carneiro da Cunha (1987, p. 87), a identidade alemã se manteve por meio de vários sinais diacríticos, entre os quais o uso da língua, tipo de construção, festas típicas, cozinha típica, enfim, a fidelidade ao *ethos* e/ou a cultura.

O *ethos* dos imigrantes luteranos alemães pode ser percebido já na sua chegada. Trouxeram uma nova forma de encarar o trabalho e os novos ofícios. Empreendeu-se novos métodos de trabalho e de trabalhar a terra, trouxeram novos ofícios, modificaram a paisagem, apresentaram nova arquitetura, só para citar algumas influências. Tanto isso é verdade que vemos a diversificação e o crescimento de muitas regiões onde os teutos fixaram raízes, se cumprindo, assim, o desejo imperial de garantir a posse do território e ao mesmo tempo a expansão econômica destas terras.

Colocam-se, muitas vezes, as peculiaridades mais comumente relacionadas a características étnicas, como idioma, práticas culturais e fenotípico, sendo os

mantenedores do *ethos* destas colônias. Claro que estes elementos foram importantes, tanto isso é verdade que mantiveram por gerações os dialetos de origem. Fato que também tinha como valor a preservação identitária. Ao mesmo tempo as igrejas tornam-se criadoras e implementadoras de escolas paroquiais, até porque este era um traço identitário: a ênfase no ensino, no aprender a ler, escrever e os cálculos.

Cabe também lembrar que estas escolas tinham a função de manterem viva a língua materna, uma vez que as aulas eram dadas em alemão e em muitos casos, quase na sua totalidade, o pastor e o professor eram a mesma pessoa, o que implicava em ressaltar a confessionalidade luterana nestes alunos. O professores usavam, via de regra, o Catecismo Menor como manual de ensino religioso e também como paradigma para ensino das demais matérias, ao empregarem o sistema de perguntas e respostas e a memorização. Desta forma, o sistema de ensino fundamental era um elemento definidor da etnicidade e um instrumento transmissor e cominador “das características consideradas distintivas do grupo (...) (língua, religiosidade, ética do trabalho)” (SEIDL, 2003, p. 96), empregado como forma de criar e manter os vínculos identitários. Assim sendo, apresentando:

um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em forma simbólica por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvam seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989, 103).

Os teuto-luteranos tornam esta cultura como que uma liturgia que impregnaria e chancelaria o ideário etno-religioso deste grupo étnico, criando uma espécie de homogeneidade pelo aplanar das diferenças que possuíam em solo europeu.

Há que se considerar que esta homogeneidade étnica nas colônias, se deveu, em grande parte ao predomínio do idioma materno na zona rural, que permaneceu de uso corrente até sua proibição na década de 1940, quando então foi vetado falar alemão em público e exigido que o ensino nas escolas fosse todo ministrado em português. Mesmo assim, no âmbito doméstico, manteve-se a língua alemã, e ainda hoje ocorre em muitas dessas localidades, o uso desse idioma como forma de comunicação mais comum, o que não deixa de ser uma maneira de grifar a cultura e a etnicidade alemã em contraste com a “brasileira”. Sem esquecer que

como já reportado anteriormente, a linguagem cria um sistema de raciocínio e consciência (HALL, 2008, p. 268) que caracteriza seus usuários.

Isto parece ser assim, tanto que esta cultura à etnicidade representa estar sendo sentida ainda hoje no âmbito das escolas luteranas pesquisadas. O professor Edgar Wilde, ao se reportar sobre a Escola Luterana Redentor de Igrejinha, deixa transparecer que ela procura manter o caráter de ser um núcleo de alemães, pois, em geral, são os teutônicos que procuram a Escola por verem nela um reduto da tradição que lhes é cara. Mesmo que não se fale mais a língua “materna” e nem ocorram aulas neste idioma, muito menos seja explicitada esta escolha, ainda assim é vista pela comunidade em geral como a escola dos filhos dos alemães. Uma mãe de aluno, neste sentido, disse, “aqui (se reportando a Escola Redentor) nossos filhos estão mais junto com a nossa gente”. Corroborando com isto, pode-se olhar o número de alunos com sobrenomes alemães matriculados na Escola, tem-se a impressão de haver uma escolha, mesmo que talvez não deliberada, pela etnicidade. Tanto que, fazendo um comparativo com a cidade, nesta há aproximadamente trinta por cento de descendentes de alemães, segundo os dados disponíveis na Prefeitura Municipal, ao passo que na Escola Redentor mais de noventa por cento dos alunos carregam sobrenomes teutos¹¹ (ver anexo 8 – relação dos alunos matriculados na 6ª. Série do ensino fundamental no ano de 2009, conforme relação fornecida pela diretora por correspondência eletrônica).

Ao lado deste fato, é mister fazer referência a outro elemento fundamental ligado ao processo de construção identitária dos imigrantes e descendentes: a relação estabelecida entre etnia e a maneira de encarar o trabalho, os estudos, e a busca da manutenção da etnicidade. Como lembra Cunha (1987, p. 92, 93):

Ser membro de um grupo étnico na diáspora implica exibir permanentemente sinais diacríticos que atestem que se pertence ao grupo e se seguem suas regras, e portanto que se pode ser um depositário fiel. A etnicidade seria então um modo de o grupo se apropriar de um nicho econômico.

O que pode ser constatado no caso da Escola Redentor, ao ver o engajamento dos pais nas atividades da mesma, como no desfile da festa típica de Igrejinha – a Oktoberfest, quando eles auxiliam no preparo dos carros alegóricos, na hora do desfile de rua e também no estande da Escola, dentro do Parque de

¹¹ Estudam na escola alunos com sobrenomes como: Brusius, Roth, Matzenbacher, Müller, Borninger, Schmidt, Petry, Schüler, Janhel, Altenhoffen, só para citar alguns.

Eventos onde ocorre a festa. Neste local eles se revezam para angariar fundos à Escola com a venda de churrasquinho. Deste modo, constata-se que há um grande envolvimento dos pais no trabalho voluntário em prol da escola de seus filhos. Eles trabalham quase vinte horas em cada um dos dez dias que dura a festa, podendo-se ressaltar ainda o fato de a língua alemã ser a mais usada pelos pais neste local de trabalho.

Ainda, pode-se levar em consideração, diferentemente das outras escolas do município, o fato de os próprios pais prepararem tudo – das roupas aos carros alegóricos; do fazerem os espetinhos ao assar; do cuidado com o local de trabalho na festa à venda; do montar ao desmontar tudo o que for necessário para a boa apresentação da Escola.

Do mesmo modo, quando havia desfiles cívicos na semana da Pátria (hoje a Secretaria de Educação do Município não investe mais nesta forma de homenagem à Pátria) e havia premiação para as melhores escolas, via de regra a Redentor arrecadava os troféus.

Diante disto, junto com a forte devoção religiosa existente entre os imigrantes alemães, tanto católicos como luteranos, que se apresenta como identidade do pertencimento étnico, há a valorização do trabalho e da língua, o que surge com muito vigor na composição da ideologia neste contexto. Encontramos entre os imigrantes luteranos alemães o *ethos protestante*, onde o aproveitamento dos dons, capacidades e tempo, faz parte do culto a Deus, porque “se está fazendo”, segundo eles, “bom uso daquilo que o Senhor lhes dá: a vida e tudo o mais”, como preconizava Lutero.

Ao mesmo tempo que procuram, como grupo, se servir “de um arsenal cultural onde seleciona sinais diacríticos para exhibir a afiliação a um grupo étnico” (CUNHA, 1987, p. 97) – “somos alemães”, e por demonstrarem a valorização dos signos de pertença ao grupo. Entre estes traços pode-se destacar: trabalho, casa, jardim, horta, como é típico da zona rural alemã. Mesmo que hoje o fator religioso não seja o mais importante, alguns signos cunhados no século XVI, como a língua, a forma de encarar o ensino, o trabalho em geral e até mesmo o imbricamento da escola com a igreja e a sociedade, entre outros, permaneceu presente entre eles.

Retornando ao contexto histórico dos primórdios da imigração, verifica-se que esta situação não deixou de causar problemas. O meio social em que os imigrantes luteranos alemães estavam inseridos, apresentava a dificuldade de uma integração das culturas (lusa e teuto), o que tornava a igreja o centro de socialização dos imigrantes. Parafraseando Casagrande (2006, p. 43), poder-se-ia dizer que os relacionamentos que aconteciam no entorno do religioso intensificavam e até aprimoravam as experiências de vida, ali criavam um reduto étnico com “suas coisas” como comércio, lazer, educação, informações, religiosidade.

O contexto social, ou o grupo etno-religioso circunscrito pelo raio de abrangência da Igreja e salão paroquial ao redor do que se instalavam as famílias, foi fundamental na preservação ou não de usos, costumes e valores. Esta situação só foi arrefecendo com o passar dos anos, quando começou a haver um “abrasileiramento” destas colônias e perdeu-se parte deste isolamento étnico, com a vinda de novos moradores e a necessidade de um contato maior com os novos grupos de pessoas que vinham para estes locais. Diante disto, ao procurar compreender que “as características que são levadas em consideração [neste caso das colônias teuto-luteranas, sua língua, seus costumes, sua confessionalidade] não são a soma das diferenças ‘objetivas’, mas somente aquelas que os atores consideram como significante” (BARTH, 1997, p. 197), tem-se que considerar, neste caso, os elementos selecionados pelo grupo teuto-luterano como signos de pertencimento. Aqui encontramos elementos como língua, escola, festas típicas, o valor à eticidade e ao decoro, que têm valor especial na colônia onde estavam inseridos. Desta forma, uma das maneiras de se considerar etnicamente incluído, parece ser o pertencimento ao núcleo identitário do nicho geográfico, e tudo o que isto implicava na época, e o que a Igreja ensinava, numa perspectiva de um “exclusivismo moral” que era “frequentemente associado à adoção de um estilo de vida” (COHEN, 1978, p. 97) próprio.

Isto pode ser percebido, de certa forma, quando vê-se que a religião também serviria para modelar a vida e o comportamento dos indivíduos, o que é corroborado pelo Estatuto da Comunidade de Picada Ferra, onde no seu artigo 4.º diz:

Quando um membro vender ou quiser vender sua colônia, e se estiver devendo para a comunidade – o dinheiro da jóia, ou o pagamento do pastor, ou outras despesas – **“estará obrigado a pagar esta dívida”**; se o

comprador quitar esta dívida poderá se fazer membro (grifo nosso) (RADÚNZ, 2003, p.73).

Neste artigo vê-se que há um comprometimento do membro com as comunidades religiosa e civil. Existe um imbricamento entre elas. Vendo-se aqui que a importância da religião está na capacidade de servir o indivíduo e o grupo, por um lado “como fonte de concepções gerais”, regras de convivência – “seu modelo *da* eticidade – e de outro, das disposições mentais enraizados, mas nem por isso menos distintos – [apresentando, deste modo] seu modelo *para* atitude” (GEERTZ, 1989, p. 140).

Perspectiva essa que desde os tempos de Lutero, mesmo com a pregação firme da separação dos dois reinos – Igreja x Estado –, isto, aparentemente, nem sempre foi tão claramente vivenciado. Onde o modelo *da* atitude abrangia suas concepções inculcadas pela forma de apreenderem os ensinamentos recebidos nos encontros sistemáticos de doutrinação – na escola, na catequese, na visita do pastor e nos cultos. Sendo estes ensinamentos postos *para* o serviço da “demarcação” e “manutenção” das fronteiras étnicas e éticas que caracterizariam sua pertença.

Muitas vezes deixava de ser visível a dicotomia entre o modelo *de* e *para* o serviço da escola na sociedade. Antes, era um grupo que se organizava e tinha orientação, quase de autodidaxia, o que tornava o encontro religioso em um momento de socialização e doutrinação desta dualidade. Isto é corroborado, como se pode ver, na criação dos salões junto às igrejas, onde ocorriam as quermesses, os jogos, as festas familiares, entre outras atividades sociais, que sendo olhado mais detidamente, também poderia ser visto como uma forma de exclusão de uns e a incorporação de outros. Aqueles, os não pertencentes ao seu grupo etno-religioso, estes os teuto-luteranos.

Ante esses fatos, Arnaldo Érico Huff Júnior (2005, p. 44), afirma que “falar de religião é falar de sociedades, de culturas, de histórias, de processos simbólicos, políticos, econômicos, etc”. Assim constata-se que a religião modela o ritmo de vida e a forma de convivência. Como diz Seidl (2003, p. 103, 104) “a religião estruturava a ‘vida familiar’ e ‘comunitária nas colônias’, funcionando como fator decisivo de identidade cultural”. E Gertz vai mais longe. Ele, baseado em Hunsche, diz que “a comunidade tinha uma função, sobretudo, recreativa” (GERTZ, 2001, p.18).

Além desta finalidade, merece um destaque especial o fato das comunidades darem ênfase à alfabetização, procurando ter sempre ao lado da igreja e do salão paroquial uma escola, onde as crianças eram conduzidas para o mundo letrado e o estudo da Bíblia. Com esta ênfase no estudo e na leitura, pode-se chamar atenção, como lembra Seidl (2003, p. 89) que “encontravam-se entre a população imigrante taxas mais elevadas de alfabetização, o hábito de leitura de textos, jornais e livros”, e muitas destas em língua alemã. Como constatar-se-ia, havia a busca do crescimento cultural e educacional, até porque concordavam com o ideário do luteranismo que esses fatores cooperavam para o crescimento, no todo, de sua nação.

O destaque deste aspecto de manterem o *ethos* das comunidades teuto-luteranas é considerado importante para compreender-se o desenvolvimento cultural e o entrelaçamento no contexto social de seus membros, bem como foi sendo construído o referencial étnico que vem marcando as escolas luteranas.

A partir deste referencial, pode-se olhar as escolas, muitas vezes bastante precárias, desenvolvendo um sistema escolar que foi se aperfeiçoando, dando origem a uma cultura escolar, cujos efeitos são sentidos ainda hoje¹². Muitas destas

¹² A ULBRA – Universidade Luterana do Brasil, que tem como mantenedora a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), segundo a Folha de São Paulo, é a quarta universidade brasileira em número de alunos. Sendo a maior universidade luterana do mundo com um total de cento e quarenta mil alunos, quatorze campi espalhados no país. Ao mesmo tempo é a mais jovem universidade luterana no mundo, que teve seu início como Faculdades Canoenses, em 1979 (MAIER, 2009, p. 1). O primeiro curso de teologia reconhecido pelo MEC é ministrado pela ULBRA. Apesar destes números e dados, a Universidade Luterana não pode ser vista como um exemplo da preservação identitária da luteranidade, nos moldes do reformador. Haja visto a série de problemas que envolveram a instituição e foram veiculados pelos meios de comunicação no final do ano de 2008. Há, segundo estas notícias, uma falta de diálogo no trato, desta instituição, com professores, alunos, funcionários e clientes em geral. Tornando-se a situação insustentável que ocasionou a troca do reitor e de seus assessores diretos. Por outro lado, o ideal luterano de primar pela educação é notório nesta instituição que tem *campi* espalhados em diversos estados do Brasil, assim como abarca uma rede educacional com escolas de todos os níveis. Entretanto, sendo uma instituição privada, tornou-se um nicho para uma clientela com um poder aquisitivo mais privilegiado, o que destoava do princípio democrático da educação defendido por Martinho Lutero. Mesmo assim, os números de escolas e alunos podem comprovar a importância que a Igreja dá à educação, entretanto, parece que se perdeu o foco, ou seja: haveria uma busca dos números pelos números. Apareceria descuido no ser modelo de um ensinar e viver seu regimento e filosofia, posto que, em aferições nacionais promovidas pelo Ministério da Educação em alguns cursos, tem se notabilizado de modo negativo. Entretanto esta preocupação com a criação e manutenção das escolas pode ser vista como um sinal identitário do luteranismo do século XVI. Tanto isto é assim que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), se notabiliza com o cuidado no ensino também. Posto que o primeiro curso de pós-graduação em Teologia reconhecido pela CAPES foi o da Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Por outro lado, as escolas filiadas a esta confederação de comunidades têm se destacado nas avaliações nacionais de desempenho. Ainda, para constar, em 1998, em um levantamento, verificou-se que um oitavo de todos os secretários de educação dos municípios do Rio Grande do Sul, eram ex-alunos de uma única escola de formação de professores

localidades, mesmo em cidades bastante retiradas, permanecem os baixos índices de analfabetismo ¹³.

A ideia propagada pela Reforma de que ao lado de cada igreja deveria haver uma escola (o que efetivamente ocorreu nas colônias alemãs), difundiu e consolidou a noção da valorização do estudo pelos luteranos – mesmo que rudimentar, porque as aulas eram, muitas vezes, dadas por um professor leigo. Esta importância dada ao envio dos filhos às escolas permanece também como elemento distintivo da cultura luterana alemã e frequentemente legitimado por posições sociais ocupadas com base em recursos escolares e culturais, que os egressos destas escolas obtiveram.

Mesmo que as escolas paroquiais, segundo Teichmann (1996, p. 106), distinguiam-se pela função religiosa que incorporavam, elas também ocupavam um lugar central no esquema de moralização por meio de um sistema educacional formal. Sendo as aulas dadas pelo pastor, em muitos casos, estavam protegidas da moral laica dominante nas escolas públicas que, por vezes, era antagônica ao que a Igreja acreditava ser mais correta. Nas escolas comunitárias, a ênfase era dada no aspecto moralizante que a religião trazia em seu bojo. Como Radünz (2003, p. 98) enfatiza:

Valores como religiosidade, respeito, trabalho, vocação, honestidade, poupança, foram recriados sob a tutela de uma tradição luterana. A escola, além de preservar e transmitir elementos culturais como a religião, a língua, valores e tradição, ensinou aos colonos aquilo que lhes era necessário para a vida. É essa realidade histórica que identificou os diferentes grupos teutos espalhados pelo sul do país.

Há, neste sentido, uma posição claramente sócio-política, na sua religiosidade, uma vez que a mesma está posta sobre elementos etno-culturais. Deste modo ficam explícitos os sinais diacríticos do grupo etno-religioso, numa urdidura sócio-política-cultural-religiosa.

da IECLB, em Ivoti, RS (GERTZ, 2001, p.10,11). Bem como ainda é significativo o número de escolas luteranas, dos dois sínodos tradicionais, que se mantêm até os dias de hoje (Ver anexo 1, 3 e 7).

¹³ Morro Reuter, RS, cidade de colonização alemã, cotada hoje como a segunda cidade brasileira em alfabetização, perdendo apenas para São João do Oeste (BARROS, 2005, p.1), também cidade com raízes germânicas muito fortes. As tradições são mantidas através de grupos folclóricos, de patinação e de corais. As festas típicas resgatam os costumes e a gastronomia dos imigrantes, numa terra em que o alemão é o segundo idioma (Portal Turismo do município).

Diante disto, Eliseu Teichmann (1996, p. 107) em sua dissertação diz que o papel desempenhado pelo professor paroquial ia muito além das tarefas pedagógicas escolares. Havia uma série de funções que lhe eram atribuídas. Entre essas se pode citar a de substituir o pastor, nos impedimentos desse, zelar pelos bens da comunidade, representá-la junto às instâncias políticas, atuar como árbitro em litígios e muitas outras. Deste modo, a Igreja estava no centro da atuação dos pertencentes na sua sociedade, havendo um claro imbricamento entre o social e o religioso (imane e transcendente).

Esta realidade é confirmada por Houtart que a corrobora ao afirmar que a “religião situa-se no universo das representações e intervém ao mesmo tempo na definição do sentido e na orientação das práticas (...) se necessário ela pode fornecer a explicação e a justificativa das relações sociais” (HOUTART, apud SILVA, 2005, p. 1). O que não deixa de ser um sinal diacrítico de pertencimento a este grupo, posto que a Igreja servia de parâmetro para a vida social.

Nestas localidades a religião passou a ter uma função teleológica maior que apenas apontar para uma bem-aventurança pós-morte. Ela dá sentido aquilo que é mais epitelial dos congregados, ou seja, uma base de facticidade, ao ser um centro de lazer, cultura, fé e eticidade.

Para que esta fé e cultura fossem alimentadas, havia o anseio por ter um guia. Este tinha um caráter mais social e educacional que o religioso, propriamente dito. Ele era encarregado da educação e de officiar os ritos de passagem de seus congregados (batismo, confirmação, casamento e sepultamento). Ritos estes que também têm uma conotação sociológica. Eles servem para apresentar a criança à comunidade, liberá-la para a vida social, introduzir em uma nova família e desta forma iniciar um novo ciclo que se completa de fato com a despedida desta terra, na esperança de uma outra vida, respectivamente.

De outro lado, a própria estruturação física das colônias foi preponderante no tipo de rede de organizações socioculturais e religiosas que caracterizavam a vida dos imigrantes. Praticamente não havia a marginalização de ninguém, até por considerar-se a alta homogeneidade étnica, linguística e confessional, mantendo aquilo que Bourdieu chama de *habitus*, ou o todo social que “não se opõe ao indivíduo”, que está vinculado ao *habitus*, “que se implanta e se impõe a cada um

(...) através da educação, da linguagem” (BOURDIEU, 1987, p. 33). Verdade que era vinculada nos pertencentes pela educação que a igreja oferecia.

Entretanto, nos primórdios da imigração surgiram as dificuldades já aludidas anteriormente neste capítulo. Mesmo assim, diante das mesmas, enfrentadas pelos luteranos, surge a necessidade de se unirem. Isto ocorre com a formação dos Sínodos. O primeiro foi o conhecido como Sínodo Rio-Grandense, hoje Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que procurava congregar todos os imigrantes alemães e seus descendentes que professavam a fé luterana, especialmente nas regiões do Vale do Rio do Sinos. Também incentivava uma prática cültica comum – mesmos hinário, credo, confissões. Havendo, deste modo, a luta pela manutenção de uma linguagem comum. Mesmo não tendo explicitado este desejo, a procura pela unificação da literatura de uso na Igreja não deixa de ser, como lembra Cunha (1987) uma forma de manter a unidade linguística e com ela, a forma de pensar destes imigrantes e seus descendentes.

Com esta integração, na ótica diaspórica, onde os colonizadores que se sentem estrangeiros e estranhos, procuram adaptar-se e unirem-se na busca de símbolos e processos mentais necessários para manterem vivos as lembranças e sinais diacríticos da terra natal, o que os torna um grupo étnico. Por meio desta univocidade, querem manter estes traços identitários de um grupo social *per si*. Mesmo não havendo a repetição da cultura de sua origem, há uma adaptação com a apropriação e utilização daquilo que está posto pela sociedade local para criar os seus próprios vínculos afetivos (HALL, 2008, p. 52). Esta perspectiva implica em considerar que as relações, as práticas, os costumes criados na busca de uma unidade na diáspora, podem ser vistos como resultado de referências culturais diacríticas que se modificam e adaptam a todo o momento.

Desta forma, a busca por uma unidade de confessionalidade não pode ser visto como uma importação pura e simples do ideário luterano europeu, assim como não pode ser entendida como resultado de uma assimilação completa. Ela torna-se uma configuração marcada pelo processo de transculturação. Isto é a construção ou reinvenção de identidades, posta muitas vezes na relação de poderes, dependência e subordinação que caracterizam o colonialismo (HALL, 2008, p. 67).

Assim viu-se o “cadinho identitário” (CUNHA, 1987) dos luteranos, mas é preciso entendê-lo, na diáspora, como uma produção e circulação, transnacional (BONNICI, 2009, p. 132) de ideias, ao mesmo tempo na dinâmica da leitura e tradução por meio das quais as ideologias são incorporadas e ressignificadas a partir de especificidades históricas e culturais de cada sociedade (HANNEZ, 1997, p. 121, 122). Mesmo, com este modo de procurar enxergar as escolas luteranas estudadas, parece que foram esquecidos os elementos, que se acredita que deveriam estar presentes nas mesmas. Havendo, que se pôde depreender do estudo, que a unidade confessional – terem os mesmos instrumentos litúrgicos, em nome de uma união – parece ter sido abandonada paulatinamente. Começaram a surgir cismas dentre os “luteranos” alemães, ao ponto de tornar-se um grupo bipartite e, deste modo, hoje, poder-se questionar que sinais identitários do século XVI ainda permanecem na vivência luterana do século XXI.

Aparentemente, alguns daqueles sinais que pareciam caros aos primeiros luteranos que aportaram em solo brasileiro, foram sendo trocados. Percebe-se, neste caso, claramente que os traços culturais e as características culturais de seus membros se transformaram, mesmo assim, a dicotomização entre membros e não membros deixa-nos investigar a natureza da continuidade desta transformação (BARTH, 1997, p. 105) que se deu nestas escolas. Mesmo assim, ainda encontram-se sinais que apresentam ou podem apresentar os signos retirados do porão identitário de pertencimento ao grupo etno-religioso. Entre estes encontram-se a importância dada à educação; o caráter étnico que aparentemente une os membros destas comunidades religiosas e alimenta as matrículas das escolas; o enaltecimento do trabalho; o imbricamento do imanente com o transcendente; a visão holística que a educação deveria oferecer, para citar alguns.

Tendo em vista este contexto, da caminhada dos teuto-luteranos no solo brasileiro, pôde-se verificar a construção de uma identidade. Agora, passa-se a ver a divisão ocorrida em seu meio, em termos religiosos, que também é percebida nos seu *modus vivendi*. Esta ruptura deve-se, em grande parte, pela chegada de um novo grupo que, a despeito de também ser originário do solo europeu, teve sua passagem marcada pela vivência na América do Norte e impregnam-se do modo de pensar e agir daquele país. Com esta marca de confessionalidade característica daquele grupo religioso, os primeiros missionários luteranos norte-americanos

trouxeram sua experiência de um primeiro desenraizamento, que ocorrera na passagem pelos Estados Unidos, para o deslocamento aos teuto-luteranos que habitam o sul do Brasil.

2.2 OS PRIMÓRDIOS

Os primeiros imigrantes alemães trazem consigo sua religiosidade, como católicos ou protestantes, impregnado do ideário europeu numa igreja livre onde tinham a liberdade de expressar sua identidade religiosa. Possuíam ao mesmo tempo o desejo de buscar a união dos recém chegados. Com este propósito, os protestantes criaram aqui as igrejas livres (*freie Gemeinden*). Esta era uma religiosidade mais desvinculada de uma organização central, onde o próprio nome diz. Havia um afastamento, ou falta de unidade, entre os diferentes núcleos que se formavam. Neste contexto, em muitos casos, o líder religioso – Pfarrer¹⁴ – não tinha a formação teológica de uma igreja formal. “Porque as próprias comunidades procuravam solucionar seu problema escolhendo alguém, de entre os seus, que assumia a função de “Pfarrer”. Desta forma é que se estabeleceram as ‘*freie Gemeinden*’” (RADÜNZ, 1996, p. 29). Lembra, ainda, Airton Luiz Jungblut (1994, p. 141), que “desprovidos, inicialmente, de apoio eclesiástico, eles foram obrigados a entregar a manutenção de sua religiosidade a leigos, que faziam o possível para mantê-la, sempre de maneira satisfatória”.

Com esta perspectiva, os mais letrados assumiam o ofício religioso nas comunidades que se formavam, constituindo o que se convencionou chamar de pastores-colonos, pastores-livres ou pseudo-pastores¹⁵ (TEICHMANN, 1996, p. 39). As comunidades tinham uma estrutura própria, como forma de tentar solucionar um problema sócio-espiritual. Possuíam “o desejo e a vontade desde o início: nós precisamos de um pastor, ou pelo menos um homem que reze o culto cristão” (LOEFFLAD apud RADÜNZ, 2003, p. 121), o que implicava na escolha ou eleição de

¹⁴ O termo “*Pfarrer*” usado em alemão designava o sacerdote ou pastor.

¹⁵ Ver nota 10.

alguém para assumir esta função dentro da comunidade local. Para se referendar a escolha do “*Pfarrer*” esta deveria ser homologada por todos os membros e assim, segundo a doutrina luterana¹⁶, se revestia de caráter oficial, com o reconhecimento dos habitantes do local, uma vez que a comunidade os “instalava”¹⁷ neste ofício.

Estas comunidades locais eram independentes, mas mantinham uma lógica. Os colonos estruturavam o grupo religioso constituindo uma diretoria e construindo uma igreja. Depois vinha a preocupação com as questões espirituais, como as atividades cúlticas, numa visão maior. Estas atividades tinham no encontro dominical o seu ponto culminante, da relação homem/comunidade. Nestes encontros ocorria a transmissão de uma série de preceitos que deveriam nortear a vida dos seguidores no seu dia a dia. O culto servia para reforçar o caráter estrutural da sociedade: cada um fazendo a sua parte na comunidade, na sociedade e em casa (RADÜNZ, 2003, p. 72).

Assim concretizavam o fato de que “a religião proporciona um ‘esquema’ ideal para a articulação da organização informal dos grupos de interesse” (COHEN, 1978, p. 132), onde “informalmente”, por meio de sua postura, procuravam demonstrar no dia a dia o pertencimento ao grupo etno-religioso. Com os encontros regulares, criam um ambiente onde fomentam os símbolos que procuram mobilizar seus seguidores às trocas que estabilizam seu grupo. Deste modo, a religião passava a fornecer os elementos para interpretar e reinterpretar o seu *locus vivendi*. Com esta ótica, neste ambiente diaspórico, procuram adaptar-se e tornar os elementos escolhidos no “porão”, como seus símbolos com os quais demonstrariam a pertença e reforçariam o seu modo de se postarem com grupo social. Para tanto, ocorriam acomodações às circunstâncias políticas, econômicas e sociais a fim de

¹⁶ Segundo a teologia luterana, a comunidade local tem o que ela chama de o “Ofício das Chaves”, ou seja o poder das chaves que “atribuem [...] a todos os verdadeiros crentes visto que aos mesmos confiou Cristo o ofício das chaves” (MULLER, 1960, vol. 2, p. 250), ou seja de abrir e fechar a entrada dos céus pelo perdoar ou não os pecados, pregar a palavra de Deus, administrar o batismo, a Santa Ceia, realizar casamentos, sepultamentos, em outras palavras: toda a atividade concernente ao vínculo da igreja.

¹⁷ A Igreja Evangélica Luterana do Brasil crê e ensina que o ministro pastoral é um ofício ordenado por Deus para administrar publicamente a palavra de Deus e os sacramentos. Os ministros não constituem uma classe especial de pessoas, como os sacerdotes do Antigo Testamento. Sendo todos os cristãos sacerdotes reais, ninguém tem o direito de sobrepor-se aos outros. Por isso, só o chamado de uma comunidade torna alguém um ministro. O ministro exerce publicamente as funções que todos os cristãos exercem em particular. Isto ocorre publicamente após a instalação do pastor à Comunidade em culto público com a presença do Presidente da Igreja ou um representante indicado por ele, quem referenda, e com o aval dos pastores que trabalham próximo a esta Comunidade.

que, na “co-presença espacial e temporal [com os não pertencentes ao seu grupo social] (...) cujas trajetórias agora se cruzam” (HALL, 2008, p. 31), fossem mantidas as fronteiras étnicas e culturais que são reforçadas pelo caráter religioso.

Para que este caráter fosse mais bem estruturado, após o ordenamento deste arcabouço interno, era necessária a criação de um estatuto que avalizasse a certeza de continuidade e da organização interna. Os estatutos colocavam os parâmetros de funcionamento das comunidades. Como elas eram independentes, havia uma diversidade muito grande entre os estatutos das mesmas. Roche (1969, p. 678) lembra que:

A relativa independência das comunidades evangélicas e a diversidade de seus estatutos foram a expressão da espontaneidade de sua constituição, assim como a aspereza de suas desavenças traduzia a importância que os colonos davam às questões religiosas.

Mesmo assim, é possível se observar que houve um crescimento e uma modificação do foco das comunidades. Com o passar dos anos, como pôde-se verificar, houve uma evolução no modo das comunidades luteranas tratarem da questão religiosa/social, nos seus estatutos. Observado o estatuto elaborado em 1874, logo após a constituição da Comunidade de Picada Ferraz, encontram-se apenas preocupações materiais. Sendo composto de dez artigos somente, todos eles tratavam da questão financeira. Este estatuto estabelecia que os homens (sexo masculino de maior) deveriam pagar para serem membros, os filhos e as mulheres eram isentos. As transações de terra estavam ligadas às questões financeiras junto à comunidade, assim só podendo vender sua propriedade e mudar-se se tivessem em dia com a Igreja, entre outros preceitos financeiros (Arquivos da Comunidade Evangélica de Ferraz: *Protokoll der Jahresversammlung von 19/02/1874*)¹⁸. Este estatuto denota a eticidade que fundamenta o ideário reformista que os imigrantes trouxeram consigo. Havia uma preocupação maior no que se referia ao imanente, à respeitabilidade e a manutenção do “bom nome” dos membros, e por extensão, da comunidade luterana, com uma aparente desvinculação do caráter religioso. Demonstrem, deste modo, a escolha de um traço identitário que fora claro ao

¹⁸ “...von 32\$000 Milreis Eintrittsgeld bezahlen muss [...] Kinder der Mitglieder haben nichts zu bezahlen [...] ihr Recht auf Mitgliedschaft wenn die betreffenden Gemeinde Ausgaben [...] so ist er verpflichtet die Schuld noch vorher zu entrichten [...] zurück zu verlangen wenn sie aus der Gemeinde austreten wollen [...] und will dem Käufer sein Gemeinderecht nicht mit verkaufen, so kann er es auch keine Anderen verkaufen, oder schenken [...] an Reparaturen, Neubauten oder Pfarbesoldung [...] der Gemeinde ihren Vorteil anzuwenden [...] ohne die Gemeinde zu fragen [...] Mitglieder der Gemeinde Ferraz unterschreiben...”.

luteranismo, a eticidade, e com o qual se julgavam e eram julgados dentro de seu grupo social.

O posicionamento das comunidades luteranas, ao menos de acordo com este estatuto, denota uma preocupação com as questões que teriam um reflexo imediato no seio da sociedade. Havia o cuidado para evitar o hiato entre o religioso e a eticidade – a vida do aqui e agora. Sendo esta uma das formas pelas quais procuravam demonstrar sua ligação com a chamada tradição e, por meio desta, que procurava apresentar “sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua ‘autenticidade’” (HALL, 2008, p. 29) com traços diacríticos tidos como caros.

Já o próximo estatuto, redigido em 1875, um ano depois, contou com a orientação de um pastor. Este continha referências à comunidade em si, aos membros, aos bens da comunidade, contribuições, emolumentos¹⁹, assembleias, diretoria²⁰ e sobre o pastor (Arquivos da Comunidade Evangélica de Ferraz: *Gemeinde Ordnung der Deutsch-evangelische Gemeinde Ferraz von 01/04/1875*).

Neste estatuto verifica-se que a preocupação com questões espirituais surge ao lado do amadurecimento das comunidades e percebe-se a interferência da presença de pastores, porque demonstra maior esclarecimento e/ou formação e sua vinculação com as questões sócio-econômicas-políticas e também com as religiosas.

O estatuto da Comunidade Evangélica de Santa Cruz, elaborado em 1886, já se reportava ao sentido de comunidade, na unidade dos cristãos evangélicos, o sentido religioso de difundir os bons costumes e a moral. Encontra-se, deste modo, uma preocupação com os membros no seu caráter social e no transcendente (Arquivo da Comunidade Evangélica de Santa Cruz: *Statuten der Deutsche Evangelischen Kirchengemeinde zu Santa Cruz, 1886, Cap. I/1*).

¹⁹ Os emolumentos era o nome dado aos direitos cúlticos prestados pelo pastor os quais estabeleciam valores pagos pelos serviços prestados pelo mesmo, como batizados, confirmações, casamentos e sepultamentos, valores estes cobrados em dobro, quando o pastor atendia os membros em casa, havendo ainda acréscimos quando o atendimento se destinava aos não “sócios” (RADÜNZ, 2003, p. 78).

²⁰ Ser membro da diretoria era um cargo honorífico. Só podiam ser eleitos para estes cargos pessoas que se destacavam por sua vivência. “Ser membro da diretoria era aval de boa conduta e, evidentemente, de reconhecimento social” (RADÜNZ, 2003, p. 79).

Sendo este documento redigido em alemão, percebe-se, deste modo, novamente o traço da etnicidade, uma vez que vivendo num país que adotaram e que tem uma língua própria, optaram por sua linguagem de origem. A escolha do alemão, deste modo, pode demonstrar o imbricar da preocupação étnica com o caráter religioso. Ao mesmo tempo em que se encontra o signo da eticidade, que vem dar o caráter de grupo social, há o cuidado com a religiosidade, o que apresentaria o cunho societário etno-religioso entre os membros. Do mesmo modo, a preocupação com a eticidade era ainda um traço muito forte entre os teuto-luteranos. Este fato pode ser percebido quando se verifica o modo como eram escolhidos os membros da diretoria. Para serem eleitos como membro da diretoria das comunidades um dos traços determinantes era o de ter uma vida ilibada. Assim, o ser “membro da diretoria” era uma forma de pertença a um grupo relevante dentro do nicho social. O ser membro, especialmente da diretoria da comunidade luterana, tornava-se um adjetivo qualificativo – demonstrava o caráter de eticidade que estes possuíam. Este cuidado com as questões éticas e sua ligação com a religiosidade podem corroborar com a intersecção entre o social e a espiritualidade nos estatutos. Esta urdidura pode demonstrar uma forma de as comunidades apresentarem seu modo de transculturarem o luteranismo europeu dos séculos XVII, XVIII e início do XIX, período que estes imigrantes deixaram a Alemanha, para a realidade que passam a viver em solo brasileiro.

Isto se poderia chamar de “identificação associativa” (HALL, 2008, p. 26) porque procurava apresentar um laço forte com a cultura de origem na sua tentativa de manter o arcabouço da identidade, ligado ao passado que projetava o futuro. Poder-se-ia dizer que esta era uma tentativa de escrever a história como uma “flecha do Tempo” (Idem p. 29), linear, com seus significados muitas vezes transformados para uma luteranização do ambiente social “desarticulando certos signos e rearticulando de outra forma seus significados simbólicos” (KOBENA MERCER apud HALL, 2008, p. 33). Fazendo a transculturação e a releitura da tradição luterana na diáspora. Este paradigma, segundo o pensar do luteranismo, era uma forma de demonstrar o pertencimento a um grupo seletivo: os crentes, assim como procurar a ubiquidade no contexto histórico onde estes seguidores estão inseridos.

Com este posicionar-se entre o social e o religioso, os teuto-luteranos percebem a necessidade de estruturarem-se como comunidades que abarcariam mais que a relação do homem com Deus. A igreja passando, deste modo, a ser o centro social da colônia, criando um local onde seria possível a incorporação de ideias, a concretização de atitudes e julgamentos e o fortalecimento dos vínculos étnicos e religiosos (GEERTZ, 1989, p. 105).

Deste modo, aos poucos, no entorno da igreja, crescem as residências, o comércio, criando-se uma vila, formada especialmente pelos imigrantes para sua auto-sustentabilidade. Como Limberger (2001, p. 51) diz:

Foi através da construção de capelas que a religião desempenhou seu papel e tornou-se um ponto de referência, ao redor da qual passou a girar a vida religiosa e social. Em torno da igreja eram construídos a bodega, o salão de festas, a cancha de bochas, o cemitério e a escola.

Este espaço era denominado de “*Stadtplatz*”, que é uma definição “expressiva na medida em que caracteriza uma distribuição espacial na colônia e traduz a importância desses locais” (RADÜNZ, 2003, p. 59), para fomentar e incorporar nos membros o ideário dos líderes religiosos. Seriam, como Seyferth (1990, p. 24) observa, “pontos de concentração das atividades sociais, religiosas e econômicas”. Assim, podemos dividir a vida destes imigrantes em três grandes campos: o trabalho, o lazer e a vida religiosa. Estes dois últimos estavam diretamente vinculados à igreja, uma vez que era ali que aconteciam estes encontros. Como forma de fomentar estes vínculos, a educação estava revestida de uma importância expressiva, posto que na escola os filhos destes colonos eram impregnados do ideário que fora construído, até em virtude de estarem na diáspora, como um traço identitário de pertencimento ao grupo etno-religioso.

Ao mesmo tempo, com este vínculo com a Igreja, eram inculcados nos membros os signos identitários luteranos, como o cuidado com os seus, respeito pelas leis e a busca do melhor aproveitamento dos bens e capacidades (dons) que cada um recebera, ou seja, a eticidade. Neste ínterim, eram comunicados aos “iniciados” “os *signos diacríticos* para uma identificação étnica. A tradição cultural seria assim *manipulada* para novos fins” (grifo no original). Deste modo, “a etnicidade seria então um modo de o grupo se apropriar de um nicho econômico” (CUNHA, 1987, p. 88, 93). E este grupo étnico, inserido dentro de uma sociedade poliétnica, atuava para a “manutenção das dicotomias e diferenças” (BARTH, 1997,

p. 200) que os caracterizavam. Ao mesmo tempo ressaltavam seu caráter de grupo social etno-religioso, pois tendo sua vivência calcada sobre a cultura alemã, eram *detentores* do monopólio dos capitais simbólico, econômico e cultural (BOURDIEU, 2001).

Esta busca pelo monopólio do poder é perceptível no fato de as aulas ocorrerem somente em língua alemã. Com a escolha deste idioma se impedia os não teutônicos de participarem da escola e ainda esta, sendo paroquial, destinava-se apenas aos filhos dos congregados, excluindo os outros credos, deste modo “monopolizando” aos seus o acesso à educação, à leitura – ao ensino, enfim.

Este monopólio pode ser compreendido melhor ao observar-se a criação das escolas e até mesmo nos seus encontros regulares no salão ou na igreja, onde a língua corrente era o alemão. Isto em si, já criava um entrave para os não descendentes. Assim, havia a criação de um grupo social fechado que, a despeito de ter um discurso da pluralidade social mantinha seus traços identitários bem claros com os quais fortaleciam as fronteiras entre o nós e os outros. Deste modo, até por deterem o privilégio exclusivo do ensino em seu meio, eram criadas e formadas as lideranças locais que iriam tornar, ainda maior, o fosso entre as duas etnias – teutos e nativos, ou seja, como Cunha (1987) diz, havendo a manipulação para fins de dominação política e a aquisição do poderio econômico. Isto ainda iriam referendar a aquisição do “capital cultural, que designa uma relação privilegiada com a cultura” (LOYOLA, 2002, p. 66) visto que incentivavam a criação de escolas para os seus.

Uma das preocupações destes colonos era o fato de que a instrução escolar sofria descaso do governo imperial, posto que os governantes não se preocupavam com a criação de escolas para os imigrantes. Parece que o Estado não compreendia o “valor instrumental que representava a educação ao processo integratório dos imigrantes à vida nacional” (LANDO e BARROS, 1976, p. 66), já que seria uma forma de levar estes novos moradores a terem um contato maior com a cultura do país que haviam adotado. Sendo esta uma das razões do surgimento das escolas rurais, escolas particulares que eram como que uma extensão da própria comunidade. Assim, ao redor da igreja criam-se as escolas. Estas “não surgiram apenas por motivos étnicos, mas, sobretudo, porque o governo brasileiro não deu maior atenção à questão do ensino e, o que é mais grave, ao ensino primário, nas

regiões povoadas com imigrantes” (SEYFERTH, 1990, p. 28). Entretanto, verifica-se que nestas escolas a etnicidade era reforçada, a tal ponto que as aulas aconteciam em alemão, o que não deixa de ser uma forma de cercear o acesso aos “brasileiros” e, diferente do ideário do luteranismo do século XVI, esta deixa de ter um caráter universalizante – para todos os moradores da colônia –, tornando-se um instrumento de dominação política, no momento que apenas para alguns – os alemães luteranos –, era dada a oportunidade do aprender a decodificar o alfabeto o que, lembra Rodrigues (1985) é um ato de iniciação política e reificação do pensamento dominante sobre os que não tinham acesso e este capital cultural.

Já a importância da igreja e da escola, na vida dos imigrantes, era algo digno de nota. Em uma publicação do jornal *Deutsche Post* há uma referência a esta necessidade. Dizia o jornal:

Nós precisamos ter escolas com língua, canto e religião alemãs, ou estaremos serrando o galho sobre o qual estamos sentados (nós precisamos ter nossas escolas comunitárias e confessionais se não quisermos fechar também nossas igrejas). Para nós, alemães evangélicos ou católicos, a fundação de escolas particulares para nossos filhos é uma questão de sobrevivência e nenhuma família alemã deveria se eximir de mantê-las (*Deutsche Post*, 25/03/1907, apud MEYER, 2000, p. 108).

Onde, nesta notícia, vê-se o insuflar nos alemães o caráter étnico e a responsabilidade pela continuidade do ideário germânico. Este, se bem lembrado, pode ser visto no século XVI quando Lutero chama as autoridades e pais para haver a universalização do ensino, como forma de manter e garantir o crescimento do Estado. Com este posicionamento, é colocado sobre as famílias, como já Lutero preconizara, a responsabilidade de educar sua prole, sendo o Estado o longo braço dos pais no cumprimento da obrigatoriedade deles, assim como o respeito pelos desígnios que cabem às autoridades pela posição que ocupam.

O Estado Brasileiro, por sua vez, estava impossibilitado de enviar professores para todas as colônias, devido ao grande número de imigrantes que vieram e, assim, atendia apenas os centros urbanos. Os professores que o governo envia às cidades desconheciam a língua alemã, o que dificultava ainda mais o processo de ensino/aprendizagem nestas escolas. Para suprir esta lacuna nas colônias, os imigrantes alemães elegem uma diretoria que teria o encargo de envolver-se com a questão escola. Esta diretoria tem a incumbência de construir um prédio – muitas vezes um barraco de madeira – encontrar um professor – que nem sempre tinha a formação necessária, e colocar em funcionamento a escola. Em

muitos casos, o pastor era ao mesmo tempo professor (RADÜNZ, 2003, p. 95). Para corroborar com isto, num relatório citado por Radünz (2003, p. 97), fala-se da situação de dezessete escolas na região do Rio Pardo, onde é constatado que apenas três, dos dezesseis professores, tinham formação acadêmica e cinco eram pastores.

Estes professores relatam também as dificuldades que enfrentavam nas suas escolas rurais. Mesmo reconhecendo a precariedade destas escolas, Dreher (1984, p. 60) chama atenção para o fato de que elas tiveram papel muito importante na erradicação do analfabetismo nas colônias alemãs. Apesar de ser o ensino religioso a tônica destas escolas, os alunos aprendiam a ler e as quatro operações matemáticas. Abria-se, assim, as portas da interpretação de quaisquer textos ao mesmo tempo, habilitando-os ao comércio pelo domínio dos números, ou seja, ascendiam ao capital cultural que se tornaria um dos traços que manteria o caráter etno-religioso deste grupo social.

Sendo a importância destas comunidades e sua escola, o fato de:

(...) a partir dessas precárias escolas desenvolveu-se um sistema escolar que foi “nacionalizado” na Segunda Guerra, mas deu origem a uma arraigada cultura escolar, cujos efeitos são sentidos até hoje, uma vez que algumas destas localidades apresentam os mais baixos índices de analfabetismo do Brasil (GERTZ, 2007, p. 17).

No entanto, as dificuldades também se multiplicavam. Os alunos tinham que ajudar seus pais na lavoura, especialmente nos momentos de pico do trabalho agrícola – como em épocas de plantio ou colheita. As intempéries também dificultavam as longas caminhadas que tinham que fazer até a escola. Com o que havia muitas vezes a evasão e a aprendizagem não era a esperada pelos professores.

Além destes fatos ligados às dificuldades escolares, ainda havia o distanciamento e o isolamento em que se encontravam as comunidades. Isto foi sentido também pela igreja na Alemanha naquele momento. Assim, as Igrejas passam a sofrer a ingerência dos pastores e professores vindos da Europa, os quais procuram estruturar a união destas comunidades. Sendo o pastor Hermann Borchard e o Dr. Friedrich Fabri os primeiros grandes incentivadores da união das comunidades num sínodo (RADÜNZ, 2003, p. 184). Uma vez que as Igrejas, mesmo sendo livres, usavam o material vindo da Europa e seguiam uma liturgia rígida que

estava dentro deste material e usavam os hinos cantados na “Pátria Mãe”, havia uma possibilidade de procurar-se agregá-las em sínodos posto que, havia, de certo modo, uma unidade de culto e de interpretação dos seus textos sagrados.

A despeito disso, muitas vezes as comunidades ficavam muito tempo sem um atendimento sistemático. Isto afastava os congregados do ideário luterano, como coloca Dreher (1984, p. 73) citando um depoimento do pastor Kleingünther, em 1866, que resume a situação de algumas comunidades mais antigas. “Praticamente não se pode falar aqui de cristianismo. O pessoal diz: pode pregar o que quiser, nós mesmo assim não acreditamos, pois quase a metade da comunidade confessa publicamente: não cremos em nenhum Deus e em nenhum diabo...”. Daí Jungblut (1994, p. 141) dizer que “essa precariedade levou as comunidades a se mobilizarem para solicitar apoio das instituições luteranas alemãs”, na busca pelo reforço da tradição que norteou a vida e a permanência do teuto-luteranismo.

Radünz (2003, p. 185, 186), se reportando a diversos relatórios enviados à Alemanha, aponta que havia a necessidade de os pastores terem uma voz uníssona, até como forma de evitarem a liberdade das comunidades que estavam perdendo a identidade luterana. Deixando de reunirem-se periodicamente, as comunidades perdiam a oportunidade de serem lapidadas pelos signos diacríticos caros ao luteranismo. Procurando contornar esta situação, foram feitas conferências e, desta forma, lançariam o fundamento do que seria o início da Igreja Evangélica em solo brasileiro, ou seja, a retomada do caráter identitário que fundamentaria a confessionalidade e procuraria fortalecer este grupo social.

Neste contexto, vê-se um povo que, mesmo denominando-se teuto-luteranos, precisa ser considerado nos seus referenciais de vida, de família e de comunidade, reinventados num contexto diaspórico luterano em solo brasileiro. Desta forma, apesar de, na diáspora, estarem sendo inseridos numa sociedade policultural, procuraram sinais de pertença ao seu grupo na “função integrativa da ideologia” (COHEN, 1978, p. 105). Isto ocorre num permanente envolvimento e adaptação que se torna “uma questão conceitual e epistemológica, além de empírica [...] fixada no nascimento” por ser parte “da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes”, ou ainda “construtiva de [seu] eu mais interior” (HALL, 2008, p. 28). Esta ideologia reflete os vários elementos envolvidos na organização do grupo, o que contribui para o desenvolvimento e funcionamento

posteriores deste grupo, bem como na união em torno do objetivo de se firmarem como grupo etno-religioso.

Este vínculo, que é criado na diáspora, procura manter nos sinais identitários, o elo entre o ontem e o amanhã. No entanto a sensação do “*unheimlichkeit*” (não estar em casa) de Heidegger (HALL, 2008, p. 27) expresso de forma mais eloquente por Iain Chambers (apud HALL, 2008, p. 27), diz que há um sentimento de estar e permanecer longe de casa. Deste modo:

Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e “autenticidade”, pois há sempre algo no meio [*between*]. Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa (interminável) viagem. Diante da “floresta de signos” (Baudelaire), nos encontramos sempre na encruzilhada, com nossas histórias e memórias (“reliquias secularizadas”, como Benjamin, o colecionador as descreve) ao mesmo tempo em que esquadrimos a constelação cheia de tensão que se estende diante de nós, buscando a linguagem, o estilo, que vai dominar o movimento e dar-lhe forma. Talvez seja mais uma questão de buscar estar em casa aqui, no único momento e contexto que temos...

Daí poder se dizer que dentre os traços a língua, é um dos símbolos diacríticos que perpassam as comunidades luteranas, uma vez que por meio da linguagem é que dão a ideia de recriarem a pátria deixada do outro lado do mar do “estarem em casa aqui”. Tornando-se, deste modo, o cordão que liga o filho distante à mãe (que havia se tornado madrasta pelos efeitos da industrialização por ter dado como herança a pobreza, o subemprego e a necessidade de buscar uma outra terra para torná-la sua pátria) que, no entanto, lhe forjara o modo de pensar, de agir e enxergar-se no contexto sócio-político-religioso.

A despeito desta ruptura com sua história, procuraram unir-se e criar um grupo etno-religioso que ressaltaria sua origem e seus signos de pertencimento. No entanto, até pela diferença de pensamento, em virtude de serem pietistas e ortodoxos, os que aqui chegaram, as comunidades luteranas, como veremos a seguir, dividem-se em dois grupos, onde cada um reivindica para si o serem o repositório do ideário luterano reinterpretado para este novo contexto diaspórico em solo brasileiro. Olhado do ponto de vista de comunidades étnicas que se tornam organizações eficientes para resistir ou conquistar seu espaço como forma de organização política, econômica, social e cultural, não deixa de ser relevante. Isto deve-se ao fato de que cada um destes grupos procurou criar um nicho que se

tornasse o mantenedor e o repositório dos signos que acredita-se deveriam impregnar os pertencentes a estas comunidades etno-religiosas.

2.3 SÍNODO RIO-GRANDENSE

A busca de formação de um sínodo parece corroborar com a ideia de Cohen (1978) na qual os grupos étnicos são formas de as organizações procurarem fortalecer-se política e economicamente. “Elas se servem do arsenal cultural não para conservá-los como um todo – [...] – mas para selecionar traços, que servirão de sinais diacríticos para se exhibir a filiação a um grupo” (CUNHA, 1986, p. 94), ou definindo seu quadro de membros por meio da definição de sua atividade fim, do exclusivismo de seus interesses, por aumentarem seu poder e manterem o elo com o passado que se tornara tão necessário ao seu ideário (COHEN, 1978, p. 86 – 90).

Assim, este grupo procura uma forma de tornar os signos de pertença unívocos dentre os teuto-luteranos, com a criação de uma união de congregações, os sínodos, iniciada no terceiro quartel do século XIX. Esta busca pela união das comunidades pode ser vista como uma maneira de fortalecerem os traços diacríticos, como forma de buscarem a persistência do grupo étnico com um conjunto sistemático de regras que são empregados para enfrentar os contatos interétnicos (BARTH 1997, p. 196). Desta forma cria-se o primeiro sínodo. Após esta primeira tentativa, houve condições favoráveis para novos grupos se unirem e formarem novos sínodos, até chegarem à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em 1954²¹.

²¹ “No II Concílio Eclesiástico no ano de 1954 a Federação Sinodal foi cognominada de “Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.” Em 1962 no IV Concílio Eclesiástico a expressão Federação Sinodal é suprimida, permanecendo apenas Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil”. (Disponível no site oficial de IECLB <<http://www.luteranos.com.br/categories/Quem-Somos/Nossa-Hist%F3ria/Presen%E7a-no-Brasil/Federa%E7%E3o-Sinodal/>>. Acesso em 15 dez. 2008.

2.3.1 A formação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil

Na caminhada dos luteranos alemães em solo brasileiro, muitas comunidades foram se formando nos locais onde aportavam estes imigrantes. Até que no dia 11 fevereiro de 1868 foi, finalmente, fundado o Sínodo Evangélico Alemão da Província do Rio Grande do Sul²². Este sínodo foi, após longos debates, vinculado à Igreja Evangélica da Alemanha, definido assim:

Sínodo Teuto-Evangélico da Província do Rio Grande do Sul²³ associa-se no ensino, no culto e na disciplina à Igreja Evangélica da Alemanha, particularmente da Prússia, e reconhece o “*Evangelischer Oberkirchenrat*” em Berlim como sua autoridade eclesiástica suprema²⁴.

Esta decisão, de filiar-se ao Sínodo da Alemanha, não foi acatada por todos os pastores presentes. Smidt²⁵ contestava dizendo que a igreja alemã teria poderes sobre a brasileira, o que tiraria a autonomia e liberdade desta (RADÜNZ, 2003, p 189).

Por outro lado, a ligação entre as duas igrejas não se concretizou porque a igreja alemã não permitiu este relacionamento em razão da conjuntura política do Império brasileiro (RADÜNZ, 2003, p. 187). O olheiro enviado pela Igreja Prussiana – St. Pierre – desaconselhou a filiação, pois “o partido ultramontano²⁶ estaria

²² O primeiro Sínodo contou com a presença de nove pastores e nove presidentes de comunidades. Os pastores fundadores e suas comunidades foram: Hermann Borchard da Comunidade de São Leopoldo, Hermann Bergfried de Santa Cruz, Wilhelm Kleingünther de Porto Alegre, Johann Friedrich Brutschin de Dois Irmãos, Johanes Haesbert de Novo Hamburgo, Henrich Wilhelm Hunsche, de Linha Nova, Robert Kröhne de Mundo Novo (Taquara), Christian Smidt de Ferraz e Johannes Stanger da picada 48. Assim pode-se verificar que o Sínodo concentrava-se na Região do Vale dos Sinos (SCHRÖDER apud TEICHMANN, 1996, p. 53).

²³ Deutsche-Evangelische Synode der Provinz Rio Grande do Sul.

²⁴ “Die deutsche-evangelische Kirche Deutschlands, insbesonere Preussens, an und erkennt den Disziplin an die Evangelische Oberkirchenrat zu Berlin als ihre oberste Kirchenbehörde an“. Synodalordnung der deutsch-evangelischen Synode der Provinz Rio Grande do Sul. 1868 – Cap. I/2. (SCHRÖDER apud RADÜNZ, 2003, p. 187).

²⁵ Smitd foi um dos primeiros pastores a trabalhar na Região de Santa Cruz. Foi pastor da Comunidade de Ferraz, quando também atendia trimestralmente a Comunidade de Vila Germânica (atual Candelária) e mais tarde Rio Pardinho (WACHHOLZ, 1999, p. 355)

²⁶ O termo ultramontano foi usado pelos franceses para indicar que, na visão deles, o papa vivia após as montanhas. Mas é no seu ideário que o termo ganha força. Diz respeito à política de Pio IX e sua busca em centralizar as decisões e na figura do Sumo Pontífice. Submeter a Igreja a hierarquia tendo o papa como infalível (AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 445, 446).

crescendo muito no Brasil”²⁷. Ao lado deste medo político, havia os empecilhos colocados pelos governantes, que era, por exemplo, a proibição de os não católicos construírem suas igrejas com características próprias. Fato que foi sendo contornado pelos imigrantes que estavam aqui e queriam ter um local de culto, onde poderiam se reunir sem precisar fazê-lo em casas particulares.

Assim, não podendo construir locais de culto com aspecto de igreja, as comunidades construíram escolas, usando-as também como capelas para os cultos. A falta de pastores fez com que as comunidades escolhessem entre os seus membros pessoas com melhor formação para exercer o magistério e o ministério pastoral. Isto torna-se uma forma de concretizar o aspecto de uma profunda vinculação ao sacerdócio geral de todas as pessoas batizadas, ou como dizia Lutero “o sacerdócio universal dos crentes”²⁸.

Essa forma de preencher as lacunas nas congregações perdura até 1864, quando começa, de forma mais regular, a chegada de pastores da Alemanha. Estes trazem a ideia da criação de um sínodo. A partir deste mote, as tentativas de formação de um Sínodo foram se aprimorando, com algumas resistências internas. A necessidade, entretanto, de ser criando um ideário luterano alemão, que era importante em função do distanciamento entre os filiados, torna-se mais fortes. Deste modo, a criação do Sínodo pode ser percebida como uma forma de ver o conagraçamento dos filiados a fim de se concretizar a lógica de serem atores, no seio de uma organização, que procurava estabelecer relações de poder que seriam mais facilmente alcançados, com a formação de um grupo mais coeso e tendo um mesmo direcionamento ideológico. Deste modo se realizam “as relações de poder têm uma origem ora organizacional (as organizações fornecem objectivos (Sic.) e meios aos

²⁷ Relatório enviado ao Evangelischer Oberkirchenrat. 2404/1869. Citado por HESS, Pastorado e pastores no Rio Grande do sul, p.11. “concordou com o fato de que a vitória recente do partido conservador ultamontano nas eleições parlamentares havia favorecido o poder do jesuítas no Brasil” (WACHHOLZ, 1999, p. 356).

²⁸ A Igreja Evangélica Luterana do Brasil faz diferença entre o ministério público e o de todos os crentes. Onde, segundo está posto no sítio oficial da Igreja vê-se:

Cremos, ensinamos e confessamos que o ministro pastoral é um ofício ordenado por Deus para administrar publicamente a palavra de Deus e os sacramentos. Os ministros não constituem uma classe especial de pessoas, como os sacerdotes do Antigo Testamento. **Sendo todos os cristãos sacerdotes reais, ninguém tem o direito de sobrepor-se aos outros.** Por isso, só o chamado de uma comunidade torna alguém um ministro. **O ministro exerce publicamente as funções que todos os cristãos exercem em particular** (grifo nosso) (Disponível em: <<http://www.ielb.org.br/>>. Acesso em 09 maio 2009).

detentores do poder [...] ora cultural (toda a empresa tem uma história criadora dum sistema de relações de poder e de um estilo de relações)” (BERNOUX, 2002, p. 25). Neste viés, os “detentores do poder” ou líderes da Igreja, enxergavam, na união das congregações que se dispersavam, a necessidade imperiosa de reuni-las num grupo etno-religioso – o Sínodo.

Para pavimentar o caminho à criação de um sínodo, o pastor Rotermund teve uma intensa atividade na produção de literatura, jornais e almanaques que fortaleciam a identidade evangélica nos membros das comunidades. (RADÜNZ, 2003, p. 196, 197). De forma semelhante expressa-se Bernoux, quando diz que “toda a organização tem necessidade de troca de informações e de relações entre os membros, mais livre e mais simples [...]; depois, a motivação dos seus membros reforça-se e treina-se no contacto (sic.)” (REYNAUD apud BERNOUX, 2002, p. 96). Haveria, assim, a necessidade de integrar e reunir os teuto-luteranos, para que formassem uma “sociedade” que fosse um “sistema social organizado para realizar certos fins” (BORNOUX, 2002, p. 101), quais sejam, tornar o seu grupo forte e fortalecer os seus com os signos de pertença. Como o próprio Bornoux (op. cit. p. 102) continua afirmando, que este seria um sistema social definido por valores que permitiriam aos indivíduos e aos grupos a elaboração de um comportamento correto, de acordo com a expectativa que era depositada sobre seus membros. E Cohen (1978, p. 96) ainda aponta que os grupos intensificam sua interação, para reforçarem suas características, sua identidade, que os distingue dos demais, e poder-se-ia dizer, reificar o “campo” (BOURDIEU, 2001) para assegurarem o poder.

Schallenberger (2001, p. 166), se reportando ao *Deutsche Post*²⁹, informa que Rotermund expressava sua preocupação alegando: “o que nos falta é a união; não tanto a união numa nova associação, mas na perspectiva de buscar um sentido e o ideário de uma atmosfera que permita viver e indique o caminho da vida”. A preocupação identitária foi, assim, um dos fatores preponderantes para motivar os congregados das diversas localidades a pensarem na união de suas paróquias num sínodo. Deste modo se transformando em uma sociedade e organização que imporia seus valores (BERNOUX, sd, p. 102), controlando sua integração e

²⁹ *Deutsche Post* (Correio Alemão), que tem seu início em 1880. Seu objetivo com a edição do jornal era a integração dos teutos e manutenção de sua herança cultural (Dados disponíveis em: <http://www.martiusstaden.org.br/Rellibra/Pdfs/Autores/WilhelmRotermund_Dados.pdf>. Acesso em 09 maio de 2009.)

reestruturando-se, a fim de manter-se como grupo etno-religioso em meio às dificuldades que se apresentassem. Podendo, com vistas a união e interação, mudarem os traços escolhidos, readaptando-os, transculturando-os, de forma a serem mais facilmente aceitos e deste modo poderia haver um engajamento maior para alcançarem o seu objetivo último – formarem o Sínodo – e assim sendo vistos como grupo etno-religioso.

Este fato tonar-se ainda mais relevante porque vários pastores enviaram correspondências ao pastor Rotermund, externando o desejo deles e de suas comunidades na união em torno de um sínodo porque viam o arrefecimento de suas paróquias como grupo etno-religioso, o que poderia levar a sua obliteração da fé luterana no solo diaspórico.

Finalmente, no ano 1886, nos dias 19 e 20 de maio, em São Leopoldo, sob a presidência do pastor Rotermund, foi fundado o sínodo Rio-Grandense³⁰, formado pelas comunidades de São Leopoldo/Lomba Grande, São Sebastião do Caí, Santa Cruz do Sul, Mundo Novo (Igrejinha), Santa Maria (da Boca do Monte), Baumschneids (Dois irmãos) e Teotônia (PERÍODO, op. Cit, p. 2). Assim, constituiu-se o Sínodo, que tinha como uma das finalidades, oferecer às comunidades evangélicas um mínimo de institucionalização, ou transformá-las em organização. Na perspectiva de Bornoux (2002, p. 116), isto quer dizer tornar característico destes grupos sociais a divisão dos papéis, um sistema de autoridade e de comunicação bem como um sistema de contribuição – retribuição. Fato que se evidencia na criação do Sínodo, como pode-se ver no Arquivo Histórico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (apud RADÜNZ, 2003, p. 199), quando diz:

Sob o nome de Sínodo Riograndense constitui-se uma associação de Comunidades evangélicas da província do Rio Grande do Sul, a fim de zelar pela boa ordem na Igreja Evangélica e representar os interesses das comunidades na Igreja e na escola.

³⁰ Participaram deste Sínodo (Riograndense Synode) doze pastores, dois professores e nove presbíteros, sendo da Comunidade de São Leopoldo o pastor Wilhelm Rotermund, da de Dois Irmãos, Rev. Johann Friedrich Brutschin; da de Santa Cruz do Sul, Rev. Friedrich Hildebrand; da Mundo Novo (Taquara), Rev. Johann Rudolf Häuser e de São Sebastião do Caí, o Rev. Konrad Schreiber. Estiveram presente votaram o estatuto e não assinaram a filiação, os pastores das comunidades de Sapiranga, Rev. Paul Dohms; de Linha Nova, Rev. Henrich Wilhelm Hunsche; de Ferraz, Rev. Heirich E. Falk e de Germânia (Candelária), Rev. Michael Haetinger. (TEICHMANN, 1996, p. 61)

Inicia, assim, uma forma de hierarquização com um foro centralizado. Este, apresentando aos filiados “fontes de informações”, “diagramas”, “gabaritos”, “padrões culturais”, “que modelam o comportamento” (GEERTZ, 1989, p. 106) visando “os interesses da comunidade”, ou seja, a aquisição e manutenção de seu poder político. Assim, esta união das comunidades, que tinham basicamente uma limitação na região do Vale dos Sínodos, a despeito de já terem sido fundadas muitas outras comunidades, sobretudo na região sul do Estado, precisou enfrentar a primeira barreira que foi tentar evitar a animosidade pelas diferenças que havia entre os diversos grupos de interesse que a compunham.

Para evitar mais discórdias, colocam apenas como base a Bíblia, os símbolos da Reforma alemã e nas questões da doutrina e da disciplina, seguiria a Igreja da Reforma (RADÜNZ, 2003, p. 200). Mesmo parecendo uma base abrangente, foi suficientemente restritiva, uma vez que as comunidades do sul do Estado “ficaram de fora do projeto de união das comunidades porque não eram atendidas por ‘pastores admissíveis’ no Sínodo, mas pelos chamados ‘pastores-livres’” (TEICHMANN, 1996, p. 62). Também ficando claro, já na ata de fundação, a responsabilidade da educação, como parte do suporte que o sínodo deveria dar às comunidades. Deste modo, volta-se ao paradigma de Lutero que colocava o educar como um elemento imprescindível para a vida da sociedade e do Estado como um todo.

Para consolidar este engajamento, em maio do ano seguinte ocorre o Primeiro Concílio Ordinário do Sínodo, em Santa Cruz do Sul, quando foram somadas ao Sínodo as comunidades de Vila Theresa, Vila Germânia e Rio Pardinho (HUNSCH, apud RADÜNZ, 2003, p. 201).

Em outubro de 1905, na Estrada da Ilha, região de Joinville, Santa Catarina, sob a presidência do Pastor Otto Kuhr, foi criado o Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados da América do Sul, formado por cinco comunidades e onze pastores que tinham como iniciativa a *Lutherischer Gotteskasten* (Associação Luterana Caixa de Deus)³¹ da Alemanha, o que lhes

³¹ **Lutherischer Gotteskasten**, Name einer Anzahl von Vereinen, deren Aufgabe es ist, diejenigen Lutheraner, die als Minderheiten unter Katholiken, Reformierten oder Unierten leben, in kirchlicher Hinsicht zu unterstützen. Die Gründer waren drei angesehene hannoversche Geistliche, unter ihnen Pastor Ludw. Ad. Petri (s. d.). An die größere Öffentlichkeit getreten sind die Vereine erst seit 1876 und haben von da an einen bedeutenden Aufschwung genommen, so daß sie jährlich gegen 120,000

confiava uma identidade confessional bastante definida (PERÍODO, 2007, p. 3). Este Sínodo, em 1911, já contava com dez comunidades.

Rudolph Becker (1968, p. 165) relaciona as mudanças na legislação com a fundação do Sínodo Rio-Grandense, instituição que passou a representar os evangélicos luteranos. Para Becker, este foi: “constituído como união autônoma de comunidades, primeiro no RS, mas os estatutos também permitiram a entrada de outras províncias do império. De início, pelo menos, o campo de ação do Sínodo se limitava às comunidades Riograndenses”.

Assim, a situação das comunidades evangélicas no Rio Grande do Sul melhorou, não somente na parte legal, como também na qualificação do trabalho dos pastores que receberam a formação necessária para serem “chamados” à missão. Como Becker (1968, p. 166) salienta:

Para cuidar dos colonos evangélicos, em especial as novas colônias alemãs, o Sínodo Rio-Grandense passou a enviar pastores itinerantes que percorreram as vastas regiões da Serra, prestando serviço espiritual a essa gente que lutava arduamente nas matas virgens contra dificuldades de várias espécies.

Olhando esta preparação dos novos pastores do ponto de vista sociológico, pode-se inferir que deste modo foi sendo disseminado, entre os novos convertidos ou trazidos de volta às comunidades, o ideário luterano de forma mais próxima daquilo que estava ocorrendo na Europa. A união em um sínodo, passa a ter a característica de ser formadora e de fixar o cunho ideológico que era patente nestes pastores ou que lhes fora inculcado. Deixando de ser aquilo que fora até então, uma organização mais informal. Entendido aqui como um grupo que “socorrendo-se à parentela, à amizade, ao ritual, ao cerimonial e a muitas outras atividades ou padrões simbólicos implícitos naquilo que se conhece como estilo de vida” (COHEN, 1978, p. 89). Agora passa a ter uma conotação organizacional, estruturada, hierárquica, burocratizada na perspectiva de Dürkheim, ou com obrigações planejadas e conscientes. Como possuem uma forte incidência do sistema europeu,

Mark vereinnahmen. Im Herbst eines jeden Jahres treten die Delegierten der Vereine zur Beratung zusammen. Vorort ist 1905 Sachsen. Besonders suchen die Gotteskasten tüchtige Geistliche für die Diaspora zu gewinnen, unterstützen deshalb auf deutschen Universitäten eine Anzahl von Studenten aus Österreich-Ungarn und bilden solche für Amerika aus. Vgl. F u n k e , Das Werk der lutherischen Gotteskasten (Hannov. 1883); A h n e r , Der lutherische Gotteskasten (3. Aufl., Dresd. 1898); das Vereinsorgan: »Der lutherische Gotteskasten« (seit 1880) und den Bericht über die Verhandlungen der 10. Allgemeinen lutherischen Konferenz in Lund (Stockh. 1902). (<http://www.zeno.org/Meyers-1905/A/Lutherischer+Gotteskasten>)

procuram fomentar “as categorias étnicas [que] fornecem um cadinho organizacional” (BARTH, 1997, p. 194) que quer manter os “conceitos de cultura [...] transmitidos historicamente, incorporados em símbolos” (GEERTZ, 1989, p. 103) buscados no arcabouço luterano do século XVI.

Dentro desta visão, foi realizado o primeiro culto em Panambi, celebrado pelo pastor Faulhaber, um destes itinerantes, em 30 de novembro de 1902, data que pode ser considerada a da criação da paróquia evangélica desta localidade, pois praticamente todas as famílias evangélicas que participaram deste culto engajaram-se na vida da comunidade. Os primeiros cultos foram realizados na escola, embora já em 1901, Meyer tenha solicitado a construção de uma capela. Encontrando-se aqui a identidade luterana que primava pela educação dos seus e, neste viés, em setembro, foi realizada a primeira *confirmação*³² de nove jovens. Fomentam, deste modo, o espírito de conagração, a ligação a um grupo maior como forma de manutenção e reificação de seus signos de pertencimento. Isto pode ser visto nesta perspectiva, uma vez que para haver a Confirmação, fazia-se necessária a instrução, onde era utilizado o Catecismo Menor, como material didático e inculcados os valores e credos pregados pelos pastores, como fonte de vida e norma dos crentes. Assim, pelos encontros regulares propiciados pelos cultos e “instrução de confirmandos” foram impingidos neles elementos do “cadinho” que seriam seus sinais diacríticos sócio-etno-culturais e religiosos. Sendo também fomentado neles o elemento étnico uma vez que o material de ensino, as aulas e tudo o que girava ao redor da vida religiosa, ocorria na língua alemã.

Neste contexto, a “instrução para a confirmação”³³ era dada na escola. Assim, vemos novamente, neste ato, a presença da escola num rito de passagem

³² A confirmação, na Igreja Luterana, é quando os jovens devem confirmar a sua fé, na Igreja e na doutrina da mesma. Assemelha-se à Primeira Comunhão, na Igreja Católica, uma vez que a partir desta cerimônia o “confirmando” está apto para participar da Santa Ceia, ou Eucaristia. Esta cerimônia ocorre quando o jovem tem a idade de 13 a 15 anos, dependendo do sexo e das normas de cada comunidade.

³³ “A instrução de confirmandos tem como objetivo: a) Buscar o aperfeiçoamento e desenvolvimento dos jovens adolescentes, nos conhecimentos bíblicos e na vida cristã; b) Preparar e orientar os jovens a uma participação digna, consciente e responsável na sociedade em que estão inseridos; c) Integrar e adaptar o jovem adolescente na vida da Comunidade cristã, a qual está filiada, para uma participação ativa e abundante”.

São dois (02) anos de instrução, até o momento solene e festivo da Confirmação. O material utilizado para instrução: A Bíblia, o Catecismo Menor de Martinho Lutero. (Material disponível no site oficial de Comunidade Evangélica Luterana São Paulo, de Canoas, RS. <http://www.celsp.com.br/departamentos_confirmandos.asp>. Acesso em 15 dez. 2008).

que é marcante na vida dos jovens luteranos, segundo o costume deles. Doravante estão aptos a uma vida social diferenciada, uma vez que “já podem dançar”. Assim, este ato une as pessoas à congregação, que está, por sua vez, vinculada ao sínodo e, ao mesmo tempo, os jovens iniciados são encaminhados à vida social, com um claro imbricamento entre a Igreja e a sociedade como um todo e – pela ligação ao Sínodo – a um grupo etno-religioso que procura solidificar seu poder político.

Com estes novos confirmandos e outros que foram se congregando aos membros das comunidades, formam-se os grupos de interesse que se reúnem aos luteranos, ampliando e, ao mesmo tempo, reforçando seu poder político no seio do nicho social em que se insere o grupo etno-religioso. O agrupamento destas comunidades forma um sínodo – ou grupo de comunidades, isto de certo modo consolida o caráter de grupo de interesse cultural que se cria ao redor das comunidades, as quais passam a ter, deste modo, um poder sócio-econômico e político mais coeso e persuasivo. Como diz Bernoux, cria-se uma fonte de poder, posto que se abrem as portas de regras organizacionais, de comunicação, no domínio das relações com o meio, por haver a preocupação com a instrução que permite o especializarem-se e projetarem-se no seio de seu meio social (BERNOUX, sd, p. 157-161).

Na sequência da propagação sinodal, poucos anos mais tarde, o Pastor Ludwig Hoepffner, em 28 de junho de 1912, cria o Sínodo Evangélico do Brasil Central, que contava com dez comunidades dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. Somou-se a este Sínodo, o surgimento do Distrito Eclesiástico do Sínodo de Missouri, criado em 1904, que hoje é a Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Este sínodo dá uma coordenação e propicia uma caminhada comum das comunidades que estabelecem trabalhos conjuntos, ou seja, criam uma identidade cultural que transcende geograficamente o sul do Brasil e torna-se uma rede maior de atuação. O que deixa claro, novamente, a atividade dos pastores itinerantes, os quais atenderam os luteranos onde não havia um trabalho regular da Igreja (PERÍODO, 2007, p. 4).

Uma vez que, com a proibição do uso da língua alemã no período da Segunda Guerra Mundial, e tendo em vista que os pastores vinham da Alemanha tornou-se necessária a implementação de uma instituição para formação teológica no Brasil. Como havia o germen da educação já implantado dentro do trabalho da

Igreja, foi possível a criação da escola para a formação teológica. Assim, em 1946 criam a Faculdade de Teologia em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Trata-se de um empreendimento comum de todos os sínodos da futura Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Há de considerar-se que, a despeito da proibição do uso da língua alemã, existia um caráter étnico na formação dos novos pastores. Estes, vindos de regiões predominantemente de colonização alemã, têm sua cultura vincada por esta cultura, o que cria um caráter identitário que se espalhará entre os congregados. A despeito destes passarem a usar a língua local nos encontros públicos, permanece o alemão como fonte de comunicação nos lares e entre pastores e congregados fora do âmbito da pregação pública – na Igreja. Aqui ainda cabe ressaltar que com o uso da língua alemã as comunidades criam um modo de falar, de portarem-se e de interpenetrarem-se, o que apresenta um modo de ser, pensar e agir, criando um código de comunicação que transcende o idioma.

Neste ínterim continuavam as conversações necessárias para atingir o objetivo de haver um único sínodo, o que contribuiria, ainda mais, para aproximar as lideranças sinodais. Por fim, constituíram, no dia 26 de outubro de 1949, a Federação Sinodal. A questão de fundo dizia respeito à necessidade de uma ruptura por parte das comunidades com a “teologia da etnicidade” (vínculo estreito entre igreja e germanidade). Tornara-se urgente a formulação clara de uma confissão de fé, como forma de procurar adaptar o Sínodo à realidade brasileira. Ou, como um sentimento comum na diáspora, ocorreu a busca por uma reinvenção das identidades e para tanto a aproximação ou reaproximação dos que queriam se inserir na sociedade, tornou-se uma condição indispensável. Havia a necessidade de escolher os signos identitários que deveriam ser mantidos. “Portanto, é importante ver sua perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais” (HALL, 2008, p. 36) porque precisam abrir mão de certos sinais. Deste modo, a identidade permaneceria em meio a estas “fronteiras [que] podem persistir apesar do que podemos, metaforicamente, denominar ‘osmose’ das pessoas que as atravessam” (BARTH, 1997, 204) como forma de oportunizar as trocas e inserir-se no nicho social. Hall (2008, p. 32, 33) continua dizendo:

O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. Porém, as configurações sincretizadas da identidade

cultural [...] requerem a noção derridiana de *différance* – uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim. A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura.

Esta forma de manter as fronteiras fluídas e ao mesmo tempo demarcadas foi ressaltada por Darcy Rybeiro. Numa pesquisa realizada no início dos anos sessenta, sob sua orientação, resalta que “a Comunidade Evangélica, sempre reunindo um grupo de origem alemã, constitui um dos fatores que mais se opõe à assimilação dos seus elementos à sociedade brasileira” (GERTZ, 2007, p. 14), fato já percebido nos primórdios.

De certa forma esta etnicidade é ressaltada ao olhar-se para o segundo artigo da Ordem Básica da Federação Sinodal, que dizia

Constitui fundamento da Federação Sinodal o Evangelho de Jesus Cristo, na forma constante das Sagradas Escrituras do Velho e do Novo Testamento. Em reconhecendo este fundamento, confessam as federadas sua fé no Senhor do universo, una, santa e apostólica Igreja. A Federação Sinodal confessa sua fé pelos credos da Igreja antiga e pela Confissão de Augsburg (Confessio Augustana) como credo reformatório, considerando-se vinculada pela fé à Igreja Mãe(...), bem como às demais igrejas existentes no mundo, que a esta última se acham unidas, pelo mesmo fundamento de fé. O Catecismo Menor de Lutero está em uso nas entidades federadas e é por elas reconhecido como confissão reformatória. (PERÍODO, 2007. p. 4).

Neste artigo aparece a base sendo colocada sobre o ideário da Igreja Mãe (“vinculada”) e o Catecismo Menor o que traz consigo a marca do ideário luterano europeu, ou seja, a forma de pensar igreja, confessionalidade, sociedade por fim, nos moldes (o caráter imposto pela linguagem) alemães. Tanto isto é assim que esta base confessional da nova Igreja teria uma interpretação do Pastor Hermann Dohms por ocasião da realização do I Concílio Eclesiástico da Federação Sinodal, em São Leopoldo/RS em 14-16 de maio de 1950:

1º. - A Federação Sinodal é Igreja de Jesus Cristo *no Brasil* em todas as consequências que daí resultarem para a pregação do Evangelho neste país e a corresponsabilidade para a formação da vida política, cultural e econômica de seu povo.

2º. – Esta Igreja é *confessionalmente determinada* pela Confissão de Augsburg e Pequeno Catecismo de Luther, pertence à família das igrejas moldadas pela reforma de Martin Luther, e quando adotar em lugar de “Federação Sinodal” a denominação de Igreja, o que esperamos para breve, exprimi-lo-á nesta mesma denominação.

3º. – Como Igreja assim determinada confessionalmente a Federação Sinodal se encontra na *comunhão das igrejas representadas no Conselho Ecumênico* as quais admitem o Evangelho de Jesus Cristo, que transmite a

Sagrada Escritura, como única regra diretriz de sua obra evangélica e de sua doutrina.

4º. – A Federação Sinodal cultiva a comunhão de fé com a Igreja Mãe, a Igreja Evangélica na Alemanha, que pela sua organização básica evidencia a comunhão da cristandade evangélica na Alemanha e se enquadra na ordem da Ecúmena.

Há, como pode ser visto, uma forte vinculação com as origens alemãs, o que não deixou de ser um entrave para o crescimento deste credo entre os “brasileiros” que se viam aliados da “igreja dos alemães”. Esta ligação tão profunda com a Alemanha, ao mesmo tempo em que demonstra a etnicidade como fator aglutinador das congregações teuto-luteranas, também se torna mais forte em razão de seus pastores terem uma forte ligação com a germanidade. Corrobora com esta situação o fato de seus estudos ocorrerem baseados em doutrinadores e com professores, quase que na sua totalidade, vindos ou ligados à Alemanha. Deste modo, havendo uma univocidade de pensamento e ensino – o teutônico.

Esta ligação com a Igreja da Alemanha foi que deu condições para uma união com outras igrejas fora do Brasil. A partir disso, ela pleiteou a filiação, a qual foi acolhida como Igreja-membro no Conselho Mundial de Igrejas (CMI) já em 1950 e na Federação Luterana Mundial (FLM) em 1952.

No II Concílio Eclesiástico no ano de 1954 a Federação Sinodal foi cognominada de “Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.” Em 1962 no IV Concílio Eclesiástico a expressão Federação Sinodal é suprimida, permanecendo apenas Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Esta Igreja contava em 2008, segundo o seu portal, com 705.000 membros³⁴, distribuídos em dezoito Sínodos, 413 paróquias, mil, setecentas e setenta comunidades, mil cento e sessenta e dois pontos de pregação, cinquenta e oito escolas (Anexo 1), treze ancionatos, vinte hospitais e doze casas de retiro. Também pode-se lembrar que tinha, em 2008, quinhentos e setenta e sete pastores, trinta e quatro diaconisas, noventa e oito obreiros e obreiras diaconais e cento e trinta e cinco catequistas. Além destas instituições e colaboradores, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil possui organizações étnicas, como as Comunidades Escandinava, Húngara, Japonesa e o Grupo de Negros da Escola Superior de Teologia.

³⁴ Portal luterano, disponível em: <www.luteranos.com.br>. Acesso em: 06 de out. 2008.

Assim verificou-se que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil foi a primeira igreja evangélica luterana que teve um trabalho regular no Brasil. Desde o seu início apresentou um caráter étnico, posto que se alicerçou entre os teuto-brasileiros. Tendo, estes seus membros – o que pode ser comprovado no rol de seus pastores – assento privilegiado entre os teutônicos, e nas cidades de forte ascendência da origem germânica. Verifica-se ainda hoje, como forma de corroborar este dado, o fato de que suas escolas encontram-se, via de regra, nas cidades onde houve a predominância da imigração alemã, ou em bairros, como no caso de Porto Alegre, que este grupo étnico foi preponderante. O que vem consubstanciar o poder centrípeto do caráter étnico no meio destas congregações. Fato que se verificará também entre os filiados à Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Ao mesmo tempo, verifica-se que nas escolas filiadas a este grupo luterano, há uma preocupação com o bom ensino. Para corroborar com este cuidado, verifica-se nos exames nacionais propostos pelo Governo Federal, a boa colocação de seus educandários. Em contrapartida, este ensino, diferente do ideário luterano do século XVI, encontra-se distante das classes menos favorecidas. Este fato, de *per si*, já pode denotar que as escolas luteranas atingem uma classe favorecida economicamente, em detrimento de outra menos aquinhoadas. Desta forma, reifica-se a etnicidade deste grupo. Não porque se destina apenas a uma etnia, mas a um nicho político e econômico que pode arcar com o custo desta educação. Este mesmo grupo apresenta signos de pertença que os remete ao ideário luterano. Entretanto, não mantendo mais como fonte de atração ou de pertença no ideal de Lutero o fator religioso, como antanho, mas outros sinais diacríticos são encontrados, como o diálogo com as autoridades, pelo fato de buscarem posicionar-se em questões políticas, aos moldes do que o reformador fazia no seu tempo, bem como o ensino de qualidade, a procura pela eticidade, a visão holística da educação na tentativa de impor uma cultura dominante – ensinando para a vida, só para ficar nos sinais mais evidentes, até porque estas escolas não serão estudadas com minudência.

Sabe-se que estes são sinais que permeiam todas as escolas de qualidade, entretanto como já reportado anteriormente, há um caráter étnico que perpassa toda a forma de ser deste ensino. Há uma urdidura entre o ensino, o local onde encontram-se as escolas, a clientela – professores e alunos – destas instituições,

visto que o número, ou o modo de ser escola está fortemente marcada pelo pensamento e etnicidade germânica. Basta, para corroborar com esta impressão, a verificação de onde estão as escolas e a relação de seus professores e alunos. Nesta aferição ver-se-á que há uma forte incidência de alunos e professores que carregam o fenótipo europeu (ver anexo 2 – Corpo Docente da fundação Evangélica).

2.4 SÍNODO DE MISSOURI

O outro grupo luterano, como já referido anteriormente, tem seu vínculo com os imigrantes que, saídos de solo europeu, impregnaram-se da cultura e ideologia luterana norte-americana. Eles escolheram primeiramente este território para fugir do arrefecimento confessional que ocorria na Europa no século XVIII. Após esta passagem pelos Estados Unidos, onde procuram resgatar e reforçar o ideal da ortodoxia luterana do século XVI, até por vezes distanciada de uma transculturação, chegam ao Brasil no final do século XIX, como missionários na busca de prosélitos para o seu ideário. Estabelecem uma via de mão dupla, como Hall (2008) lembra, procurando criar um grupo social, onde a transculturação ocorreria de ambos os lados – nos da diáspora e nos nativos ou na sociedade que os acolhe. Deste modo, ou cria-se esta via de comunicação ou o grupo que acolhe exploraria os recém chegados. Assim, com a compreensão desta cultura dialógica pode-se compreender um pouco melhor a especificidade histórica e ideológica deste grupo que, com seus arranjos, condições sociais e procedência, criam um novo grupo etno-religioso entre os teuto-luteranos.

A Igreja Evangélica Luterana do Brasil teve sua história marcada por este novo traço étnico. Seus fundadores e os pastores que vieram nos primórdios, mesmo tendo saído da Alemanha, sofreram forte influência do ideário norte-americano, onde o Sínodo de Missouri surgiu e se fortaleceu. O ideário de sua confessionalidade foi o que os impulsionou para trabalharem entre os germânicos que vieram para o Brasil, a fim de fazê-los se filiarem aos “missurianos”. O grupo

religioso trouxe consigo uma visão mais conservadora e fechada na sua interpretação da Bíblia, onde tem, como um dos seus identificadores mais marcantes, a total separação da Igreja e Estado, como ocorria nos Estados Unidos, país que procura incutir a atividade estanque de cada segmento da sociedade. Este era o discurso oficial de seus líderes, mesmo que isto, nem sempre fosse viável na prática, consoante ao que ocorria nos Estados Unidos, onde havia uma autonomia maior dos estamentos.

Estes luteranos que emigraram para os Estados Unidos eram os seguidores dos que no ano de 1817, foram marcados pela imposição do governo da Prússia, o maior estado alemão, para que houvesse a união de luteranos e reformados calvinistas. Como muitos dos filiados nestes grupos religiosos não aceitaram essa imposição, formaram igrejas puramente luteranas em toda a Prússia. Dessas igrejas que se tornaram independentes, alguns membros emigraram para os Estados Unidos, formando igrejas de cunho marcadamente confessional e com uma forma bastante rigorosa de procurar manter esta identidade como bandeira de seu movimento.

Luteranos com esta ideologia³⁵ formaram a Lutheran Church-Missouri Synod (Igreja Luterana-Sínodo Missouri dos Estados Unidos), dos quais, posteriormente, foram destacados alguns para darem assistência aos emigrados alemães luteranos no Brasil. Tendo em vista que alguns imigrantes que chegaram ao Brasil neste período eram oriundos das igrejas luteranas confessionais independentes, essa confessionalidade se tornou uma característica marcante na história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Para este grupo de teuto-luteranos, tornava-se uma forma de voltar às origens à terra natal, onde esta ortodoxia era o símbolo mais enfático apresentado como signo identitário. Na sua literatura teológica e devocional, nos temas de suas conferências e convenções, essa foi a ênfase mais presente (ORIGEM, 2008), por vezes criando uma barreira que dava a este grupo social um caráter de intransigência confessional.

Com este pano de fundo pode-se verificar que o ano de 1868 ficou marcado na história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil como o marco inicial do trabalho

³⁵ Aqui o termo “ideologia” carrega a ideia de ter uma função integrativa e que impõe padronizações. Ou como Coheh diz: “é o resultado de um processo contínuo e permanente que envolve adaptações constantes de inúmeras partes em transformação permanente” (COHEN, 1978, p. 105).

missionário (ou proselitista?) da Lutheran Church–Missouri Synod em solo brasileiro³⁶. Neste ano é enviado um jovem pastor, recém formado para atender os “alemães confessionais” que vieram ao Brasil. Este pastor, o reverendo Johann Friedrich Brutschin, veio para Dois Irmãos. Ele teve atuação destacada na formação do primeiro Sínodo, bem como, duas décadas mais tarde, na constituição do Sínodo Riograndense.

A despeito deste trabalho inicial, até porque o pastor Brutschin teve uma aproximação maior com o Sínodo Riograndense, a futura Igreja Evangélica Luterana do Brasil começou a ocupar realmente seu espaço no Brasil somente a partir do final do século XIX. Isto ocorreu depois que o pastor Brutschin, natural de Dossenbach, Alemanha, escreveu à “*Deutsche Evangelisch-Lutherische Synode von Missouri, Ohio und anderen Staaten*”, hoje “*The Lutheran Church–Missouri Synod*”, pedindo filiação ao Sínodo e, posteriormente, um pastor que o substituísse no trabalho paroquial em Estância Velha (DER LUTHERANER³⁷, 1899, p. 218 e DER LUTHERANER, 1900, p. 221).

Em resposta a esta solicitação, o pastor J. C. Broders foi enviado ao Brasil para uma viagem de inspeção. Embora a Lutheran Church–Missouri Synod soubesse que, no Brasil, estavam trabalhando, entre os imigrantes luteranos de origem alemã, especialmente no Rio Grande do Sul, pastores e professores filiados ao então “Sínodo Rio-Grandense”, fundado em 1886, ela não reconheceu nisso um empecilho. Segundo Warth (1957, p. 238), isso provavelmente se devia ao fato de que Brutschin não quisesse permanecer num Sínodo que não se declarasse luterano em seus estatutos, ou seja, que não fomentava o apanágio da confessionalidade.

³⁶ Martin Warth (1979, p. 157) diz que “imigrantes luteranos no ano de 1838, por motivo de fé e consciência, abandonam a Alemanha e fixaram residência no Estado de Missouri, EUA. Tiveram firme intenção de permanecer fiéis luteranos” e no ano de 1847, encontramos o relato de que o “agora tão grande Sínodo de Missouri, organizado em Chicago com apenas doze pastores, transformou-se em um Sínodo Luterano, o qual preserva pelo auxílio de Deus, a pura doutrina luterana” (Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, apud RADÜNZ, 2003, p. 206).

³⁷ Der Lutheraner foi a primeira revista (ou jornal) publicado nos Estado Unidos como material de doutrinação, explicação e manutenção do grupo étnico germânico naquele solo. Sua primeira edição foi publicada no dia 07 de setembro de 1844 e como diz seu criador e editor, Carl Ferdinand Wilhelm Walther, está é uma publicação para os luteranos alemães, escrita totalmente em alemão (KOLLEMEYER, Becky. **The Beginning of Der Lutheraner**. Disponível em: <<http://www.lib.niu.edu/1997/ihy970446.html>>. Acesso em 06 de maio de 2009.

Karl Gottschald, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, se reportando ao fato da ausência de uma identidade confessional luterana afirma que:

O fato de se ter omitido, conscientemente, uma definição confessional mais exata, nasceu apenas no mandamento do amor, de proporcionar a todos os evangélicos – provenientes de diferentes igrejas alemãs – que se haviam encontrado na formação de novas comunidades, a filiação e com isso a assistência de uma igreja em formação (75 Anos, apud SEIBERT, 2007, p. 8).

Assim se encontra, novamente, neste posicionamento de Gottschald o caráter étnico – igrejas alemãs – como uma característica deste grupo etno-religioso que se forma no meio das colônias diaspóricas, o qual procura manter seus sinais diacríticos. Este grupo, entretanto, segundo pode-se deduzir do excerto acima, torna-se um reduto que tinha como propósito unir e reunir os alemães luteranos, ou seja, criar um nicho social ou como Bordieu diz, um campo³⁸ no qual os que tinham vindo do outro lado do oceano ou que ainda viriam, bem como os descendentes destes, encontrariam e fortaleceriam um nicho social, porque encontrariam os signos de pertencimentos que lhes eram caros.

Na tentativa de formação deste novo grupo social, em 30 de março de 1900, Broders chegou ao Estado, e permaneceu na residência do pastor Brutschin. Ao contatar com o povo evangélico-luterano de então, decepçiona-se com o seu modo de viver a sua religiosidade (SEIBERT, 1989, p. 77). Por isso, em seu relatório publicado no *Der Lutheraner* de 07 de agosto de 1900, p. 245, ele não recomenda o Rio Grande do Sul como campo missionário para a Lutheran Church-Missouri Synod. Assim, se verifica que o cuidado com a eticidade foi tido como fundamental para a atuação dos missurianos, que ainda mantinham o seu caráter confessional, que os levou da Europa para os Estados Unidos. Enxerga-se aqui a preocupação em formar um grupo cultural com a preocupação com este sinal diacrítico, a confessionalidade.

Mesmo tendo tido esta impressão adversa do “solo missionário”, antes de retornar aos Estados Unidos, o pastor Broders viaja de carroça para a Colônia de São Pedro, saindo de Pelotas. Na localidade de São Pedro conheceu o senhor August Wilhelm Gowert. Após ter sido sabatinado pelo mesmo, o pastor se viu obrigado a mudar de opinião quanto ao Brasil como campo missionário. No seu

³⁸ Segundo Bourdieu, campo seria um sistema estruturado de forças objetivas capaz de impor sua lógica a todos os agentes pertencentes ao mesmo. Uma sociedade diferenciada, integrada por funções sistemáticas e uma cultura comum (LOYOLA, 2002, p. 66).

relato na revista *Der Lutheraner* (11 de dezembro de 1900, p. 389), afirma que finalmente encontrou “petróleo da mais fina qualidade”, ou seja, pessoas que poderiam dar uma resposta favorável ao trabalho dos pastores que viriam. Diante deste posicionamento, em decorrência deste encontro, no dia 1º de julho de 1901, foi fundada a primeira congregação pelo Sínodo de Missouri no Brasil, com a presença de dezessete famílias. Esta congregação aprovou estatutos que expressavam sua adesão à fé luterana.

Esta comunidade aceitou os estatutos que expunham a confessionalidade luterana³⁹, que era o pressuposto vindo dos Estados Unidos para vinculá-la ao Sínodo de Missouri, ao mesmo tempo envia um chamado para que fosse efetivado o pastor Broders, que viera como preposto. (STEYER, 1999, p. 36). Com esta imposição havia, já neste momento, a ênfase na ideia de vínculo ao sínodo por meio de um pastor chamado⁴⁰ – escolhido para exercer o ministério, dentre aqueles que tivessem a formação teológica da *Lutheran Church-Missouri Synod*. Em outras palavras, haveria a continuidade do ideário etno-religioso aceito pela igreja norte-americana, que agora faria parte do vínculo identitário da “filha” – a igreja missuriana no Brasil.

O pastor Wilhelm Mahler foi enviado pela Igreja norte americana para assumir a Congregação de São Pedro e junto com a vinda dele houve a intenção de chamarem outros pastores missionários. Projeto este que não teve o êxito esperado. Somente algumas comunidades foram simpáticas a este intento do Sínodo (RADÜNZ, 2003, p. 211).

Um dos entraves colocados para um melhor entrosamento entre as comunidades da colônia com o Sínodo, foi a acusação de que os pastores e missionários seriam “agentes e políticos norte-americanos”. Que eles teriam vindo para especular o país porque “queriam americanizar tudo!” Como afirmavam: “Eles querem tomar as igrejas e as escolas” (KIRCHENBLATT, apud RADÜNZ, 2003, p.

³⁹ A confessionalidade luterana consistia em ter a Bíblia como única fonte de fé a qual teria que ser lida com as lentes dos livros reunidos no Livro de Concórdia de 1580, ou seja, aqueles já arrolados na nota 15.

⁴⁰ Segundo o ensinamento da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, chamado é “a designação de certa pessoa idônea para o ministério da igreja, com direito de ensinar em público, administrar os sacramentos e exercer a disciplina eclesiástica” (MÜLLER, 1960b, p. 249). Isto é ensinado com base na Confissão de Augsburgo (Art. XIV), onde diz: “Ninguém deve publicamente ensinar na igreja ou administrar os sacramentos a menos que seja legitimamente chamado” (CONCÓRDIA, 1980, p. 70).

212)⁴¹. Mesmo assim, foram enviados pastores impregnados do ideal luterano dos Estados Unidos, com a finalidade de acender e/ou reacender o espírito do luteranismo confessional em solo gaúcho. Mesmo tendo esta pecha para vencer, o Sínodo vai ampliando seu raio de ação. Deste modo, o ideário de Lutero, tingido com as cores de sua passagem em solo norte-americano, mais voltado à confessionalidade que aquele que viera diretamente da Alemanha, sem uma integração maior com o Estado, começa a ser difundido e tomar corpo, criando um novo grupo social ou religioso em solo brasileiro. Estes missionários procuram incutir os símbolos do luteranismo nos Estados Unidos como sendo instrumentos de excelência da integração social e exteriorização da pertença ao grupo teuto-luterano. Estes signos eram empregados como “instrumentos de conhecimento e comunicação [...] que [contribuíram] fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração «lógica» e a condição da integração «moral»” (BORDIEU, 2001, p. 10). Trazendo consigo, deste modo, os sinais diacríticos que se acredita que as comunidades, e por extensão, as escolas, por serem luteranas, deveriam ainda apresentar, como a confessionalidade, a eticidade, o espírito holístico da pregação do luteranismo expresso na trilogia escrita por Lutero, onde ansiava pela universalização do ensino, só para referir-se a alguns símbolos.

De outra maneira pode-se dizer que era a forma impositiva de uma ideologia que procurava interpretar os velhos símbolos e/ou reinterpretá-los para o momento histórico. O que ocorreria por uma doutrinação contínua, pela afirmação de seu credo (COHEN, 1978, p. 105).

Retornando ao início do século XX, vemos que após difundir esta confessionalidade entre os colonos alemães, Broders retornou aos Estados Unidos, tendo, antes disto instalado⁴² o pastor Wilhelm Mahler, no dia 30 de março de 1901 (STEYER, 1999, p. 41). Sendo que este pastor foi o que concretizou a vinda do Sínodo de Missouri para Porto Alegre/RS.

No dia 07 de dezembro de 1902, sob a sua direção, organiza-se no então bairro Navegantes, hoje São Geraldo, a “Congregação Evangélica Luterana Alemã

⁴¹ Esta acusação não era de todo infundada, já na Primeira Conferência Pan-Americana, em 1889 fora reafirmada a política norte-americana da “América para os americanos” que trazia um tom imperialista, que era exacerbado por pessoas que tinham a intenção de instar uma oposição ao trabalho missionário em solo sul-brasileiro.

⁴² Sobre a instalação de pastores, ver nota 10.

de Porto Alegre” (SEIBERT, 1989, p. 80). A mesma já aprova seus estatutos que afirmam, nos artigos 2 e 3:

2. A Congregação confessa a Sagrada Escritura como Palavra de Deus, bem como a todos os livros confessionais da Igreja Evangélica Luterana.

3. A Congregação tem como objetivo o cultivo da fé e praxe luterana, tanto na área eclesiástica como na área escolar (DER LUTHERANER, 17.02.1903, p. 52).

Este estatuto deixa claro, ao menos duas situações que podem ser destacadas: a confessionalidade da Igreja, ou seja, a sua forte ligação à ortodoxia que foi trazida pelos norte-americanos e a ênfase no ensino, que teria como fundamento as práticas luteranas. Estas podem ser entendidas como uma forma de externar a etnicidade, até porque, como se deduz por ter sido publicado originalmente em alemão, que se destinava aos teuto-luteranos. Com criação desta comunidade, foi dado início à missão da Lutheran Church-Missouri Synod num centro maior – a capital do Estado, voltada ao seu grupo étnico.

Agora, com o crescimento e a formalização da Igreja Luterana de origem norte americana em solo brasileiro, a igreja missuriana dos Estados Unidos continuou investindo no campo missionário brasileiro, aconselhando o Distrito para ampliar seu trabalho investindo na educação, principalmente. Para tanto, o pastor Hartmeister criou, no dia 27 de outubro de 1903 (SEIBERT, 1989, p.83) em Bom Jesus, município de São Lourenço do Sul um Instituto para formação de pastores e professores (WARTH, 1979, p. 21), que mais tarde viria a se transformar no Seminário Concórdia de Porto Alegre. Este Instituto foi endereçado “para os cidadãos teuto-brasileiros [com a finalidade de] preservar o luteranismo confessional” (STEYER, 1999, p. 123). Este educandário foi criado para ressaltar a etnicidade deste grupo social e incutir este traço em seus seguidores, posto que o Seminário estava voltado aos teuto-luteranos que exibiam a confessionalidade trazida pela ortodoxia norte-americana.

Antes disso, no mesmo ano, o Sínodo de Missouri, em sua Convenção de Milwaukee (4-14/07/1902), resolveu apoiar os pastores que trabalhavam no Brasil na publicação de uma revista eclesiástica (SEIBERT, 1989, p. 87). Para tanto apontavam duas razões: 1) apresentar a doutrina luterana e o modo de ser da Lutheran Church-Missouri Synod; 2) defender os pastores luteranos que trabalhavam no Brasil de ataques que sofriam através de outros periódicos aqui

editados. Assim organizam o *Evangelisch-lutherisches Kirchenblatt für Südamerika* que tem sua primeira edição no dia 1º de novembro de 1903 com uma periodicidade quinzenal (REHFELDT, 1962, p. 59). Novamente, a etnicidade está presente, pois o periódico estava sendo redigido em língua alemã, como forma de dirigir-se ao público interno, para fomentar neste o ideário reformista e inculcar nele os sinais que foram escolhidos pelos norte-americanos como signos que deveriam impregnar os neófitos em solo brasileiro, além de impor uma língua única e, com isto, um modo de pensar. Sendo este um meio de criar um canal de comunicação que liga, umbilicalmente, o pensamento do dominante sobre o dominado e procura criar neste, um “ambiente” favorável para introjetar a “intersecção de interesses sociais distintamente orientados” (VOLOCHÍNOV apud HALL, 2008, p. 268). Deste modo, há a ênfase na criação de um sínodo, que seria uma forma ampliada do poder político que assim teria um engajamento de mais membros, que conferiria o sentido de “grupo de interesse” (COHEN, 1978, p. 87).

Para fundamentar a formação da unicidade deste grupo de interesse, foi publicado na revista *Kirchenblatt* (que era o nome abreviado da revista tornada oficial, na época, uma vez que trazia o posicionamento dos líderes da Igreja Evangélica Luterana do Brasil), na sua edição do dia 15 de abril de 1904, um extrato dos Estatutos do Sínodo de Missouri para que as congregações o estudassem (STEYER, 1999, p. 57).

Deste modo, as congregações poderiam discuti-lo e formatá-lo antes da convenção de junho, ocasião em que o Sínodo Brasileiro viria a ser oficializado. No artigo II, dava-se ênfase às “Condições sob as quais pode ser solicitada a filiação ao Sínodo” e, entre elas, destacavam-se: 1) confessar a Escritura Sagrada como Palavra de Deus e única regra e norma de fé e vida; 2) aceitar todos os livros confessionais da Igreja Evangélica como a pura, clara e correta exposição da Palavra de Deus; 3) desligar-se de toda “promiscuidade eclesiástica” com igrejas falsas; 4) uso exclusivo de “literatura luterana” (STEYER, 1999, p. 111 e 112). Assim havia a preocupação pela eticidade e a permanência aos signos escolhidos pela Lutheran Church-Missouri Synod, sem que houvesse muito espaço para uma transculturação ao novo ambiente que estavam sendo inseridos, além do que impunha uma linguagem única, como forma de procurar manter o ideário etno-religioso com a univocidade e o pensar da “igreja mãe” dos Estados Unidos. Pela

imposição do uso exclusivo da literatura luterana, cria-se um cordão que une o pensamento, a língua e a forma de ser e viver de acordo com o ideário missuriano.

Isto é referendado no culto da sessão de abertura da Primeira Convenção Geral das Congregações do Sínodo de Missouri no Rio Grande do Sul, que aconteceu em São Pedro do Sul, no dia 23 de junho de 1904. Nesta, o pastor Lochner, representante da *“Deutsche Evangelisch-Lutherische Synode von Missouri, Ohio und anderen Staaten”*, ressaltou a confessionalidade luterana, baseando-se na máxima: “A palavra de Deus e o ensino de Lutero agora e para sempre permanecerão” (STEYER, 1999, p. 105). Atuaram como secretários os pastores Kern e Peterson. (RADÜNZ, 2003, p. 213).

Com a preocupação de “luteranizar” os neófitos, foi realizado o culto de criação do “Distrito Brasileiro do Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados”⁴³, hoje, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil – IELB, que continua a caracterizar-se como um corpo eclesiástico que deseja primar pela sua confessionalidade. Para tanto, já no preâmbulo de seus estatutos, a IELB enquanto Sínodo, introduz este assunto, afirmando que em sua natureza de sínodo ela é “constituída pela união voluntária de congregações para preservar sua confessionalidade, formar seus pastores e líderes e, conjuntamente, realizar a missão de Deus no mundo”. Desta forma, deixa transparecer que tem como princípio axiológico a eticidade e a permanência na confissão, que nem sempre foi transculturada para o meio ambiente onde estava inserida. Tanto isto é assim, que os números de membros das duas igrejas luteranas tradicionais são díspares, posto que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil tem quase três vezes mais filiados que a Igreja Evangélica Luterana do Brasil⁴⁴.

Mesmo assim, na perspectiva da manutenção de seu ideário, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil afirma nos Estatutos, no seu título VI, do artigo. 100, que uma Congregação, para manter-se filiada à IELB, deverá aceitar a Escritura Sagrada como a infalível palavra de Deus, o Livro de Deus, o Livro de Concórdia como correta interpretação da Bíblia, os Estatutos e o Regimento da IELB. Além

⁴³ “Der brasilianische Distrikt der deutsche evangelisch-lutheranischen Synode von Missouri, Ohio and andern Staaten”.

⁴⁴ A Igreja Evangélica Luterana do Brasil, tem, segundo seu site oficial, 230.215 membros, com os dados atualizados até o dia 18 de outubro de 2008. Já a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, segundo a informação recebida de sua secretaria, em outubro de 2008, conta com mais de 705 mil congregados (dados obtidos nos sites: < <http://www.ielb.org.br/> > e < www.luteranos.com.br >).

disso, deve usar formas de culto, hinos e manuais de instrução religiosa e literatura em geral que estejam em harmonia com as Confissões Luteranas e recomendadas pela Igreja. Desta forma, como lembra Cunha (1986) criam uma “linguagem” comum que é trazida neste material utilizado nas comunidades, como forma de manter a unidade. Entretanto, hoje encontra-se em muitos locais de culto material diferente, o que acaba minando esta unidade. Assim pode-se questionar se não estaria havendo uma transculturação para um pensar mais “evangélico” que “luterano”, onde os sinais que eram caros no século passado foram sendo esquecidos e se procurou entrar num movimento mais “moderno”. Desta forma, estaria havendo uma obliteração da tradição e, perder-se-ia um dos símbolos diacríticos luteranos que seria a confessionalidade. Com isto, poderia (BARTH, 1997, p. 201) apagar as diferenças valorativas, porque se abandonaria a padronização das diferenças que, se mantidas, seriam uma forma de assegurar as fronteiras entre os “de dentro e de fora” (HALL, 2008, p. 33).

Neste sentido, ao questionar um dos pastores que procura dar uma nova roupagem aos ofícios públicos dominicais, ele aponta que esta forma de culto é mais atrativa aos neófitos, mesmo que isto, ele concorda, não esteja de acordo com a tradição luterana. Deste modo, parece referendar a posição de que há uma transculturação da prática religiosa sem uma preocupação com a tradição, a qual fora tão enaltecida e preservada nos primórdios, quando da vinda da Igreja norte-americana e em sua missão no Brasil. Já o material de culto, por parte de alguns pastores, também não segue mais a univocidade que era patente, como pôde-se observar na importância dada quando da criação da primeira revista oficial (*Der Kirchenblatt*). Este posicionamento parece estar em rota de colisão com o que os pastores subscrevem ao se formarem.

Na formação teológica dos pastores, assim como desde o princípio, os Estatutos da IELB, no Título V, artigo 79, onde trata do Ministério Pastoral, deixam claro que será considerado pastor da IELB aquele que preencher os seguintes requisitos:

- a. aceitar a Escritura Sagrada como palavra infalível, revelada por Deus, e subscrever oficialmente os documentos confessionais da Igreja Evangélica Luterana, reunidos no Livro de Concórdia de 1580; (...)
- b. subscrever os Estatutos e o Regimento da IELB bem como submeter-se ao Código de Ética Pastoral, (...)

c. usar formas cúlticas, hinos e manuais de instrução doutrinários que estejam de acordo com a Escritura Sagrada e as Confissões Luteranas; (...)

d. renunciar ao unionismo e sincretismo de qualquer espécie.

Cada pastor da IELB também subscreve o Código de Ética Pastoral que, sob o Título I, afirma:

Art. 1º - Como cristão e pastor, eu aceito pela fé, acima de tudo, a autoridade de Deus e de sua Palavra, revelada em lei e evangelho na Sagrada Escritura. Minha primeira resposta é a adoração, demonstrada na confissão da fé, na oração e no culto pessoal ao meu Deus.

Art. 2º - Como cristão e pastor luterano, eu aceito a autoridade dos três Credos Ecumênicos (Apostólico, Niceno e Atanasiano) e das Confissões Luteranas, como estão no Livro de Concórdia de 1580, por serem a clara e correta exposição da Palavra de Deus.

Como pode ser observado, a tônica está posta na unidade da pregação, da formação, da liturgia enfim. Sendo que isto, parece, estar sendo deixado de lado pela introdução de novos hinos não oficializados pelo “Hinário Luterano”, ordens de cultos (liturgias) mais livres e até credos confessionais diversos daqueles que subscreveram no Estatuto e no Código de Ética.

Mesmo assim, firmada nesta confessionalidade, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil passa a ter sua atuação mais marcante entre os imigrantes luteranos alemães que buscaram criar um ambiente de etnicidade com o ideário que tornou-se caro entre os imigrantes alemães que foram aos Estados Unidos no século XIX. Sendo este ainda o *modus operandi* da maioria das congregações ligada à Igreja Evangélica Luterana do Brasil, ou seja, permanecem com um culto, uma liturgia centrada na tradição, com uma unidade de práticas religiosas.

Desta forma os cinquenta e seis distritos, que têm 455 paróquias e abrangem 1423 congregações e 653 pontos de pregação ou missão. A despeito deste número bastante expressivo, ainda apresentam uma unicidade considerável, pois, praticamente todas as comunidades seguem os ditames oficializados nos documentos da Igreja, porque, como dito anteriormente, apenas alguns pastores estão procurando introduzir “novidades” litúrgicas. Sendo poucas comunidades que não apresentam a homogeneidade do ritual luterano, mesmo contando com 610 pastores. Esta estrutura é mantida por 233.416 espalhados em todas as unidades da federação⁴⁵. (Anexo 3).

⁴⁵ Dados obtidos no dia 13 de ago. de 2009 no site oficial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil com dados do Anuário Evangélico de 2007. Disponível em: <<http://ielb.org.br/somos/numeros.htm>>, referendados pela cópia da página conforme anexo 3.

No seio destas comunidades surgiram escolas chamadas de paroquiais. Estas nasceram do desejo de pais e educadores de inculcar em seus filhos uma filosofia de educação cristã/luterana o que pode ser sociologicamente interpretado, como uma procura pelo domínio do poder cultural. Algumas escolas precederam à fundação das próprias congregações, como o Colégio Concórdia (1902) de Porto Alegre, RS, foi em relação à Comunidade Cristo. Ainda hoje, algumas frentes missionárias luteranas se desenvolvem através da implantação de escolas, dando origem a congregações organizadas, ao passo que outras já fecharam suas portas por não resistirem às mudanças ocorridas no ensino do Brasil.

Junto à Faculdade de Teologia da IELB hoje se encontra uma escola de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Técnico, que desenvolve extensos trabalhos de capelania e expressivos projetos educacionais que têm servido de modelo, como é o caso do Projeto de Inclusão. Entretanto, a criação deste adendo à Faculdade de Teologia veio em socorro à instituição que passava por dificuldades financeiras pela falta de alunos, uma vez que o ensino fundamental que tivera como “pré-teológico”, até meados dos anos oitenta, fora fechado.

Assim, como essas, muitas destas escolas têm lugar de destaque no cenário educacional do município onde estão instaladas, pelo trabalho que realizam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, Médio e Técnico.

Hoje a Faculdade de Teologia, que teve seu início nos primórdios do século XX, está vinculada à Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), que oferece o curso teológico, formando bacharéis em teologia e restando ao Seminário Concórdia dar a formação ministerial que torna o bacharel apto para receber um chamado de uma congregação

Desta forma vimos que a Igreja Evangélica Luterana do Brasil, tendo chegado ao Brasil, via Estados Unidos, trouxe um modo diferente de inserir-se dentro da sociedade. Houve sempre o discurso da separação da Igreja e Estado. Onde, diferente do ideário de Lutero que via a necessidade dialógica dos dois estamentos, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil pregaria a existência estanque de cada um deles. Não haveria, na sua ótica, escudada na interpretação dos dois reinos, a possibilidade de intervenção ou imbricamento entre eles. Mesmo que, segundo os estatutos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil há a subordinação ao

Estado, não pode haver a interferência – que muitas vezes é entendida como diálogo ou posicionamento claro de seu ideário – entre ambos. Desta forma a prática ou a vivência da fé era embotada na sociedade. De qualquer modo, deixaria transparecer, de modo pálido, sua identidade com o ideário do século XVI, sem apresentar a transculturação necessária para ter uma atuação mais marcante. Parecendo, por vezes, que perdera o foco luterano de democratização do ensino, da abertura a todos, da univocidade, da eticidade e da confessionalidade na urdidura do seu poder político com o do Estado, como forma de procurar o crescimento deste e a fidelização aos signos que lhe eram caros. Até parece, conforme publicado no jornal “A Folha de São Paulo”, do dia 14 de abril de 2009, que houve um “esquecimento” da eticidade luterana, na sua forma de apresentar-se como grupo etno-religioso, ante a sociedade em geral.

Deste modo, tem-se o sentimento que houve uma ruptura de princípios como a unidade ideológica nos educandários e a escolha de novos sinais de pertença, por parte dos pais e alunos. Restando, em geral, um grupo étnico ligado a um grupo social chamado Igreja Evangélica Luterana do Brasil, que procura na “diáspora’ [...] um processo de redefinição cultural [ideológica] e histórica do pertencimento” (MALAVOTA, 2007, p. 23). Assim, esta identidade não é fixada pelo fator religioso, dando a impressão que a tônica está posta no fator etno-cultural que procura reificar num nicho geográfico diaspórico um grupo etno-religioso. Deste modo, este grupo criaria um modelo que ligaria o sujeito à terra de origem de seus pais. Ao mesmo tempo que outras identidades são transformadas como a do capital cultural, ou do “*habitus* [qual se] constitui num esquema de percepção, de apreciação e da ação, quer dizer, num conjunto de conhecimentos práticos adquiridos ao longo do tempo” (LOYOLA, 2002, p. 68) os quais dão um modo de perceber, agir e evoluir no nicho social.

No entanto, parece que estes traços atenuaram as diferenças, dificultando a percepção da “dicotomização entre membros e não membros” (BARTH, 1997, 195), tornando-se perceptível, a presença destes signos, apenas no âmbito da escola e da comunidade religiosa. De modo que não ocorre, claramente, um reflexo maior na sociedade, como parece ter sido o pensamento do luteranismo no século XVI. Estes traços mantidos, relacionados, ou transformados, seriam o “conjunto de posições de

identidade” como Hall chama (2008, p. 34), tornando-se estas, mais políticas que identitárias.

Mesmo assim, sempre houve a preocupação com o ensino dentro desta Igreja, nem sempre com a qualidade e o acesso universal que seria coerente com o ideário luterano do século XVI. Tanto isto é verdade que houve uma proliferação de “escolas paroquiais” (muitas delas não resistiram à estatização e à gratuidade do ensino estatal) junto a diversas comunidades. Estas escolas, no entanto, foram perdendo a sua força e hoje se questiona até que ponto ainda as escolas luteranas são de fato tributárias do luteranismo. Para tanto, far-se-á, no próximo capítulo, um estudo de algumas escolas para procurar encontrar nelas aqueles traços que se acredita serem os signos identitários diacríticos caros ao luteranismo, com os quais pretenderiam apresentar o seu paradigma de pertença a este grupo etno-religioso.

3 A EDUCAÇÃO LUTERANA NA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL

Entre os vários sinais diacríticos identificáveis no ideário luterano, neste se verá a educação e suas implicações no pensamento reformista, assim como sua abrangência para a vivência dos seus seguidores, e, por condução, a todo o grupo social dos luteranos. Primeiramente veremos que Lutero, por acreditar que a fé vem pela Palavra de Deus, que ele chama de um meio da graça⁴⁶, deu ênfase à educação. Para ele, era primordial que os crentes soubessem ler, porque desta forma eles mesmos poderiam decodificar o que estava escrito na Bíblia. Por esta visão, traduz a Bíblia para o vernáculo, insiste na educação dos jovens e aponta para o Estado, como aquele que tem o dever de propiciar o ensino aos seus. Como já aludido anteriormente, a tradução da Bíblia e a codificação de uma linguagem voltada aos que o seguiam, e ao povo alemão que tinham acesso aos seus escritos, tornam-se uma forma de criar uma identidade e um modo de pensar. Com esta nova linguagem, que perpassa seus escritos, agrega seguidores ao seu modo de entender os textos sagrados.

Ao lado do crescimento desta fé, segundo ele, com a leitura e o ensino, dar-se-iam ao Estado pessoas mais aptas para o desempenho de suas funções, possibilitando que surgisse uma nação mais forte e próspera. Também, segundo sua ótica, pelo conhecimento adquirido e pela leitura e interpretação dos textos sagrados

⁴⁶ Segundo o entendimento da Igreja Evangélica Luterana do Brasil “Deus emprega certos meios externos, visíveis, pelos quais o Espírito Santo opera e mantém a fé e destarte cumpre a salvação de pessoas (MÜLLER, 1960, p.121). Nesta mesma linha Pieplow (1947, p. 329) se reportando às Confissões luteranas expostas no Livro de Concórdia, aponta na Declaração Sólida da Fórmula de Concórdia XI, 76 o que são os meios da graça para os luteranos: “O Pai, entretanto não quer fazer isso [trazer os homens a Deus] sem meios, senão que ordenou para este fim sua palavra e os sacramentos [Batismo e Santa Ceia] como meios ou instrumentos ordinários” (LIVRO DE CONCÓRDIA, 1980, p. 674).

se criaria uma sociedade que iria pautar sua vida pela eticidade, pelo auxílio ao próximo e pelo engajamento na vida da *pólis*.

Com esta nova forma de encarar a religião, parece que Lutero a vê como mobilizadora de “emoções poderosas e sentimentos associados aos problemas básicos da existência humana, legitimando e estabilizando combinações políticas ao representá-los como parte natural do sistema do universo” (COHEN, 1978, p.132. Estas emoções e combinações políticas são cristalizadas e enfatizadas nos seus escritos e nos encontros regulares que promovia em sala de aula e/ou nos ritos religiosos, daí a importância, na sua ótica, do ensino e da educação do povo.

Esta mesma preocupação com a educação, até porque acreditavam que seria uma forma de reforçar o pertencimento no ideário luterano, acompanha o grupo de imigrantes teuto-luteranos que chegam ao Brasil no início do século XIX.

Deste modo, observando a presença luterana, que teve seu início com a chegada dos primeiros imigrantes luteranos alemães, constata-se que houve um afastamento gradual, por parte da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, como agente social, político e educacional em solo brasileiro, daquilo que encontra-se em Lutero como identidade dos iniciados dentro da sociedade de sua época. A Igreja, assim, passou a preocupar-se ou escolher outros elementos ou signos que manteriam o grupo cultural e identitário dos diaspóricos. Aqui parece que se manifesta, de forma concreta, o fato de que um traço fundamental dos grupos étnicos é a característica da auto-atribuição ou da atribuição dada por outros grupos sociais. Isto ocorre quando se “classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica [...] presumivelmente por sua origem” (BARTH, 1997, p. 193, 194).

Desta forma este grupo, com a distinção identitária que se auto-atribui, e com as características que ele próprio considera importante, afasta-se do imanente e procura se apegar mais ao transcendente, apontando uma bem-aventurança futura. Talvez este voltar-se ao transcendente tenha a ver com as dificuldades encontradas nos locais onde foram abandonados pelo governo brasileiro. Mesmo assim, escudada por uma doutrina de separação entre Igreja e Estado (aqui entendida a posição política do Estado), deixaram de sentar-se à mesa de debates na busca do bem-estar imanente de todos, inclusive dos seus. Deixam de, conforme

Lutero escrevia, procurar enxergar a necessidade de uma melhor qualidade de vida no aqui e agora também.

Esta mesma visão pode se abstrair da fala do reverendo Lauro Gabriel Petry, ao ser questionado sobre a importância da Escola Redentor. Ele aponta o fato de a Escola não preparar bem os alunos para a catequese, deixando, assim, de servir de fonte missionária na busca de prosélitos para a mantenedora, sem, no entanto, referir-se à importância da escola para a sociedade como um todo. Parece, no seu posicionamento, que as escolas luteranas, em solo brasileiro, perderam sua visão holística, voltando-se para um olhar tacanho de “visão interna” e “fomentar a fé luterana nos seus”, diferente do que ocorria na Europa do século XVI. Ali, Lutero lutava para a penetração de seu pensar em todos os círculos vivenciais, sem querer ter o seu pensar vinculado a um grupo religioso apenas.

Infelizmente não há grandes registros sobre os primórdios da educação luterana da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Exceto relatos esparsos dentro das revistas oficiais da igreja. Estes textos tinham mais um caráter informativo, de consumo interno, da existência e do progresso das escolas entre os iniciados, e não mostrar sua filosofia, seu *modus operandi* ou seus objetivos maiores, ou seja: sua história. Não havia a preocupação em ressaltar seu ideário, até porque era para os “nativos da mantenedora”.

Há relatos difusos, com um cunho puramente informativo ou para ser lido pelo público interno para agregar mais alunos. Este acréscimo de alunos era visto como um constranger os seus membros, para que estes matriculassem seus filhos na “sua escola”, como é o caso da Escola Luterana São Paulo de Novo Hamburgo. Desta, seu pastor de 1932 até a década de setenta, escreveu um relato onde chama atenção da escola para os luteranos da comunidade e incentiva novas matrículas destes mesmos⁴⁷, para o fortalecimento da própria comunidade religiosa.

⁴⁷ A Escola Evangélica Luterana São Paulo – Uma coisa que contribue (sic.) muito ao crescimento à edificação e ao desenvolvimento de uma congregação cristã, é, sem dúvida, uma escola paróquial (sic.) cristã. Onde de alguma maneira fôr (sic.) possível uma comunidade luterana devia fundar e instalar uma escola paroquial. Esta é uma escola dirigida por um professor, chamado pela comunidade, na qual as crianças existentes nesta comunidade e que estão na idade escolar, são instruídas nas matérias seculares necessárias e exigidas pelas leis do País, mas principalmente na doutrina cristã. Quando na escola, as crianças são subtraídas aos cuidados dos pais, mas na escola cristã elas são educadas num espírito e num ambiente cristão. A Escritura Sagrada incumbe a comunidade da tarefa de instruir as suas crianças na doutrina cristã. Está contida esta tarefa na ordem missionária em Mat. 28:19. O batismo deve ser antes. [...] Estas [as crianças] devem ser

A despeito destas dificuldades, afim de poder relacionar de forma mais clara os luteranos no Brasil ao pensamento de Lutero do século XVI, é importante retomar, em rápidas pinceladas, o pano de fundo histórico da educação luterana, como visto no primeiro capítulo, onde viu-se que para o luteranismo há um imbricamento entre a Igreja e o ensino. Este entrançamento entre ambos torna-se tão estreito, no posicionar-se dos teuto-luteranos, ao ponto de haver o princípio de que deveria haver uma escola ao lado de cada templo. Estas escolas, segundo o modo portarem-se em solo brasileiro, serviam de centros de doutrinação dos filhos da comunidade religiosa. Com esta leitura, procurando amalgamar a igreja com a sociedade de uma forma que, mesmo havendo a permeabilidade dos grupos sociais, os seus seguidores tivessem uma “ideia de uma tradição cultural que se adapta [e procura influir positivamente] e se perpetua como poder diante dos obstáculos que esse novo meio lhe antepõe” (CUNHA, 1986, p. 88).

objeto de especial cuidado. Pelo batismo se tornaram filhos de Deus e assim membros da igreja cristã. Não somente (sic.) os pais mas também a comunidade tem o dever de criar as crianças na doutrina e admoestação do Senhor. A experiência nos ensina que a escola paroquial é a melhor instituição pela qual a congregação cristã cumpre com este dever para com as crianças. Uma comunidade, pois, que pela graça de Deus conseguiu fundar em seu meio uma escola paroquial, se deve mostrar agradecida a Deus. Um membro de uma comunidade não pode empregar o seu dinheiro melhor do que contribuindo para a manutenção de uma escola paroquial. Sendo que esta é a escola de toda (sic.) comunidade e não somente (sic.) daqueles que têm filhos de idade escolar, devem todos os membros contribuir para o sustento desta escola. Dela saem os futuros membros da comunidade, membros bem instruídos na doutrina cristã. As escolas cristãs em nossas comunidades são verdadeiros viveiros da igreja e contribuiram muito pelo crescimento da mesma. Enquanto em nossa comunidade os nossos filhos são educados e instruídos em escolas cristãs podemos estar tranquilos (sic.) quanto ao futuro da igreja, que certamente crescerá e florescerá.

Considerando a importância de uma escola cristã, mesmo quando não havia sido fundada a comunidade, o Prof. Neukuckatz, no dia 15 de fevereiro de 1925, começou com 3 alunos apenas uma escola missionária. Cresceu este (sic.) número até o fim do ano até 14, e no ano seguinte até 30. Este número conservou-se até 1942 no mesmo nível, elevando-se certa ocasião para diminuir (sic.) de novo. Em 1943 a matrícula elevou-se para 51, em 1944 para 56 e até setembro do ano 1945 para 72.

[...]

Visto que um bom número de membros mora afastado, dificilmente podem eles (sic.) enviar seus filhos para a escola, mormente em mau tempo. Ao passo que alguns não recuam diante desta dificuldade, mandando seus filhos mesmo de longa distância, uma vez que seus filhos recebem uma educação e instrução cristã, outros, residindo mesmo mais próximo, enviam seus filhos para outras escolas. Deviam estes (sic.) lembrar-se daqueles irmãos na fé que não têm o privilégio de possuir uma escola cristã por falta de professores e dos meios necessários à criação de uma escola paroquial, embora o desejassem ardentemente. Cristãos luteranos, estimemos a nossa escola paroquial! Dêmos (sic.) graças a Deus que possuímos uma tal instituição! Nenhum sacrifício seja grande demais, quando se trata da manutenção de nossa Escola São Paulo! (WARTH, 1945, p. 70-73)

3.1 OS EDUCANDÁRIOS

Como foi visto anteriormente, o ideário da educação luterana estava calcado na congruência entre igreja e ensino, no imbricamento entre ensino e vida, na universalização do bom ensino, na luta de uma cultura que deve se urdir no cotidiano da *polis*. Não havia a ideia de criar um grupo político e/ou econômico rodeado de uma classe dominada ou menos apta, como ocorreu nos primeiros anos do luteranismo no Brasil até o terceiro quartel do século passado, muito antes pelo contrário. Entretanto, hoje constata-se que a sociedade como um todo quer ter uma boa educação, tanto nas escolas privadas como nas públicas, sem discriminação. Desta forma, a visão de qualificar o ensino, e com isto os educadores e educandos, hoje deveria estar ligada a todas as escolas, não somente às luteranas. Há uma luta para a qualificação dos alunos. Ao olharmos o currículo das escolas, mesmo as públicas, veremos que elas apresentam uma similitude muito grande. Isto ocorre em função dos conteúdos mínimos impostos pela legislação, o que impede uma diversificação muito grande de escola para escola ou de rede para rede.

Isso pode ser verificado em uma escola municipal de Igrejinha. Esta diz que tem como filosofia “promover a integração entre todos os segmentos da escola com profissionalismo, responsabilidade e cooperação, visando o crescimento do aluno *como indivíduo atuante, crítico e consciente de suas ações em relação ao seu semelhante e ao meio em que vive*”⁴⁸ (grifo do autor). Vê-se, deste modo, que também apresenta uma visão holista, imbricando o ensino à vida e apresentando desinterdição das coisas públicas e privadas que antes era advogado às escolas confessionais.

Além desta nova visão que se pode encontrar nas escolas públicas, verificamos que o Estatuto da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, no que se refere à educação, não apresenta de forma clara o ideário educacional de Lutero: uma escola que projete o futuro, com pessoas imbuídas de terem uma atuação participativa dentro do seu universo. Isto pode-se verificar ao olhar mais acuradamente os estatutos da Igreja. Eles dizem:

⁴⁸ Filosofia da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Nova da cidade de Igrejinha, RS.

O Art. 73 diz que, no setor de Formação e Recursos Humanos, visando a zelar pela formação de obreiros aptos para o exercício do ministério, magistério, diaconia e pela educação em geral, a IELB deverá:

- I. criar, manter e incentivar a criação de estabelecimentos de ensino em todos os níveis, dentro da filosofia cristã-luterana e em consonância com os objetivos da IELB;
- II. supervisionar os estabelecimentos de ensino das congregações da IELB;
- III. fiscalizar a execução dos regulamentos e resoluções da IELB que dizem respeito aos seus Educandários Oficiais, bem como assistir os estabelecimentos de ensino confessionais administrados por congregações e entidades ligadas à IELB;
- IV. manter prontuário de pessoas habilitadas no campo da educação, colocando-os à disposição da IELB;
- V. coordenar as atividades em estreita colaboração com os Diretores e Conselhos Administrativos dos Educandários Oficiais da IELB;
- VI. planejar o recrutamento de estudantes aptos para o futuro exercício do ministério, magistério e diaconia na IELB, e fiscalizar a execução desses planos;
- VII. providenciar recursos para bolsas de estudos para alunos e obreiros, elaborar critérios de concessão e fiscalizar a execução desses critérios;
- VIII. funcionar como elo entre os Educandários Oficiais da IELB e destes com áreas afins de outras corporações religiosas brasileiras e estrangeiras;
- IX. estimular e aprovar programas de estudos especiais e de pós-graduação para obreiros e leigos, em entendimento com os Conselhos Administrativos dos Educandários Oficiais da IELB;
- X. estimular e apoiar candidatos a programas de pós-graduação no Brasil e no exterior;
- XI. prestar relatórios ao Conselho Diretor e à Convenção Nacional.

O Art. 74 diz que, no setor de Educação Cristã, com o objetivo de assistir os obreiros, as congregações, as escolas e a família no desempenho de suas múltiplas responsabilidades que visam ao crescimento da igreja, a IELB deverá:

- I. zelar pela educação cristã de crianças, confirmandos, jovens e adultos da IELB através de programas e produção de material curricular de educação cristã;
- II. produzir material curricular de educação cristã e treinamento de pais, líderes e pastores para o desempenho de suas funções e responsabilidades cristãs na educação do povo de Deus;
- III. assistir os distritos e as congregações e seus líderes no planejamento e expansão de todas as suas atividades formais e informais que visem a promover a educação cristã nas escolas paroquiais, escolas dominicais e bíblicas, departamentos e outros grupos;
- IV. fazer estudos e pesquisas necessárias à promoção e ao melhoramento do nível da educação cristã e do trabalho paroquial;
- V. zelar para que as congregações, distritos, organizações auxiliares e entidades usem o material e serviços colocados à sua disposição pela IELB para, dessa forma, garantir um programa de educação cristã adequado e teologicamente sadio;
- VI. promover encontros com os responsáveis pela educação paroquial nos Educandários Oficiais da IELB para tratar de problemas básicos e de novas perspectivas na área da educação paroquial;

VII. responsabilizar-se, através do setor de Pesquisa e Estatística, pela coleta, computação e análise da estatística paroquial, publicando os resultados;

VIII. coordenar as atividades de Arte Sacra, de Escola Dominical, de Pesquisa e Estatística, de Evangelização e Mordomia Cristã, nomeando pessoas e/ ou comissões e regulamentando-lhes objetivos e atribuições;

IX. prestar relatórios ao Conselho Diretor e à Convenção Nacional. (Regimento Interno da IELB, 2004, p. 45).

Como pode ser visto, os documentos oficiais falam de uma filosofia luterana e de objetivos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Entretanto esta filosofia não está posta claramente nos documentos oficiais. Encontra-se material como o exposto pelo pastor Beck, que apresenta uma forma de ver a educação, ou em artigos como os do professor Schüller, Rev. Wadewitz, Erni Seibert, Martin Warth e mais alguns poucos, mas que não são tidas como vozes oficiais ou representativas da Igreja, mais parecendo vozes dissonantes ou desconectadas com o todo da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Ainda conspira contra esta posição bíblicista luterana a legislação federal vigente. A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, no seu artigo 33, com a redação sancionada em 22 de julho de 1997, como Lei nº 9475/97, diz que:

O ensino religioso é parte integrante da formação básica do cidadão, constituindo disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurando o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil, vedando qualquer forma de proselitismo.

César Alberto Ranquetat Júnior (2007, p. 43) comentando o impacto desta lei, afirma que, com base nela, “o ensino religioso [...] perde, teoricamente, o caráter confessional. Este ‘novo ensino religioso’ deve ser, segundo a lei, ‘macro-ecumênico’, pluralista, inter-religioso e não-proselitista”.

Desta forma, as escolas confessionais perdem em parte um dos seus argumentos de existência: a missão proselitista de doutrinação com a finalidade de agregar mais “membros” para a mantenedora ou reforçar a confessionalidade da mesma nos seus alunos. Este tipo de trabalho das escolas está dificultado, o que as impede, em muitos casos, de, abertamente, assumirem a sua confessionalidade aos seus alunos. Mesmo que a lei não proíba a evocação do seu credo, no caso das escolas particulares, parece que está sendo ab-rogado este costume no contexto

das escolas luteranas, talvez até como forma de agregar mais alunos às suas fileiras e tornarem-se auto-suficientes economicamente.

A despeito disto, diante desta constatação, percebemos que está havendo dificuldade de manter-se um educar luterano que apresente uma diferença pragmática das outras escolas. Isto pode dar-se por diversas razões. Por questões legais ou porque há uma disputa por espaço entre todas as redes escolares. Pelas exigências do mundo moderno, que faz todas escolas buscarem a excelência na educação. Pelas exigências estatais, por meio dos exames nacionais. Ou ainda porque todas as escolas particulares buscam a excelência, na disputa pelos pais que querem e podem pagar pela boa educação aos seus filhos.

Ao mesmo tempo, pelo que se depreende dos argumentos que justificam a matrícula dos filhos nas escolas, vê-se que não há mais a preocupação com o religioso, como já foi posto. Agora as razões de matricular e manter seus filhos nestas escolas podem estar mais ligadas ao grupo sócio-político-econômico em que pais e alunos estão inseridos. Surge, aparentemente deste modo, um signo de pertença ligado à etnicidade e “a existência de uma cultura comum” (CUNHA, 1986, p. 105).

3.1.1 Seminário Concórdia

Na perspectiva identitária, pode-se ver que houve, desde o princípio, a preocupação dos imigrantes em introjetar nos neófitos os traços diacríticos trazidos na diáspora. Deste modo, ratifica-se o que Barth (1997, p. 194) observa sobre o conteúdo cultural, quando diz que as dicotomias étnicas apresentam “orientações e valores fundamentais – os padrões de moralidade e excelência pelos quais as ações são julgadas”. Assim, ao criarem sua escola, onde incutiriam seu ideário, estavam criando um foro que balizaria o julgar e o ser julgado na cultura poliétnica, onde procurariam permear toda a sua vida social. Em razão disto a Igreja Evangélica Luterana do Brasil procurou trazer este diferencial luterano da educação em seu

primeiro educandário no solo brasileiro – o Seminário Concórdia. Neste educandário ensinavam as proscricções luteranas para evitarem a simbiose com os externos, e ao mesmo tempo, as prescrições para apropriarem-se de “importantes bens e serviços”, ocupando “nichos recíprocos” em “estreita interdependência” (BARTH, 1997, p. 202), de modo a procurarem impor o seu poder simbólico – cultural – no seu nicho.

Com este propósito, olhando a história educacional luterana, ver-se-á que o Seminário Concórdia teve seu início em São Lourenço do Sul, RS no ano de 1903. Um ano e meio depois ele fechou suas portas, sendo reaberto em 1907, já em Porto Alegre. Apresentam, deste modo, a criação de um centro que seria o formador de opinião e que alicerçaria o ideário etno-religioso dos educandos. Estes sendo reenviados aos teuto-luteranos a fim reforçar neles os signos que eram ao luteranismo e, ao mesmo tempo, incutir nos imigrantes a crença de serem o “sustentáculo [...] de um culto estabelecido” e seguidores de um mestre – Lutero como um mito (COHEN, 1978, p. 95). Em 1921, foi transferido para o bairro Mont Serrat, também em Porto Alegre, onde permaneceu até início da década de oitenta, quando foi reunificado ao pré-teológico – porque em 1968 haviam separado o terceiro grau do ginásio e colegial (atual últimos anos do ensino fundamental e o médio) – em São Leopoldo, RS. Dez anos mais, em 1994, os alunos passaram a cursar, paralelamente à formação pastoral, oferecida pelo Seminário Concórdia, o curso de teologia na Universidade Luterana do Brasil. Desta forma o bacharel em Teologia torna-se um teólogo e também está habilitado para o exercício do ministério pastoral na Igreja. Neste ensino há uma especialização, que ocorre paralelamente, para a formação de pastores, onde sim, é dada uma ênfase na doutrinação e preparo para o trabalho no campo ministerial da Igreja.

Há que se ressaltar que o Seminário Concórdia não tem as características de outras escolas luteranas porque possui um caráter eminentemente dirigido à formação de pastores para atuarem na Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Desta forma, ele não pode ser analisado de forma desvinculada de seu objetivo e não é o foco deste trabalho, exceto se for feita uma análise da ênfase no educar e na origem dos que ali vêm estudar, ou seja: a grande maioria é de origem alemã, de igrejas situadas em cidades menores, como pode ser verificado nas relações de formandos dos últimos anos, bem como a relação de seus professores que são de origem teuto-brasileira ou descendentes destes imigrantes. (Anexo 4). Assim, pode-se

verificar o caráter étnico deste educandário, o que, aparentemente, torna-se o elo do ser aluno de um educandário luterano e os signos de pertença que eram utilizados nos países de origem. Este modelo de educação era reforçada pelo fato de os seus primeiros professores terem vindo da Europa e/ou Estados Unidos, o que grifava a confessionalidade da origem, o que servia, aos alunos, de sinais diacríticos ao saírem deste educandário. Desta forma, até de maneira estereotipada, era marcada a cultura luterana nestes alunos/pastores que procurariam formar e fomentar estes traços nos grupos sociais diaspóricos, escolhendo, do “baú identitário”, os sinais que lhes eram caros para grifarem a identidade do grupo etno-religioso.

A despeito disto, e em razão do objetivo específico do Seminário Concórdia, nos ateremos mais a algumas escolas que vivem a realidade do dia-a-dia das cidades onde estão inseridas as comunidades, necessitando lutar pelo seu espaço, entre outras escolas particulares e estatais.

3.1.2 Escola de 1.º e 2.º Graus Luterana São Mateus – Sapiranga, RS

Dentro da visão identitária do luteranismo dos primeiros anos, em 1952, a Comunidade Evangélica Luterana São Mateus, de Sapiranga, RS, achou por bem iniciar a sua escola, quando, segundo o Rev. Rafael Ott – Capelão da Escola em 2006 – a mentalidade da Igreja e dos seus membros era bem outra. Eles tinham em mente a necessidade de inculcar nos filhos dos congregados os princípios que eram caros aos luteranos, seu doutrinamento e a importância de oferecer boa educação aos educandos “de casa”. Ou, na percepção de Cohen (1978, p. 86, 87), procuravam apresentar ao seu grupo de interesses – os membros da comunidade luterana – sua aliança ao redor de seu credo, para que ao se misturarem e se interpenetrarem, com os de fora, pudessem aumentar sua parcela de poder e se protegerem. Diante disto, a escola era destinada aos filhos da comunidade luterana, segundo Ott. O mesmo pastor explica que a Igreja era fechada, ou seja, era dos luteranos filiados à Igreja Evangélica Luterana do Brasil e para estes luteranos, assim como a Escola. Tanto era assim, que se pode perceber no depoimento dos

mais velhos da comunidade, que a escola estava voltada aos seus. Havia uma cultura que os filhos de luteranos deveriam estudar em escolas luteranas como forma de estarem melhor preparados para servirem à Igreja e conhecerem a Bíblia. Ratificando nos mesmos a ideologia etno-religiosa luterana, seu poder simbólico, a fim de servir de celeiro para a procura de mais jovens vocacionados ao ministério, ou de um *lócus* fornecedor da endogamia para a endogamia dos “estudantes”⁴⁹. Como pode ser acompanhado no pensamento de C.H. Warth (Nota 36).

Não havia uma preocupação maior em que se tivessem bons líderes que atuassem para o bem da sociedade. Evidentemente este “conhecimento da Bíblia” implicava em enaltecer a eticidade, vincar a cidadania e o respeito às autoridades. Mas a preocupação maior estava voltada para um conhecimento melhor do transcendente. Aparentemente se perdeu parte da visão de Lutero, que queria bons líderes para o imanente também. Com o descuido do imanente, haveria um reflexo maior também dentro da própria paróquia, pois com a pregação da separação dos estamentos Igreja e Escola, não se formariam líderes para o trabalho fora dos portões da comunidade. Perdendo, deste modo, o ideário do “*Weltanschauung*” e do “*Lebensanschauun*” (LANGER apud GEERTZ, 1989, p. 114), que eram símbolos do repertório de Lutero, como já visto anteriormente. No condão desta separação não se voltavam à política (colocar o contraponto às autoridades, debater a legislação com os membros e legisladores, por exemplo), apenas eram bons cidadãos, cumpridores dos seus deveres e bons membros da comunidade religiosa.

Como lembrado pelo pastor, os alunos vinham para a catequese com uma boa base de conhecimento bíblico recebida na escola, mas havia o cuidado de ser inculcado neles a separação da Igreja e Estado e desta forma, no mais das vezes, este ensino estava dissociado do cotidiano destes alunos. Assim não havia a preocupação para a formação de cidadãos que iriam atuar como propagadores de um ideário luterano dentro da esfera governamental e profissional. Em outras palavras, talvez haviam perdido o significado mais importante, sociologicamente posto, um dos signos diacríticos de Lutero, que era o do embate com as autoridades e população na busca de melhores condições de vida imanente, como depreende-se de seus textos voltados às questões sócio-político-religiosas.

⁴⁹ Termo empregado para designar os estudantes de teologia do Seminário Concórdia que se preparavam para assumirem o pastorado da Igreja.

A primeira ideia na criação da escola era vê-la como campo catequético e que mantivesse os membros embebidos de ideais luteranos. Havia um doutrinamento nos membros e em seus filhos para que fosse incutido nos mesmos o pensar a Bíblia nos moldes luteranos. Havia, como diz Geertz (1989, p. 120), um capacitar dos membros para adotarem

os símbolos religiosos [entenda-se aqui luteranos] e oferecerem uma garantia cósmica não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas também para que, compreendendo-o dêem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permite suportá-lo, soturna ou alegremente, implacável ou cavalheirescamente

assim, fomentando e ratificando o sentimento de poder político – dentro da *pólis* – por saberem-se pertencentes a este grupo etno-religioso.

Entretanto, com o passar dos anos, a Escola foi tendo que se adaptar às novas realidades, como Malavota (2007, p. 97) coloca que “é necessário considerar que a experiência do desenraizamento, do deslocamento e inserção num novo contexto [...] [resulta] num processo de reinvenção das identidades e criação de novos modos de viver”. Ou ainda, no ideário dos membros da diáspora, surge a necessidade de procurar novos sinais buscando a formação e reformulação dos grupos. Como diz Barth (1997, p. 195), há a escolha dos

traços culturais que demarcam a fronteira [os quais] podem mudar, e as características culturais de seus membros podem igualmente se transformar – apesar de tudo, o fato da contínua dicotomização entre membros e não-membros permite-nos especificar a natureza dessa continuidade e investigar a forma e o conteúdo da transformação cultural.

E assim, “apenas os fatores socialmente relevantes tornam-se próprios para diagnosticar a pertença” (Id.). Então cria-se a ênfase de ela tornar-se uma fonte na busca de novos membros para a comunidade – ação missionária – como forma de justificar a sua permanência como escola paroquial. Até porque ela já não podia manter-se apenas com as mensalidades dos luteranos e precisou abrir as portas aos não filiados à comunidade. Para tanto, houve a necessidade de se criar um diferencial que justificasse, aos não membros, o matricularem seus filhos na escola “dos luteranos” os quais deixam de vir pela identidade religiosa. Neste sentido, procuram-se novos signos. As relações agora pedem a concordância em novas prescrições, novos códigos de valores, uma reestruturação da interação (BARTH, 1997, p. 197). Tendo ainda claro que este intercâmbio, na “ótica centrada em grupos de interesses não implica conceber que tais grupos exauam o universo total da

organização social” (COHEN, 1978, p. 87), mas servem de depósito dos sinais diacríticos que procuram manter e que lhes são caros.

Diante disto, a atenção agora está na boa formação de seus alunos para que eles possam estar preparados para atuarem nas mudanças que se faziam necessárias para o bem da *pólis*. Desta forma, buscam a qualificação do corpo docente e a orientação para que seja dado um ensino diferenciado. Isto torna a escola um centro de excelência de educação, segundo o pastor Kanitz⁵⁰, e atrai muitos alunos de outros credos. Ele continua dizendo que neste período a escola contava com um bom número de alunos, ao ponto de ter condições de repassar parte de seu orçamento à mantenedora para sustento desta. O que não ocorre mais hoje quando a escola, em muitos momentos, passa por dificuldades financeiras.

A Escola Luterana São Mateus ainda tem um vínculo com a comunidade homônima, como sua mantenedora. Sendo esta conexão mais formal, de direito que de fato, não sendo mais vista como um departamento que trabalha em conjunto com a comunidade religiosa. As decisões, em geral, da escola são tomadas autonomamente pela mesma, sem praticamente nenhuma possibilidade de intervenção da mantenedora. Fato que se repete em todas as escolas pesquisadas. Até mesmo no complexo ULBRA, onde a mantenedora é a Comunidade Evangélica Luterana São Paulo de Canoas, que não estaria inteirada da situação dos educandários colocados sob o seu nome⁵¹. Com esta constatação, verifica-se que está havendo a busca de novos sinais diacríticos que têm a função de fomentar este grupo econômico, político e cultural que se forma na “nova escola”. Assim, “o etnicismo [torna-se o] resultado de uma interação entre diferentes grupos de cultura e não uma consequência de tendências separatistas” (COHEN, 1978, p. 122). Isto é, existe a busca por “posições estratégicas de poder no contexto do Estado moderno”

⁵⁰ O pastor Oscar Kanitz atuou como vigário na Comunidade São Mateus de Sapiranga por mais de vinte anos, quando também trabalhava ligado à Escola homônima. Neste período foi chamado um segundo pastor para Sapiranga, e este, Luis Carlos Garlipp, juntamente com sua esposa que era formada em pedagogia passaram a atuar na Escola, até 1987, quando o autor desta dissertação assumiu a parte pastoral da Escola. Em 2000, foi chamado um capelão para a Escola, quando então começa a se desvincular da Comunidade.

⁵¹ Sendo importante chamar atenção aqui, até pelos fatos noticiados nos episódios envolvendo a ULBRA, que, mesmo não tendo ingerência na administração direta das escolas, cabe à mantenedora indicar o diretor/reitor das instituições. Isto é referendado pelo anexo 10, onde o Jornal Zero Hora noticia a eleição do novo Reitor da ULBRA e a escolha da reitoria por parte do Reitor eleito na Assembleia da Comunidade Mantenedora (Comunidade Evangélica Luterana São Paulo, de Canoas, RS).

(Id.), onde os princípios que pareciam ser caros aos primeiros missurianos deixaram de ser buscados. Adotam, deste modo, “um estilo de vida exclusivista cujas formas simbólicas distinguem o grupo de outros grupos e convencem os membros de sua própria identidade, onde estes adotam alguns símbolos de distinção” (COHEN, 1978, p. 97) no nicho social em que atuam. Deixando de ser o fator religioso a força centrípeta da escola, passando, aparentemente, a ter como caráter identitário a questão étnica, econômica e o poder simbólico.

Diante disto, o número de alunos filhos de membros da mantenedora é relativamente pequeno em todas as escolas pesquisadas. O diretor da São Mateus, não sabendo precisar exatamente o número de luteranos estudando na escola, acredita que está em algo próximo de dez por cento, assim como o número de professores que têm a mesma confissão religiosa da Escola, ele afirma que é um dado flutuante. Atualmente a escola conta apenas com o diretor e o capelão que são luteranos, por força regimental, de todo o quadro docente.

Segundo o diretor, isto ocorre, principalmente, por não haver no quadro da Comunidade, pessoas com a formação exigida para atuarem dentro da Escola, além das turbulências que levaram ao descrédito, por parte da comunidade, quanto ao futuro da escola posto que aquela precisou auxiliar esta, financeiramente, por várias ocasiões. Isto também não deixaria de ser um dos motivos do desejo de alguns membros da comunidade em quererem fechar as portas da escola. Tanto que houve períodos muito difíceis para a Escola. Ela precisava buscar outros atrativos para voltar a ser um referencial na educação local, ou atrair novos alunos. Desta forma, determinando “seu comportamento em função dos seus interesses em relação ao que a [...] [escola] pode oferecer” (BERNOUX, sd, p. 25). Assim, o diferencial da Escola hoje, o que talvez possa ser tido como a maior marca do caráter luterano, seja o trabalho entre surdos, além de apresentar uma endogenia na sua clientela não portadora de deficiência auditiva.

Para o trabalho entre os surdos, com a finalidade de ter acesso aos auxílios de empresas e do Estado, foi criada, em 1986, três anos após a implantação das aulas aos surdos, a APADA – Associação dos Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos – a qual obteve o reconhecimento de filantropia. Este reconhecimento foi uma alavancagem importante para a escola. Desta forma ela pode receber mais facilmente recursos do Estado e de entidades privadas. Sem isto, segundo o diretor,

se tornaria inviável a manutenção da escola como um todo. Este trabalho foi implementado no ano de 2007, quando iniciada a implantação gradativa do ensino médio, visando os deficientes auditivos que não dispunham de nenhuma escola habilitada, na região, para recebê-los.

Hoje a escola conta com 264 (duzentos e sessenta e quatro)⁵² alunos, dos quais, 56 (cinquenta e seis) são portadores de deficiência auditiva – em menor ou maior grau. Do contingente de alunos, o ensino médio contava no ano de 2007 com 48 alunos, nos dois primeiros anos, dos quais sete são deficientes auditivos.

O que chama atenção, ao verificar-se a lista de alunos, é o fato de que a grande maioria dos não portadores de deficiência auditiva terem sobrenomes alemães. Também verificando visualmente os alunos, percebe-se que a totalidade destes são de cor branca, ao passo que esta realidade não se aplica aos portadores de necessidades especiais.

Além deste fator étnico, verificou-se, no contato com os pais, alunos e professores, que estes estão posicionados num patamar sócio-econômico acima da média dos trabalhadores da indústria calçadista – a fonte da economia local. A maioria dos pais é formada de profissionais liberais, como advogados, médicos, funcionários públicos de nível mais elevado – do judiciário, diretores de departamentos, detentores de cargos em comissão no executivo municipal; pequenos empresários e pequenos comerciantes locais. Este fato pode apontar que esta escola apresenta traços identitários novos que tornam este grupo unido em sua identidade e, quem sabe, mantém os traços de pertencimento que lhes interessam. Criam, deste modo, “as interações em um sistema social” onde “os grupos étnicos [como] categorias de atribuição e identificação realizados pelos próprios atores [...] têm a característica de organizar a interação entre as pessoas” (BARTH, 1997, p. 188, 189), pela qual procuram seus pares para que seus filhos permaneçam circunscritos no mesmo raio de interpenetração social. Procurando, de certo modo, manter e/ou ampliar seu poder no nicho social no qual atuam.

Já no trabalho com os portadores de deficiência auditiva, vê-se a escola atuando ao lado do Estado, com o auxílio deste e no seu vácuo – já que o Estado não oferece oportunidade para os deficientes auditivos estudarem. Desta forma ela

⁵² Dados retirados do site da escola: < <http://www.saomateus.g12.br/escola.htm> > , em 05 jun. 2009.

pode ser vista como um agente imbuído de transformar a situação de concidadãos, oportunizando-lhes o acesso a uma educação inclusiva, segundo os ditames da lei. O que ainda não é oferecido pelo Estado nesta região. Deste modo, a escola, minimamente, apresenta-se como agente que procura universalizar a educação, porque se abre também aos surdos, o que poderia ser visto como uma tentativa de apresentar o ideário luterano que falava da necessidade de uma educação inclusiva.

Ainda há que se lembrar que muitos destes deficientes são oriundos de famílias desprovidas de recursos, o que faz a Escola, com a filantropia, buscar na indústria e comércio locais meios para alimentar e uniformizar os mesmos, para que eles se vejam como parte integrante de uma família. Novamente, de uma forma análoga ao ideário do reformador, parece haver um chamamento à responsabilidade de todos para que todos tenham seu direito estabelecido - estudar e tornarem-se agentes, potencialmente capazes de transformar o *status quo*. Não havendo distinção entre os mais aquinhoados e os carentes. Assim, além de aplanar as diferenças de credo, e condições físicas, também elimina a barreira econômica dentro do circuito da Escola.

Este trabalho, ao lado do ensino regular aos não portadores de deficiência auditiva, mostraria, de forma pálida, um caráter luterano no ensinar. Ao passo que, no ensino aos não portadores de deficiência, foi necessário que o novo grupo “ao entrar no sistema, [tivesse que] escolher símbolos ao mesmo tempo inteligíveis e disponíveis” (CUNHA, 1986, p. 55), a fim de se firmar como grupo cultural, e isto, como já reportado anteriormente, parece estar mais imbricado com os fatores étnico-econômicos.

Assim, estes símbolos foram deslocados da confessionalidade luterana para os culturais, étnicos e econômicos, no sentido de que “na diáspora ou em situação de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire nova função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna *cultura de contato*” (CUNHA, 1986, p. 99 - grifo no original). Criando, mesmo que não deliberadamente, como já visto, o que Bourdieu chama de campo, por buscarem um capital cultural que lhes daria “acesso aos bens simbólicos não redutíveis aos valores mercantis” (LOYOLA, 2002, p. 66). Assim “a cultura tende ao mesmo tempo a se acentuar, tornando-se mais visível, e a se simplificar e enrijecer, reduzindo-se a um número menor de traços que se tornam diacríticos” (CUNHA, 1986, p. 99). Neste caso, os

signos de pertença talvez sejam mais sociais e econômicos que outros quaisquer. Deste modo, mesmo que na aparência procuram mostrar uma oferta de ensino a todos, com a busca pela qualificação, parece haver um signo étnico que norteia as matrículas nesta instituição. Mesmo que, como diz o diretor, procurem fazer o trabalho “como uma resposta ao chamamento cristão para o serviço aos outros”, o que, de fato, não estaria claro no dia a dia da escola.

3.1.3 Escola de 1.º Grau Luterana Redentor – Igrejinha, RS

Em Igrejinha, RS, segundo Karin Blum Borninger, ex-diretora da Escola Fundamental Luterana Redentor, quando esta foi iniciada, em 1962, a realidade do município de Taquara, RS, era bem diferente. Igrejinha era um distrito de Taquara. Havia um completo abandono do Governo, segundo ela, até porque estava afastada do centro administrativo, por sua condição distrital. Ela afirma que “a convicção de que o ideal: ‘ao lado de cada igreja uma escola’, defendida pelo ‘Sínodo’ e a preocupação de Lutero com a necessidade da formação de bons leitores, para que eles entendessem bem os ensinamentos da Bíblia, propiciaram a criação e a permanência” da Escola Redentor. Sendo, segundo ela, a criação da Escola, a concretização de um desejo dos congregados que passam a ter uma “escola para os seus”.

O senhor Werno Müller, um dos poucos remanescentes dos fundadores que ainda está no quadro de membros ativos da Comunidade, diz que naqueles tempos, quando da fundação da Escola, os filhos dos luteranos precisavam ir à escola no centro, onde já funcionava uma escola estadual, ou a Três Coroas, onde havia uma escola luterana. Sendo que a primeira opção não era vista com bons olhos em virtude da qualidade do ensino e a segunda se tornava proibitiva pela precariedade de transporte. Ainda era preciso levar em conta o fato da dificuldade financeira de grande parte dos luteranos de Igrejinha, o que tornava a “viagem” a Três Coroas onerosa para o poder aquisitivo deles. E mandar os filhos para a escola pública (o grupo escolar, como era conhecido na época) representava, no falar do senhor

Müller, um risco muito grande de seus filhos se perderem e virem a aprender coisas que os pais não queriam porque iriam contra sua fé e o seu modo de vida.

Em razão disto, os membros se reuniram, orientados pelo pastor Edvino Wide – que atendia as comunidades de Três Coroas e Igrejinha – e iniciaram o processo de formação da Escola Luterana Redentor. Para eles, era uma maneira de formarem bons cidadãos que trabalhariam para o crescimento da igreja local e prepará-los para uma vida digna, e lhes impingiria o ideário etno-religioso luterano.

Hoje, o senhor Valdelíro Müller, um dos grandes colaboradores da escola que foi por muitas vezes presidente da comunidade mantenedora e que muito contribuiu para a sobrevivência do educandário, diz que dá uma tristeza muito grande ao ver que são tão poucas crianças que ele enxerga de sua casa – uma vez que mora em frente à Escola – no pátio da mesma. Assim como lamenta o fato dela, praticamente, não contar com professores e alunos luteranos. Ele espera que este quadro possa ser revertido, já que pelos bancos daquela escola, lembra ele, passaram pessoas que hoje são médicos, advogados, professores, vereadores e tantas outras pessoas que ocupam lugar de destaque dentro da cidade de Igrejinha e em tantas outras cidades, muitos deles oriundos de famílias luteranas. Seu Valdelírio atribui esta atuação destes ex-alunos, em boa parte, ao excelente trabalho de orientação para uma cidadania ativa que o professor Wilde⁵³ incutia nos seus alunos.

Segundo o professor Edgar, sua preocupação, como professor e diretor da escola, era fundamentar as atitudes e a formação dos alunos como um todo, em princípios rígidos de respeito às autoridades, aproveitamento dos dons, capacidades e tempo, assim como a preocupação com o transcendente. Sendo ele, além de diretor e professor da Escola, também responsável pela Escola Dominical⁵⁴ e a Instrução aos Confirmandos, ou catequese, como é denominada em certos círculos religiosos, o ensino preparatório para a passagem da etapa de criança para a de adolescente, quando pode passar a participar da eucaristia. Haveria uma interação

⁵³ O professor Edgar Wilde, um dos remanescentes da escola para formação de professores que havia junto ao Seminário Concórdia, foi o primeiro diretor e professor da Escola. Nos primeiros anos de trabalho em Igrejinha ele atendia as duas escolas – Três Coroas e Igrejinha. Quando teve que optar por apenas uma veio trabalhar em Igrejinha. Permaneceu na escola até 1993, como diretor, quando aposentou-se.

⁵⁴ Escola Dominical é o nome dado, dentro dos círculos da Igreja Luterana para o culto infantil que, via de regra, ocorre em paralelo com o culto dado aos adultos dentro do templo.

entre o ensino (entenda-se escola) e a igreja, onde era difícil separar até que ponto a escola deixava de ser uma extensão da igreja, ou uma doutrinação da confessionalidade que impregnava o ideário luterano.

Hoje, segundo a diretora Katuscia Raquel Dolvitsch Schwaab, a escola conta com 94 alunos nos nove anos do ensino fundamental. Tem quatorze professores no seu quadro, dos quais, quase cinquenta por cento de luteranos. Além do capelão e da diretora, ainda conta com outros quatro professores filiados à Igreja Luterana. Entre os alunos, a diretora não soube precisar, mas afirmou que o número de luteranos é pequeno, algo próximo de cinco por cento. Muitos dos luteranos, por não terem condições financeiras de arcarem com o custo de um ensino particular, deixam de matricular seus filhos na escola da comunidade. O que aumenta ainda mais este fosso é o fato de estar vinculada ao Sistema Positivo de Educação⁵⁵, que disponibiliza ao corpo discente um material didático bastante oneroso. Outros filhos de luteranos que, em razão da proximidade, optam por outra rede de ensino, via de regra, as municipais. Estes fatores seriam alguns dos causadores do não reconhecimento da Escola como algo vinculado à vida congregacional, por parte dos membros. Os encargos legais impostos às escolas e o alto custo de manutenção da mesma, tornou difícil, se não impossível, de ser mantida a forma tradicional dos membros acessarem as suas escolas, diz a diretora. Inicialmente isto ocorria de forma quase que automática por estarem contribuindo com a “mensalidade da Igreja”, seus filhos tinham o privilégio de frequentarem a escola.

Constata-se, com esta situação, que o ideal de ser uma escola para os membros da comunidade não ocorre mais. Ao mesmo tempo, verifica-se que, via de regra, nem os filhos dos membros ou outras crianças que moram próximo da escola têm sua matrícula ali. Desta forma, o caráter de democratização do ensino não se aplica a este educandário.

O professor Wilde lamenta o fato de a escola hoje estar longe dos congregados e estes dela. Em parte ele concorda que este distanciamento ocorre pela incapacidade financeira de muitos membros e por outro, porque a Comunidade deixou de investir na escola, como forma de procurar atrair seus filhos, o que ocorria

⁵⁵ O Sistema Positivo de Educação oferece os livros integrados, um portal de pesquisa, o CD-Rom, a assessoria pedagógica, o apoio de marketing, cursos aos professores, coordenação pedagógica e administrativa.

noutros tempos. Não se pode deixar de considerar ainda o fato de haver uma maior oferta de vagas pelas escolas públicas – tendo duas bem próximas da Escola Redentor. Com estes entraves, a diretora acredita que a Comunidade não vê mais a Escola, como já fora, um departamento da Igreja, mas apenas um apêndice que traz preocupações e que já quase não lhe pertence mais. Tanto é que muitos membros da comunidade fazem campanha para o fechamento da Escola ou para desprestigiarem o seu nome, segundo a diretora. O que pode estar destoando da sua origem é o fato de ela ter tido a necessidade de adaptar-se ao novo grupo econômico, social e político em que teve que atuar, até porque há a necessidade de buscar “os de fora” para que o empreendimento ainda fosse auto-sustentável. Do mesmo modo que foi visto na São Mateus, houve uma readequação de seus objetivos e de seus sinais diacríticos ao novo contexto que se lhes apresentava.

Lembra o professor Wilde que anteriormente, além da manutenção do diretor, com seu salário, a comunidade também oferecia ao mesmo uma casa com as despesas pagas – nos moldes de uma casa paroquial. Hoje, a Comunidade não tem condições de continuar auxiliando, até porque talvez não tenha mais o mesmo interesse de antes, assim como os custos educacionais tornaram-se bem maiores e houve um nivelamento de qualidade do ensino com as redes estatais e as particulares em Igrejinha. Isto também passou a ser um entrave na opção dos pais para a educação de seus filhos, posto que os menos aquinhoados escolhem as escolas municipais pela gratuidade e, ao mesmo tempo, pela busca da qualidade que o município impõe aos seus educandários.

Entretanto, ao verificarmos os propósitos luteranos do século XVI, constatamos que estes estão difusos dentro das práticas e discursos desta escola. O ensino com qualidade, hoje deixou de ser um diferencial das escolas luteranas, uma vez que passou a ser uma exigência de todas as escolas, especialmente as particulares, independente de terem, ou não, um caráter confessional. Em razão da necessidade de agrupar alunos, a escola teve de se focar no nome que possuía e ao mesmo tempo os signos diacríticos do passado tiveram que ser reescritos para o século XXI. Isto implica em manter a eticidade, a contextualização e buscar, pela qualidade, a transmutação da cultura a este novo grupo que se formara.

Quanto à ênfase no ensino da Bíblia, a escola oferece o ensino religioso, como permitido na base curricular do ensino fundamental e em alguns momentos

específicos do calendário escolar traz alguma programação específica de cunho confessional. Entretanto, segundo o pastor Lauro Gabriel Petry⁵⁶, a filosofia luterana não está muito clara no dia a dia da Escola. Ele, como diretor e/ou professor, sempre insistia para que a filosofia da escola fosse pautada pelos ensinamentos bíblicos, o que nem sempre se tornava realidade. Assim como sente dificuldades de constatar traços de luteranismo no *modus vivendi* da escola. Não haveria um diferencial no modo de tratar os clientes internos e externos ou de mostrar seu caráter confessional. Além disso, segundo Lauro, os alunos oriundos da escola para a catequese não apresentam conhecimento diferenciado dos textos bíblicos bem como do ideário luterano, no que diz respeito à vida de todos os dias – ou seja, o ideal de ser um cidadão atuante dentro da sociedade, não está tão claro assim. Para o Petry, a escola deveria manter o caráter proselitista que adquiriu no momento em que se abriu para os não luteranos. Se não isto, ao menos que fosse uma extensão da igreja em doutrinação aos filhos da comunidade. Ele, pelo que se pode depreender, acredita que a escola precisa retornar à visão dos primeiros teuto-luteranos que a criaram. Aparecendo, no seu modo de falar, o fato de o “mito” Lutero não ser mais enxergado como antanho, por conseguinte, a escola estar alicerçando-se em outros parâmetros que deixam de apresentar os signos diacríticos que ele acredita que seriam caros para o luteranismo.

Já a Katiúscia diz que está ocorrendo uma luteranização da escola. Está sendo oferecido semanalmente aos alunos do turno da tarde (da primeira à quarta séries) um encontro ligado à Igreja onde o capelão faz uma espécie de culto infantil e isto, segundo ela, passará a ser oferecido aos alunos da manhã. Isto seria, na visão dela, uma forma de retornarem ao ensino da Bíblia, como pregava Lutero. Ou podendo-se inferir que tornar-se-ia numa forma de inculcar nestes alunos o ideário e a confessionalidade luterana, numa tentativa de conseguir prosélitos ao grupo religioso local. O que, pelo que se depreende das conversas com os pais e alunos, não seria o fator significativo da escolha destas escolas. Ao mesmo tempo, parece que está havendo um ruído na comunicação entre os pais/alunos e a direção, uma

⁵⁶ O Rev. Lauro Gabriel Petry aposentou-se no ano de 2008, quando era pároco da paróquia de Igrejinha, a mantenedora da Escola. Ele foi pastor da comunidade por dezoito anos e destes, por alguns anos também trabalhou como professor da escola, ministrando aulas de ensino religioso bem como sua esposa, Noemia Petry, também trabalhou na mesma, como pedagoga e professora dos anos iniciais. Antes ele foi diretor do Instituto Concórdia em São Leopoldo (1984-1988) e do Colégio Concórdia de Candelária, onde permaneceu por dezesseis anos.

vez que esta não se ateuve ao fato de parecer que o centro de interesse dos pais é diverso do que ela procura colocar na Escola. Os pais procuram signos diferentes, aparentemente, da direção e mantenedora. Parece que a ênfase dos pais está posta mais no caráter étnico, econômico – terem seus filhos sociabilidade com os filhos de seus pares, e não pelo fator religioso ou ético.

A senhora Liege⁵⁷, no entanto, se reportando às reuniões da Associação de Pais, Alunos e Mestres do Redentor (APM), vê a direção divorciada dos pais. Ela diz que no grupo há pais das mais diversas áreas, como médicos, pedagogos, arquitetos, dentistas e outros, e que a escola não dá abertura para estes compartilharem seus conhecimentos, experiências e opiniões aos outros pais, comunidade e corpo docente e discente. Há, segundo a Secretária de Educação, a perda de oportunidades de um ensino mais holista da realidade dos concidadãos.

Já a diretora, se reportando às inovações que estão ocorrendo na Escola, chama atenção para o GAPP (Grupo de Apoio de Pais e Professores). Segundo ela, este é um corpo consultivo criado no ano de 2008, que procura discutir o caminhar da escola.

Nos encontros deste grupo são apresentados e discutidos temas, como o efeito do uso de vídeo-game e internet na formação dos filhos, a violência e as drogas, valores cívicos e familiares, entre outros. Procurando, deste modo, imbricar sua identidade luterana no *modus vivendi* dos não pertencentes ao grupo religioso e vice-versa, ou seja, minimamente, aos moldes do luteranismo no século XVI, buscam ver a sociedade com as lentes de sua forma de interpenetrar a realidade e adequarem-se para enfrentar esta mesma realidade, balizados nos seus signos.

O pastor Petry, constatando os novos traços que estão presentes na escola, aponta o fato de a mesma ter aderido ao Sistema Positivo, como mais um dos motivos do distanciamento da confessionalidade luterana que a escola deveria apresentar. Na sua visão, pode-se perceber um desejo do retorno aos primeiros anos do luteranismo norte-americano em solo brasileiro, onde a ênfase era a confessionalidade e no mais das vezes, isto estava acima de qualquer outro ideário.

⁵⁷ Liege Lana Brussius é mãe de uma aluna que está na terceira série do ensino fundamental e que estuda desde o pré-ensino nesta escola. Ela atuou como professora no município de Igrejinha por vários anos, tendo atuado nos últimos anos como orientadora educacional, coordenadora educacional, tendo pós-graduação em pedagogia e sendo atualmente Secretária de Educação do Município de Igrejinha.

Nesta perspectiva, ele acredita que, vindo as cartilhas prontas, há uma dificuldade maior de pautar as aulas com o ideário que, conforme ele pensa, seria a visão do luteranismo e que deveria ser a catalisadora do ensino. Preocupação também externada pelo Rev. Renato Regauer⁵⁸. Segundo o pastor Petry, hoje a escola se utiliza do nome **Luterana** como forma de procurar atrair uma clientela diferenciada, como se fosse uma bandeira que tivesse o poder de atrair mais alunos. O que, no entanto, não significaria um trabalho para agregar mais membros à mantenedora, ou uma ação proselitista, como é dito no seu regimento, ao dizer-se missionária e que fora a razão de sua criação. Tornando-se, deste modo, uma escola que procura manter-se dentro do mercado com outros signos desconectados com o ideário dos criadores, apresentando uma “osmose” (BARTH, 1997, p. 204) com as demais redes de ensino.

Isto parece reforçar a tese da diáspora, onde, muitas vezes ocorre a transculturação com a assimilação dos interesses locais, mas desconectada com os signos históricos que eram importantes na origem dos diaspóricos. Nesta busca pela adequação no meio da sociedade local, como forma de garantir a pertença dos que forem agregados, parece que a escola procurar tornar-se um grupo que detém, de alguma forma certo poder, o qual é fortalecido, pela urdidura de suas forças políticas, culturais, econômicas e étnicas. Entretanto este entrançamento não se daria nos signos escolhidos pelos primeiros luteranos, ou seja, na confessionalidade, mas nos novos signos escolhidos pelos neófitos da escola.

Diante disto, para a comunidade local, a propalada “fonte de missão”, segundo o pastor Petry, não se confirma, até porque deixou de ser, de fato o axioma da escola. Assim, poder-se-ia constatar que houve um distanciamento entre o ideário luterano e o que está ocorrendo hoje nesta escola, em certos aspectos. Entre estes pode-se citar o fato de que ela não teria possibilidade de oferecer o ensino acessível aos seus “irmãos na fé”, que era uma das reivindicações do Reformador. Como o próprio pastor Lauro relata que, ao oferecer a gratuidade do ensino a uma das famílias luteranas, esta se disse impossibilitada de matricular seus filhos na Luterana porque a escola não dava merenda, só os ricos poderiam frequentar porque seus filhos não teriam nem calçado adequado, bem como não dispunham de

⁵⁸ O Pastor Renato Regauer trabalha na Comunidade Evangélica Luterana São Mateus de Sapiranga, desde 1994, como pároco e dois dos seus filhos estudaram na Escola São Mateus, onde também é empregado o Sistema Positivo.

dinheiro para comprarem o uniforme, merenda e material didático como os outros alunos.

Ao mesmo tempo, a escola deixou de ser um centro de excelência do ensino, um referencial, porque a rede municipal melhorou a qualidade e as dificuldades financeiras não permitem um diferencial maior. Por outro lado, quando procura incutir traços de eticidade e uma relação mais próxima com a sociedade e as autoridades, buscando um imbricamento do ensino com a vida – como limpar arroios, distribuir donativos aos carentes, entre outras ações – não deixa de ser uma forma de urbanidade. Fato que pode auxiliá-la a legitimar-se, no nicho social, mas que ainda deixa de ser um signo importante para diferenciá-la ou caracterizá-la como “escola luterana” nos moldes propostos por seus criadores, aplanando-a com as demais redes que também buscam esta qualidade e visão holista.

Também a escola não está conseguindo pautar sua linha de trabalho com uma orientação confessional porque mesmo tendo um bom contingente de professores luteranos, isto não assegura a transversalidade luterana nas aulas, mesmo que isto seja falado nas reuniões pedagógicas. Segundo a diretora, este direcionamento não estaria sendo incutido no corpo docente. Assim, a filosofia da escola não fica clara, apenas diz que tem a Bíblia como norma de fé e conduta. Este distanciamento poderia estar ocorrendo, até talvez de forma inconsciente, pelo receio de encontrar resistência entre os pais não luteranos, principalmente porque esta não é a razão verbalizada pelos pais por terem escolhido esta escola.

Deste modo constata-se que esta escola, mesmo dissociada dos signos que eram caros aos primeiros luteranos, ainda se mantém, talvez, como símbolo de pertencimento a um grupo seletivo dentro do nicho social em que se encontra. Devendo-se isto ao caráter étnico, sócio-econômico, ao mesmo tempo em que, por questões pragmáticas, promove uma simbiose com a sociedade para se apresentar como um grupo que detém o poder cultural de seu histórico, sua tradição de qualidade e de etnicidade, ou seja, adaptou-se aos novos signos que o meio social gostaria de encontrar nela. Por conseguinte, deixou para um outro plano aqueles que eram caros aos primeiros luteranos ou aos fundadores da escola: ela não se destina mais, em primeiro lugar aos seus; deixou de ter como fundamento axiomático os textos confessionais; perdeu seu caráter “missionário”.

3.1.4 Escola Luterana São Marcos de Educação Básica

Na Escola Luterana São Marcos de Educação Básica encontra-se numa situação diferente. Esta escola iniciou com outra visão, já que teve um nascimento tardio. Ela foi fruto de um trabalho iniciado no ano de 1981, pelo pastor Ari Pfluck. Com a vinda deste pastor foi iniciada uma grande jornada visando a educação na Comunidade São Marcos. Seus membros foram motivados, segundo o vice-diretor da instituição, professor Luiz Pfluck, pela máxima luterana que “a coisa mais próxima da igreja deve ser a escola”. Desta forma liderou-se a criação da Escola de 1.º Grau Incompleto São Marcos, a qual abriu suas portas no ano de 1984, segundo este professor, para oferecer ensino de qualidade aos congregados e à população em geral.

No ano de 1990 foi plantada a semente da criação de uma instituição de ensino superior, o que se concretiza com a publicação da Portaria Ministerial n.º 2.079, no Diário Oficial da União, no dia 26 de dezembro de 2000, a que dava a permissão de funcionamento e no dia 22 de outubro de 2004, obteve o reconhecimento necessário, pela Portaria Ministerial n.º 3.455, publicada no Diário Oficial da União. Sendo que no ano de 2006 a instituição contava com 950 (novecentos e cinquenta) alunos, dos quais trezentos e vinte matriculados no curso superior. O que, no entanto, não deixa clara a posição de estar voltada aos seus congregados especialmente.

O diferencial desta instituição foi a época de sua criação. Sendo extemporânea, já foi concebida dentro de parâmetros diferentes, não apenas visando a clientela interna, com as ulteriores. Isto pode ser visto na Missão Institucional São Marcos, onde lê-se: “*A instituição educacional luterana São Marcos tem por finalidade construir o conhecimento e a sabedoria na educação básica e ensino superior, a fim de humanizar as relações da sociedade onde se insere*”. Deste modo, pelo que a Missão Institucional São Marcos aponta, há uma tentativa de tornar-se imbricada com a sociedade onde se encontra. Entretanto, a fim de tornar-se significativa e como consequência inextricável na sociedade onde está

inserida, precisa estar bem fundamentada e firmemente estruturada nos seus princípios, para alcançar os resultados desejados segundo seus objetivos (Anexo 5). Apresentando, assim, uma nova forma de encarar sua atuação no seio do seu nicho social. Esta forma de pautar-se no seio da comunidade, poderia ser encarada como uma transculturação do luteranismo, na ótica de que “a cultura não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados” (CUNHA, 1986, p. 101). Assim ocorrendo a simbiose entre a escola e a sociedade em que está inserida, mesmo assim, isto não garantiria a apresentação da confessionalidade luterana que fora cara às primeiras escolas.

Tanto que, ao visitar a faculdade e contatar com alguns alunos, vimos que eles vêem-se como elos transformadores de uma sociedade em ebulição que se desumanizou. Eles acreditam que têm a função de procurarem orientar a sociedade para uma tomada de posição e uma postura “pró-ativa” numa perspectiva de um amanhã diferente. Buscando tornar-se um grupo que se alia, se mistura e interpenetra de forma a proteger ou aumentar a parcela de poder que detêm (BARTH, 1997, p. 86,87). Inseridos na *pólis*, procuram imbricar-se nesta sociedade na tentativa de serem agentes de uma vida melhor.

Isto, de certo modo, reflete o que está posto no sitio oficial da organização São Marcos, onde afirma que é “uma instituição educacional luterana, fundamentada na Bíblia e na educação tradicional de ensino - tem por finalidade vivenciar o conhecimento e construir a sabedoria, no campo regular e presencial, da educação básica até a universidade”. Justificando sua missão como propósito de conduzir seus alunos a bom termo, ou seja, para terem a possibilidade de ficarem ricos e famosos. Haveria, deste modo, segundo seu posicionamento oficial, um retorno a uma congruência entre o imanente e o transcendente, procurar fomentar uma educação para o dia a dia, sem perder a visão holística que pautava o pensamento reformista do século XVI.

Apresentando-se, assim, como tendo uma filosofia de educação que procuraria desenvolver e fundamentar a concepção de enxergar-se partícipe do mundo e da história, com uma visão holística (*Weltanschauung*). Esta forma de preparar sua clientela traria consigo a visão luterana que é a de procurar uma eticidade que transpasse os muros da instituição, transcenda o seu grupo social e

apresente-se num entrançamento com o seu *locus vivendi*. Numa leitura antropológico-sociológica, apresenta uma inserção na roupagem que carrega o codinome “luterano” para procurar apresentar, ou destacar, os signos diacríticos deste grupo etno-religioso, e assim ressaltar a detença do poder simbólico. Estes sinais seriam a inclusão da ideologia luterana, a qual “articula as representações com a organização da vida material e das relações de poder” (CUNHA, 1986, p. 98) num campo bourdiniano da sociedade.

Assim, neste capítulo vimos uma igreja que luta, ao menos nos seus documentos oficiais, para manter uma linha de trabalho na educação. Entretanto, esta diretriz nem sempre, ou poucas vezes, estaria sendo mantida pelas escolas luteranas, filiadas à Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Os motivos seriam os mais variados. Apesar destes, fica o questionamento do porquê manterem o codinome “Luterano”, posto que não seguem (ou tem dificuldade em seguir) os ditames da mantenedora bem como a confessionalidade da mesma.

Por conseguinte, a adequação à confessionalidade da mantenedora nem sempre estaria sendo perseguida pelas escolas pesquisadas. Como forma de auxiliá-las nesta forma de conduta, Jahsmann mostra que é preciso estabelecer objetivos claros da educação cristã. E, como um guia prático, oferecido às mesmas, ele continua dizendo que esta linha deveria responder questões como:

O que o homem deve ser? O que deve fazer? Responde a estas perguntas à luz da Palavra de Deus e terá dado uma definição do objetivo e do propósito da educação cristã. De onde vem o homem? Por que vive? Para onde vai? Nossa resposta a tais perguntas deve influenciar, necessariamente, nossa visão da educação (BRUNN apud JAHSMANN, 1987, p. 10).

Com estes questionamentos, ficaria mais fácil às escolas adequarem seus currículos e a sua linguagem à filosofia luterana de educação, o que nem sempre fica claro, ao menos para os pais e alunos. Apresentaria, com estas respostas, um posicionamento da visão luterana às questões imanentes. Mas, esta visão confessional foi esmaecendo, até por parecer não ser este o signo buscado pelos pais ao matricularem seus filhos numa dessas escolas confessionais. Dá-se a entender que o codinome “luterano” tornou-se signo que se destina a certo grupo sócio-cultural onde o caráter étnico, moral e sócio-econômico se sobrepõe ao religioso, diferente do que ocorria nos primórdios do luteranismo no Brasil. Ao mesmo tempo, pode-se ver que houve uma adaptação das escolas para uma

situação hodierna. Elas procuraram, como diz Cunha (1986) se moldarem às realidades onde estão inseridas, como forma de fortalecerem a sua posição. Mesmo que com a permeabilidade das fronteiras, haja uma manutenção identitária que não tem como premissa axiológica o caráter religioso, e sim, o étnico. Parecendo que restou um resíduo religioso que escolheu seus signos diacríticos os quais tornam as escolas luteranas um grupo etno-religioso, marcado por um caráter sócio-econômico-político que procura apresentar-se como um poder para a manutenção de sua “cultura de contato” (CUNHA, 1986, p. 99).

Assim, vimos a teoria e a prática luterana de educação, e com este panorama analisar-se-á, finalmente, a atuação educacional das escolas luteranas visitadas neste estudo.

4 O PENSAR LUTERANO NAS ESCOLAS CONFSSIONAIS

Foi feito nos capítulos anteriores uma caminhada no ideário luterano voltado, especialmente, à educação. O qual, sem muitos questionamentos, procurou-se reconhecer a evolução do pensamento educacional luterano, a partir do movimento reformista do século XVI, enxergando-o no novo ambiente e sua transculturação, ou numa releitura diaspórica, entre os teuto-luteranos em solo brasileiro.

A despeito deste movimento, no seu nascedouro, não ter um caráter sócio-educativo, Lutero, pelo seu modo de acreditar no entrançamento do imanente com o transcendente, incutiu um caráter sócio-religioso nos seus escritos. Entretanto, como sabido, a razão de ser do luteranismo no início da Idade Moderna, não era a educação. Em razão disto, foi necessário amparar-se em textos que procuravam incutir, em seus seguidores, os ideais religiosos que ele propunha, e destes escritos, observar o que Lutero pensava e ensinava a respeito de educação. Diante disto, fez-se um périplo em seus discursos que trataram da educação religiosa e das reformas sociais propostas para dali extrair seu ideário educacional.

Com esta bagagem, procura-se acompanhar os teuto-luteranos no Brasil. Mesmo não tendo muitos dados dos primeiros tempos, pôde-se verificar que o ideal de ter uma escola para os seus (os luteranos) que fora construído nos primeiros anos do luteranismo no Brasil, agora está sendo desconstruído, em troca de escolas destinadas ao público em geral. Ao mesmo tempo, estas voltam-se a um novo segmento, visando os que apresentam uma hegemonia maior no que se refere às condições étnicas, econômicas e sociais. Perdendo, deste modo, o caráter religioso que pautou a criação das mesmas.

Acredita-se, como sugere Barth (1998), que o traço das diferenças ou pertencimento, não se dirige mais ao patrimônio cultural que o grupo tinha como

caro, ou poder-se-ia dizer neste caso, ao seu caráter religioso. As características que agora cada grupo ou escola estudada aciona, são traços diacríticos diferentes daqueles que eram caros aos primeiros teuto-luteranos ligados à Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Estes traços agora apresentados, aparentam ser aqueles que lhe convém para defenderem o estatuto social dos indivíduos no grupo e do próprio grupo ao qual pertencem, na presença dos outros indivíduos ou grupos (LOYOLA, 2002, p. 65), numa relação que se propõe a determinar sua fronteira. Fronteira que poderia ser chamada de “fronteiras étnicas” (BARTH, 1997, p. 189, 190), por apresentar uma tentativa de perpetuar-se biologicamente, compartilhar valores fundamentais, construir um campo de comunicação interna e possuir membros que se identificam e são identificados pelos outros como uma categoria diferenciada. Assim, a noção de fronteiras étnicas e o interesse no estudo destes grupos não se situam na especificidade dos conteúdos culturais, muito antes, se volta para as fronteiras que o grupo se impõe ou lhes são impostas pelos outros. Podendo ser a cor da pele, a origem, a condição sócio-econômica, a tradição, entre outras, que escolhem para ressaltar sua distintividade e sua relação de poder e pertencimento, em relação ao nicho social ao qual pertencem.

Nos primeiros capítulos, deste modo, fez-se uma descrição dos princípios norteadores do ideário luterano. Procurou-se adiante, mostrar que foi construído um arcabouço através do qual a Igreja Evangélica Luterana do Brasil deveria procurar enxergar o mundo e se reconhecer nos sinais que eram importantes para os teuto-luteranos e que se julga que permaneceriam sendo caros como símbolos de seu *ethos*. Neste sentido, a maneira de enxergar o mundo e reconhecer os sinais diacríticos foi retirada do “porão”, do “reservatório” (CUNHA, 1986, p. 88) da igreja que trouxe para a diáspora o ideário educacional luterano.

Desta forma, nos exemplos das escolas estudadas, pôde-se ver que houve uma sintonia das igrejas com as escolas, as quais foram abertas como forma de oferecerem boa educação aos luteranos. Era, na prática, o “ao lado de cada igreja uma escola”, que se pregava na Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Em meio a esta euforia de oferecer um ensino cristão, de qualidade, aos congregados, surgem os primeiros percalços. A Igreja deixa de formar professores sinodais em 1966, pelo reduzido número de candidatos. Estes tinham, até então, a formação no Seminário, para atuarem nas escolas paroquiais e, se possível, nas escolas de outras

denominações e/ou públicas. Sendo estes mesmos doutrinados dentro de um ideário confessional para atuarem como doutrinadores de caráter proselitista dentro das escolas onde trabalhavam. Entretanto, com a falta deste professores, torna-se necessário buscá-los em outras fontes. Vai-se às comunidades luteranas procurando professores e professoras que tivessem formação necessária para continuarem a trabalhar nas escolas paroquiais, o que na maioria dos casos não foi possível.

Este foi apenas o primeiro dos grandes baques das escolas paroquiais, deixam de ter alguém com a formação eclesiástica e pedagógica que poderia continuar a “instruir nas sagradas letras” e em matérias seculares. Houve falta de professores luteranos para suprirem as vagas que foram se abrindo. Logo, foi preciso se socorrer de pessoas estranhas ao credo para preencherem as lacunas do corpo docente destas escolas. Muitas vezes o pastor precisou retornar às funções de professor de ensino religioso e/ou diretor, além de suas atribuições dentro da paróquia, como hoje pode ser visto na Escola Redentor, em Igrejinha, onde o pastor da Comunidade Evangélica Luterana São Lucas, de Parobé/RS está atuando como capelão.

Tudo isto vai minando estas escolas que foram criadas para serem a base educacional e confessional que supriam as necessidades dos filhos dos congregados e serem celeiros de novos vocacionados ao ministério pastoral. Os filiados à Igreja também agora tinham maiores dificuldades de manterem seus filhos nas escolas paroquiais, tendo em vista a queda do número de alunos e a queda do poder aquisitivo e, em contrapartida, o aumento dos encargos das escolas particulares, conforme explica o diretor da Escola São Mateus, Sr. Edelson Germann. Ou como diz Karin, a ex-diretora da Escola Redentor:

A lei da educação previa repasses, compras de vagas e outros tipos de benefícios à iniciativa privada, realidade esta já não presente em nossos dias. Além disso, mesmo com descontos significativos oferecidos às famílias dos congregados competimos com outros fatores como locomoção (transporte), material didático, lanche, uniforme e tantos outros fatores que a escola pública oferece gratuitamente, realidade que nos coloca em desvantagem frente a classificação socioeconômica dos nossos congregados.

Talvez, como se reporta a diretora do Redentor, o maior entrave na vida destas escolas foi a obrigatoriedade do ensino de primeiro e segundo graus, hoje básico (fundamental e médio), e com isto a necessidade de o Estado oferecer este

ensino e, conseqüentemente, sua gratuidade. Com isto, a expansão da rede pública e a busca da qualificação dos seus quadros, quer pela cobrança das autoridades e pais, quer pelos planos de carreira que dão melhores ganhos aos com melhores pontos obtidos em avaliações e certificados. Desta forma as diferenças entre as redes pública e privada, em Igrejinha, tendem a diminuir e, em muitos casos, desaparecer.

Sendo isto um processo que começou com a falta de professores, alunos, dificuldades financeiras entre outras, ocorre um novo momento na educação no âmbito da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Diante desta nova situação escolas começam a fechar suas portas. Algumas pela dificuldade de chamar ou manter um professor sinodal, como foi o caso da Escola de Nova Hartz, que já fechara na década de setenta. Outras encerraram suas atividades por não resistirem à concorrência com a rede municipal, como foi o caso da Escola Luterana de Três Coroas, que fechou suas portas no final da década de 90. Ainda encontramos as que tiveram que encerrar suas atividades pela incapacidade de manterem-se pela soma de diversos fatores, como a falta de estrutura, professores e outros, como foi o caso das escolas dos Centros Integrados de Missão no Norte e Nordeste do país, segundo o Rev. Carlos Bender⁵⁹.

Podendo-se resumir, fazendo uso de Cohen (1978), que não houve uma adaptação ao meio ambiente, ou no dizer de Hall (2008), faltou a transmutação da cultura para que a permeabilidade não fragilizasse o sentimento de pertença (BARTH, 1998). Assim, as escolas, ante os embates da ressignificação, não souberam “se criar, se recriar a si [...] [mesmas] e às suas relações a partir das referências culturais que [...] [possuem] e diante daquilo que [...] [vivem] em seu cotidiano” (MALAVOTA, 2007, p. 143). Precisaram, *grosso modo*, abrir mãos de seu caráter religioso ou de sua máxima “ao lado de cada igreja uma escola”, para manterem as comunidades locais e/ou a escola sem mais o foco endógeno. Desta forma, faltaram as condições de buscarem no “porão” os traços diacríticos que os identificassem e os perpetuassem como grupos culturais, no meio de uma sociedade

⁵⁹ O Rev. Carlos Bender foi pastor e conselheiro distrital na região Norte (que abrange os estados do Acre ao Maranhão, tendo trabalhado nas comunidades de Boa Vista, RO; Humaitá, AM; Itapuã do Oeste RO, ente outras, quando começaram a ser fechados os Centros Integrados de Missão, que tinham a finalidade de oferecerem um atendimento espiritual, educacional, psicológico e assistencial nos locais que a Igreja Evangélica Luterana do Brasil abria novos campos de missão). Ele hoje é pastor auxiliar na Comunidade Luterana São Paulo, de Taquara/RS.

em constante modificação. Ocorrendo o que González aponta, ao dizer que a identidade e sua construção é uma parte da história, que precisa ser aceita na sua complexidade e

que muitas vezes escapa a análise racional imposta pela *modernidade* e deve, necessariamente, incorporar elementos de *outra ordem*, como as ligações afetivas, os sistemas de representação cultural, seus simbolismos, comportamentos, língua, passado que se reconhece comum, etc.”⁶⁰ (GONZÁLEZ, 2006, p. 157 – tradução própria).

Deste modo, os pertencentes a este grupo social procuram estabelecer novos vínculos a partir da leitura que fazem do contexto em que estão inseridos, de seus referenciais culturais e históricos da pertença, o que acarreta deslocamentos, mudanças, transformações, ou, como diz Hall (2008, p. 67), a “reinvenção da identidade”.

Deste modo, as escolas que permaneceram com suas portas abertas continuam enfrentando as dificuldades que se viu acima, como falta de alunos, no caso da Redentor, a necessidade de se ligarem a uma rede que dê credibilidade e *marketing* como é o caso da Escola São Mateus e a própria Redentor. Estas hoje fazem parte do sistema Positivo de ensino, que fornece material didático e orientações para os professores. Estas duas escolas também contam com o auxílio financeiro de suas mantenedoras, com o envio de verba, no caso de Sapiranga – a título de compra de vagas é destinado ao São Mateus, mensalmente, R\$ 500,00 (quinhentos reais) –, ou com o desembolso dos honorários do capelão, como no caso de Igrejinha.

De qualquer forma, só isto não as manteria no mercado. Há, pelo que se depreende do falar dos pais e alunos, um sentimento de pertencimento a um grupo étnico que permite a sua continuidade. Houve, por parte da clientela, a escolha de novos signos com os quais se identificaram e que lhes satisfaz o caráter da diferença que deixou de ser binária – o nós e os outros – para tornar-se dialógica (HALL, 2008, p. 67). Isto é, procuram adaptar-se no seu nicho social, a fim de permitir a organização das identidades e suas interações, de uma forma a oferecer uma adaptação de seu grupo etno-sócio-religioso (BARTH, 1998, p. 204)

⁶⁰ “que muchas veces escapa al análisis racional impuesto por la *modernidad* y debe, necesariamente, incorporar elementos de *otro orden*, como las ligaciones afectivas, los sistemas de representación cultural, sus simbolismos, comportamientos, lengua, pasado que se reconoce común, etc.”

Numa visão mais crítica, esta forma de permanecer das escolas é, segundo o pastor Oscar Kanitz, que trabalhou por mais de trinta anos na Comunidade Luterana São Mateus de Saporanga, uma maneira de as comunidades se desincumbirem de suas atribuições de mantenedoras e procurarem preservar o vínculo. Este já está muito tênue, porque os congregados, em geral, não vêem a escola como sua, não entendendo e/ou aceitando esta transculturação. Hoje já não há mais a busca por vagas, por parte da maioria dos congregados, pela certeza de não poderem manter seus filhos nas escolas e não contarem com o auxílio da igreja, de forma substancial, para que os mesmos estudem nestas, que antes eram deles e onde eles – os pais – estudaram. Como no caso de Igrejinha, os luteranos recebem um desconto de 10% (dez por cento), por serem membros da comunidade, o que é muito pouco para a maioria deles, tendo em vista a gratuidade do município. Esta ausência de filhos luteranos na escola parece que ocorre porque os membros da comunidade não se enquadraram no “grupo sócio-econômico” que mantém economicamente as escolas. Parecendo não haver uma sintonia entre estes dois segmentos dentro da sociedade onde estão inseridos, havendo uma fronteira entre o ser membro da comunidade e ter seus filhos na escola da sua comunidade religiosa. Este distanciamento “da escola da igreja” por parte dos membros, pode acarretar, ao mesmo tempo, o desinteresse dos congregados pela escola que, na ótica dos mesmos, deveria ser sua.

O pastor Kanitz fala que, até por força de disposições legais, a religião deixou de ser a ênfase maior, como nos primeiros tempos, quando se ensinava a Bíblia, hinos e o Catecismo e os alunos saíam prontos para a Instrução de Confirmandos. Havendo, neste processo, a perda do caráter confessional que foi o signo que inspirou a criação destas escolas, ocorrendo o desuso deste signo que lhes era caro. Significando, talvez, uma das razões do desinteresse dos congregados pela escola que não parece mais ser a “deles” O pastor Renato Regauer ainda lembra que, mesmo sendo confessional, aqui entendido como estar ligada a uma comunidade religiosa que prima pela confessionalidade, não é mais possível a escola ser catequética. Assim o é, por abranger uma clientela diversificada, em termos religiosos, que precisa ser mantida e respeitada, pela necessidade financeira e otimização do espaço. Podendo ser lido como (HALL, 2008, p. 13) o modo que as identificações estão sendo continuamente deslocadas,

tornando o processo de identificação em algo provisório, variável, fragmentado (GAUER, 2004, p. 257). Mesmo assim, segundo o pastor Regauer, há uma preocupação de oferecer um ambiente pautado pela forma luterana de interpretar a Bíblia e uma visão de que esta (a Bíblia) deve estar no centro do ensino, com um imbricamento do transcendente com o imanente e um entrançamento de todos – professores, alunos e pais – com o envolvimento na *polis*.

Esta visão de um retorno ao biblicismo, deixa transparecer a posição de pessoas que têm um sentimento de perda, porque esperavam da escola um braço catequético da Igreja que atuasse de forma a disputar os fiéis de outras denominações. Verificou-se, no entanto, que este caráter proselitista deixou de ser o valor norteador destas escolas. Elas agora buscam uma urdidura da vida com o ensino, um educar para a cidadania, um trabalho mais voltado a eticidade. No entanto, este modo de ensinar deveria fazer parte dos objetivos de todas as escolas que querem apresentar uma boa educação e disputar seu espaço dentro de uma sociedade cada vez mais exigente, não sendo, deste modo, um privilégio desta escola.

Talvez, até por esta forma de ensinar, o pastor Kanitz não deixa de observar que a Escola continua a oferecer um diferencial aos seus alunos, como dando ênfase a uma postura cidadã, voltada aos princípios que norteariam uma vida digna e honrada. O que poderia ser entendido, como já foi lembrado, que seria a reivindicação de um exclusivismo, um estilo de vida, uma procura para diferenciar o grupo dos alunos da escola luterana dos outros grupos de alunos, e se auto-atribuírem uma distintividade, que nem sempre fica tão clara aos olhos daqueles que não pertencem a este grupo. Com este olhar de acreditar que o ensino da Escola São Mateus seja melhor, Regauer vai mais longe e diz que muitos cidadãos que hoje se destacam dentro da comunidade de Sapiranga, com uma atuação firme e pautados por princípios nobres, passaram pelos bancos da São Mateus. Ele credita ao ensino centrado em princípios cristãos esta postura, até porque está sendo hoje vista como destaque neste sentido, a escola luterana. Como lembra Regauer, uma escola que educa com vistas à inclusão, no caso dos surdos. O que, no entanto, só vem para ratificar a ideia de simbiose, ou dialógica de Hall, não se tornando um retorno à confessionalidade que o pastor alude, muito antes, ao caráter democrático

do luteranismo no século XVI, o qual deixou de ser caro, ou perdeu seu caráter axiológico, nas escolas pesquisadas.

Com esta leitura, cabe verificar na história da educação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, que várias escolas foram encampadas pela ULBRA, como o caso da escola de Candelária. Em todos estes casos, como pôde ser visto nas outras, estas também foram obrigadas a abrirem-se “aos de fora” – tanto professores como alunos. Sem o que seria insustentável o sistema luterano de ensino. Para tanto, torna-se necessário oferecer algo mais. É mister haver um diferencial para atrair este grupo, disposto a pagar para ter seu filho numa escola que se diz confessional. Ainda mais quando esta confessionalidade difere daquela de casa. Diante disto, há a busca de interesses comuns que dão este sentimento identitário que congrega os pais e alunos, a despeito das diferenças de credo.

Este sentimento identitário que, no caso específico desta escola de Candelária, apresenta um diferencial das demais que foram vistas. Ela não enfrenta muita concorrência dentro do Município, por haver poucas escolas que ofereçam o ensino médio (há apenas mais uma particular com o curso de magistério e outra estadual que tem a ênfase na técnica agrícola) e o município encontra-se longe de outros centros urbanos que oferecem este tipo de educandários. Além disso, está amparada por um grupo maior – a ULBRA – que tem condições de mantê-la e procura implantar a sua filosofia dentro do educandário. Ainda conta favoravelmente ao educandário o fato de estar inserido em uma cidade de predominância evangélica (mais da metade da população está filiada a uma das duas igrejas luteranas e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil tem aproximadamente trinta por cento da população no seu quadro de filiados). A comunidade luterana onde está inserida a escola tem o maior número de filiados dentre todas as paróquias luteranas do Brasil – mais de seis mil filiados, só no município de Candelária, sem contar as cidades que se desmembraram e que são próximas e dependem, educacionalmente, da antiga sede.

Esta situação de ser quase que única no município garante uma continuidade da Escola Concórdia. O que, entretanto, não lhe assegura o privilégio de ter um pensar de acordo com o ideário do luteranismo. A despeito disto, há que se ressaltar que do seu meio saíram pessoas que hoje ocupam posições importantes dentro da comunidade local, como prefeitos, vereadores, empresários,

entre outros. O que também pode estar relacionado ao fato de sua posição hegemônica. Do mesmo modo, como visto na São Mateus, não se torna, de *per si*, um traço identitário, porque, sendo, ainda mais no seu caso, única, é uma contingência e um corolário. Por outro lado, toda a educação deveria ser formadora e transformadora, não sendo isto um traço diacrítico de uma escola em especial. Neste caso em questão da escola Concórdia, esta seria a sua função o que não se tornaria a criação de recursos de um capital intelectual (GEERTZ, 1998, p. 103), mais parecendo a pretensão de tornar-se um “grupo de interesse” (COHEN, 1970, p. 96) para apresentarem-se como “grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo” (BARTH, 1997, p. 190), ou seja, criando uma fronteira entre o seu grupo e aqueles que não fizessem parte de seus pares.

O pastor Petry lembra, quando foi diretor desta escola por dezesseis anos, que em seu tempo havia a preocupação de uma transversalidade do ideário luterano nas outras disciplinas. No seu período, ele contava com o professor sinodal Benone Steil, que procurava levar os ideais luteranos aos outros professores e integrar o religioso ao laico. Como já visto na análise da Escola Redentor, ele parece procurar um retorno ao confessionalismo luterano, deixando de enxergar quais os sinais buscados pelos pais. Apesar disso, há de se convir, que ocorreu um arrefecimento dos signos que pareciam significativos aos luteranos, como o de terem a “sua” escola (a escola ser para os seus), haver uma relação proximal entre a igreja e a escola num sentido de comunidade (com unidade), ser um ambiente proselitista ou de doutrinação, entre outros.

Neste sentido, uma ex-aluna, Adriane Regina Beise, se reportando ao falar do ex-diretor, aponta que, apesar desta maneira ímpar, que poderia ser usada como forma de espalhar o estilo luterano de pensar educação, diz ela que havia muito rigor na disciplina, mas que o ensino, mesmo sendo de qualidade, se equivalia ao das outras escolas. Ao mesmo tempo, continua dizendo, que não via esta busca pela urbanidade dos alunos, muito menos a tentativa de iniciá-los em discussões que pudessem conduzir a uma tomada de posição ou questionamento do *status quo* municipal, estadual ou nacional. As questões nacionais ou locais não eram discutidas com a lente doutrinária da Igreja. Passava-se a margem destes assuntos, escudados na separação dos dois estamentos. Na visão de Adriane, assim, não

ocorreria uma leitura da realidade aos moldes do luteranismo do século XVI. Em outros termos, evitava-se o enfrentamento com as autoridades e, com isto, não ocorria o entrançamento do imanente com o transcendente.

Hoje, a Unidade de Ensino Concórdia, como passou a chamar-se depois de ser encampada pelo Centro de Ensino Fundamental e Médio da ULBRA, diz que seu papel com a comunidade candelariense e região é buscar inovações e dinamizar o processo ensino aprendizagem, para formar “cidadãos capazes e engajados na comunidade e preparar para enfrentar o terceiro milênio”⁶¹. Esta aposta apresentada no sítio da escola se coaduna com o ideário luterano, do mesmo modo que serviria para outras escolas, tanto públicas como privadas o que não a diferenciaria das demais redes de ensino. No entanto, nem sempre está tão clara na atuação do educandário, segundo diz a senhora Dolores Melchior, que teve seus três filhos estudando na escola, este caráter de um ensino de qualidade e pautado pela eticidade. Ela vê o ensino qualificado, mas assemelhado ao das outras escolas e sem uma identidade luterana, tendo perdido, na visão dela, a transversalidade a qual o pastor Petry se reportou, não mostrando um modo diferente de apresentar-se e que poderia ser visto como traço identitário luterano. Deve ser lembrado, neste momento, que o contato com a senhora Dolores ocorreu antes de aflorarem os problemas de eticidade que afligiram o complexo ULBRA, especialmente no final de 2008 e início de 2009, os quais não deixaram de tornar-se um fator de descrédito à instituição Colégio Concórdia. Os problemas administrativos ocorridos neste período maculam alguns traços diacríticos que lhes eram caros – a orientação para valores fundamentais, como padrão de moralidade e excelência, a eticidade – e que serviriam para se julgarem e serem julgados (BARTH, 1998, p. 194), especialmente por estarem inseridos em uma comunidade tradicional que tem grande consideração à ética, à verdade e à honestidade. (Ver anexo 6)

A própria Dolores, por ser luterana, conversou com seu pastor Ingbert Ruppenthal, sobre a ausência de um pensar e agir segundo o seu modo de ver o ideário luterano dentro da escola. O pastor respondeu que isto se devia ao fato de muitos professores não estarem em sintonia com o ideário da mantenedora. Verificando-se novamente a situação destoante entre o mote da escola e a prática

⁶¹ Filosofia educacional encontrada no sítio oficial da escola - <<http://www.ulbra.br/concordia>>, acessado em 25 mar. 2009.

educacional da mesma, apresentando um afastamento da confessionalidade e haver a escolha de novos traços pelos quais gostariam de ser reconhecidos.

Houve, como se vê, a escolha de traços diacríticos que são encontrados no ideário luterano, entretanto, estes foram transculturados e deixaram de ser os mesmos que mostraram os primeiros missurianos que chegaram no Brasil, como eticidade, transversalidade entre o credo e o ensino, a universalização do ensino – escola para todos os filiados da igreja, entre outros. Enxerga-se, ao que parece, um grupo que apresentava um comportamento comum e uma aprendizagem padronizada. Podendo-se, quiçá, ratificar sua cultura e introduziu um conceito de *ethos*⁶² (GEERTZ, 1989), porque, ao verificar-se os matriculados na escola, verifica-se que estes fazem parte de um grupo diferenciado, composto de filhos de colonos mais aquinhoados, de profissionais liberais e pequenos comerciantes, na sua maioria. Isto pode representar a preponderância de um grupo econômico e político que elegeu estes diferenciais étnicos e econômicos, como fatores de escolha. Talvez esta escolha ocorra como sendo uma “cultura de contraste” (CUNHA, 1986, p. 99), onde o “grupo étnico [...] não se perde ou se funde [...], mas adquire uma nova função” (Ibidem p. 98). Esta cultura poderia estar sendo adquirida e inculcada neste grupo social, como uma forma de buscar no “porão” (CUNHA 1986) a tradição cultural que seria manipulada para novos fins – a autenticação de um grupo etno-religioso.

Assim, os ditames morais e legais ensinados nesta escola, assemelham-se com qualquer educandário preocupado com uma boa formação moral para seus alunos. Há, segundo Dolores, uma preocupação mais educacional que “luterana”. Isto visto, na perspectiva dela, quando afirma ser luterano o fato de ter a Bíblia no centro do processo ensino-aprendizagem dos alunos. Ela acredita que deveria haver um pautar-se pela ética no trabalho e um discutir os problemas imanentes com seus concidadãos tendo por base a confessionalidade da mantenedora. Deste modo o olhar bíblico luterano poderia ser entendido, pelo modo de Dolores de expressar, como a busca de uma imanência e um pragmatismo do ensino que procuraria entrançar os aprendentes no seu contexto sócio-econômico e político – serem bons cidadãos, aos moldes do que a Igreja Luterana apregoa. Numa outra leitura, tratar

⁶² “*Ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, se estilo e disposições morais e estéticos” (GEERTZ, 1989, p. 103)

de usar o modo luterano de interpretar a Bíblia para entender e portar-se na sociedade. O que, a exemplo dos primeiros luteranos, não deixaria de ser o uso de símbolos [neste caso a Bíblia e sua interpretação] como “instrumento por excelência de ‘integração social’: enquanto instrumento de conhecimento e comunicação”. Por meio deles “tornando possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que [...] contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social” (BOURDIEU, 2001, p. 8) e que seria caro para os pertencentes ao grupo de alunos da Escola Concórdia.

Entretanto, ao que tudo indica, os novos clientes da escola escolheram outros símbolos, pelos quais querem ter reconhecida a pertença e que os diferenciariam dentro do grupo social em que a escola está inserida. Não sendo mais a confessionalidade o motivo de matricularem-se os alunos nesta escola.

Tanto assim o é que, este desinteresse pela confessionalidade parece estar presente ao se ouvir o ex-prefeito de Candelária, René Hübner – que tem sua neta estudando neste educandário – dizer ter escolhido a escola porque prepara para o vestibular. Com esta colocação pode-se deduzir que o fato de ser confessional não foi o peso decisório. Ele mesmo diz que sua neta procurou esta escola por não pretender fazer magistério ou técnica agrícola, que são os cursos disponíveis nas outras escolas do município. Mesmo sendo uma família ielbiana⁶³, René acredita que a escola deixa a desejar no seu ideário a confessionalidade esperada de uma escola luterana, o que parece reforçar o falar de Dolores que se reportou à falta de transversalidade. A Escola procura justificar esta situação pelo fato, como o já reportado por outras escolas, de ter professores que não professam o mesmo credo da mantenedora. Havendo, ao que parece, a desconstrução do caráter religioso e a construção do caráter etno-sociológico, deixando de ser importantes os signos religiosos para terem como sinais diacríticos de pertencimento ao seu grupo social os signos etno-sociais. Com estes signos reforçam a manutenção de fronteiras entre o seu grupo e os outros. Criam, deste modo, ou ratificando o poder simbólico no seio da sociedade em que se encontram. O que pode deixar a desejar, em se pensando no posicionamento no ideário luterano, quando este destacava o imbricamento entre educação e igreja. Assim, construir a identidade religiosa destas escolas é algo mais

⁶³ Neologismo usado nos círculos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, para designar os filiados a mesma, como alusão a abreviatura (IELB), daí ielbianos.

difícil. Desta forma, em termos antropológicos, o caráter da identidade parece ter sido reconstruído.

Esta identidade seria, neste caso, o conjumar de signos sócio-econômicos e étnicos que caracterizariam este grupo social. Isto sendo verificável, mesmo que não verbalizado, pela posição econômica destas pessoas. Encontram-se num patamar mais elevado na pirâmide social. Como já visto, mais aquinhoados e, no que tange ao caráter étnico, todos de pele clara (origem germânica preponderantemente).

Assim, o motivo pelo qual os pais procurariam o matricular seus filhos nas escolas estudadas não seria mais a confessionalidade que fora cara aos fundadores destas escolas. Isto poderia ser depreendido do que foi referido por Liege Lana Brussius quando expõe os motivos que a levaram a matricular sua filha na Escola Redentor. Em nenhum momento, pelo que ela disse, sua preocupação foi em decorrência do fato de ser uma escola luterana. Os motivos enumerados por ela foram os vínculos históricos com a escola (foi aluna), a clientela da escola, o número de alunos por série. Também se reporta ao fato de as amigas da filha estarem lá (leia-se a busca de uma ligação maior, sócio-econômica, com seus pares). Sendo somente, após a convivência com a escola que ela percebeu uma relação que não fora escolhida – o fator religioso. Diz Liege, que isto até ocorreu de forma involuntária, ou talvez intuitivamente, mas que agora ela vê nisto um diferencial que remedia sua ausência junto à filha, por estar muito envolvida nas atividades de Secretária de Educação de Igrejinha.

A filha da Secretária de Educação passou a ter acesso a uma identidade religiosa que é cara para sua mãe, que, no entanto, não parece ser importante para outros pais. Ouvindo-se Liege expor este interesse pelas questões religiosas, parece que isto ocorre pelo fato de ser filiada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, e, deste modo, ver com bons olhos o vínculo da escola luterana com os fragmentos de um discurso luterano que ela diz perceber na mesma. Nesta concepção, parece haver mais um sentimento de ampliação do ideário da mãe, do que propriamente a busca de uma confessionalidade religiosa, e este fato é que, aparentemente, a faz manter a filha na escola. Os outros fatores apontados – como por haver uma busca pela vivência do ensino nas ações cotidianas, o cuidado com o lixo, o auxílio aos carentes, a preservação do meio ambiente – parecem ser mais

pontos de apoio que o próprio sustentáculo de sua escolha. Transpira na sua entrevista um sentimento de pertença a um grupo social, como já reportado acima. Ela afirma que houve a preocupação de permanência no grupo que sua filha frequentou e frequenta fora da escola, o que foi o primeiro fator que levou a mãe a ponderar sobre a matrícula nesta escola. Havendo, ao que este fato indica, uma procura de referendar o pertencimento a um grupo sócio-econômico específico. Criando, deste modo, uma forma de apresentar-se entre seus pares por meio da escolha dos mesmos interesses e a busca de manter a fronteira entre o nós e os outros no reforçar a pertença em um grupo etno-religioso.

A Escola Redentor, que de certa forma funciona como um *lócus* etno-religioso, procura, segundo a diretora, apresentar o seu ideário em apresentações dentro e fora da escola, objetivando com isto, demonstrar, aos que não pertencem ao grupo, sua maneira de entender e procurar viver aquilo que a instituição acredita ser o ideário luterano, dito pela diretora como “confessionalidade”. No entanto, este ideário, denominado como “confessionalidade”, não se parece com os traços que eram caros aos primeiros luteranos, como a universalização do ensino, a acolhida dos filhos da comunidade, o entrelaçamento da escola com a igreja e a comunidade local. Parecendo mais que a escola tornou-se uma organização separada da igreja e desenvolveu mecanismos ou padrões de atividade usados para diferenciar os pertencentes ao seu grupo dos demais (CUNHA, 1986, p. 88), mesmo que estes últimos sejam membros da mantenedora. Deste modo, a escola, nestas participações que ocorrem dentro do círculo vivencial no município – limpeza de arroios e rio, distribuição de roupas e alimentos, participação de eventos organizados pela Prefeitura – apresenta, de fato, um discurso que demonstra o ideário luterano de um imbricamento com as questões imanentes. Esta demonstração, no entanto, não tem mais o caráter de ser um signo diacrítico do luteranismo, a despeito do entrançamento entre a escola e a comunidade local, porque estas ações, hoje, fazem parte do ensino de muitas escolas que nem apresentam uma ligação com alguma organização religiosa. Havendo na forma de atuar desta escola uma visão holística, o que, no entanto, também está presente nas demais escolas de boa qualidade, como visto na filosofia da Escola Vila Nova que

afirma pretender tornar o aluno um “indivíduo atuante, crítico e consciente de suas ações em relação ao seu semelhante e ao meio em que vive”⁶⁴

Esta situação pode ser comprovada, quando questiona-se o modo que a escola prepara sua clientela para um futuro melhor. Neste inquirir poderia ser perguntado o que estaria sendo oferecido como diferencial, que poderia ser percebido como ideário luterano. Ao responderem este questionamento, os entrevistados apresentaram certa dificuldade de deixar claro o traço identitário que dizem ser luterano, ou seja: não há um signo claro e importante dentro do processo ensino/aprendizagem na escola, ao menos quanto ao que foi referido pelos pais e alunos que não pertencem ao círculo luterano. Estes pais e alunos, em nenhum momento se reportaram ao fato de a escolha ter recaído nesta escola por ser luterana. A própria diretora, Katiuscia, deixa transparecer que a escolha pela escola ocorre por questões étnicas, sociais e econômicas.

Mesmo que, como foi explicitado por Liege, o Redentor tenha um foco para as questões sociais da comunidade igrejinense, isto não deixa de ser mais uma visão social de âmbito geral, que muitas ONGs e mesmo governos laicos desenvolvem. Como ela diz, a Escola está sempre envolvida e envolvendo os alunos em atividades que transcendem a sua clientela e a comunidade religiosa. Sua filha está engajada em atividade como a de recuperação de arroios, com a retirada do lixo – em todos os bairros da cidade – , no recolhimento de roupas para os carentes, no levar apresentações artísticas nas diversas programações do município.

Este tipo de envolvimento com a sociedade também é praticado por outras escolas e organizações não governamentais, não sendo um diferencial que pode ser apresentado como importante. Por vezes, a participação nestas atividades de urbanidade, também podem representar um caráter de delimitar as fronteiras entre os que são possuidores do poder econômico e, deste modo pertencentes ao grupo da Escola, e aqueles que são desprovidos de recursos. Criando, nesta ótica, “nichos claramente distintos” (BARTH, 1997, p. 201) no nicho social, muito diferente do que o ideário luterano tinha como traço identitário.

⁶⁴ “Filosofia” da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Nova de Igrejinha. Esta diz que tem como filosofia “promover a integração entre todos os segmentos da escola com profissionalismo, responsabilidade e cooperação, visando o crescimento do aluno *como indivíduo atuante, crítico e consciente de suas ações em relação ao seu semelhante e ao meio em que vive*” (grifo nosso), disponível no mural da Escola e nos seus documentos oficiais.

A criação destes grupos de interesse pode ser detectado quando ouve-se o senhor Gilmar Schaeffer, que tem ainda um filho matriculado na escola, apontar que a escolha da escola não deu-se pelo seu ideário ou a confessionalidade da mesma. Ele diz que matriculou seus filhos nesta escola porque via uma educação diferenciada para eles, até porque as turmas são pequenas e desta forma eles teriam uma atenção maior. Ele, em nenhum momento, se reportou à ênfase de uma postura efetiva na sociedade, numa busca para um mundo melhor. Seus filhos não têm participado (sua filha que já está no ensino médio e o que ainda está) de nenhuma atividade extra classe no sentido de tentativa de mudança do contexto sócio-político de um mundo melhor.

Não houve, como se vê, uma introjeção nestes alunos, daquilo que foi dito acima ser um dos signos ou identidades da escola que seria a urbanidade, a procura pelos necessitados, o envolvimento ou entrançamento com a sociedade. Muito antes, ficando explícito, pelo modo de falar do senhor Gilmar, que a sua escolha por esta escola deu-se por fatores diversos ao ideário proposto pela diretora. Ele aponta questões como o fato de ter qualidade, ser próximo de sua casa (uma quadra), e especialmente por fatores históricos ou reminiscências (“eu e minha esposa estudamos nesta escola”) os motivos que o levaram a matricular seus filhos na mesma. Parecendo, deste modo, ratificar a máxima de que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele foi de fato’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ele relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1985, p. 24). Ocorrendo, assim, a escolha de um grupo social com o qual se identificam e que lhes apresenta um apropriar-se de seu passado histórico e o desejo de transmitir esta “reminiscência” aos seus filhos.

Aqui vemos que, ao serem questionados os pais sobre a ênfase da Escola em atuar na sociedade é divergente a posição dos mesmos. Talvez esta diferença reflita o posicionamento dos pais. Liege, por estar envolvida politicamente e ter de manifestar-se publicamente colocando sua posição, como secretária municipal, incutiu este modo de ser em sua filha. Diferente de Gilmar, que é um funcionário de carreira da Receita Federal e não apresenta nenhum envolvimento político-partidário dentro do município, sendo um munícipe que se porta como a maioria dos cidadãos.

Assim poder-se-ia constatar que há uma visão difusa do que deveria ser uma filosofia luterana de educação. Não se vê esta objetividade no dia a dia da

Escola, quando não há uma orientação aos professores para que estes estejam coadunados com princípios bíblicos que a escola diz defender. Até o que pode estar sendo tolhido pela adoção do método Positivo, que traz um conteúdo e uma forma de apresentação já prontos. Este modelo de material, segundo o pastor Lauro, poderia estar impossibilitando a apresentação ou a busca dos traços identitários luteranos que ele acredita deveriam fazer parte do ensino da escola. Parecendo mais, segundo o que foi externado pelo pastor, que nesta escola os “grupos étnicos são vistos como formas de organização *novas* e adaptadas ao ‘agora e aqui’, e que compartilham uma identidade *porque* também compartilham interesses econômicos e políticos” (CUNHA, 1986, p. 89 – grifo no original). Há, neste sentido, a escolha de outros traços que passariam a servir de signos de pertença ao “grupo de interesse” (COHEN, 1978, p. 86), e não mais a ênfase na confessionalidade luterana, que foram a motivação da criação das primeiras escolas.

Nesta ótica da falta de confessionalidade, fica comprometida a afirmação da diretora da Escola Redentor quando diz que a filosofia da mesma está baseada no estatuto da mantenedora, e neste está posto que sua base é a Bíblia como palavra de Deus infalível, com a certeza de sua inerrância, e no Livro de Concórdia como a exposição correta, no seu entender luterano, da Bíblia, ou seja: apresenta a mesma ótica que a São Marcos, sua confessionalidade. Esta visão, entretanto não fica clara na atuação da prática do processo de ensino-aprendizagem. Ela está colocada como algo vago e que também pode, e de fato é, ser praticado por qualquer escola sem este cunho confessional.

Tendo sido eleitos outros elementos pelos quais seus alunos/pais escolheram esta escola como sua. Há uma transposição de pertencentes ou de pertencimento ao grupo “escolas luteranas”. Agora não mais os filiados à comunidade religiosa local, mas os que se harmonizam com os mesmos traços etno-sócio-econômicos, tornaram-na a “sua escola”, por imprimirem os traços identitários de pertença escolhidos por estes pais e alunos que não são membros da mantenedora.

A escolha destes novos traços se comprova quando os pais afirmam que optaram pela escola porque ela tem um caráter de urbanidade, de integração família/escola, e percebe-se na fala dos pais que a elegem, que isto se deu por ali estarem seus pares e os filhos destes a compartilhar o mesmo ambiente,

manifestando, claramente, intenções endogâmicas. A despeito de a escola impingir nos seus alunos a importância do servir ao outro, do trabalhar em prol dos necessitados ou da sociedade como um todo, como o visto na Escola Redentor, este modo de ser e atuar não é significativo para todos os alunos. Diante disto, poder-se-ia entender que a situação constatada também serviria para ressaltar a fronteira existente entre os dois grupos sociais - os pertencentes ao grupo das escolas luteranas (aqueles que auxiliam) e os auxiliados. Esta constatação poderia ser referendada pelo fato de a escola não abrir as portas para todos, de modo a haver uma universalização do pertencimento ao grupo de alunos da escola, mais parecendo que, até mesmo com esta difusão de urbanidade, há um reforço do pertencimento ao grupo como possuidores de poder simbólico que se auto-atribuem.

Também, em meio a dissolução da família, aos que prezam este fundamento em suas vidas, tem quem colocou seus filhos na rede luterana por ver que isto é um dos fundamentos da escola: ser uma família. E a escola, dizendo-se ser uma família, afirma ter a preocupação com os seus membros como um todo e com todos os membros das famílias dos alunos. Este fato também foi verbalizado por um dos matriculados na Escola São Mateus, quando do seu retorno para a mesma, porque, dizia o mesmo, ali sentia-se como na sua própria casa e integrado ao grupo de colegas, professores e pais. Havia laços maiores que o ensinar e aprender apenas. Segundo este menino, encontrava-se uma preocupação com o aluno como ser humano dotado de sentimentos, família e necessidades específicas, o que, no entanto não torna-se um traço diferenciador de muitas outras escolas. Este entrelaçamento da escola com a família, poderia ser, muito antes, o ressaltar de um caráter de etnicidade que tem sua origem na identidade do grupo de base e que procura aproximar seus pares, onde os indivíduos apresentam uma necessidade essencial de “pertencer” porque se vêem incorporados ao interior do grupo que tem a mesma origem e cultura (GONZÁLEZ, 2006, p. 161)⁶⁵.

Nilva Fernandes de Moura Leitão, ao se reportar ao porquê ter matriculado seus filhos na escola luterana disse: “matriculei meu filho na São Mateus porque ela é como se fosse uma família” e ao mesmo tempo se reportou ao fato de que ela e

⁶⁵ “Antropólogos como Clifton Geertz y Harold Isaacs han resaltado el carácter primordial de la etnicidad, tiene su origen en la ‘identidad del grupo de base’. Según esta visión como lo destaca Kathleen Conzen, los individuos tienen una necesidad esencial de ‘pertener’ que viene incorporado a lo interno del grupo que tiene el mismo origen y cultura”.

seu esposo estudaram numa escola luterana – a Concórdia de Candelária, e terem gostado da mesma. Parecendo haver um forte teor de um grupo mantido e institucionalizado por padrões de atividade e introjeção do modo de ser e pensar-se grupo, do modo “de julgar e serem julgados” (BARTH, 1997, p. 194) no meio onde se encontram. Dando a impressão de haver o mesmo sentimento de reminiscência visto anteriormente. Tanto que o filho da senhora Nilva, que fora matriculado noutra escola, pediu para retornar para esta, como visto acima, porque se via como parte de uma família onde conhecia todos. Diante desta colocação, vemos que estes escolheram a escola por enxergarem o vivenciar de uma situação que traz um ideal que lhes era caro: ser do seu grupo social e de seu relacionamento.

Este mesmo sentimento de ser uma família foi ratificado pelo diretor que disse terem como meta agregar à escola os familiares dos alunos para que estes sejam também multiplicadores dos princípios que são transmitidos neste educandário. Há uma preocupação que o ensino e a filosofia da escola não fiquem apenas restritas ao espaço da mesma. Procuram, segundo o diretor, influenciar a família e desta à comunidade como um todo, ou, segundo esta visão, haveria a preocupação pela apresentação do ideário luterano naquilo que se refere ao arranjo familiar, quando a escola enxerga-se como quem deveria lutar pela unidade manutenção da família dentro do seu nicho social. Com esta postura, afirma o diretor, pretendem fazer uma transculturação do ideário luterano ao tentarem modificar o *modus vivendi* do grupo social no qual se encontram os alunos, a partir do modelo proposto pela escola no seio da sociedade.

No sentido de procurar esta transculturação, a escola pretende apresentar um diferencial quando abrem suas portas para os portadores de necessidade especiais. Oferecem, para estes alunos portadores de necessidades especiais, o ensino, o convívio, o alimento e a orientação religiosa que perpassa todo o processo ensino-aprendizagem, como visto no acompanhamento de suas atividades, enquanto professor da instituição.

Isto ainda é ratificado, quando a escola, vendo a dificuldade de muitos, por estarem excluídos do mundo educacional por serem portadores de necessidades especiais – no caso surdez –, foi buscar condições para que estas pessoas também pudessem ser integradas ao mundo dos letrados. Mesmo que os alunos não tenham

condições financeiras para acompanharem os outros, isto é minimizado pela forma que o educandário os acolhe.

Hoje, com a filantropia conseguida, podem atender a sua clientela, a qual, segundo o diretor, tem muitos alunos oriundos de classes sociais desprivilegiadas. Para tanto proveu a escola de refeitório que fornece alimentação para todos os alunos, diferentemente das escolas públicas que fornecem merenda apenas aos alunos do ensino fundamental. Também exigem uniforme de todos os alunos e dão os mesmos aos despossuídos, para que não haja a diferença no trajar-se. Esta forma de agir não deixa de ser uma maneira de procurar praticar a democratização do ensino, como fora apregoado por Lutero no século XVI.

Ainda olhando para a situação vivencial dos educandários, a Faculdade São Marcos apresenta uma filosofia luterana bem clara nos seus documentos, mas vê-se que há certa dificuldade de coadunar esta com a prática educativa no seu ensino. Ao analisar-se a grade curricular dos cursos de Administração desta instituição de ensino e o das Faculdades de Taquara, RS, vê-se que não há grandes diferenças na ênfase humanista de ambas. Este fato pode denotar que a preocupação de apresentar um envolvimento dos alunos com as questões ligadas ao bem-estar no aqui e agora e ao imanente não seja diferente da faculdade dita confessional e a de Taquara. Deste modo, parece que para a São Marcos poder apresentar-se como detentora de um ideário luterano, deveria ocorrer um ressaltar destes traços, uma apresentação na prática docente daquilo que consta na sua página oficial. Mesmo que a direção e os alunos afirmem que há uma busca pela integração e qualificação, isto em si, não a torna diferente de outras instituições. Assim, mesmo constatando que esta faculdade apresenta características peculiares – ter nascido mais tardiamente, encontrar-se num outro grupo social (não de origem alemã), ter um vínculo maior com a mantenedora, entre outros – ela não deixa claro sua confessionalidade. A Faculdade São Marcos apresenta-se como as outras escolas estudadas, com um nome luterano, mas não tendo como traços de pertencimento os mesmos eleitos pelos primeiros luteranos, aqueles tidos como caros pelos que iniciaram as escolas construídas ao lado dos templos, como visto anteriormente.

Esta instituição apresenta como pertencentes ao seu grupo social pessoas que não fazem parte do rol de membros da mantenedora, na sua maioria. Neste particular, se parece com as demais escolas estudadas, porque também o grupo

social conhecido como “membros da comunidade luterana” não é o que apresenta o maior número de alunos na escola/faculdade, e sim, há um outro “grupo de interesse” (COHEN, 1978, p. 87) que procura apresentar seus traços de pertencimento como alunos desta instituição. Por outro lado, como as demais escolas estudadas, este grupo social é formado, na sua maioria, de pessoas que apresentam uma situação sócio-econômica mais elevada. Estes alunos, assim, criam uma forma de articulação no meio em que vivem com o qual ressaltam a fronteira que os diferencia e apresentam-se como pertencentes a um grupo social diferenciado

Com a criação desta fronteira, mantidas as diferenças entre as escolas estudadas, parece existir elementos que são encontrados em todas elas. Como no caso das Escolas Redentor, Concórdia e São Mateus, há uma predominância de alunos de cor clara e de origem europeia, especialmente germânicas. Este fato pode ser confirmado ao se olhar os alunos ou recorrer às listas de chamada (Anexo 8)⁶⁶. Também encontram-se em todas as escolas estudadas um grupo de pessoas que procura seus pares – mesmo nível sócio-econômico, formação intelectual semelhante – como forma de, aparentemente, fortalecer esta ligação etno-social. Do mesmo modo, provavelmente, os pais que procuram estas escolas fazem-no por verem nelas uma forma de usarem das “identidades étnicas para categorizarem a si mesmos e outros, [tendo como] objetivos” a interação neste grupo social (BARTH, 1997, p. 194). Sendo que esta etnicidade aqui é entendida como uma população que pretende perpetuar-se

(...) biologicamente de modo amplo, compartilhar valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais, construir um campo de comunicação e de interação, possuir um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo (BARTH, 1998, p. 189,190).

Estes grupos sociais, aparentemente, buscam as diferenças que consideram significativas. Tornando-se, deste modo, um grupo que estaria a pensar por meio de seus indivíduos, dentro de determinados marcos sociais aos quais pertencem, condicionando seus membros por meio de uma linguagem, um sistema de

⁶⁶ Somente a Escola Redentor nos forneceu a relação de uma turma, as outras não concederam esta listagem, entretanto, ao conversar com os pais e alunos constatou-se que os sobrenomes são Ritter, Becker, Schneider, Regauer, Finger, entre outros (Escola São Mateus) e Melchior, Hübner, Beise, Schwallenberg, Heinze, Kaerschner, Radünz, para citar alguns da Escola Concórdia)

categorias, bem como vinculados a um mesmo sistema social-histórico (RODRIGUES, 2005, p. 59).

Percebe-se, com a criação deste grupo social, que o pertencimento – alunos da escola Redentor – não se dá por causa da confessionalidade da escola, mas por um sentimento de urdidura a um grupo diferenciado dentro do contexto sócio-econômico-étnico da cidade. Faz parte de uma tradição que está arraigada em certas famílias, ou por questões como: os colegas se matricularam – como no caso da filha da senhora Luana Bernardes Roth – que serviriam para “definir seu quadro de membros”, os quais reforçariam seu pertencimento por meio de interação com seus pares. Havendo, deste modo, a busca pelo reforço de seu grupo etno-social, na tentativa de manutenção dos traços que sustentam seus membros e os diferenciariam dos que não pertencem a este grupo. Desta forma apresentariam as fronteiras que, mesmo fluídas, pela interação no meio em que se encontram ratificariam o pertencimento a um grupo diferenciado. Persiste, assim, a simbiose pelo “fluxo de pessoas que as atravessam, [...] mas [acarretando] processos sociais de exclusão e de incorporação, pelos quais categorias discretas são mantidas, *apesar* das transformações na participação e na presença no decorrer da história de vida individuais” (BARTH, 1997, p. 188). (Grifo no original).

Isto, de certa forma, é corroborado pelos traços diacríticos que as pessoas procuram exhibir, para demonstrar seu pertencimento, tais como vestuário (usando o uniforme, mesmo em situações estranhas à escola), estilo de vida (pessoas de uma certa situação sócio-econômica que preferem ver seus filhos com os “seus iguais”) ou mesmo a origem “não brasileira”.

Já a Escola São Mateus parece ter uma outra visão. Seus alunos, mesmo sendo alguns oriundos de classes sociais mais privilegiadas, estão num grupo social que conta com alunos carentes – ao menos alguns dos deficientes auditivos – que vêm para a Escola porque esta lhes dá todo o necessário para poderem estudar, deixando de existir um grupo tão diferenciado e estigmatizado como na anterior. Ao mesmo tempo, o grupo dos alunos não deficientes apresenta uma homogeneidade semelhante a da Redentor. A escritã Arlete dos Santos Ferreira, ao ser questionada do porquê matricular seus filhos na Escola São Mateus, apresenta como o motivo primordial, o fato de seus colegas terem dito para ela que era uma escola que oferecia um bom ensino, assemelhando-se as outras duas escolas particulares da

cidade e que os filhos destes colegas estavam frequentando as aulas neste educandário. Diz ela que a escolha, em primeiro lugar, ocorrera de fato por ter sido recomendada pelas pessoas que já tinham os filhos na mesma. Por outro lado, como as aulas ocorriam num horário que lhe era mais conveniente, sua opção foi de matricular na Escola São Mateus seus dois filhos, e que em nenhum momento houve a preocupação pela “filosofia” ou cunho confessional da mesma. Havendo, neste caso, uma adequação aos interesses e às necessidades e disponibilidades dos pais. Arlete diz que não enxerga um diferencial, em relação às outras escolas, pela confessionalidade que esta afirma ter. Novamente se percebe que a escolha não ocorreu pelo fator religioso, mas por outros fatores. No modo da senhora Arlete se expressar, a escolha se deu pela adequação ao seu horário e principalmente pela influência de seus colegas, que já tinham os filhos na Escola São Mateus. O que pode ser visto como a tendência de reforçar o seu pertencimento ao seu grupo sócio-econômico onde, novamente, percebe-se o fechar-se em torno de um grupo hegemônico. Aparentando que este fortalecimento dos traços sócio-econômicos foi o elemento primordial da escolha desta instituição.

Por outro lado, a “filosofia” que a ULBRA diz ter, parece estar mais adequada ao ideário luterano. Na sua página oficial diz que o papel da ULBRA é de responsabilidade perante a sociedade. Procurando, por meio da educação, prestar um serviço aos pais e autoridades, educando novas gerações para cooperar, voluntariamente ou não, com o regime ou governo.

Apresentando também no seu sítio oficial que a “filosofia” de trabalho é regida pelos estatutos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, embasado na Bíblia e nos livros confessionais reunidos no Livro de Concórdia, de 1580, tal como viu-se ocorrer na Escola Redentor. Dizem seus documentos oficiais que a Escola Concórdia tem por finalidade a comunicação social, a promoção do bem-estar social, a divulgação da mensagem cristã, entre outros. Assim também afirmam que procuram seguir a proposta educacional luterana e, “com muita seriedade” encontrar alternativas para educar bem o cidadão, procurando mostrar, de forma cristã, um caminho seguro para a vida em sociedade e assim apresentar um comportamento

ético ao seu grupo social (material distribuído nas aulas de ensino religioso da ULBRA⁶⁷).

Sendo que, no caso específico da ULBRA, encontrou-se, num passado recente, um posicionamento oposto ao apresentado na sua página oficial, segundo o que fora noticiado. De acordo com as informações veiculadas pela mídia, houve uma ruptura no que diz respeito à eticidade, por parte da direção da instituição. Havendo dificuldades administrativas que culminaram com a intervenção do Governo e uma tomada de atitude por parte da mantenedora. Esta achou por bem afastar o reitor e outras pessoas ligadas à reitoria, para, deste modo, procurar resgatar a credibilidade necessária para uma instituição de ensino

Entretanto, a “filosofia” da Escola Concórdia (que pertence ao grupo ULBRA), apresentada na sua página oficial, não deixaria de ser uma “filosofia” que poderia ser adequada a qualquer escola. Bons princípios, urbanidade, busca de um futuro melhor, ética, são normalmente tidos como meta de todas as escolas responsáveis que querem formar bons cidadãos. Posto que uma das funções das escolas é transmitir valores e habilidades que se converteram em determinante essencial das oportunidades na vida dos indivíduos, isto é, das suas oportunidades de emprego, rendimento e *status*. Não se encontraria, deste modo, uma prática que pudesse ser claramente diferenciada do ensino em geral. Assim, verifica-se que a escolha, por parte dos pais ou dos alunos, desta instituição de ensino decorre de outros fatores, como visto anteriormente. Há, ao que parece, a criação de um grupo etno-religioso que procura ressaltar sua postura, sua posição sócio-econômica, seu fenótipo, como fronteira no meio da sociedade em que vive, de modo a ressaltar a pertença ao grupo dos alunos da escola luterana, como se isto representasse a ostentação de um poder econômico, cultural ou social. Em outras palavras, querendo demarcar a fronteira pelos traços eleitos para diferenciá-los no nicho social e tornar patente esta distinção.

Warth afirma que talvez esta falta de sintonia, ou de um ideário luterano claro e que perpassasse todas as escolas luteranas, esteja ligada à falta de um pensar luterano sobre a educação. Ele argumenta que, apenas em 1968 foi criado um órgão oficial para cuidar da educação na Igreja – O Departamento de Educação Paroquial

⁶⁷ **CIÊNCIAS Sociais:** Projetos e políticas sociais. CD que acompanha o material didático do programa de Ensino à distância da ULBRA. ULBRA/RBE, 2005.

(WARTH, 1979, p. 72), o qual não apresentou os resultados esperados no sentido de apresentar a confessionalidade luterana nas escolas paroquiais. Tendo este departamento se tornado um órgão da Igreja Evangélica Luterana do Brasil que passou a produzir material para os pastores e as comunidades em geral e não para as escolas, como era o esperado. Este distanciamento que ocorreu por parte da Igreja em relação às escolas, de um pensar luteranamente a educação, trouxe, segundo Warth, um afastar-se dos princípios de educação forjados pelos primeiros luteranos no Brasil, em muitos estabelecimentos educacionais filiados à Igreja Luterana. O que pode ser entendido como o enfraquecimento de sua confessionalidade, que fora um dos fatores que inspirara os teuto-luteranos ao abrirem “ao lado de cada igreja uma escola”. E, por outro lado, com o melhoramento da educação e as novas leis, criou-se uma disputa mais acirrada entre as escolas e também o seu engessamento em certas práticas que antes serviam como atrativo para os novos alunos ou a manutenção dos já matriculados. Neste engessamento, pode-se pensar as alterações da LDB no que tange ao ensino religioso, os conteúdos mínimos, a qualificação dos professores, só para citar alguns. Sem deixar de lembrar, não sendo menos importante, a mudança da clientela das escolas, que aconteceu em razão das dificuldades advindas para a manutenção destas instituições de ensino.

Agora há uma necessidade de readequação. Os clientes das escolas mudaram. Os signos escolhidos são outros. Surge um novo pensar no grupo social conhecido como escola. Diante disto, até por força do poder econômico, há novos elementos que têm a função centrípeta no sistema luterano de educação.

Como tentativa de achar soluções para esta realidade, apenas no final do século passado as escolas luteranas iniciaram um processo de unificação de sua filosofia. Foi criada uma organização conhecida como ANEL (Associação Nacional dos Educandários Luteranos). Esta tem dado os primeiros passos neste sentido. Em maio de 2007 foi realizado um encontro que tratou deste assunto. Entretanto, como muitas das escolas luteranas não participam ainda deste organismo, o processo está incipiente, sem uma tomada de posição clara e firme. Mas não deixa de ser uma tentativa entre os educandários, como forma de procurarem apresentar um ideário luterano para todas as escolas ligadas à Igreja Evangélica Luterana do Brasil. (Anexo 3).

O diretor da Escola São Mateus que participou do encontro, ocorrido entre os dias 29 de junho e 2 de julho de 2008, em Curitiba, PR, disse que foi pequena a adesão das escolas, a despeito da importância do assunto para a unidade da práxis luterana, também nos educandários. Já o pastor Renato disse ser este o primeiro passo para correr a voltar às origens e a escola luterana, de fato, passar a ter como referencial o ideário luterano. Este ideário deveria tornar-se o *modus operandi* das escolas na sua urdidura no seio da sociedade e apresentar uma universalização maior do ensino, ao menos aos filhos dos membros da mantenedora, sem perder a eticidade e a busca por um pautar-se pela ubiquidade de seu ensino.

Estes ideais, segundo o Diretor, podem ser resumidos como sendo os de uma escola que tenha um ensino de qualidade, que universalize seu alcance, que tenha uma atuação de pertencimento ao grupo no qual, tendo como base o ideário luterano, deveria apresentar sua confessionalidade e um imbricamento entre o imanente e o transcendente. Procurando, ao modo de ver do pastor, tornar claro que o papel da educação é o da interação social e do comprometimento com a sociedade, na perspectiva de tornar o ser humano parceiro do outro e do meio social (OLIVEIRA, 2002, p. 219).

Desta forma, diz o diretor da Escola São Mateus, as fronteiras da escola seriam dilatadas, já que ela, a escola, estaria com sua vivência dentro de um grupo social onde procuraria ser “a voz do mais fraco, o arauto da paz e o sustentáculo do necessitado”, dizendo que tudo isto deveria ser feito não como um ato de bravura ou meramente mercantilista, mas por acreditar que pela educação se consegue o crescimento coletivo da sociedade e o bem-estar imanente de todos.

Como visto neste capítulo, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil tem uma rede de escolas tidas como paroquiais. Muitas destas escolas foram sendo encampadas pelas públicas ou fechadas por razões diversas. As que permaneceram, têm sofrido com a falta de uma linha identitária e uma atuação segundo a confessionalidade da Igreja, como organização. Mesmo tendo surgido um organismo centralizador, em 1968, este não apresenta esta unificação na forma de ensinar e viver a identidade luterana entre os seus clientes e no seio da sociedade.

Com esta falta de uma unidade confessional, aparentemente, os alunos matriculados nas escolas pesquisadas não perceberam ou não foram imbuídos da

necessidade de serem transformadores na sociedade envolvente, segundo o ideário luterano. Estes educandos, a despeito de estarem ligados aos educandários de uma Igreja que tem como doutrina a separação dos estamentos Igreja e Estado, precisariam, se quiserem se manter afinados com os dogmas da mantenedora, reconhecer-se como parte da *polis*, tornando-se agentes sociais e políticos que procurariam o bem de todos e o crescimento da nação.

Esta falta de uma visão da importância do ensino para o cotidiano dos alunos talvez esteja ligada à liberdade que cada escola tem na definição de seu modo de atuar, ou a falta de uma linha de conduta clara por parte da Igreja. Parecendo que com esta postura, há um uso do nome “luterano” como forma de apresentar um diferencial, que em muitos casos não vai mais longe que uma questão de traçar uma fronteira ao redor de reminiscências ou pela criação de um grupo de interesses. Deste modo, tornando-se um “grupo de membros que se identifica e é identificado pelos outros como [...] [sendo] uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo” (BARTH, 1997, p. 190). Esta diferenciação ocorreria pela escolha de novos traços de pertencimento, (não mais os da confessionalidade ou do ideário luterano que eram caros aos imigrantes) pelos quais querem ser reconhecidos os participantes deste grupo social.

Mesmo assim haveria a necessidade do descobrir as razões determinantes pelos quais os grupos escolhem certos traços diacríticos em detrimento de outros. Parece, assim, ser aplicável, na situação das escolas estudadas, o fato de que, para poderem diferenciar o seu grupo de outros grupos, privilegiam certos símbolos inteligíveis para todos, dentro dos grupos com os quais têm interação. Sendo óbvio que cada grupo usa alguns destes traços para manter e apresentar sua identidade, utilizando-se de símbolos não empregados pelos outros grupos para reforçar as suas fronteiras e deixar claro seu pertencimento, a despeito de estarem no mesmo nicho social, querendo, com isto, ressaltar os traços de interesses da própria organização. Não deixando de, estes símbolos escolhidos, serem traços sócio-políticos também, uma vez que a atividade dos grupos é determinada e determina a “distribuição, a manutenção e o exercício do poder na sociedade” onde os pertencentes ao grupo “operam através destas organizações [no caso deste estudo, as escolas] para apresentarem-se como grupo” (COHEN, 1978, p. 87). Criando, deste modo, como grupo, uma forma de tornar conhecido o ideário da escola, o qual,

entretanto, pelo estudado até aqui, não se coaduna com a confessionalidade que estas escolas dizem representar com o nome “luteranas”.

Este tornar-se um grupo pela sua organização interna, pôde ser verificado no caso de Igrejinha, de Sapiranga e em Candelária onde verificou-se uma semelhança étnica e sócio-econômica entre os pertencentes ao “grupo dos alunos do educandário luterano”. Mesmo que a escola Concórdia apresente outras peculiaridades, como o fato de estar abrigada sob uma organização maior chamada ULBRA, e depois por estar num nicho diferenciado – interior, sem muitas opções aos alunos, em uma cidade predominantemente evangélica, percebe-se em todas as escolas estudadas que a confessionalidade não se tornou a razão de ocorrerem as matrículas. Necessitando, deste modo, pela não observância do ideário luterano das primeiras escolas, verificar-se o que poderia levar os pais a escolherem estes educandários luteranos.

Assim, olhando para os alunos matriculados hoje nas escolas luteranas, podemos verificar, mais claramente na Escola Redentor, e de certo modo também na São Mateus – entre os não portadores de deficiência auditiva –, que sua clientela é formada por um grupo que quer manter sua etnicidade ou excluir-se de outro grupo social. Há uma ideia de pertencimento a um círculo social diferenciado. Como a senhora Luana verbalizou, ao afirmar que matriculou sua filha no Redentor porque as amiguinhas dela estão lá, ou, como o aluno do São Mateus que disse ter retornado para esta escola, porque se sentia em casa com os colegas. Sua busca era de um convívio mais próximo em outras atividades, como aula de música, informática ou com filhos de colegas dos pais. Como já afirmado anteriormente, há, pelo que parece, um reforçar de um grupo social endógeno, que procura demarcar suas fronteiras e ratificar seu poder cultural, econômico e social. Podendo-se ler nestas escolhas, a busca pela permanência num grupo de interesses com os quais os pais estão ligados e nos quais eles querem “iniciar” seus filhos como forma de manterem e ressaltarem os traços que lhes são caros.

Com isto pode-se inferir que não há uma busca pela confessionalidade ou pela filosofia luterana de educação, que parece estar esmaecida nestes educandários. Aparentemente tornando-se o nome luterano mais uma marca que uma forma de ensinar ou ressaltar o ideário que a mantenedora diz lhes ser coro. E ao matricularem-se estes alunos, buscam uma situação social ou uma fixação de

certa etnicidade ou distanciamento “dos outros”, mais que uma ideologia educacional. Sendo os limites étnicos operados com uma “lógica de classificação” entre os “internos” e “externos” (OLIVEIRA, 1978). Assim, seguindo esta lógica, poder-se-ia afirmar que a identidade étnica pode ser definida em termos de adscrição, ou seja os alemães estudam em escola de alemães, mesmo que para tanto forjem os sinais diacríticos que os congregam.

Ainda parece permanecer o pensamento de que “a construção da identidade étnica extrai assim, da chamada tradição, elementos culturais que, sob a aparência de serem idênticos a si mesmos, ocultam o fato essencial de que, fora do todo em que foram criados, seu sentido se altera” (CUNHA, 1986, p. 101), ou seja, se transcultura para aquilo que o grupo deseja ressaltar, ocorrendo, no seio destas escolas, a escolha de novos elementos que dão continuidade ao grupo que as elegeu como suas. Estes elementos sendo apresentados como símbolos do poder etno-religioso (mais etno que religioso, uma vez que este foi posto como um apêndice não essencial) com o que caracterizaria o seu pertencimento a este grupo social.

Assim, poder-se-ia fazer um quadro comparativo entre o ideário de Lutero no século XVI, os fundadores das escolas luteranas pesquisadas e os dias atuais, onde se veria:

No século XVI, o luteranismo apregoava uma escola pautada pela inclusão de todos (ricos, pobres, meninos e meninas); ao alcance de todos (o Estado e os mais aquinhoados oferecendo aos desfavorecidos); que estivesse imbricado com a sociedade e suas questões; que servisse para o crescimento da nação; fosse um centro de boa formação e eticidade para o bem de todos e que tivesse uma visão holista.

Os pais do luteranismo no Brasil procuraram criar escolas para os seus, excluindo os outros grupos (quer pela língua, quer pelo fator religioso); com uma ideia de confessionalidade luterana, de formar idílica, por procurarem alimentar suas fronteiras e, ao mesmo tempo, criarem um grupo de poder econômico e cultural para o seu próprio crescimento. Procurando, deste modo, reforçar o poder simbólico; incutir neste grupo seu ideário para que este fosse propagado entre os seus pares como que construindo um grupo de interesse que manteria uma identidade luterana,

tida como confessional. Isto levaria este grupo a compartilhar uma cultura comum, entretanto que a diferenciaria na integração e que a distinguiria no seu campo como um grupo de interesses que procura manter suas fronteiras, apesar da osmose que o sistema poliétnico exige (BARTH, 1997).

Nos dias atuais, por diversos motivos, ratificou-se o fato de que muitos grupos manipulam seus signos para se diferenciarem (COHEN, 1978). Deste modo há a escolha de novas práticas que atestariam a pertença. Entre estas pode-se perceber a existência: fatores sócio-econômicos, a endogenia, o caráter etno-religioso, a reificação de grupo de poder, a maneira de enxergar-se dentro do nicho social. Apresentam, assim, um padrão de significados transmitidos historicamente, com os quais procuram incorporar símbolos de uma concepção herdada e expressa simbolicamente, através da qual querem comunicar, perpetuar e desenvolver suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989, p. 103).

Este padrão tornando-se uma forma de diferenciar-se e manter-se como grupo social dentro do nicho sócio-econômico que se encontram. Como já referido anteriormente, criando um vínculo dentro do grupo que tem a mesma origem e cultura, tornando-se, deste modo, uma “etnicidade simbólica” (CONZEN apud GONZÁLEZ, 2006, p. 161).

Assim, verifica-se que houve um distanciamento dos signos que eram caros aos primeiros luteranos, bem como ao ideário luterano do século XVI. Ocorrendo a busca de novos signos do “porão” de traços identitários para as escolas luteranas, os quais hoje são apresentados como símbolos de pertença a este grupo etno-religioso que, em meio a esta osmose de uma sociedade policultural, procura se firmar e reformular suas fronteiras, a despeito da fluidez exigida pelas trocas necessárias da vida nestes centros urbanos. Restando o questionamento da razão de ser destas escolas e delas manterem no seu codinome “luterano”, uma vez que os signos que caracterizavam no passado estas instituições (a confessionalidade) esmaeceram. Isto, entretanto, permanece em aberto para um novo estudo.

CONCLUSÃO

Ao estudar-se a Reforma no século XVI, fatalmente se chegará ao grupo liderado pelo monge Martinho Lutero. Ele, rebelando-se contra a Igreja a qual pertencia, dá início a uma renovação nas formas de se ser cristão no mundo. Traduz a Bíblia para o vernáculo e torna-se um pródigo escritor. Por meio de seus textos procura incutir nos leitores, e por extensão na sua pátria, um novo modo de ler o contexto sócio-econômico no qual estavam inseridos. Assim, incute nos seus o culto à educação. O que é corroborado pelo fato de o movimento reformista luterano, como viu-se, estar intimamente ligado a centros de ensino da Alemanha. Seu início ocorreu no seio da Universidade de Wittenberg e seu precursor era um professor. Este entrançamento também é possível ser explicado pelo fato de que, naquele contexto, o ensino era quase que totalmente depositado nas mãos da Igreja.

Houve, ao iniciar deste trabalho, a preocupação de conhecer os signos identitários escolhidos do “porão” (CUNHA 1987, p.88) da tradição cultural que serviriam de parâmetro às escolas luteranas pesquisadas. A ideia inicial fora identificar o caráter político-social no ensino luterano que havia no século XVI e procurar enxergá-lo no século XXI, no seio destas escolas. Entretanto, na pesquisa verificou-se que, como Hall (2008) diz, houve uma transculturação. Esta se poderia traduzir por aquilo que Barth (1997, p. 195) refere quando afirma que “as características culturais de [um grupo] podem igualmente se transformar”, havendo a escolha de novos signos diacríticos, deixando, assim, transparecer que houve o abandono do caráter mais político, ou imbricamento político-religioso, para assumir uma característica etno-religiosa. Estes novos signos mostram-se aparentemente dissonantes daquilo que fora o mote dos primeiros luteranos que aportaram no

Brasil. Essa é a conclusão apontada após um périplo pela caminhada do luteranismo, desde seu nascedouro até os dias de hoje.

Viu-se que no século XVI, surgem os reformistas que procuram fazer uma nova leitura religiosa dos livros canônicos. Entre estes foi destacado Lutero que, com o movimento conhecido como Reforma Religiosa do Século XVI, inicia um novo grupo religioso, aliás, o único que leva o nome de seu iniciador.

Para tornar seus seguidores um grupo, cria signos diacríticos de pertença, talvez naquilo que Cohen (1978, p. 86) chama de “grupo de interesse”.

Este “grupo de interesse” para se fortalecer é “instruído” por farta literatura produzida por seus mentores. Muitos destes textos apresentavam um caráter puramente de aculturação religiosa, enquanto que outros traziam reflexões e posicionamentos sócio-político-culturais assumidos por seus líderes.

Desta forma, com este material fartamente distribuído e pregado no seu meio, o luteranismo inculca, ou como diz Geertz (1989, p. 103), transmite significados históricos, incorpora símbolos que servem de comunicação e atitudes em relação à vida. Assim, um dos signos caros aos luteranos no século XVI era a transmissão do ensino, da alfabetização, que poderia ser vista como um ato político (RODRIGUES, 1985) porque abria as portas à leitura e com ela uma nova forma de enxergar a sociedade envolvente.

Com a criação deste grupo alfabetizado, pretendia-se um aumento na interferência, ou na tentativa de mudança de rota, na política (na *polis*) ou no perceber-se como membro da sociedade. Primeiro havendo o reconhecimento da igualdade de todos e que os direitos eram equânimes. Como Lutero pregava, em dissonância com sua época, que meninas e meninos, pobres e ricos, deveriam ter as mesmas oportunidades, isto também no que tange ao acesso à educação. Para tanto chama as autoridades e os ricos para bancarem a educação a fim de que todos tenham a possibilidade de matricularem seus filhos nas escolas, uma vez que o ensino seria oferecido gratuitamente. Com este propósito, pensava que poderia fomentar seu projeto: uma nação instruída com um futuro mais promissor.

Esta forma de enxergar a importância do ensino acompanha os teuto-luteranos que singraram os mares e chegaram ao Brasil no século XIX, que entrementes, diferia daquilo que pregava Lutero, uma vez que a escola estava

voltada para os seus. Ao receberem seu quinhão na nova pátria, eram alojados em terras longínquas sem infra-estrutura, sem acesso ao ensino, sem as condições mínimas as quais estavam acostumados no solo europeu e, como agravante, sem o conhecimento da língua dos nativos.

Neste contexto, criam suas colônias onde se aglutinam ao redor da capela (que por imposições legais não possuía, via de regra, o aspecto de templo religioso). Esta, tornava-se o centro social e econômico do lugar. No entorno da mesma construía o salão de festas, a escola e o comércio. Criavam aquilo que chamavam de “*Stadtplatz*” (RADÜNZ, 2003, p. 59). Ocorria o que Hall chama de transculturação, onde “grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir dos materiais a eles transmitidos” (PRATT apud HALL, 2008, p. 31), os signos que permitissem o interagir neste novo meio, ou seja, no contexto diaspórico acham um meio para relacionarem-se com os nativos e, ao mesmo tempo manter sua identidade etno-religiosa, sua delimitação.

Deste modo, apesar de haver a “co-presença, interação, entrosamento” (HALL, 2008, p. 31), transformam esta zona de contato na criação de um grupo etno-religioso, o que “implica não apenas critérios e sinais de identificação, mas igualmente numa estrutura de interação que permite a persistência das diferenças culturais” (BARTH, 1997, p. 196). Criam, assim um fronteira clara, como diz Gonzáles (2006, p. 362) para “diferenciá-los, separá-los para poder distinguir o *outro dos outros*”⁶⁸.

Este poder, sendo construído por meio do entrançamento dos elementos do grupo etno-religioso numa mútua cooperação e, ao mesmo tempo, pela ênfase no ensino com a criação de escolas onde revitalizavam o uso de sua língua materna. Por meio deste signo, como um dos escolhidos para a sedimentação do grupo, criavam fronteiras entre o seu grupo e o exterior. O que era, mesmo que não expresso deste modo, uma forma de vetarem aos outros o ingresso no seu interior, porque o ensino era dado em alemão aos filhos dos membros da comunidade religiosa, assim como todas as transações ocorriam nesta língua. O que criava uma barreira praticamente intransponível para os nativos.

⁶⁸ “diferenciarlos, separarlos para poder distinguirlo del *outro u otros*”.

Esta divisão tão clara foi amainando com a proibição do uso da língua mãe em público, nos meados do século XX. De qualquer modo, a fronteira foi mantida porque, como já visto, a língua criara um modo de pensar, de raciocinar, de agir e este *modus vivendi* fora inculcado nos imigrantes luteranos e era mantido pelo uso do alemão em casa.

Assim, viu-se que os teuto-luteranos no Brasil escolheram como seus signos diacríticos, retirados do arcabouço identitário, o apego ao ensino, à língua e isto ligado com o culto ao transcendente. Estes símbolos já não tinham a mesma roupagem dos primórdios do luteranismo. Ocorrera aquilo que Hall (2008, p. 34) chama de “carga e perda” que se tornara a maneira de manter viva sua cultura, mesmo em meio a uma situação inóspita. Ou seja, abriram mão de determinados signos e adotaram outros, como forma de permanecerem no mercado, transparecendo que seus objetivos eram conhecidos. Estes, entre outros, eram manter a coesão, solidificar seu poder e transmitir às gerações vindouras sua pertença a um grupo etno-religioso. E, por meio destes símbolos, definiam seu quadro de membros e sua esfera de operação e definiam sua atividade e exclusividade no lugar onde estavam operando (COHEN, 1978, p. 90).

Dentre estas releituras dos signos, viu-se que no Brasil já não havia a mesma preocupação em oferecer o acesso ao ensino para todos. Era para “consumo interno”, como que endógeno. Sendo a comunidade religiosa luterana local a depositária deste tesouro, que não era oferecido aos outros. Especialmente o ensino era oferecido nas escolas paroquiais que abriam suas portas aos membros da comunidade. Não havia a preocupação com o bem da nação, como antes, apenas o fortalecimento e o crescimento do poder do grupo social ligado à Igreja Luterana.

Entretanto, este grupo social começa a sofrer as primeiras dificuldades logo após o período da 2ª Grande Guerra. Como já visto, houve a proibição do uso do alemão em público; pouco mais tarde o Estado legislou no sentido de ser necessário haver ensino gratuito para todos, o que fez abrir escolas públicas em muitos lugares que não havia antes. Estas tornam a disputa desigual, porque oferecem ensino gratuito. Para manter seu alunado, as escolas confessionais primam pela qualidade, mas tornam-se proibitivas para muitos luteranos. Em razão disto, para não fecharem as portas, se abrem para os não luteranos, “os de fora”. Com isto, surge a

necessidade da escolha de novos signos que servissem de “caráter identitário” e que fossem aceitos pelos novos alunos.

Nesta realidade, buscam a excelência no ensino e a tentativa de apresentarem-se com este signo. Entretanto, as escolas públicas em muitos locais, especialmente, no caso da pesquisa, em Igrejinha e Sapiranga, também procuram qualificar seus professores. Até, no caso da primeira cidade, há uma remuneração de forma diferenciada quem tem melhor formação e mais cursos, a despeito de ser o próprio poder público municipal que arca com as despesas desta qualificação, em muitos destes casos. Isto acarreta, por extensão, a possibilidade de um melhor ensino, fragilizando o sinal escolhido pelas escolas confessionais. Agora a manutenção destas dependeria de adaptarem-se àquilo que lhe desse um novo caráter identitário.

Para tanto as escolas – entenda-se aqui como professores, pais e alunos – escolhem na tradição luterana novos elementos identitários. Isto parece ter sido conseguido pelo que se poderia chamar de estratégia endogâmica, ou seja, a criação de um círculo de sociabilidade que permitisse no futuro um isolar etno-endogâmico. O elemento, antes mais religioso e confessional, passa a ser mais étnico. Há um cultuar da característica teutônica na clientela. Via de regra, os alunos são fruto desta linhagem, ou têm uma reminiscência histórica porque os pais estudaram nesta escola.

Deste modo, assim como parece estar havendo a perda do caráter luterano nos cultos, havendo um aderir a uma forma mais evangélica, porque certas comunidades abriram mão da liturgia tradicional, da formatação cültica que está prescrita nos manuais, dos hinos contidos no chamado Hinário Luterano, também ocorreu nas escolas. Há uma aparente perda do signo confessional, que foi tão caro aos primeiros luteranos. As escolas também estão perdendo este caráter. Não pensando apenas em uma roupagem evangélica – aqui entendida como livre, sem o uso da tradição – mas no pensar de Lutero sobre educação, sobre a forma de ser escola e seu entrançamento com a sociedade, sua urdidura com esta para procurar impingir o seu modo de ver a realidade.

Por outro lado, as escolas deixaram de se abrir para todos. Algumas delas, como visto, têm uma busca maior por unir e reunir seus pares, aqueles que leem a

sociedade de um mesmo modo. Criam um campo próprio onde se enclausuram e, neste contexto, e procuram demonstrar a posse do poder econômico, ou simbólico, dentro de seu contexto, e a distintividade de seu grupo no nicho social.

Assim, pode-se presumir que houve, como diz Barth, a escolha de novos signos. Aparentemente foi mantida a fronteira entre o grupo e o exterior, que antes acontecia pelo uso da língua, do credo, da confessionalidade, do poder simbólico. Hoje isto estaria acontecendo, através da busca, dentro do arcabouço histórico, de novos símbolos, como a reminiscência de seus pertencentes, o apresentarem-se como um grupo com determinado poder econômico, social (poder simbólico e econômico), características étnicas (como sendo praticamente todos de pele clara e com sobrenome europeu). Como foi dito pela diretora da Escola Redentor, a escolha estaria acontecendo porque os pais queriam manter seus filhos na escola que estudaram, que tem poucos alunos, que apresenta uma homogeneidade étnica cara entre os pais.

Deste modo, poderia se dizer que transparece que os símbolos escolhidos por Lutero no século XVI, como a ênfase na democratização do ensino, o imbricamento da escola com a sociedade, a igreja colocando-se no centro das questões econômicas, sociais e educacionais, hoje não estão mais presentes. Tendo ficado a busca pela qualidade do ensino, a tentativa de criar cidadãos cômicos de seus deveres e que procuram o desenvolvimento das cidades, ou seja, algo mais vago, distinto do pensar de Lutero. Houve, então, um nivelamento com as outras escolas. Restando mais um caráter étnico do que propriamente luterano.

Portanto, ao concluir, acredita-se que as escolas pesquisadas usam o codinome “luterano” como forma de evocar características identitárias que, mesmo estando numa tradição etno-religiosa que remonta ao século XVI, não eram as axiais, bem como diferem do que fora a razão de ser dos primeiros educandários surgidos em solo brasileiro. Há, pelo que parece, a busca pela permanência no mercado e com isto a adequação aos signos escolhidos por sua clientela, aqueles que escolhem estas escolas. Sinais estes que podem ser vistos, de certo modo, como luteranos, embora “desbotados”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação** – Releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. São Paulo/São Leopoldo: Ática/Sinodal, 1994.

ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Abril Cultural. 1984.

ARANHA Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

ARNAUT DE TOLEDO, C. de A. **Instituição da subjetividade moderna**: a contribuição de Inácio de Loyola e Martinho Lutero. Campinas, 1996. (Tese de Doutorado em Filosofia da Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de Campinas.

_____. **A questão da educação na obra de Martinho Lutero**. Acta Scientiarum 21(1):129-135,1999. Universidade Estadual de Maringá.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BARTH, F. Grupo étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STRAUFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**: surgido de grupo étnico e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1997.

BECK, Nestor Luis João. **Estudar para quê?** Educação na expectativa do Reino de Deus. São Leopoldo: N. Beck, 1996.

_____. **Fragmentos de uma reflexão sobre a Igreja Evangélica Luterana do Brasil hoje**. Trabalho apresentado à Convenção Especial Comemorativa dos 90 anos da IELB, São Leopoldo, 15 jun. 1994. (não publicada).

_____. **Igreja, Sociedade & Educação**: Estudos em torno de Lutero. Porto Alegre; Concórdia, 1988.

BECKER, Klaus (Org.) **Enciclopédia Rio-grandense**. 2 ed. v. 4. Canoas: La Salle/Sulina, 1968.

BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Identidade, alteridade e religião na historiografia colonial. **Revista de História e Estudos Culturais**. V. 2, Ano II, nº 1, jan/fev/mar, 2005, p. 1-22. Disponível em: <www.revistafenix.pro.br>. Acesso em 10 maio 2009.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história.. In: _____. **Obras completas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGER, Agenor. **A postura da Igreja Evangélica Luterana do Brasil frente ao Regime Militar (1964-1985)**. São Leopoldo, IEPG – Escola Superior de Teologia, 1994 (diss. de mestrado não publicada).

BERNOUX, Philippe. **Sociologia das organizações**. Porto: Rés, sd.

BETTO, Frei. **Política e Religião**. Palestra realizada no auditório da reitoria da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, João Pessoa, em 03 fev. 1999, disponível em: <<http://www.terravista.pt/Fer.Noronha/1770/betto.htm>>, acessado em 29.10.03.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966.

BOBSIN, Oneide. Luteranos em casa, na igreja e na política. Relatório de Pesquisa. **Estudos Teológicos**, ISP, São Leopoldo, vol. 41, nº.1. 2001.

BONNICI, Thomas. Caryl Phillips's crossing the river (1993): tensions in diaspora, displacement and split subjects. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 2, p. 127-148, 2006. Disponível em: <www.dialogos.uem.br/include/getdoc.php?id=795&article=286&mode=pdf>. Acesso em 25 fev. 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **O poder simbólico**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Respuestas**: Por una antropología reflexiva. México: Grijalbo, 1995.

BORNINGER, Karin Blum. Resposta aos questionamentos do acadêmico Hubert Matte. Igrejinha, s/d.

BRASIL. **Decreto n.º 1.144, de 11 de setembro de 1981**. “Faz extensivo os efeitos civis dos casamentos, celebrados na fórmula das Leis do Império, aos das pessoas que professarem religião diferente da do Estado, e determina que sejam regulados o registro e provas destes casamentos e dos nascimentos e obitos das ditas pessoas, bem como as condições necessárias para que os Pastores de religiões toleradas possam praticar actos que produzão efeitos civis”. Disponível em:

<<http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/conteudo/colecoes/Legislacao/leis1861/pdf2.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2008.

_____**Decreto n.º 3.069, de 17 de abril de 1863.** “Regula o registro dos casamentos, nascimentos e obitos das pessoas que professarem religião diferente da do Estado”. Disponível em:
<<http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/conteudo/colecoes/Legislacao/leis1863/Leis1863-14.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2008.

BURITY, J., A Religião e Política na fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica. In: **Revista de Estudos da Religião**, PUC.SP, n. 4, 2001

BUSS, Paulo W. Relação e diferença entre as ordens “Igreja” e “Estado”. **Igreja Luterana**, Ano 45, I-II, 1985, Porto Alegre: Concórdia, 1985.

CALLIGARIS, Contardo. Religião: por quê ou para quê? **Folha de São Paulo**. São Paulo, 24 nov. 2005. Ilustrada, Caderno E.

CASAGRANDE, Gilnei Ricardo. **Um cheiro de vinho**. Presença italiana em Gramado. Porto Alegre: 2006. Dissertação (Mestrado em História), Coordenação de Pós-graduação, PUC-RS, 2006.

CAVALCANTI, H. B. O projeto Missionário Protestante no Brasil do Século 19: Comparando a Experiência Presbiteriana e Batista. In: **Revista de Estudos da Religião**. n.º 4/2001. Disponível em:
<http://www.pucsp.br/rever/rv4_2001/p_cavalc.pdf>. Acesso em: 15 set. 2005.

CAVALHEIRA, Dom Marcelo Pinto. *Fé e Política*. CNBB n. 676. Discurso do vice presidente da CNBB durante a reunião da presidência e CEP com os parlamentares, em Brasília, no auditório Dom. Helder Câmara, 01.04.2003 (não publicada)

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHINOY, Ely. **Sociedade**: uma introdução à sociologia. 2ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

CIÊNCIAS Sociais: Projetos e políticas sociais. CD que acompanha o material didático do programa de Ensino à distância da ULBRA. ULBRA/RBE, 2005.

COHEN, Abner. **O homem bidimensional**. A antropologia do Poder e o simbolismo em Sociedades Complexas. Rio de Janeiro; Zahar editores, 1978.

COUSINS, Peter James. *Evangélicos latino-americanos são herdeiros de Martinho Lutero*. Disponível em:
<<http://www.geocities.com/Athenas/Acropolis/7537/lutero.htm>>, acessado em 29.10.03.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade.** 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DEFREYN, Vanderlei. **A tradição escolar luterana: sobre Lutero, educação e a história das escolas luteranas até a Guerra dos Trinta Anos.** São Leopoldo: IEPG – Escola Superior de Teologia, 2004 (Dissertação de Mestrado não publicada).

DELUMEAU, Jean. **Nascimento e Afirmação da Reforma.** São Paulo: Pioneira, 1988.

_____. **A Civilização do Renascimento:** Lisboa. Editorial Estampa, 1984.

DESCARTES, René. **Discurso do Método.** Traduzido por João Gama. Lisboa, Edições 70, Ltda, 1979.

DICIONÁRIO DAS OBRAS POLÍTICAS. Rio de Janeiro: Ed. Civil Brasileira, 1993.

DL – DER LUTHERANER 1899-1916. Revista oficial do The Lutheran Church Missouri Synod (EUA).

DREHER, Lílian Gedrat. **Um Lugar Tão Lindo.** Três Corôas: Sohne, 1996

DREHER, Martin N . **A Crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma.** São Leopoldo: Sinodal, 2002.

_____. **Igreja e germanidade.** São Leopoldo: Sinodal, 1984.

_____. (Org.) **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja.** São Leopoldo e Porto Alegre: Editora Sinodal e Edições EST, 1998.

_____. Lutero, teólogo para a universidade. IN: HEIMANN, Leopoldo (Org.). **Lutero, o Teólogo:** 1. Fórum ULBRA de teologia. Canoas: ULBRA, 2004, p. 13-38.

DUARTE, 1986.

DUCHROW, Ulrich. **Os dois reinos.** São Leopoldo, 1987

EBELING, Gerhard. **O Pensamento de Lutero.** São Leopoldo: Sinodal, 1988.

EBERLE, Chr. **Der Brief na die Römer ausgelegt von Dr. Martim Luther.** Stuttgart: Verlag der Evang. Bücherstiftug, 1878.

ELK – EVANGELISCH-LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA 1903-1966. Revista oficial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

ESTATUTOS, Regimentos e Código de Ética Pastoral. Porto Alegre: Igreja Evangélica Luterana do Brasil, 1998.

ESTATUTOS, REGIMENTOS E CÓDIGO DE ÉTICA PASTORA. Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1998.

FERRARI, Márcio. Martinho Lutero o criador do conceito de educação útil. **Nova Escola**. São Paulo, ano XX, n.º 187, p. 30-32, nov. 2005.

FERREIRA, Franklin. **Reforma e seu impacto social**. Disponível em: <www.monergismo.com> . Acesso em 25 jul. 2007.

FISCHER, Joaquim. (Org.) **Ensaio Luteranos**. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

FORELL, George W. **Ética da decisão**. 4.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1989.

FORGIONE, José D. **Antologia Pedagógica Universal**. Buenos Aires. El Ateneo, 1950.

FREIRE, Lilian. A histeria e a beleza: uma expressão no contexto cultural da atualidade. **Psicologia: Ciência e profissão**. set. 2002, vol.22, no.3, p.70-77. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000300011&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1414-9893. Acesso em 22 fev. 2006.

FRESTON, Paul. **As Igrejas Protestantes nas eleições gerais brasileiras**. Religião e Sociedade. 1-2, 1996.

FRESTON, Paul. **Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético**. Curitiba: Encontro Editora, 1994.

FRESTON, Paul. **Fé bíblica e crise brasileira – posses e Política: Esoterismo e Ecumenismo**. São Paulo: ABU Editora, 1992.

FREUD, Julien. **Sociologia de Max Weber**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

GAUER, Ruth M. Chitto (org.). **A qualidade do tempo: para além das aparências históricas**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GERTZ, René E. **Os luteranos no Brasil**. Disponível em: <<http://dominiopublico.mec.gov.br/download/texto/pg000085.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2007.

GERTZ, René. Os luteranos no Brasil. **Revista de História Regional**. Inverno, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=56&path%5B%5D=115>>. Acesso em 25 mai. 2007.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONZÁLEZ, Ana María Sosa. **Identidad/es en diáspora, identidade/es em construção:** Inmigração uruguaia em Porto Alegre. Porto Alegre, 2006. Dissertação. (Mestrado em História) Coordenação da Pós-Graduação em História. PUC-RS, 2006.

GRUMAN, Marcelo. O lugar da cidadania: Estado moderno, pluralismo religioso e representação política. In: **Revista de Estudos da Religião**, n.º 1/2005. Disponível em:<http://www.pucsr.br/rever/rv1_2005/p_grumann.pdf>. Acesso em 15 set. 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. **Identidade cultural na pós-modernidade.** 10 ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Revista Mana**, 3 (1), p.7-39. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1997.

HASSE, R. F. **Frei Martinho restaurador da verdade eterna.** Porto Alegre: Concórdia, 1959.

HINÁRIO LUTERANO. 10ª Ed., Porto Alegre: Concórdia, 1998.

HISTÓRIA DA IELB. **Cristo Para Todos**, Porto Alegre: Concórdia, 2000.

HOUTART, François. **Sociologia da Religião.** São Paulo: Ática, 1994.

HOYER, Theo. Church and State. In: LEATSCH, Theodore (Ed.), **The Abiding Word**. V. II. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1946.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. **Imagens de Lutero no luteranismo brasileiro.** Políticas e identidades na Igreja Evangélica Luterana do Brasil entre a I Guerra Mundial e o Pós-Ditadura Militar. Grupo de Trabalho da XIII Jornadas sobre alternativas religiosas na América Latina, PUC-RS, Porto Alegre, 27 a 30 de set. de 2005.

ISERLOH, E.; MEYER, Harding. **Lutero e Luteranismo hoje.** Petrópolis: Vozes, 1969.

JAHSMANN, Allan Hart. **Filosofia luterana da educação.** Porto Alegre; Concórdia Editora Ltda. 1987.

JOLIVET, Régis. **Curso de Filosofia.** 5.ª Ed. Rio de Janeiro: Agir, 1961

JUNGBLUT, Airton Luiz. O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem antropológica. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira (eds.). **Os alemães no sul do Brasil.** Canoas: Editora da Ulbra, 1994, p. 139-147.

KIRCHHEIN, Augusto F. **Aspectos da Relação entre política e Teologia no luteranismo brasileiro**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000 (Monografia não publicada).

KOLLEMEYER, Becky. **The Beginig of Der Lutheraner**. Disponível em: <<http://www.lib.niu.edu/1997/ihy970446.html>>. Acesso em 06 de maio de 2009

KULG, João. **Lutero e a reforma religiosa**. 1.ed. São Paulo: FTD, 1998.

LANDO, Aldair & BARROS, Eliane C. **A colônia alemã no Rio Grande do Sul – uma perspectiva sociológica**. Porto Alegre: Movimento, 1976.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LAUAND, L.J. **Currículo e Reformas Curriculares**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com.br/mirand9/currref.htm>>. Acesso em; 10 de mar. 2008.

LENSKI, R.C.H. **The Interpretation of St. Paul's Epistle to the Romans**. Minneapolis, Minnesota: Augsburg Publishing House, 1961.

LIMBERGER, Carter. **As reformas na Europa**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LOYOLA, Maria Andréa. **Pierre Bourdieu**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

LUCANO CULTURA E MARKETING. **Soja 80 Anos de Produção 1924-2004**. Santa Rosa; 2004.

LUPI, João. Max Weber – Sociologia da Religião. **Revista de Estudos – FEEVALE**. Novo Hamburgo, No. 1, vol. 7, junho 1984.

LUTERO, Martin. **Carta Abierta Respecto del Riguroso Panfleto Contra los Campesinos (1525)**. In: Obras de Martin Lutero. Buenos Aires: Editorial Paidós, Vol. II, 1974a.

_____. **Contra las Hordas Ladronas y Asesinas de los Campesino (1525)**. In: Obras de Martin Lutero. Buenos Aires: Editorial Paidós, Vol. II, 1974b.

_____. **En Relación con los Doce Artículos de los Campesinos de Suabia (1525)**. In: Obras de Martin Lutero. Buenos Aires: Editorial Paidós, Vol. II, 1974c.

LUTERO, Martinho. **Aos Conselhos das cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas**. In . Obras Seleccionadas . v.5 p. 302 a 325. São Leopoldo: Sinodal. 1995 a.

_____. **À nobreza Cristã da nação Alemã, a cerca da melhoria do estamento cristão**. In. Obras Seleccionadas, v.2 p. 276 a 333. São Leopoldo: Sinodal. 1995 b.

_____. **Uma Predica para que se mandem os filhos à escola.** In: Obras Seleccionadas v.5 p. 326 a 363. São Leopoldo: Sinodal 1995 c.

_____. **O Catecismo Maior e Menor** In: Obras Seleccionadas v.7 p. 315 a 470. São Leopoldo: Sinodal.1995 d.

MAIER, Paul L. ULBRA the Unbelievable. **The Lutheran Witness.** Official periodical of the Lutheran Church-Missouri Synod, February, 2009. Disponível em: <<http://www.lcms.org:80/pages/wPage.asp?ContentID=470&IssueID=30>>. Acesso em: 17 fev. 2009.

MALAVOTA, Cláudia Mortari. **Os africanos de uma vila portuária do sul do Brasil:** criando vínculos parentais e reinventando identidades. Desterro, 1788/1850. Porto Alegre, 2007. Tese (Doutorado em História), Coordenação de Pós-graduação, PUC-RS, 2007.

MANACORDA, Mário Alighiero. **História da Educação.** São Paulo: Cortez, 1981.

MARIANO, Ricardo. Secularização do Estado, liberdades e pluralismo religiosos. Paper apresentado no 3.º Congresso Virtual de Antropologia y Arqueologia, NAYA, em 2002. Disponível em: <http://naya.org.ar/congreso2002/ponencias/ricardo_mariano.htm>. Acesso em 12 set. 2005.

MARQUARDT, Rony Ricardo. **Ênfases e lemas. Planejamento IELB 2000,** Porto Alegre: Concórdia, 2004.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna:** entre secularização e dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995.

MARTINI, Romeu Ruben (org.) **Batismo e educação cristã:** Por uma vivência diária da fé. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

MARTINS, Rodrigo M. **Educação e educação cristã.** Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=44&cat=Textos_Religiosos&vinda=S>. Acesso em 05 jan. 2007.

MARX e ENGELS. **Textos Sobre Educação e Ensino.** São Paulo: Moraes, 1983.

MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira (eds.). **Os alemães no sul do Brasil.** Canoas: Editora da Ulbra, 1994, p. 139-147.

MELANCHTON, Felipe. **Lutero visto por um amigo.** Porto Alegre: Concórdia, 1983.

MENEZES, Arlete Antônia Schmidt; TOLEDO, Cezar de Alencar Arnaut (Orientador). **Tema da educação na obra de Martinho Lutero.** Disponível em: <www.ppe.uem.br/publicacao/sem_ppe_2004/pdf/26completo.pdf> Acesso em 08 out. 2008.

MEYER, Dagmar E. Estermann. **Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélico no Rio Grande do Sul.** Santa Cruz do Sul/São Leopoldo: EDUNISC/Sinodal, 2000.

MISSÃO da São Marcos, A. Disponível em:
<<http://www.saomarcos.br/faculdades.php>>. Acesso em 05 jun. 2007.

MOREIRA, Alberto & ZICMAN, Reneé, (orgs.). **Misticismo e novas religiões.** Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Instituto Franciscano de Antropologia da Universidade São Francisco, 1994.

MÜLLER, John Theodore. **Dogmática Cristã.** V. II. Trad. Martinho Lutero Hasse. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1960.

NERLING, Albino. **Governo civil à luz de Romanos 13.1-7.** Seminário Concórdia, São Leopoldo, 1984 (Monografia não publicada).

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social.** São Paulo: Pioneira, 1976.

OLIVEIRA, Silvio Luiz. **Sociologia das organizações: uma análise do homem e das empresas no ambiente competitivo.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ORIGEM e perfil da IELB. Disponível em:
<<http://www.ielb.org.br/tpis/162.asp?idPg=430&mAb=s&idCadastro=42>>. Acesso em 15 dez. 2008.

ORO, Ari & STEIL, Carlos (org.) **Globalização e religião.** Petrópolis: Vozes, 1997.

PAULY, Evaldo Luis. **A concepção da Igreja Luterana – Dilema entre limites da instituição e liberdade da cruz de Cristo.** Vª Assembléia Sinodal – Sínodo Sudoeste, Araras, 19-20/05/2001 (não publicada).

_____. A relação entre “Fé e Política” e o jeitinho luterano. **Estudos Teológicos.** EST, n.º 2, São Leopoldo, 2001.

_____. **Educar para a cidadania numa sociedade corrupta: as possibilidades da formação moral na educação e diaconia cristã brasileira.** Vª Assembléia Sinodal – Sínodo Sudoeste, Araras, 19-20/05/2001 (não publicada).

PERÍODO pré-sinodal. Disponível em: <<http://luteranos.com.br/categories/Quem-Somos/Nossa-Hist%F3ria/Presen%E7a-no-Brasil/Federa%E7%E30-Sinodal.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2007.

PIEPER, Franz. **Christliche Dogmatick.** V. II, St. Luis: Concordia Publishing House, 1917.

PIELOW, Edwin E. The means of grace. In: LEATSCH, Theodore (Ed.), **The Abiding Word.** V. II. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1946.

POUTIGNAT, P.; STRAIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**: surgido de grupo étnico e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

RADÜNZ, Roberto. **A terra da liberdade**: o protestantismo luterano em Santa Cruz do Sul no século XIX. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Tese, 2003. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, 2003.

_____. **Do poder de Deus depende**. Porto Alegre: 1994. Dissertação (Mestrado em História), Coordenação de Pós-graduação, PUC-RS, 1994.

RANQUETA Júnior, César Alberto. **A implantação do novo modelo de ensino religioso nas escolas públicas do Estado do Rio Grande do Sul**: laicidade e pluralismo religioso. Porto Alegre, 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Coordenação de Pós-graduação, PUC-RS, 2007.

REHFELDT, Mario L. **Um grão de mostarda – A história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil**, Vol. 1. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

REHFELDT, Mário L. **The first fifty years of the history of the Igreja Evangélica Luterana do Brasil, the District of the Missouri Synod**. Saint Louis: Concordia Seminary, 1962 (dissertação de mestrado).

REHFELDT, Mário. Prefácio de: LUTERO, Martin. **Carta Abierta Respecto del Riguroso Panfleto Contra los Campesinos (1525)**. In: Obras de Martin Lutero. Buenos Aires: Editorial Paidós, Vol. II, 1974. 1974.

RELIGIÃO E CRISTIANISMO – Manual da Cultura Religiosa. Instituto de Teologia e Ciências Religiosas. Porto Alegre: PUC-RS, 1977.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil monárquico, 1822-1888**: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1973.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

RODRIGUES, Léo Peixoto. **Introdução à sociologia do conhecimento, da ciência e do conhecimento científico**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.

SANTO AGOSTINHO. **De Magistro**. Traduzido por Ângelo Ricci. Porto Alegre: Universidade do Rio Grande do Sul, 1956.

SASSE, Hermann. **The social doctrine of the Augsburg Confession and its significance for the present**. Disponível em: <https://www.lcms.org/graphics/assets/media/WRHC/185_The%20Social%20Doctrin e%20of%20the%20Augsburg%20Confession.PDF>. Acesso em 16 mar. 2006.

SCHALLENBERGER, Erneldo. **O associativismo cristão no sul do Brasil** – A contribuição da Sociedade União Popular e da Liga das uniões Coloniais para a organização social e o desenvolvimento sul-brasileiro. Porto Alegre: PUCRS, 2001 (tese de doutorado).

SCHMIDT, C.C. **Katechismuspredigten über das erste und zweite Hauptstück**. St. Louis: Concordia Publishing House, 1905.

SCHÜLLER, Donaldo. Lutero e a educação. **Mensageiro Luterano**, Porto Alegre: Concórdia, outubro 1969, p. 8 – 9.

SCHÜLLER, Donaldo. Nova República, nova esperança. **Mensageiro Luterano**, Porto Alegre: Concórdia, setembro 1985.

SCHILLING, Voltaire. **Alemães no sul do Brasil**. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire>>. Acesso em: 02 dez. 2005.

SEIBERT, Egon Martim. **O que se pode afirmar sobre a identidade confessional nas Igrejas de tradição evangélico-luterana no Brasil a partir do seu surgimento, e o que se aprende daí para a atual procura por identidade confessional?**. Estudos Teológicos, v. 43, n. 1, p. 7-13, 2003. Disponível em: <www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4301_2003/et2003-1seibert.pdf>. Acesso em 13 out. 2007.

SEIBERT, Egon Martim. **The Three-Self Mission Approach in the Context of the Igreja Evangélica Luterana do Brasil**. 1989. Tese de Mestrado (não publicada).

SEIDL, Ernesto. **A elite eclesíastica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (em Ciência Política). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

SETENTA e Cinco Anos de Existência do Sínodo Rio-Grandense 1886-1961. São Leopoldo: Sinodal. 114 p.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora da UnB, 1990.

SILVA, Elizete da. Visão protestante sobre a escravidão. **Revista de Estudos da Religião**, n.º1/2003. Disponível em: <http://www.pucsp.br/reuer/rv/1_2003/p_silva.pdf>. Acesso em: 16 set. 2005.

SITE oficial da Unidade de Ensino Concórdia. Disponível em: <<http://www.ulbra.br/concordia/>>. Acesso em 05 jun. 2007.

SONNTAG, Donaldo. **O cristão e a resistência civil**. Seminário Concórdia, São Leopoldo, 1984. (Monografia não publicada).

SONNTAG, Werner. O cristão e os partidos políticos. **Mensageiro Luterano**. Porto Alegre: Concórdia, setembro 1988.

SOUZA, Jessé José Freitas de. **Ética e democracia na tradição alemã: entre Bildung e a esfera pública.** Instituto de Estudos Avançados da universidade de São Paulo. Disponível em: <www.iea.usp.br/artigos>. Acesso em: 19 dez. 2008.

STEYER, Walter O. **Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o Luteranismo.** Porto Alegre: Singulart, 1999.

STOTT, John (org). **Evangelização e Responsabilidade Social.** Série Lusanne, 2). São Paulo: ABU, 1983.

TEICHMANN, Eliseu. **Imigração e Igreja: As comunidades-livres no contexto da estrutura do luteranismo no Rio Grande do Sul.** São Leopoldo: EST, 1996. (2001)

VIANNA, Alexander Martins. As 95 Teses de Martinho Lutero. **Revista Espaço Acadêmico**, n.º 34, mar. 2004. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/034/34tc_lutero.htm>. Acesso em

WARTH, Carlos H. **Crônicas da Igreja.** Porto Alegre: Concórdia, 1979

WACH, Joachim. **Sociologia da religião.** São Paulo: Paulinas, 1990. Tradução de Atílio Cancian.

WACHHOLZ, Wilhelm. **Atravessem e ajudem-nos.** São Leopoldo: EST, 1999 (Tese de doutorado).

WADEWITA, Werner K. Lutero – homem do povo. **Mensageiro Luterano.** Porto Alegre, outubro 1985, p. 11 – 13.

WARTH, C. H. **Novo Hamburgo e a Igreja Luterana.** Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia. 1945.

WARTH, Martin. **Crônicas da Igreja.** Porto Alegre: Concórdia, 1979.

_____. Igreja Evangélica Luterana. In: BECKER, Klaus. **Enciclopédia Rio-Grandense: v. 4: O Rio Grande Atual.** Canoas: Regional, 1957.

WEBER, Donald. **Religião e verdade, rumo a um paradigma alternativo para o estudo da religião.** São Leopoldo: Sinodal & IEPG, 1998.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Pioneira, 1989.

WEIL, Eric. **Religião y política.** Buenos Aires: Hachette, 1987.

WEISSHEIMER, Egidio. **Imigração Alemã ao Brasil e Rio Grande do Sul – I.** Disponível em: <http://www.mluther.org.br/Imigração/imigração_i.htm>. Acesso em 14 dez. 2005.

WALKER, Williston. **História da igreja cristã.** Rio de Janeiro: JUERP, 1981.

WOLIN, Sheldon S. **Política y perspectiva** – Continuidad y cambio en el pensamiento político occidental. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1960.

ANEXOS

ANEXO 1

1. **CENTRO DE ENSINO MÉDIO PASTOR DOHMS:** - Porto Alegre - RS
2. **CENTRO EDUCACIONAL BOM PASTOR:** - Ituporanga – SC.
3. **CENTRO SINODAL DE ENSINO MÉDIO DE SAPIRANGA:** - Sapiiranga - RS
4. **CENTRO SINODAL DE ENSINO MÉDIO DO LITORAL NORTE:** - Tramandaí - RS
5. **CENTRO SINODAL DE ENSINO MÉDIO DOROTHEA SCHÄFKE:** - Taquara – RS
6. **COLÉGIO CÔNSUL CARLOS RENAUX:** - Brusque - SC
7. **COLÉGIO CRUZEIRO:** - Rio de Janeiro – RJ
8. **COLÉGIO EVANGÉLICO ALBERTO TORRES:** - Lajeado - RS
9. **COLÉGIO EVANGÉLICO AUGUSTO PESTANA:** - Ijuí - RS
10. **COLÉGIO EVANGÉLICO DIVINO MESTRE:** - São Leopoldo - RS
11. **COLÉGIO EVANGÉLICO JARAGUÁ:** Jaraguá do Sul - SC
12. **COLÉGIO EVANGÉLICO MARTIN LUTHER:** - Marechal Cândido Rondon - PR
13. **COLÉGIO EVANGÉLICO PANAMBI:** - Panambi - RS
14. **COLÉGIO EVANGÉLICO RUI BARBOSA:** - Giruá - RS
15. **COLÉGIO F. J. LOGEMANN:** - Horizontina - RS
16. **COLÉGIO FROEBEL:** - São Bento do Sul - SC
17. **COLÉGIO GASPAS SILVEIRA MARTINS:** - Venâncio Aires - RS
18. **COLÉGIO IPIRANGA:** - Três Passos - RS
19. **COLÉGIO MARTIN LUTHER:** - Estrela - RS
20. **COLÉGIO MARTINUS – CENTRO:** - Curitiba - PR
21. **COLÉGIO MARTINUS - PORTÃO:** - Curitiba - PR
22. **COLÉGIO MAUÁ:** - Santa Cruz do Sul - RS
23. **COLÉGIO SINODAL:** - São Leopoldo - RS
24. **COLÉGIO SINODAL ALFREDO SIMON:** - Pelotas - RS
25. **COLÉGIO SINODAL BARÃO DO RIO BRANCO:** - Cachoeira do Sul - RS
26. **COLÉGIO SINODAL CONVENTOS:** - Lajeado - RS
27. **COLÉGIO SINODAL DA PAZ:** - Novo Hamburgo - RS
28. **COLÉGIO SINODAL DO SALVADOR:** - Porto Alegre - RS
29. **COLÉGIO SINODAL DOUTOR BLUMENAU:** - Pomerode - SC
30. **COLÉGIO SINODAL GUSTAVO ADOLFO:** - Lajeado - RS
31. **COLÉGIO SINODAL IBIRUBÁ:** - Ibirubá - RS
32. **COLÉGIO SINODAL PROGRESSO:** - Montenegro - RS
33. **COLÉGIO SINODAL ROCA SALES:** - Roca Sales - RS

34. **COLÉGIO SINODAL RUI BARBOSA:** - Carazinho - RS
35. **COLÉGIO SINODAL RUY BARBOSA:** - Rio do Sul - SC
36. **COLÉGIO SINODAL SETE DE SETEMBRO:** - Não Me Toque - RS
37. **COLÉGIO SINODAL TIRADENTES:** - Campo Bom - RS
38. **COLÉGIO SINODAL VERA CRUZ:** - Tuparendi - RS
39. **COLÉGIO TEUTÔNIA:** - Teutônia - RS
40. **EDUCAÇÃO PROFISSIONAL - TÉCNICO EM MÚSICA E ENFERMAGEM:** - São Leopoldo - RS
41. **ESCOLA BARÃO DO RIO BRANCO:** - Blumenau - SC
42. **ESCOLA BOM PASTOR:** - Ponta Grossa - PR
43. **ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DOM PEDRO II:** - Agudo - RS
44. **ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL BARRETO VIANA:** - Taquari - RS
45. **FACULDADE DE TECNOLOGIA MARTINUS:** - Curitiba - PR
46. **FAHOR - FACULDADE HORIZONTINA:** - Horizontina - RS
47. **INSTITUIÇÃO EVANGÉLICA DE NOVO HAMBURGO:** - Novo Hamburgo - RS
48. **INSTITUIÇÃO SINODAL DE ASSISTÊNCIA, EDUCAÇÃO E CULTURA:** - Vera Cruz - RS
49. **INSTITUTO DE EDUCAÇÃO IVOTI:** - Ivoti - RS
50. **INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES LÍNGUA ALEMÃ:** - Ivoti - RS
51. **INSTITUTO EDUCACIONAL LUTERANO:** - Ferraz de Vasconcelos - SP
52. **INSTITUTO LUTERANO DE EDUCAÇÃO DO PARECIS:** - Campo Novo do Parecis - MT
53. **INSTITUTO RIO BRANCO:** - Centro, 93010-040 - São Leopoldo - RS
54. **INSTITUTO SINODAL DA PAZ:** - Santa Rosa - RS
55. **INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO IVOTI – ISEI:** - Ivoti - RS
56. **INSTITUTO SUPERIOR E CENTRO EDUCACIONAL LUTERANO BOM JESUS/IELUSC:** - Joinville - SC
57. **JARDIM DE INFÂNCIA PRINCESA ISABEL:** - Blumenau - SC
58. **SOCIEDADE EDUCACIONAL TRÊS DE MAIO - SETREM:** - Três de Maio – RS

Estes dados foram repassados pelo senhor Rolf Shünemann, pelo e-mail: rolfschu@luteranos.com.br, para o endereço eletrônico hubertmatte@terra.com.br, ao ser solicitada esta informação no dia 15 de dez. 2008.

ANEXO 2

Corpo Docente

Confira abaixo a lista dos profissionais da IENH - Unidade Fundação Evangélica:

- Alexa Lang
- Aline Kruse
- Ana Cristina Gerhard
- Ana Paula Moutinho Ferraz
- Ana Paula Müller Machado
- Andréa Cristina Becker
- Anelise Raddatz
- Angelita Dal Piva
- Berlize Ko Freitag – Supervisão Educacional
- Carina Sheila Haubert Saraiva de Oliveira
- Carolina Muller
- Caroline Rodrigues Harff
- Cíntia Jung Bonenberger Ramos
- Claudio Roberto Salgado da Silva – Coordenação
- Daniel Luciano Gevehr
- Daniel Vargas Zanotta
- Déborah Kuntze Cassel – Vice-Direção de Educação Básica da IENH
- Dilma Clara Pereira
- Eder Julio Kinast
- Edivania da Costa Ramos
- Eliana Ennes da Silva
- Eliséte Schönardie
- Emiliana Raymundo
- Enécio da Silva
- Fabio Moutinho Ferraz
- Giani Elise Mombach
- Gislaine L. Ferreira Machado
- Joana Haar Karan
- Juliano Vendland Selbach
- Júlio César Adam – Pastoral IENH
- Liani Kegler Walzburger
- Loiva Lucia Herbert – Psicóloga Educacional do Ensino Médio
- Luciane Maria Wagner Raupp
- Luiz Augusto Zinn
- Marcelo Felipe Vier
- Marcio Fernando Marks
- Marco Antonio Gallas
- Marga Müller Rodrigues – Orientação Educacional do Ensino Fundamental
- Marília Mentz Boff

- Mario Garcia Kickhofel
- Marjúnia Édita Zimmer
- Miriam Amalia Hermany Nör
- Nedson Ferreto Meira
- Nilson José Reiter
- Raquel Meirose
- Rejane Friedrich Sorgetz
- Rejane Terezinha La Bradbury
- Renata Trindade Severo
- Renzo Reggi
- Ronaldo Kebach Martins
- Rosalia Marisa de Mello
- Rosaura Maria
- Sabrina Vier
- Seno Leonhardt – Direção Geral da IENH
- Sofia Leila Hoffmeister de Azevedo
- Sônia Elisabete Fröhlich
- Suzane Maria Mesquita
- Tanani Boll Diehl
- Viviane Dieterich

Auxiliares de Atividades Escolares

- Christiane Maria Mora
- Jacinta Frantz

Disponível em: <<http://www.ienh.com.br/site2008/index.php?unidade=4&secao=43>>.
Acesso em: 03 jul. 2009.

ANEXO 3

Dados retirados do Anuário Luterano de 2007 (Disponível em:
<<http://www.ielb.org.br/old/recursos/pdfs/Anuário07.pdf>>. Acesso em 15 dez. 2008.

| TOTAIS POR REGIÃO | Distritos | Paróquias | Congregações | Pontos de Pregação e de Missão | Pastores em Paróquia | Demais Pastores | Pessoas |
|----------------------------------|------------------|------------------|---------------------|---------------------------------------|-----------------------------|------------------------|----------------|
| 1. Rio Grande do Sul | 20 | 187 | 532 | 228 | 234 | 119 | 113.036 |
| 2. Santa Catarina | 5 | 50 | 189 | 53 | 59 | 21 | 28.417 |
| 3. Paraná | 9 | 73 | 213 | 93 | 83 | 19 | 31.468 |
| 4. São Paulo e Rio de Janeiro | 3 | 27 | 34 | 24 | 30 | 20 | 5.889 |
| 5. Espírito Santo e Minas Gerais | 6 | 54 | 176 | 46 | 74 | 9 | 27.461 |
| 6. Nordeste | 2 | 11 | 18 | 11 | 10 | 1 | 1.278 |
| 7. Norte | 3 | 20 | 39 | 39 | 23 | 12 | 2.506 |
| 8. Oeste | 7 | 65 | 211 | 146 | 71 | 16 | 18.531 |
| Total 2005 | 55 | 487 | 1.412 | 640 | 584 | 217 | 228.586 |
| Dados de 2004 | 56 | 483 | 1.396 | 604 | 580 | 207 | 224.690 |
| Diferença 2004 / 2005 | -1 | 4 | 16 | 36 | 4 | 10 | 3.896 |

ESTATÍSTICA DAS ESCOLAS LUTERANAS

| | Escola | Mantenedora | Município, UF | Filiada à ANEL |
|----|--|--|------------------------------------|-----------------------|
| 1 | Escola Luterana | CEL Paz | Vila Velha, ES - Ibes | Sim |
| 2 | Escola Luterana do CIM Trindade | CEL São João | Tomé-Açu, PA | Sim |
| 3 | Colégio Rui Barbosa | Associação Educacional e Beneficente Ressureição | Imbituva, PR | Sim |
| 4 | Centro de Assistência e Educação Luterano | Prefeitura Municipal | Terresina, PI | Não |
| 5 | Escola Luterana de Ensino Médio Marinho Lutero | CEL São Mateus | Cachoeirinha, RS | Não |
| 6 | Colégio Luterano Arthur Konrath | CEL Cristo Salvador | Estância Velha, RS | Sim |
| 7 | Escola Fundamental Luterana Redentor | CEL Redentor | Igrejinha, RS | Sim |
| 8 | Escola Luterana de Ensino Fundamental da Redenção | CEL da Redenção | Pelotas, RS | Sim |
| 9 | Colégio Concórdia | Cooperativa Educacional de Ensino Básico Coopeeb Ltda. | Porto Alegre, RS - São Geraldo | Não |
| 10 | Instituto Educacional Concórdia | Associação do Instituto Educacional Concórdia | Santa Rosa, RS | Sim |
| 11 | Colégio Luterano Concórdia | Centro Educacional Concórdia - IELB | São Leopoldo, RS | Sim |
| 12 | Seminário Concórdia | Centro Educacional Concórdia - IELB | São Leopoldo, RS | Não |
| 13 | Colégio Santíssima Trindade | CEL Santíssima Trindade | Catanduvas, SC | Não |
| 14 | Colégio Santíssima Trindade | CEL Santíssima Trindade | Joaçaba, SC | Não |
| 15 | Colégio Luterano São Paulo | CEL Redentor | São Paulo, SP - Moinho Velho | Sim |
| 16 | Campus de Canoas | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Canoas, RS | Não |
| 17 | Campus de Torres | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Torres, RS | Não |
| 18 | Campus de Gravataí | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Gravataí, RS | Não |
| 19 | Campus de Gualba | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Gualba, RS | Não |
| 20 | Campus de São Jerônimo | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | São Jerônimo, RS | Não |
| 21 | Campus de Cachoeira do Sul | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Cachoeira do Sul, RS | Não |
| 22 | Campus de Carazinho | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Carazinho, RS | Não |
| 23 | Campus de Santa Maria | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Santa Maria, RS | Não |
| 24 | Centro Universitário Luterano de Palmas | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Palmas, TO | Não |
| 25 | Centro Universitário Luterano de Manaus | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Manaus, AM | Não |
| 26 | Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Ji-Paraná, RO | Não |
| 27 | Instituto Luterano de Ensino Superior de Santarém | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Santarém, PA | Não |
| 28 | Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Itumbiara, GO | Não |
| 29 | Instituto Luterano de Ensino Superior de Porto Velho | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Porto Velho, RO | Não |
| 30 | Unidade de Ensino Cristo Redentor | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Canoas, RS | Não |
| 31 | Unidade de Ensino Especial Concórdia | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Porto Alegre, RS - Jardim Ipiranga | Não |
| 32 | Unidade de Ensino Paz | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Canoas, RS - Estância Velha | Não |
| 33 | Unidade de Ensino São João | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Canoas, RS - Mathias Velho | Não |
| 34 | Unidade de Ensino São Lucas | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Sapucaia do Sul, RS | Não |
| 35 | Unidade de Ensino São Marcos | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Canoas, RS - São José | Não |
| 36 | Unidade de Ensino São Mateus | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Cachoeirinha, RS | Não |
| 37 | Colégio Antares | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Goiatuba, GO | Não |
| 38 | Colégio y Liceo San Pablo | CEL São Paulo de Canoas, RS - ULBRA | Montevideo - Uruguay | Não |

Quinta-feira, 13 de Agosto de 2009 - Brasil Brasil Versão Português USA English Version

IELB em números

Veja na tabela abaixo os números que fazem a IELB.

| | |
|--|----------------|
| Distritos | 55 |
| Paróquias | 506 |
| Congregações | 1438 |
| Pontos de pregação/ missão | 662 |
| Pastores atuando em congregações | 610 |
| Pastores eméritos | 89 |
| Pastores em outras funções | 78 |
| Pastores cedidos para outras igrejas ou países | 50 |
| Membros: | 233.416 |

Neste anexo verifica-se, na primeira parte a localização das paróquias ligadas a Igreja Evangélica Luterana do Brasil com o número de membros de cada uma destas, onde pode-se verificar que o maior número de membros está na Região Sul, especialmente no Rio Grande do Sul. Já a última parte apresenta os dados mais recentes, conseguidos no sítio oficial da Igreja, no dia 13 de ago. 2009 (<http://www.ielb.org.br/producao/conteudo_generico/conteudo_generico.asp?NumSecao=45&NumSubSecao=151>).

ANEXO 4

Formandos do curso de Teologia da ULBRA do ano de 2008.

Paraninfo e Pregador: Prof. Paulo Proske Weirich

Professor Homenageado e Liturgista: Prof. Anselmo E. Graff

Funcionária Homenageada: Sra Anneliese Dalmoro

Organista: Matheus Langué

Orador: Clóvis R. Leitzke Blank

Juramentista: Célio R. Souza

Grupo Convidado: Carpe Diem

Formandos:

Adriel Prestes Rodrigues – Pelotas - RS

André dos Santos Dreher – Pinhalzinho - SC

André L. Klumb Mülling – Conguçu - RS

Arthur Dille Benevenuti – Porto Alegre - RS

Augusto D. Sjlender – Maravilha - SC

Célio R. Souza – Santo Ângelo - RS

Clóvis R. Leitzke Blank – São Lourenço do Sul - RS

Fábio J. Krause – Santo Ângelo - RS

Lucas Mesquita Barbosa – Pelotas - RS

Lucimar Velmer – Buritis - RO

Renato Rodrigues Farofa – Cachoeirinha - RS

Silvio A. Souza – Santo Ângelo - RS

Timóteo Ramson Fuhrmann – Canguçu - RS

FORMANDO 2009

A IELB recebe mais 17 candidatos ao ministério neste final de semana. A formatura no Seminário Concórdia acontece no sábado, 4 de julho, às 18h, em São Leopoldo.

Os formandos concluíram um período de cinco anos e meio de estudos. Além de aulas na Ulbra (Bacharelado) e no Seminário (Especialização em Teologia), os alunos passaram por período de estágio prático. O lema da turma será “Porque não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus” fundamentado em 2 Co 4.5. O professor Clóvis Prunzel será o paraninfo da turma.

A IELB, através do pastor presidente Paulo Moisés Nerbas e do 2º vice-presidente, pastor Mário Lehenbauer, entregará a carta com o chamado dos formandos. Veja abaixo o local de nascimento e para onde os novos pastores foram chamados.

| FORMANDOS | LOCAL DE NASCIMENTO | LOCAL DE DESIGNAÇÃO |
|---------------------------|---------------------------|-------------------------------|
| André Buschweitz Plamer | Canguçu, RS | Cristo Para Todos, Osasco, SP |
| Delmar Adilson Köpsell | Santa Helena, PR | Emanuel, Roque Gonzáles, RS |
| Diegho Brachmann Luiz | Dourados, MS | Concórdia, Nova Venécia, ES |
| Eleandro Gretschmann | Campina das Missões, RS | Não aceitou chamado |
| Elemar Frederico Réus | São Paulo das Missões, RS | Cristo Redentor, Curitiba, SC |
| Fabiano Bruschi Müller | Porto Alegre, RS | Redentor, Campinas, SP |
| Filipe Schneider | Assis Chateaubriand, PR | da Cruz, Goiânia, GO |
| Heitor Alberto Stanhke | Itá, SC | Não aceitou chamado |
| Hilbert Wendler Júnior | São Lourenço do Sul, RS | Cristo, Estância Velha, RS |
| Ismael Isaque Verdin | Guarapuava, PR | Esperança, Porto Ferreira, SP |
| Maiquel Lemes Hellwig | Canguçu, RS | São Lucas, Canoas, RS |
| Marcos Schlemer Weide | Canoas, RS | Paz, São Vicente, SP |
| Otávio Augusto Schlender | Governador Valadares, MG | Esperança, Eunápolis, BA |
| Otto Neitzel Netto | Fortaleza, CE | da Cruz, Porto Alegre, RS |
| Samuel Leandro Zimmermann | Tenente Portela, RS | Redentor, Tuparendi, RS |
| Tiago José Albrecht | Palotina, PR | Cristo Para Todos, Macapá, AP |
| Vilson Velmer | Cacoal, RO | Hulha Negra, Hulha Negra, RS |

PROFESSORES DO SEMINÁRIO CONCÓRDIA**Diretor**

Gerson Luis Linden, B.D., S.T.M.

Professores

Acir Raymann, B.A., B.D., S.T.M., Ph.D. – Professor de Teologia Exegética – Vice-diretor

Anselmo Ernesto Graff, B.D. – Professor de Teologia Prática

Clóvis Jair Prunzel, B.A., B.D., M.S.T – Professor de Teologia Sistemática

Leopoldo Heimann, B.D., D.D – Professor de Teologia Prática

Paulo Proske Weirich, B.D., S.T.M. – Professor de Teologia Prática

Paulo Willi Buss, B.D., S.T.M., Th.D. – Professor de Teologia Histórica

Raul Blumm, B.D., Bacharel em Regência, M.C.M. – Professor de Teologia Prática

Professor de Tempo Parcial

Paulo Gerhard Pietzsch, B.D., Esp. Ed. Mus., S.M.T. – Professor de Teologia Prática

Vilson Scholz, B.D., S.T.M., Th.D. – Professor de Teologia Exegética

Pastor em Atividade Especial

Norberto Ernesto Heine, B.D., B.A

Professores Eméritos

Ari Lange, B.A.; M.Th.; D.D.

Donaldo Schüler, B.A., Ph.D.

Paulo F. Flor, B.A.; S.T.M.; D.D.

ANEXO 5

A MISSÃO DA SÃO MARCOS

Por que a São Marcos apresenta a sua Missão, também chamado de "Projeto Político Pedagógico"? Para tornar-se significativa a todos, especialmente às novas famílias da Escola e novos acadêmicos da Faculdade. E para introduzir e esclarecer sua Missão, oferece os textos abaixo:

1 - "C. Wright Mills comparou a situação dos educadores (alteração nossa; no original é "cientistas") à de remadores, no porão de uma galera. Todos estão suados de tanto remar e se congratulam uns com os outros pela velocidade que conseguem imprimir ao barco. Há apenas um problema: ninguém sabe para onde vai o barco, e muito evitam a pergunta alegando que este problema está fora da alçada de sua competência" - ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar. São Paulo, Cortez, Coleção Polêmicas de nosso tempo, 1985;

2 - "Mesmo com toda a sua força de vontade, é muito difícil continuar cooperando para um fim que não se pode perceber nem sequer vagamente" - Elton Mayo (In: Revista Brasileira da Administração, Ano X, no. 31, dez 2000);

3 - "Embora sujeito ativo do aprendizado do aluno, o educador é quem decide, praticamente sozinho, que recursos deve lhe fornecer e para qual mundo, afinal, deve lhe abrir as portas. Como ninguém pode dar o que não tem, nem mostrar o que não vê, o educador tem de se certificar primeiro que barco quer construir com seus alunos e para onde os quer levar" - Olavo de Carvalho.

Assim sendo, Missão poderia ser conceituada como "a publicidade do que uma organização pretende realizar, sua finalidade e o motivo pelo qual realiza determinada ação", cuja Missão é fonte inspiradora de toda a intencionalidade e futura ação na São Marcos. Assim, a Missão da São Marcos é:

A MISSÃO INSTITUCIONAL SÃO MARCOS

A instituição educacional luterana São Marcos tem por finalidade construir

o conhecimento e a sabedoria

na educação básica e ensino superior, a fim de humanizar as relações da

sociedade onde se insere

A Missão Institucional São Marcos, a fim de tornar-se significativa e como conseqüência, perpetuar-se na sociedade onde está inserida, deve ter estar bem fundamentada, firmemente estruturada e alcançar resultados. Os três aspectos mencionados se esclarecem nas palavras que seguem.

1 - O Fundamento da Missão

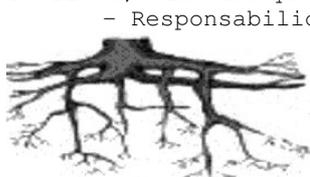
Fundamento da Missão é o sistema que dá sustentação, equilíbrio e vida à Missão Institucional São Marcos, respaldada numa visão de homem e de mundo, um entendimento específico educação e na cultura organizacional (Comparando os Fundamentos da Missão com uma árvore, podemos dizer que eles são as raízes! E "aquele que deseja construir torres altas deverá permanecer longo tempo nos fundamentos" - Anton Bruckner):

1ª Raiz: a visão de homem e de mundo - A São Marcos aceita, crê e confessa a visão religiosa cristã de origem, vida e de eternidade ("como era no princípio, agora é e por todo sempre há de ser. Amém"), cuja entendimento está respaldado na Bíblia, e que sustenta e equilibra e dá vida à Missão Institucional. A Bíblia - um livro infalível -, é a única fonte de doutrina, de fé e de vida para o ser humano. Além dela, o Livro de Concórdia de 1580 e a Confissão de Augsburg de 25.06.1530 - elaborado pelo também reformador da Igreja, Felipe Melancton -, oferecem explicações maiores sobre este Livro Sagrado e a prática das ações daquele que se considera um cristão - seguidor de Cristo.

A instituição também aceita, crê e confessa que Deus, um ser impessoal, é senhor de tudo e de todos (suas qualidades estão expressas na Bíblia: onisciente,

onipresente, invisível, santo, eterno, justo e misericordioso) e que o Homem, um ser composto de Corpo, Alma e Espírito (o Corpo é a parte material da constituição humana; a Alma é a vida que anima o corpo e o Espírito é a vida imortal do homem), deve um dia, no Juízo Final (na ressurreição dos mortos e na definição de vida eterna com Deus ou com o Diabo, no inferno), prestar contas de tudo aquilo que foi, fez e teve, assim como de sua fé no Cristo Jesus crucificado e ressuscitado. Acredita também que o Homem é um ser que tem livre arbítrio para ser o mordomo das coisas deste mundo, é imperfeito e pecador. E finalmente, refuta a idéia da teoria evolucionista de criação e manutenção de homem e do universo.

2ª Raiz: o entendimento de educação - A São Marcos adota por sistema de educação a Escola Tradicional, cujo sistema orienta a prestação do serviço educacional, respaldada em Responsabilidade, Papéis a desempenhar, Método e Teóricos, sistema que sustenta, equilibra e que dá vida à Missão Institucional.



- Responsabilidades em educação - É o compromisso das instituições envolvidas com a Missão Institucional. O aluno (escolar ou acadêmico) é responsável pela sua formação ou sua educação, que é uma personalidade saudável, reta, digna, equilibrada, ética, cidadã, livre e educada para os mais nobres valores e a organização educacional tem responsabilidade com a instrução da Missão Institucional.

- Papéis a desempenhar - Os papéis que exercerá nesta responsabilidade da instrução, além da continuação da responsabilidade da formação será de Ensino - que é o papel mais importante a desempenhar - e coadjuvantes, de Trabalho e Cultura.

- Método - A corrente educacional que a instituição adota é o método da "Escola Tradicional" que pode resumidamente assim ser definido: o professor propõe o conhecimento, para então ser construído, junto, com os alunos.

- Teóricos - João Amós Comenius, nascido em Uherský Brod, Morávia, em 1592 e falecido em Amsterdam, 1670, pedagogo e escritor tcheco. Elaborou novo método de ensino das línguas em *Janua linguarum reservata* (A porta das línguas reaberta) e ampliou este método para abranger outros ramos de ensino em *Didaktica ceska* (Didática checa) (1632), obra traduzida para muitas línguas, hoje mais conhecida no livro "Didática Magna: tratado de ensinar tudo a todos" e segundo o historiador (EBY, Frederick. História da Educação Moderna. Porto Alegre, Ed. Globo, 1978, pág. 173), em muitos aspectos, a Grande Didática é o mais notável tesouro de sabedoria pedagógica jamais escrita". Martinho Lutero, nascido na Alemanha, em Eisleben, Turíngia em 1483 e falecido em 1546, teólogo e reformador da igreja, professor, doutor em teologia e vigário-geral dos monges agostinianos na Alemanha. Opôs-se à venda das indulgências também através das 95 teses que foram afixadas na igreja de Wittenberg e que assinalaram o início da Reforma. Convidado pelo papa a retratar-se (*Exsurge Domine*), queimou a bula papal em praça pública no dia 10.12.1520 que o excomungava. Foi profícuo escritor, do qual se destaca *Von der Freiheit eines Christenmenschen* (Da liberdade do cristão) em que apresenta a definição lapidar da liberdade cristã: "O cristão é livre e senhor de todas as coisas e não está submetido a ninguém. O cristão é em todas as coisas um servidor e está submetido a todo o mundo". Banido do Império, escondeu-se no castelo de Wartburg, onde traduziu para o alemão o Novo Testamento, dando à literatura alemã, a sua língua literária. Publicou dois catecismos e organizou o culto, dando importância fundamental à leitura da Bíblia, ao canto coral e à pregação. A confissão de fé das igrejas luteranas foi resumida em dois documentos preparados e aprovados por Lutero e Melancton: a *Augsburges Konfession* (Confissão de Augburgo) e os *Schmalkalden Artikel* (Artigos de Esmalcalde) Fonte: Grande Enciclopédia Delta Laousse, 1973.

3ª Raiz: a cultura organizacional - A cultura organizacional São Marcos é o sistema de atitudes, modo de agir próprios da instituição São Marcos, respaldada em Valores e que sustenta, equilibra e dá vida à Missão Institucional.

Valor é um preceito que não morre, é imutável e é um dos fundamentos da vida do homem, sendo que a melhor forma de ser ensinado é através do exemplo ("O exemplo vale por mil palavras" ou como disse Piaget, "o exemplo não é a melhor forma de educar: é o único"). Valor também pode ser entendido como "aquilo que valho". Na organização São Marcos, dá-se ênfase a dois tipos de valores, com a seguinte conceituação:

a) Valores divinos - Em Cristo Jesus, encontra todos os valores divinos. Dos valores divinos e também a partir do novo mandamento "Amam-vos uns aos outros, assim como vos amei" - Evangelho de João, Cap. 13, versículo 34, a São Marcos dá prioridade a três Valores: Justiça ("Não farás injustiça no juízo: nem favorecendo o pobre, nem comprazendo ao grande" - Levítico 19.15), Humildade ("Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus ... a si mesmo se humilhou,

tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz" - Filipenses 2, 8) e Trabalho ("No suor do rosto comerás o teu pão - Gênesis 3.19).

b) Valores humanos - Nos teóricos da Qualidade Total, encontra os quatro valores que pretende ensinar aos alunos: Planejamento (é o valor que dá rumo ao aluno), Realização (é o que impulsiona a realizar), Avaliação (é aquele que proporciona condições de auto-conhecimento) e Ação contínua (é que motiva o homem a ser moto-contínuo).

- Habilidades - A partir dos valores que ensina e pratica, pode dizer que o aluno terá aprendido as seguintes habilidades, pois "não existe o esquecimento total: as pegadas impressas na alma são indestrutíveis" (Thomas de Quincey): ética, honestidade, caráter, integridade (Justiça); obediência, disciplina, respeito, (Humildade); comprometimento, responsabilidade, interação, entusiasmo (Trabalho).

2 - A Estrutura da Missão

Estrutura da Missão é o sistema que, por excelência, executa a Missão Institucional São Marcos, devidamente respaldada nos Fundamentos e constituída de Agentes, Processos e Instrumentos de Ensino (Comparando a Estrutura da Missão com uma árvore, podemos dizer que elas são o tronco, os galhos e as folhas).

Agentes de Ensino - É o conjunto de pessoas, constituído de Educadores e de agentes de ensino e Afins, que realizam ações educacionais, em benefício dos alunos, com a finalidade de alcançar a Missão Institucional.

a) Educadores - É o conjunto de pessoas do contexto familiar do educando (constituído dos pais) ou o próprio acadêmico. Importante é registrar que a proposta de educação da São Marcos está a serviço de uma determinada parcela da sociedade, é intencional e dirigida ("não fica em cima do muro"). Ambos, instituição de ensino e clientela, tem (e devem ter) a mesma ideologia e que, segundo Vera Rudge Werneck, é "a característica de relacionamento social comum, que faz com que toda a interpretação dos fatos seja feita segundo um ponto de vista" (A ideologia da educação. 2ª edição. Petrópolis, Ed. Vozes, 1984, p.60). Esta sociedade tem, genericamente, as seguintes características: 1/opta livremente pelo serviço educacional privado; 2/é composta por empresários (ou por filhos destes), de trabalhadores assalariados da classe média e média baixa da região metropolitana; 3/conduz política e economicamente o município e a sociedade onde estão inseridos; 4/adota a mesma proposta de educação nas suas relações sociais, de trabalho ou em seus lares.



b) De Ensino e Afins - É o conjunto de pessoas da organização que realizam ações de ensino ou afins. O responsável pelo conjunto destas pessoas é o Diretor Rev. Prof. Ari Pfluck, graduado em Pedagogia/Administração Escolar, Teologia e Pós-Graduado com especialização em Metodologia do Ensino Superior, além de 45 anos de magistério e de direção de instituições de ensino.

Processos e Instrumentos de Ensino - É o conjunto das ações de ensino e outros afins e de instrumentos, que orientam os agentes de ensino e afins para, em benefício dos alunos, alcançar a Missão Institucional São Marcos. Numa organização de ensino genericamente acontecem 08 Processos, cujos processos tornam-se públicos através de ações e de instrumentos (ver adiante). Quanto ao "Corpo dos Principais Instrumentos da São Marcos - Escola e Faculdade", destacam-se: de ambas as instituições/Estatuto da Mantenedora; da Escola/Regimento, o Manual da Família, o Calendário Escolar, o Contrato de Prestação de Serviços Educacionais, o Plano Orçamentário e de Custeio, a Agenda Escolar e os Planos de Ensino de cada disciplina; da Faculdade/Regimento, o Manual do Candidato, Manual do Aluno, o Calendário Acadêmico, o Contrato de Prestação de Serviços Educacionais, o Plano Orçamentário e de Custeio e os Planos de Ensino de cada disciplina. É também importante mencionar que as instituições oferecem um serviço educacional generalista e no caso de uma necessidade especial por parte de um aluno, adotarão os procedimentos da legislação pertinente e farão o possível para atender esta necessidade.

3 - A Finalidade da Missão

Finalidade da Missão é o resultado (ou objetivo) que se pretende alcançar, devidamente respaldada nos Fundamentos e na Estrutura, segundo a Missão Institucional São Marcos (Comparando a Finalidade da Missão com uma árvore, podemos dizer que elas são os



seus frutos. E se os frutos, quando maduros, estiverem perfeitos e gostosos para aquele que os aprecia, a Missão Institucional foi alcançada).

"Vivenciar o conhecimento e construir a sabedoria" é, na verdade, a grande finalidade da organização São Marcos ou os resultados que se pretende obter. O Conhecimento será vivenciado através do estudo de conteúdos divinos (principais orientações cristãs descritas na Bíblia) e do estudo do conhecimento humano (interpretação de dados históricos, dos códigos convencionados da sociedade, entendimento de cultura, conhecimento contemporâneo e perspectivas de futuro). A Sabedoria será construída pelo Conhecimento que se propõe aos alunos e pelos Valores que serão praticados nesta Instituição de Ensino.

- Respaldo - O respaldo pela escolha desta finalidade se encontra nas citações de Salomão ("Dá, pois, ao teu servo, coração compreensivo para julgar o teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal" - I Reis, 3.9 e em Provérbios 9.10, "O temor ao Senhor é o princípio da sabedoria"), Guimarães Rosa ("Temos muito conhecimento, mas pouca sabedoria") e Ghandi ("A decadência social: 1/riqueza sem trabalho, 2/prazeres sem escrúpulos, 3/conhecimento sem sabedoria, 4/comércio sem moral, 5/política sem idealismo, 6/religião sem sacrifício, 7/crença sem humanismo").

ANEXO 6

Zero Hora – Porto Alegre | 13/01/2009 | 01h23min – página 4

O QUE LEVOU A ULBRA À CRISE

Greve iniciada ontem de servidores da área da saúde, na Capital, e bloqueio de contas aumentam dificuldades que se tornaram públicas no final do ano passado

A paralisação de servidores da área da saúde e o bloqueio de todas as contas bancárias ligadas à Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) ampliaram, nos últimos dias, o rol de dificuldades que ronda a instituição. Com 36 anos de existência, ela se debate contra uma crise que já provocou a penhora do seu patrimônio e até a colocação de lacre na coleção de automóveis antigos. O tamanho do rombo: cerca de R\$ 2 bilhões em dívidas com impostos federais.

As dificuldades se instalaram gradativamente na década de 1990 e se agravaram neste ano. Uma das maiores universidades do país, com mais de 153 mil alunos e campi em seis Estados, a Ulbra tenta sair do atoleiro com captação de empréstimos e a ajuda de consultores.

A tarefa é árdua: ontem, servidores da Ulbra Saúde, com sede no centro da Capital, suspenderam o serviço e comprometeram o atendimento ambulatorial. A situação também é complicada no Hospital Luterano, onde se prolonga uma paralisação iniciada semana passada na rede de quatro instituições hospitalares. Enquanto isso, a Justiça bloqueou não só as contas relativas à mantenedora da instituição, mas de todas as empresas vinculadas de alguma forma à Ulbra.

O reitor, Ruben Becker, não se manifesta sobre a crise. A universidade escalou a diretora de Comunicação Social, Sirlei Dias Gomes, para conversar com Zero Hora. Sirlei aponta a origem do que prefere chamar de dificuldades: a área da saúde. Desde que passou a administrar hospitais e clínicas, a entidade acumula prejuízos no setor, desde o início

– Sempre no vermelho – diz Sirlei.

O começo foi em 1993, quando surgiu o Hospital Luterano, no bairro Rio Branco, em Porto Alegre. Depois vieram os hospitais Independência, também da Capital, e o da Ulbra Tramandaí.

A porta-voz destaca que o maior investimento foi no Hospital Universitário (HU), de Canoas, inaugurado em outubro de 2007 e considerado um dos mais modernos do Estado. A Ulbra importou equipamentos de última geração, mas houve contratemplos no recebimento. A universidade entendeu que parte dele não estava de acordo com a encomenda. Estabeleceu-se uma discussão com o banco internacional que fez o

negócio. Não houve acordo, o caso parou na Justiça.

Instituição nasceu com ensino básico

A pró-reitora calcula que foram gastos mais de US\$ 200 milhões (cerca de R\$ 460 milhões) no HU. Como 70% dos atendimentos são para o Sistema Único de Saúde (SUS) – e algumas especialidades são deficitárias –, o investimento não foi recuperado. Os outros três hospitais, em Porto Alegre e Tramandaí, não apresentam a rentabilidade projetada.

– Não fechamos porque o nosso reitor sempre está na esperança de retomar o bom funcionamento dos hospitais – afirma Sirlei.

O nascimento da Ulbra está no giz da sala de aula. A mantenedora da universidade, a Comunidade Evangélica Luterana São Paulo (Celsp), começou com uma pequena escola de madeira, a São Paulo, em 1911, destinada a ensinar os filhos dos imigrantes alemães. Seguiram-se outras escolas de ensino básico. A Celsp é ligada à Igreja Evangélica Luterana do Brasil (Ielb).

A Ulbra fixou como certidão de batismo o ano de 1972, quando evoluiu para o Ensino Superior com a Faculdade Canoense de Ciências Administrativas – o embrião da instituição. Começou com 50 alunos. Em 1973, eram 142. Em 1976, 840. Cresceu até virar a Universidade Luterana do Brasil, em 1988, e ser reconhecida pelo Conselho Federal de Educação no ano seguinte.

Sirlei garante que o ramo das escolas básicas e das universidades não é a causa dos apuros financeiros. Admite problemas localizados, mas que estariam sob controle. Um exemplo é o ensino à distância. Para cada curso, com 340 aulas gravadas, a Ulbra investe de R\$ 3 milhões a R\$ 4 milhões. Um aluno paga em torno de R\$ 220 de mensalidade, o que proporciona um lucro de 12%. A pró-reitora observa que a pequena margem pode ser devorada por uma eventual inadimplência.

Cursos deficitários também incomodam, embora sejam compensados pelos que dão lucro. Sirlei informa que 15 cursos, como os de licenciatura, estão com número reduzido de alunos. A Ulbra levou faculdades a cidades de porte médio, mas algumas não deram o retorno esperado.

Para os que trabalham na Ulbra, a crise é aflitiva. Diretor do Sindicato dos Professores do Ensino Privado (Sinpro), Marcos Fuhr reclama de salários atrasados (falta dezembro e parte do 13º). Fuhr ressalta que os 2,3 mil professores estão indignados com a falta de perspectivas. Entre os médicos, prestadores de serviços e funcionários dos hospitais, também há queixas sobre salários pendentes. A vice-presidente do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (Simers), Maria Rita de Assis Brasil, acrescenta que os hospitais funcionam precariamente.

nilson.mariano@zerohora.com.br

NILSON MARIANO

Zero Hora – Porto Alegre | 13/01/2009 | 01h23min - página 5

AS COMPLICAÇÕES NA JUSTIÇA FEDERAL

A crise da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) pode ser dimensionada pelos processos que tramitam na Justiça Federal de Canoas.

Desde o início de 2007, a instituição acumula decisões judiciais desfavoráveis. A de maior impacto resultou na penhora do patrimônio, incluindo os campi do Rio Grande do Sul e os campi avançados em outros cinco Estados.

A Justiça Federal foi acionada porque a Ulbra está devendo uma quantia estimada em R\$ 2 bilhões de impostos para a União. A penhora do patrimônio foi para garantir o pagamento, mas os bens não cobririam a totalidade dos débitos com Imposto de Renda, Programa de Integração Social (PIS), Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins), taxas de importação e outros.

Para ao menos abater as dívidas, a Ulbra também deveria depositar em juízo, todo mês, 5% do seu faturamento bruto. No entanto, a Justiça Federal informou que a ordem foi descumprida.

Os revezes judiciais se sucedem. Em 24 de setembro, o juiz federal Guilherme Pinho Machado cassou o certificado de filantropia da Ulbra, pelo qual obtinha isenções tributárias. O magistrado exigiu que o Conselho Nacional de Assistência Social não conceda outro certificado enquanto perdurarem os processos.

Nas últimas semanas, a Justiça Federal apertou o cerco. No dia 11 de dezembro, Machado decidiu que a renda dos jogos do Sport Club Ulbra, no Campeonato Gaúcho de 2009, seria penhorada quando o time jogar em Canoas. A Federação Gaúcha de Futebol (FGF) foi encarregada de depositar o dinheiro em conta judicial. Na sentença, o magistrado avisa que a Ulbra não poderá desobedecer:

– Caso a entidade esportiva executada dificulte de qualquer modo a apropriação dos valores, deve a FGF informar imediatamente a este Juízo, para que sejam tomadas as providências necessárias.

No dia 15 de dezembro, o juiz mandou lacrar os automóveis antigos e de luxo que compõem o Museu da Tecnologia – Fundação Ruben Becker (nome do reitor da Ulbra), que estão penhorados. A medida foi por precaução. Como a Ulbra tem oficinas próprias, os carros poderiam ser descaracterizados. Além disso, alguns veículos foram levados a outros Estados, para gravações de TV. Apesar disso, o local permanece aberto para visitação. Na argumentação, o magistrado lamentou a postura da Ulbra:

– ... tem o costume de desrespeitar ordens judiciais, não se importando com possíveis sanções de seus atos.

No dia 16, Machado voltou a sancionar a Ulbra e sua mantenedora, a Comunidade Evangélica Luterana São Paulo (Celsp). Anulou a venda de um terreno, que avaliou em R\$ 50 milhões, e ainda censurou a entidade:

– Além de deixar de apresentar bens para garantir o juízo, bem como já estava há algum tempo sem efetuar o pagamento de 5% sobre o seu faturamento, realizou negócio em flagrante fraude à execução.

Ontem à noite, a Justiça do Trabalho de Canoas começou a avaliar se determina o pagamento imediato dos salários referentes a dezembro e de uma parte pendente do 13º. A decisão poderá sair hoje.

A Ulbra não se manifesta sobre decisões judiciais. O Ministério Público Federal irá analisar a conduta da instituição em descumprir ordens.

ANEXO 7

Escolas Associadas

ANEL – Associação Nacional de Escolas Luteranas Órgão Auxiliar da IELB – Igreja Evangélica Luterana do Brasil

SEDE

Centro Administrativo da Igreja Evangélica Luterana do Brasil
Rua Cel. Lucas de Oliveira, 894, Bairro Mont'Serrat, Porto Alegre, RS

| | |
|---|--|
| ES/Vila Velha - Luterana | Escola Luterana (Vila Velha/ES) Diretor: Joel Schach tescolaluterana@veloxmail.com.br |
| MT/S.José Rio Claro Siegfried Buss | Escola Luterana Siegfried Buss (São José do Rio Claro) Diretora: Eni Buss Scherwinski phvoltz@vsp.com.br |
| PA/Tomé Açu CIM Trindade | Escola Luterana do CIM Trindade (Tomé Açu/PA) Diretora: Dirce Marília Vaz fladannas@yahoo.com.br |
| PR/Imbituva Rui Barbosa | Colégio Rui Barbosa (Imbituva/PR) Diretora: Rosicléia Ana Bobato Pupo rui Barbosa@visaonet.com.br |
| PR/Mal Cândido Rondon Rui Barbosa | Colégio Rui Barbosa (Mal. Cândido Rondon) Diretor: Neander Kloss falurb@falurb.edu.br ou secretaria@colegioruibarbosa.com.br |
| RS/Alvorada São Marcos | Escola Luterana São Marcos de Educação Básica (Alvorada/RS) Diretor – Ari Pfluck escola@saomarcos.br |
| RS/Araricá Sião | Escola Luterana de Ensino Fundamental Sião (Araricá/RS) Diretora: Fabiane dos Santos Stadler escolasiao@ibest.com.br |
| RS/Cachoeirinha Martinho Lutero | Escola Luterana de Ensino Médio Martinho Lutero (Cachoeirinha/RS) Diretora: Ângela Eidam martinho.luterana@terra.com.br |
| RS/Canoas(Niterói) Concórdia | Colégio Luterano Concórdia (Canoas/RS) Diretor: Celso Jancke www.concordia.g12.br secretariacanoas@concordia.g12.br |
| RS/Estância Velha Arthur Konrath | Colégio Luterano Arthur Konrath (Estância Velha/RS) Diretor: Nelci Naor Senger www.clak.com.br direcao@clack.com.br |

| | |
|--|--|
| RS/Igrejinha Redentor | Escola Fundamental Luterana Redentor (Igrejinha/RS) Diretora: Karin Blum Borniger eflur@terra.com.br |
| RS/Pelotas/Centro Redenção | Escola Luterana de Ensino Fundamental da Redenção (Pelotas/RS) Diretor: Nelson Zschornack escoladaredencao@yahoo.com.br |
| RS/Pelotas/Fragata Emanuel | Escola de Ensino Fundamental Luterana Emanuel (Pelotas/RS) Diretor: Ticiano Vieira da Cunha eemanuel@terra.com.br |
| RS/Porto Alegre/Mayas São Paulo | Colégio Luterano São Paulo (Porto Alegre/RS) Diretora: Marilda Roses de Souza secretariasaopaulo@gmail.com |
| RS/Porto Alegre/Sarandi Inst.Voc.Luterano | Colégio Luterano da Paz (Porto Alegre/RS) Diretora: Márcia Rocha Motta colegio@luteranodapaz.com.br |
| RS/Colégio Luterano da Paz, Porto Alegre | www.luteranodapaz.com.br |
| RS/Colégio Luterano São Paulo, Porto Alegre | www.cenasasaopaulo.com.br |
| RS/Santa Rosa Concórdia (São João) | Colégio Concórdia (Santa Rosa/RS) Diretor: Elton Zielke concordia@srturbo.com.br ou eltonz@yahoo.com.br |
| RS/Santo Angelo Concórdia | Escola de Ensino Fundamental Concórdia (Santo Angelo/RS) Diretora: Magali Deckert Arndt concordia@sol.psi.br |
| RS/São Leopoldo CECSL | Colégio Luterano Concórdia (São Leopoldo/RS) Diretor: Martim Heimann www.concordia-saoleo.com.br direcao@concordia-saoleo.com.br |
| RS/Sapiranga São Mateus | Escola Luterana São Mateus ou Colégio Luterano São Mateus? (Sapiranga/S) Diretor: Edelson Germann smateus@oberon.raufer.com.br |
| SC/Joaçaba SST Trindade | Colégio Santíssima Trindade (Catanduvas e Joaçaba/SC) Diretora: Marli L. Lange dire@csst.rct-sc.br |
| SP/S.Paulo/Indianópolis Concórdia | |
| SP/São Paulo COLUSP | Colégio Luterano São Paulo – COLUSP (São Paulo/SP) Diretor: Valdemar Bruno Fritz www.coluterano.com.br direcao@luterano.com.br |

ANEXO 8

Alunos do redentor

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Alunos da 6ª série

| |
|-----------------------|
| 1. MULLER |
| 2. WILHEMS |
| 3. KERCHENER DA SILVA |
| 4. WELWANGER WINTER |
| 5. OLIVEIRA RODRIGUES |
| 6. WERLANG |
| 7. PETRY |
| 8. SCHOENARDIE SOHNE |
| 9. WERLANG |
| 10. ADAM |
| 11. FUÁ DE LIMA |
| 12. LINDEN |
| 13. VILLAS BÔAS |
| 14. BECKER |
| 15. SENGER |
| 16. LEUCK |
| 17. BAUER |
| 18. SANDER ALTENHOFER |

ANEXO 9

Currículo do curso de Administração da Faculdade São Marcos

| Sem. | Cód. | Disciplinas | C/H | Pré-requisitos |
|------|------|---|-----|----------------|
| I | 1101 | Cultura Religiosa | 76 | |
| | 1118 | Metodologia Científica | 76 | |
| | 1111 | Português Instrumental | 76 | |
| | 1201 | Teoria Geral da Administração I | 76 | |
| | 1110 | Matemática Instrumental | 76 | |
| II | 1102 | Computação Básica | 76 | |
| | 1106 | Estatística Geral | 76 | 1110 |
| | 1109 | Institutos de Direito Público e Privado | 76 | |
| | 1202 | Teoria Geral da Administração II | 76 | 1201 |
| | 1103 | Contabilidade Geral | 76 | |
| III | 1301 | Teoria Econômica | 76 | |
| | 1105 | Estatística Aplicada à Administração | 76 | 1106 |
| | 1113 | Sociologia Aplicada à Administração | 76 | |
| | 1107 | Filosofia Aplicada à Administração | 76 | |
| | 1333 | Matemática Financeira | 76 | |
| IV | 1203 | Administração de Recursos Humanos I | 76 | 1202 |
| | 1302 | Análise Microeconômica | 76 | 1301 |
| | 1213 | Organização, Sistemas e Métodos | 76 | 1202 |
| | 1345 | Administração de Cargos e Políticas de Remuneração (ou Economia Brasileira) | 76 | |
| | 1303 | Contabilidade de Custos | 76 | 1103 |
| V | 1362 | Administração Contemporânea | 76 | |
| | 1115 | Direito de Empresa (ou Direito e Legislação Tributária) | 76 | 1109 |
| | 1347 | Gestão e Desenvolvimento de Equipes de Trabalho (ou Análise de Demonstrações Contábeis) | 76 | 1203 |
| | 1205 | Administração de Marketing I | 76 | |
| | 1207 | Administração de Materiais I | 76 | |
| | 1204 | Administração de Recursos Humanos II | 76 | 1203 |
| VI | 1211 | Administração Financeira I | 76 | 1333 |
| | 1206 | Administração de Marketing II | 76 | 1205 |
| | 1208 | Administração de Materiais II | 76 | 1207 |
| | 1209 | Administração da Produção e Operações I | 76 | 1213 |
| | 1112 | Psicologia Aplicada à Administração | 76 | |
| VII | 1212 | Administração Financeira II | 76 | 1211 |
| | 1218 | Sistemas de Informações Gerenciais | 76 | 1213 |
| | 1353 | Prática em Comércio Exterior | 76 | 1205 |
| | 1210 | Administração da Produção e Operações II | 76 | 1209 |
| | 1230 | Prática Profissional I | 150 | 1207+1700hs |
| VIII | 1361 | Competitividade e Sustentabilidade Ambiental | 76 | |

| | | | | |
|--|------|---|---------------------------|--------|
| | 1350 | Controladoria | 76 | 1211 |
| | 1221 | Administração Estratégica | 76 | 1218 |
| | 1220 | Ética Profissional | 76 | 1700hs |
| | 1360 | Empreendedorismo e Inovação Empresarial | 76 | |
| | 1231 | Prática Profissional II | 150 | 1230 |
| | | Atividades Complementares | 170 | |
| | | | Carga Horária Total: 3510 | |

Faculdades Integradas de Taquara

Credenciada pela Portaria Nº 921, de 07/11/07, D.O.U. de 08/11/07

GRADE CURRICULAR

Semestre Cód. Disciplina Cr. C.H.

Administração - Bacharelado - Currículo 3

Pré-requisitos

- 1 1301 Antropologia - 4 60
- 1 1302 História do Pensamento Humano - 4 60
- 1 1303 Realidade Brasileira e Cidadania - 4 60
- 1 1304 Inglês - 4 60
- 1 1305 Português I - 4 60
- 1 1306 Lógica e Metodologia - 4 60
- 1 1401 Matemática Fundamental - 4 60
- 2 1101 Teoria Econômica - 4 60
- 2 1103 Contabilidade Geral I - 4 60
- 2 1201 Teoria Geral da Administração I - 4 60
- 2 1307 Instituições de Direito Público e Privado - 4 60
- 2 1403 Matemática Financeira I 1401 4 60
- 3 1404 Matemática Financeira II 1403 4 60
- 3 1405 Microinformática Aplicada - 4 60
- 3 1105 Contabilidade de Custos I 1103 4 60
- 3 1202 Teoria Geral da Administração II 1201 4 60
- 3 1203 Administração do Meio Ambiente - 4 60
- 4 1204 Organização, Sistemas e Métodos 1202 4 60
- 4 1205 Administração de Recursos Humanos I 1202 4 60
- 4 1406 Matemática 1401 4 60
- 4 1308 Filosofia - 4 60
- 4 1106 Contabilidade de Custos II 1105 4 60
- 5 1206 Administração de Recursos Humanos II 1205 4 60
- 5 1207 Planejamento Estratégico 1204 4 60
- 5 1110 Economia Brasileira 1101 4 60
- 5 1407 Matemática Aplicada à Economia 1406 4 60
- 5 1111 Estrutura das Demonstrações Financeiras 1103 4 60
- 6 1112 Análise e Interpretação das Demonstrações Financeiras 1111 4 60
- 6 1408 Estatística I 1406 4 60
- 6 1113 Teoria Econômica - Análise Microeconômica 1101, 1407 4 60

6 1309 Legislação Social 1307 4 60
6 1208 Administração de Produção I 1202 4 60
7 1115 Administração Financeira 1112 4 60
7 1209 Administração de Produção II 1208 4 60
7 1210 Marketing I 1202 4 60
7 1310 Humanismo e Tecnologia - 4 60
7 1409 Estatística II 1408 4 60
8 1211 Marketing II 1210 4 60
8 1212 Administração de Material 1202 4 60
8 1120 Orçamento Empresarial 1115 4 60
8 1311 Português II 1305 4 60
8 1312 Psicologia Aplicada à Administração - 4 60
9 1313 Deontologia - 4 60
9 1314 Sociologia Aplicada - 4 60
9 1315 Direito Tributário/Legislação Tributária 1307 4 60
9 1213 Administração de Vendas 1211 4 60
9 1214 Sistemas de Informações Gerenciais 1405 4 60
9 7 Estágio Supervisionado e Trabalho de Conclusão 120 cr. 20 300
- 5 Educação Física - 4 60
Eletiva 1102 Contabilidade Introdutória - 4 60
Eletiva 1402 Introdução à Informática - 4 60
No 1º Semestre o(a) acadêmico(a) precisa cursar cinco das sete disciplinas oferecidas.

ANEXO 10

Zero Hora - Geral | 18/04/2009 | 01h52min

Troca de comando após 36 anos

Acuado, o pastor desistiu. Principal obstáculo para um projeto de reestruturação financeira da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), Ruben Eugen Becker anunciou ontem à tarde que não é mais o reitor da instituição, depois de 44 anos de trabalho (36 como reitor) no local que ajudou a fundar, erguer e consolidar como um dos maiores complexos de saúde e educação do Brasil. À noite, em assembleia da Comunidade Evangélica Luterana São Paulo (Celsp), o ex-diretor da Ulbra em Palmas (TO) Marcos Fernando Ziemer foi escolhido para substituir Becker.

Em um texto lacônico distribuído à imprensa e encaminhado à direção da Celsp, Becker comunicou que não pretendia mais seguir no comando da Ulbra. Pedidos de sindicalistas, alunos e até mesmo do ministro da Educação, Fernando Haddad, se somaram à ameaça de ser destituído pelos irmãos de igreja e fizeram com que Becker optasse por sair do caminho e abrir a perspectiva para a tentativa de salvação administrativa.

Becker também rompeu o silêncio que mantinha desde que a crise atingiu o ápice. À tarde, o pastor concedeu uma entrevista ao apresentador Lasier Martins no Chamada Geral, da Rádio Gaúcha, para esclarecer os motivos que o levaram a decidir pela renúncia.

– Eu estou renunciando irrevogavelmente. Não volto atrás – afirmou à Rádio Gaúcha (leia entrevista completa na página 8).

Difícilmente, Becker terminaria o dia no cargo. Ontem à noite, a Celsp se reuniria para decidir o futuro dele. Os integrantes da comunidade iriam sacramentar o seu afastamento. Antes que fosse retirado do cargo por seus pares, ele optou por sair. Na entrevista a Lasier, disse o que pretende fazer longe do cargo. Deixou no ar uma ponta de ironia.

– Vou fazer o seguinte: como o acervo do museu pertence à minha família e nunca tive tempo de cuidar disso aí, vou cuidar dele pessoalmente. Vou me colocar um turno do dia pelo menos para resolver uma série de coisas que não tínhamos como resolver – disse o ex-reitor.

À noite, a Celsp que se reuniria para defenestrar Becker acabou debatendo a carta da renúncia e a escolha de um substituto. Minutos antes do início do encontro, um grupo de alunos e funcionários da instituição realizou uma manifestação. Com gritos de “fora reitoria”, “Becker ladrão”, “eu quero o meu dinheiro”, eles reivindicaram a saída completa da direção da universidade e não apenas a renúncia do reitor. Como forma de protesto, um caixão preto foi colocado no local.

Becker não encontrou aliados na reunião. O diretor da Celsp, Delmar Stahnke,

figurava entre os poucos que podiam esboçar algum tipo de apoio à permanência. Os demais se juntaram à onda de pressão que fixou a saída de Becker como essencial à recuperação.

Nos debates sobre as possibilidades de substituição do ex-reitor, o nome do Marcos Fernando Ziemer sempre foi o mais cotado. Mauro Roll, ligado aos atuais administradores, também se apresentou como alternativa para conduzir a nova fase da Ulbra, mas perdeu a eleição. A possibilidade de escolha de Ziemer foi antecipada na edição de ontem de Zero Hora.

Diretor jurídico da Ulbra criticou lacre feito pela PF

Ontem, foi mais um dia nervoso na instituição em agonia, com protestos de funcionários e alunos. A universidade também foi alvo de uma operação da Polícia Federal (PF). O juiz da 1ª Vara Federal Cível de Canoas, Guilherme Pinho Machado, determinou que o prédio da reitoria, em Canoas, fosse lacrado.

A decisão judicial foi cumprida por policiais federais no final da tarde. O objetivo era impedir que documentos ou computadores fossem retirados. Pela manhã, funcionários que estavam em frente ao Hospital Luterano, em Porto Alegre, chegaram a se queixar da retirada de material administrativo da unidade.

O diretor jurídico da Ulbra, Reginaldo Bacci, acompanhou a operação da PF, executada por cinco agentes. Por pouco os policiais não encontraram Becker e familiares que estavam no edifício de quatro andares. No prédio lacrado, além da reitoria, funciona o call center do plano de saúde da Ulbra e o departamento financeiro da universidade. Bacci disse que o lacre pode trazer novos transtornos.

– Foi uma medida dura, desnecessária, porque o processo estava tramitando com tranquilidade. Acredito que o juiz vai ser sensível para que o setor financeiro trabalhe normalmente e o salário dos funcionários seja pago na segunda-feira – afirmou o advogado.

Participaram desta reportagem Alexandre Elmi, Alexandre Ernst e Carlos Wagner

| |
|--------------------------------------|
| A votação |
| Estavam aptos a votar 62 pessoas |
| Marcos Fernando Ziemer teve 46 votos |
| Mauro Roll teve 10 votos |
| Seis pessoas se abstiveram |

Zero Hora – Geral | 24/04/2009 | 21h17min

Em reunião em Canoas, Ulbra anuncia integrantes da nova Reitoria

Nomes foram divulgados pelo reitor Marcos Fernando Ziemer, na noite desta sexta-feira

Atualizada às 23h12min

O reitor da Ulbra, Marcos Fernando Ziemer, anunciou na noite desta sexta-feira, os nomes dos novos integrantes da Reitoria da universidade. Os nomes foram divulgados no campus em Canoas durante a reunião de gestores da Comunidade Luterana São Paulo (Celsp), que homologou a nominata.

Após a aprovação dos nomes foi anunciado para o cargo de vice-reitor da Instituição, Valter Kuchenbecker, diretor administrativo da Fundação Ulbra e da Editora da Universidade.

Ricardo Müller assume a Pró-reitoria de Administração. Atual diretor administrativo da empresa Ferramentas Gerais Comércio e Importação é graduado em Administração de Empresas pela Ulbra e pós-graduado em Administração Financeira pela Faculdade Porto Alegre de Ciências Administrativas.

Para a Pró-reitoria de Graduação foi nomeado Ricardo Prates Macedo, pró-reitor adjunto na gestão anterior. Foi diretor do curso de Odontologia do campus Canoas e diretor da Área da Saúde e Bem-Estar Social da Universidade.

Assume a Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, Erwin Francisco Tochtrop Júnior, atual coordenador dos cursos de Engenharia Agrícola e tecnólogo em Gestão Ambiental, no campus Canoas. Professor da Universidade desde 1997. É presidente da Associação Brasileira de Engenharia Ambiental e integra o conselho do Banco de Resíduos da Fundação Gaúcha de Bancos Sociais.

Completa o quadro de gestores, Ricardo Willy Rieth, na Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. Rieth é professor nos cursos de História e Teologia da Ulbra Canoas, desde 2000. Atua em projetos de extensão universitária e de pesquisa. Integra associações e comitês científicos no país e no Exterior.